

Envelhecimento Ativo e Educação ao Longo da Vida: 18 ANOS de Universidade da Maturidade



umaB

umaB

umaB

umaB

umaB

umaB

umaB

Organizadores

Neila Barbosa Osório

Luiz Sinésio Silva Neto

Nubia Pereira Brito Oliveira

**NEILA BARBOSA OSÓRIO
LUIZ SINÉSIO SILVA NETO
NUBIA PEREIRA BRITO OLIVEIRA
(Organizadores)**

**ENVELHECIMENTO ATIVO E EDUCAÇÃO
AO LONGO DA VIDA: 18 ANOS DE
UNIVERSIDADE DA MATURIDADE**

1ª Edição

Universidade Federal do Tocantins

Editora da Universidade Federal do Tocantins - EDUFT

Reitor

Luis Eduardo Bovolato

Vice-reitora

Marcelo Leineker Costa

Pró-Reitor de Administração e Finanças (PROAD)

Carlos Alberto Moreira de Araújo

Pró-Reitor de Avaliação e Planejamento

(PROAP)

Eduardo Andrea Lemus Erasmo

Pró-Reitor de Assuntos Estudantis (PROEST)

Kherlley Caxias Batista Barbosa

Pró-Reitora de Extensão, Cultura e Assuntos Comunitários (PROEX)

Maria Santana Ferreira dos Santos

Pró-Reitora de Gestão e Desenvolvimento de Pessoas (PROGEDEP)

Michelle Matilde Semiguel Lima Trombini
Duarte

Pró-Reitor de Graduação (PROGRAD)

Eduardo José Cezari

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação (PROPESQ)

Karylleila dos Santos Andrade

Pró-Reitor de Tecnologia e Comunicação (PROTIC)

Werley Teixeira Reinaldo

Conselho Editorial

Presidente

Ruhena Kelber Abrão Ferreira

Membros do Conselho por Área

Ciências Biológicas e da Saúde

Ruhena Kelber Abrão Ferreira

Ciências Humanas, Letras e Artes

Fernando José Ludwig

Ciências Sociais Aplicadas

Ingrid Pereira de Assis

Interdisciplinar

Wilson Rogério dos Santos

Diagramação: Marlon S. O. Brito

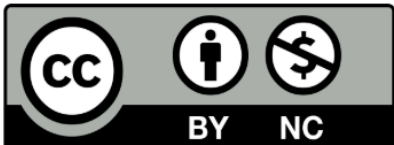
Arte de capa: Even3 Publicações

O padrão ortográfico e o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Da mesma forma, o conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade de seu respectivo autor.

FICHA CATALOGRÁFICA

Copyright © 2024 – Universidade Federal do Tocantins – Todos direitos reservados

Universidade Federal do Tocantins (UFT) | Câmpus de Palmas
Avenida NS 15, Quadra 109 Norte | Plano Diretor Norte
Bloco IV, Reitoria
Palmas/TO | 77001-090



Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Even3 Publicações, PE, Brasil)

E61	Envelhecimento Ativo e Educação ao Longo da Vida: 18 Anos de Universidade da Maturidade / Organizado por Neila Barbosa Osório, Luiz Sinésio Silva Neto, Nubia Pereira Brito Oliveira. – Palmas: EdUFT, 2024. ISBN 978-65-5390-131-5 DOI 10.29327/5453469 1. Envelhecimento ativo. 2. Educação ao longo da vida. 3. Intergeracionalidade. I. Osório, Neila Barbosa (Org.). II. Silva Neto, Luiz Sinésio Silva (Org.). III. Oliveira, Nubia Pereira Brito (Org.). CDD 374
-----	---

PREFÁCIO

"Envelhecimento Ativo e Educação ao Longo da Vida: 18 Anos de Universidade da Maturidade" é uma obra que celebra quase duas décadas de inovação e impacto social da Universidade da Maturidade (UMA) no Tocantins e além. Este livro, resultado de um trabalho coletivo e interdisciplinar, reflete as diversas experiências, vivências e aprendizagens que a UMA proporcionou, consolidando-se como um espaço único de formação, convivência e promoção do envelhecimento ativo.

Dividido em 14 capítulos, o livro apresenta um panorama abrangente das ações da UMA, abordando desde a educação intergeracional e a preservação de saberes tradicionais até práticas inovadoras em saúde, dança e alfabetização. A obra evidencia a importância da troca de saberes e a valorização das memórias e culturas, destacando o protagonismo das pessoas idosas em contextos educacionais e comunitários. Além disso, ressalta os desafios e as conquistas de integrar diferentes gerações, promovendo uma educação ao longo da vida que rompe barreiras etárias e culturais.

Os capítulos revelam a pluralidade de iniciativas da UMA, como a valorização dos saberes indígenas, a promoção de saúde e bem-estar, e a criação de espaços de escuta e empoderamento. Desde as brincadeiras do povo Akwe-Xerente até os relatos digitais de pessoas idosas, cada contribuição reflete a riqueza cultural e social que caracteriza a atuação da UMA. Com contribuições de diversos autores e perspectivas, a obra é um convite à reflexão sobre o papel das universidades na formação ao longo da vida e no empoderamento de grupos historicamente marginalizados.

Mais do que um relato sobre a UMA, este livro é uma celebração da resiliência, criatividade e potencial humano, mostrando que o envelhecimento ativo é uma construção coletiva e contínua.

Ruhena Kelber Abrão Ferreira
Professor na Universidade Federal do Tocantins

AUTORES E AUTORAS

Amanda Pereira Costa
André Ribeiro de Goveia
Antonia Raquel L. Camargo Zottos
Armando Söpre Xerente
Crislany Neres Resende
Daniel Eduardo Bonatti
Débora Fittipaldi Gonçalves
Djanires Lageano Neto de Jesus
Eduardo Aoki Ribeiro Sera
Eduardo Ribeiro Gonçalves
Eliana Zellmer Poerschke Farencena
Elizângela Fernandes P. Evangelista
Elizângela Mendes Sousa Carneiro
Fernando Afonso Nunes Filho
Francijanes Alves de Sousa Sá
Gisele Carmo Maia
Glauce Gonçalves da Silva Gomes
Glaucia Costa Ferreira
Glauciene Mota Barros Caetano

Jocyléia Santana dos Santos
Katia Juliane Lopes de Oliveira
Leonardo Sampaio Baleeiro Santana
Luciana Pegoraro Penteado Gândara
Luiz Sinésio Silva Neto
Maria de Lourdes Leoncio Macedo
Marileide Carvalho de Souza
Marisa Lurdes Cherini
Marlon Santos de Oliveira Brito
Maurício Oliveira Haussler
Mylene Pereira de Brito
Neila Barbosa Osório
Nubia Pereira Brito Oliveira
Osvaldo Henrique Lima Silva
Quenidi Tadeu Bonatti
Rosangela Souza Terreco
Roseany Calazans L Silva
Silvanis dos Reis Borges Pereira
Sônia Terezinha Baccin Bonatti
Wesquisley Vidal de Santana



<http://dqp.cnpq.br/dqp/grupo>



<https://www.uft.edu.br/ppge>



<https://www.educanorte.ufpa.br>

É autorizada a reprodução parcial ou total, desde que citada a fonte. O conteúdo dos artigos constantes desta obra é de exclusiva responsabilidade de seus autores.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1: Página 11

UMA-UFT NAS HISTÓRIAS, SABORES E MEMÓRIAS DE AMOR DA 17ª EDIÇÃO DA FEIRA GASTRONÔMICA DE TAQUARUÇU- TOCANTINS

*Glauce Gonçalves da Silva Gomes
Neila Barbosa Osório
Luiz Sinésio Silva Neto
Gisele Carmo Maia
Maria de Lourdes Leoncio Macedo
Jocyleia Santana dos Santos*

CAPÍTULO 2: Página 34

EDUCAÇÃO INTERGERACIONAL NAS BRINCADEIRAS DO POVO INDÍGENA AMAZONENSE AKWÊ-XERENTE

*Leonardo Sampaio Baleeiro Santana
Neila Barbosa Osório
Luiz Sinésio Silva Neto
Nubia Pereira Brito Oliveira
Marlon Santos de Oliveira Brito
Fernando Afonso Nunes Filho
Armando Sôpre Xerente
André Ribeiro de Gouveia*

CAPÍTULO 3: Página 49

ESCUTA SENSÍVEL: SUCESSO NO CONTEXTO DA UNIVERSIDADE DA MATURIDADE

*Silvanis dos Reis Borges Pereira
Luiz Sinésio Silva Neto
Neila Barbosa Osório*

CAPÍTULO 4: Página 69

TROCA DE SABERES TRADICIONAIS: CONEXÕES NA UNIVERSIDADE DA MATURIDADE SOBRE O BENZER, REZAR E CURAR

*Nubia Pereira Brito Oliveira
Neila Barbosa Osório
Luiz Sinésio Silva Neto
Marlon Santos de Oliveira Brito
Djanires Lageano Neto de Jesus
Débora Fittipaldi Gonçalves
Amanda Pereira Costa
Eduardo Aoki Ribeiro Sera
Antonia Raquel Lima Camargo Zottos
Eliana Zellmer Poerschke Farencena*

CAPÍTULO 5: Página 91

EDUCAÇÃO INTERGERACIONAL COM MEMÓRIAS AFETIVAS DE PESSOAS IDOSAS DA UNIVERSIDADE DA MATURIDADE: O QUE DIZEM OS PROFESSORES

*Elizângela Mendes Sousa Carneiro
Neila Barbosa Osório
Luiz Sinésio Silva Neto
Nubia Pereira Brito Oliveira
Marlon Santos de Oliveira Brito
Francijanes Alves de Sousa Sá
Katia Juliane Lopes de Oliveira
Marileide Carvalho de Souza
Wesquisley Vidal de Santana
Crislany Neres Resende*

CAPÍTULO 6: Página 107

CAMINHOS DE APRENDIZAGEM GERONTOLÓGICA: OS ITINERÁRIOS FORMATIVOS DE UMA VIAGEM A CAMPO GRANDE

*Marlon Santos de Oliveira Brito
Neila Barbosa Osório
Luiz Sinésio Silva Neto
Nubia Pereira Brito Oliveira
Djanires Lageano Neto de Jesus
Débora Fittipaldi Gonçalves
Amanda Pereira Costa
Wesquisley Vidal de Santana
Antonia Raquel Lima Camargo Zottos
Leonardo Sampaio Baleeiro Santana*

CAPÍTULO 7: Página 121

BENZIMENTO E PRÁTICAS EDUCATIVAS NA UNIVERSIDADE DA MATURIDADE: UM OLHAR SOBRE OS DIREITOS DE APRENDIZAGEM DE CRIANÇAS E A EDUCAÇÃO EM SAÚDE BUCAL

*Eduardo Aoki Ribeiro Sera
Neila Barbosa Osório
Luiz Sinésio Silva Neto
Nubia Pereira Brito Oliveira
Marlon Santos de Oliveira Brito
Amanda Pereira Costa
Gisele Carmo Maia
Glauce Gonçalves da Silva Gomes
Marileide Carvalho de Souza
Mylena Pereira de Brito*

CAPÍTULO 8: Página 139

"ROMKMĀDKĀ WAIHKU KMĀDKĀ PRÊ": PRESERVANDO O CONHECIMENTO A UNIVERSIDADE DA MATURIDADE (UMA) REALIZA CERIMÔNIA DE COLAÇÃO DE GRAU DA PRIMEIRA TURMA INDÍGENA DO POLO AKWĒ-XERENTE

*Sônia Terezinha Baccin Bonatti
Neila Barbosa Osório
Daniel Eduardo Bonatti
Quenidi Tadeu Bonatti
Luiz Sinésio Silva Neto
Glauce Gonçalves da Silva Gomes
André Ribeiro de Goveia
Eduardo Ribeiro Gonçalves
Leonardo Sampaio Baleeiro Santana*

CAPÍTULO 9: Página 166

EDUCAÇÃO INTERGERACIONAL NA AMAZÔNIA: AS APRENDIZAGENS ENTRE CRIANÇAS E PESSOAS IDOSAS NA ESCOLA VINÍCIUS DE MORAES

*Francijanes Alves de Sousa Sá
Neila Barbosa Osório
Luiz Sinésio Silva Neto
Fernando Afonso Nunes Filho
Nubia Pereira Brito Oliveira
Marlon Santos de Oliveira Brito*

CAPÍTULO 10: Página 181

GERAÇÕES EM SINTONIA: A INFLUÊNCIA DAS DINÂMICAS DEMOGRÁFICAS NO MERCADO DE TRABALHO

*Daniel Eduardo Bonatti
Neila Barbosa Osório
Quenidi Tadeu Bonatti
Marlon Santos de Oliveira Brito
Nubia Pereira Brito Oliveira
Maurício Oliveira Haussler
Marisa Lurdes Cherini
Sônia Terezinha Baccin Bonatti
Luiz Sinésio Silva Neto*

CAPÍTULO 11: Página 204

PROGRAMA BRASIL ALFABETIZADO: ANÁLISE DE EDUCADORES DA UNIVERSIDADE DA MATURIDADE NA EXECUÇÃO DOS SALDOS REMANESCENTES E SEU IMPACTO COM PESSOAS IDOSAS

Elizângela Fernandes Pereira Evangelista

Neila Barbosa Osório

Luiz Sinésio Silva Neto

Marlon Santos de Oliveira Brito

Nubia Pereira Brito Oliveira

Osvaldo Henrique Lima Silva

Glauciene Mota Barros Caetano

Rosangela Souza Terreco

Glaucia Costa Ferreira

CAPÍTULO 12: Página 218

NARRATIVAS DIGITAIS: OS RELATOS DOS VELHOS DA UNIVERSIDADE DA MATURIDADE SOBRE O USO DAS TECNOLOGIAS

Quenidi Tadeu Bonatti

Neila Barbosa Osório

Sônia Terezinha Baccin Bonatti

Daniel Eduardo Bonatti

Luiz Sinésio Silva Neto

Jocyléia Santana dos Santos

CAPÍTULO 13: Página 238

IDADISMO, INTERSECCIONALIDADE E ENVELHECIMENTO: A "UMA" COMO AGENTE DE EMPODERAMENTO NA AMAZÔNIA

Eliana Zellmer Poerschke Farencena

Neila Barbosa Osório

Luiz Sinésio Silva Neto

CAPÍTULO 14: Página 256

A DANÇA PARA IDOSOS NO CONTEXTO DA UNIVERSIDADE DA MATURIDADE: O PROJETO "FLORES DO IPÊ"

Roseany Calazans L Silva

Luciana Pegoraro Penteado Gândara

Neila Barbosa Osório

Luiz Sinésio Silva Neto

UMA-UFT NAS HISTÓRIAS, SABORES E MEMÓRIAS DE AMOR DA 17ª EDIÇÃO DA FEIRA GASTRONÔMICA DE TAQUARUÇU- TOCANTINS

Glauce Gonçalves da Silva Gomes¹

Neila Barbosa Osório²

Luiz Sinésio Silva Neto³

Gisele Carmo Maia⁴

Maria de Lourdes Leoncio Macedo⁵

Jocyleia Santana dos Santos⁶

RESUMO

O objetivo do estudo foi de descrever a vivência de participantes no Festival Gastronômico de Taquaruçu, trazer os velhos da Universidade da Maturidade como protagonistas e destacar os laços afetivos entre avós e netos na produção afetiva dos pratos. Também, traz por meio de relatos suas experiências, influências na escolha de pratos e vivências que entrelaçam história, memória e sabores, bem como, registrar o perfil do pequeno e pacato distrito que acolhe o tradicional festival gastronômico anual. O desenvolvimento desta pesquisa foi constituído a partir das vivências e contatos com os acadêmicos da Universidade da Maturidade do polo de Palmas da Universidade Federal do Tocantins (UFT), e atividades externas. O encorajamento aos acadêmicos da UMA melhora a relação interpessoal, desenvolve outras atividades, amplia seus conhecimentos de

¹Mestranda em Educação pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). Quadra Arse 42, Alameda 11, Lote 25a. Plano Diretor Sul, CEP: 77015-636. E-mail:

glaucegomes@seduc.to.gov.br

²Pós-doutora em Educação pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Universidade Federal do Tocantins (UFT). Alcno 14, S/Nº, Av. NS1, Centro, Palmas, TO, CEP: 77020-210.

E-mail: neilabarbosaosorio@gmail.com

³Doutor em Ciências e Tecnologias em Saúde. Professor Adjunto do curso de Medicina da Universidade Federal do Tocantins. <http://lattes.cnpq.br/0239885769879636> E-mail: luizneto@uft.edu.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3182-7727>

⁴Mestranda em Educação pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). Quadra Arne 53 (406 Norte) Alameda 10, HM 02, Lote 01, Bloco 4, Apto 201, Torre IV, Residencial Saint George, Plano Diretor Norte, CEP: 77006-492. E-mail: gm_5378@hotmail.com

⁵Mestre em Educação. Universidade Federal do Tocantins (UFT). Quadra 304 Norte, Alameda 01, Palmas, Tocantins. E-mail: malutocantins@gmail.com

⁶Pós-doutora em Educação pela Universidade do Estado do Pará (UEPA). Avenida NS-15, Quadra 109, Alcno 14, Norte, s/n, bloco D, Plano Diretor Norte, Palmas - TO, CEP: 77001-090. E-mail: jocyleiasantana@gmail.com

mundo, e permite experimentar novas vivências compartilhando saberes. A pesquisa apresenta abordagem qualitativa e pesquisa de campo, na metodologia da História Oral Temática, considerada uma janela que entra o ar puro do tempo presente. Os entrevistados assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e o uso da imagem. Conclui-se que o festival gastronômico de Taquaruçu gera riquezas e oportunidade de negócios e realização de vida, transformando o município por meio do Evento.

Palavras-chave: Intergeracionalidade; culinária afetiva; memórias; histórias.

INTRODUÇÃO

A cidade de Palmas Tocantins está localizada na região Norte do Brasil e faz parte da Amazônia Legal, situada no Geodésico, ou seja, no centro do nosso país, abriga a maior Praça do Brasil, a praça dos Girassóis, que se estende por uma área de mais de 592 mil metros quadrados, fazendo desta a maior Praça da América Latina e a segunda maior praça do mundo (Fernandes, 2011, p.206). É nela que se concentram os três poderes do Estado. O nosso Estado nasceu concomitante a criação da Carta Magna em 5 de outubro de 1988, Constituição Federal, que desmembrou a porção norte do estado de Goiás, integrando-a à Amazônia Legal.

Após o nascimento do mais novo estado, havia uma forte disputa por qual cidade iria receber o título de capital, um estudo geográfico permite que a escolha da localização venha ser definida como marco histórico. Para Teixeira,

A Constituição Estadual, promulgada em 5 de outubro de 1989, definiu Palmas como a capital do Estado, estabelecendo a data de 1º de janeiro de 1990 para a transferência da capital de Miracema do Tocantins para Palmas. Antes, em 29 de dezembro de 1989, o município de Taquaruçu do Porto teve sua sede transferida para o local onde estava sendo construída a capital e seu nome mudado para Palmas. A pedra fundamental de construção da cidade foi lançada em 20 de maio de 1989 (Teixeira,

2009, p.33).

Taquaruçu hoje é distrito da capital do Tocantins e se destaca pelas belezas de admirável Vale de águas, com ar de serras, traz em sua geografia cachoeiras que encantam, atrativos turísticos que contrastam com o ar quente da capital, interiorana e de ruas pequenas, lá se anda devagar para aproveitar a vista.

Temos aqui um convite para sair da pequena selva de pedra e dar um mergulho nas águas frias, tornando este adorno da Capital um charme que encanta tanto os que moram na localidade, como aos turistas que passam por este belo e atrativo local.

O objetivo do estudo foi de descrever a vivência de participantes no Festival Gastronômico de Taquaruçu, trazer os velhos da Universidade da Maturidade como protagonistas e destacar os laços afetivos entre avós e netos na produção afetiva dos pratos. O estudo foi qualitativo, bibliográfico, utilizando a metodologia da história oral, abordagem que permite os registros de fatos históricos ao longo da vida, preservando a cultura, os valores e ações que moldam uma comunidade, transmitidos de geração em geração.

REFERENCIAL TEÓRICO

O registro da história oral enriquece e permanece vivo nas memórias de onde viemos e traçamos projeções para onde iremos. A história oral passa a ser estruturada em meados do último século, afirma Santhiago (2008) que, só a partir dos anos 60, surgiu a corrente que buscou se distinguir dessa “história das elites”, captando e documentando narrativas de vida de pessoas comuns e das minorias consideradas “sem voz”.

Como então a história oral chegou ao Brasil? Por meio da Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – CPDOC, da Fundação Getúlio Vargas, Aspásia Camargo afirma ser uma das primeiras a defender o método em entrevista, o ano foi 1974, “fui das primeiras da minha geração a defender tese e estava disponível profissionalmente para uma aventura num patamar superior” (D’Araújo, 1999). Registro do diálogo demonstra os desafios que permitem hoje fazermos pesquisas validando o texto com descrições dos pesquisados.

Ao se reportar ao pequeno distrito de Taquaruçu, localizado no centro do Brasil, considerando a grande extensão territorial que temos, podemos afirmar certamente que poucos brasileiros que moram em outras unidades federativas tenham ouvido falar dessa terra maravilhosa, rica na sua biodiversidade, por isso a ação de criar um festival para apresentar tanto as belezas ecológicas quanto os sabores por aqui vividos e, com auxílio dos recursos midiáticos, as delícias por aqui encontradas são levadas para além das fronteiras do Brasil.

A importância dessa teia midiática é apresentada por Meneses ao afirmar que:

Os acontecimentos vinculados pelos meios de comunicação são também práticas discursivas e narrativas que modelam e representam a realidade sob um dado olhar. Porém, sob a forma a qual estes elementos são apresentados, ou melhor dizendo representados, interpretados, analisados e julgados está ligada ao tipo de narrativa ou explicação construída sobre eles. Nestes termos, a elaboração de um discurso sobre um fato é, em si, a tentativa de construção de significados (Meneses, 2010, p.6).

Usar esses meios de comunicação permite visibilidade para amplo público, mas, principalmente, apresentar o contexto de uma realidade local, vozes aos invisíveis, cultura viva sendo disseminada, valorização do ser humano.

A história oral é um método de pesquisa utilizado nas ciências humanas e sociais, que se baseia na coleta e análise de relatos orais de pessoas sobre eventos passados, experiências de vida e memórias pessoais. O que traz ao pesquisador uma significância do que se pretende abordar, entenda que não é permitido a inferência nas narrativas apresentadas, como afirma Portelli, (1996). Excluir ou exorcizar a subjetividade como se fosse somente uma fastidiosa interferência na objetividade factual do testemunho quer dizer, em última instância, torcer o significado próprio dos fatos narrados.

Considerado método valioso para capturar perspectivas individuais e coletivas sobre eventos históricos, bem como para registrar narrativas que podem não estar presentes em documentos escritos ou oficiais. As etapas deste processo de pesquisa de história oral remete a: planejamento e separação de material bibliográfico e escolha temática; seleção dos entrevistados; entrevistas; gravação e transcrição do material coletado e, por fim, organização dos objetos de pesquisa. Para cada um destes temos:

Planejamento: define-se o tema da pesquisa e o escopo das entrevistas. Isso pode envolver a formulação de questões de pesquisa específicas e a identificação de potenciais entrevistados. Menegolo *et al* (2006), afirma que:

A história oral, é preciso entendê-la numa perspectiva que vai além de relatos de fatos: é uma maneira de se chegar ao conhecimento de fatos vivenciados num dado momento histórico em que somente documentos escritos não poderiam revelar por si só todos os sentimentos circulantes (Menegolo et al, 2006, p.3).

Os entrevistados foram selecionados com base em sua relevância para o tema da pesquisa, seu conhecimento pessoal sobre os eventos em questão e sua disposição para participar. Menegolo *et al* (2006) afirma que: para o entrevistador conseguir obter as informações almejadas no

momento da entrevista, precisa ativar a memória do entrevistado.

As entrevistas foram conduzidas de forma a permitir que os entrevistados expressem suas experiências e perspectivas de maneira aberta e não direcionada. Isso pode envolver a elaboração de perguntas abertas e o estabelecimento de um ambiente confortável para o entrevistado.

Segundo Macedo e Santos (2023), as entrevistas foram gravadas em áudio ou vídeo para preservar os relatos exatos dos entrevistados. Posteriormente, essas gravações foram transcritas garantindo a autenticidade do que foi dito. Como afirma Alberti, (1990, p.18), “a gravação de um depoimento nem sempre é clara e audível, podendo levar a erros de compreensão, principalmente quando são enunciados nomes próprios desconhecidos do pesquisador”.

As transcrições das entrevistas são analisadas em busca de padrões, temas e insights relevantes ao objeto pesquisado. Isso pode envolver a identificação de pontos de concordância ou discordância entre os relatos dos entrevistados e a contextualização das informações dentro do contexto histórico mais amplo. Nesse caso, a coleta de depoimentos e sua publicação transformam-se em um fim em si mesmo e não devem ser submetidos à análise crítica da investigação histórica (Ferreira, 2002).

A história oral é valorizada por sua capacidade de trazer à tona perspectivas e experiências que, muitas vezes, não são registradas em fontes escritas tradicionais. No entanto, como em qualquer método de pesquisa, é importante considerar questões éticas, como obtenção de consentimento informado dos entrevistados, a garantia de confidencialidade quando necessário, e a representação precisa das vozes dos participantes e, ainda, assegurar que o conhecimento individual seja disseminado e integrado ao coletivo.

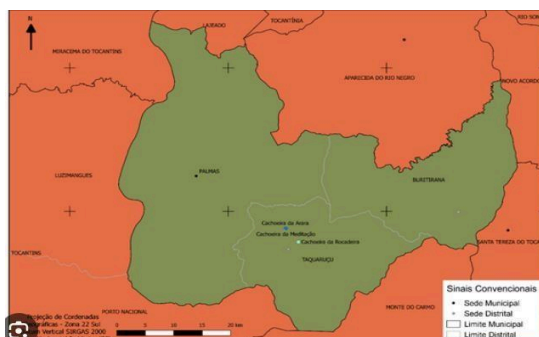
UM MERGULHO EM TAQUARUÇU

Um sobrevoo sobre a pequena Taquaruçu – O Distrito de Palmas, é um dos povoados mais antigos do nosso Tocantins, lugar de parada desde a época dos Tropeiros, situada a 32 km de Palmas, o distrito traz várias cachoeiras, um convite a mergulhos em águas geladas. O cenário é exuberante, com belezas naturais, flora e fauna. Forte no turismo, as cachoeiras de Taquaruçu, conhecidas como: Roncadeira, Evilson, entre outras, também o Balneário Vai Quem Quer, nome sugestivo a um lugar de difícil acesso. Carvalho (2006), descreve:

O distrito de Taquaruçu possui mais de 80 cachoeiras catalogadas, porém, poucas são abertas para visitação e, destas, apenas quatro possuem trilha bem delimitada. São elas: a Cachoeira da Roncadeira e a Cachoeira Escorrega Macaco, ambas dentro de uma mesma trilha e de propriedade particular, e a Cachoeira da Arara e Cachoeira da Meditação, ambas dentro de uma propriedade particular e meio de hospedagem (Carvalho, 2006, p.31).

São inúmeras possibilidades que ainda não estão no cardápio dos turistas, os pontos ficam em propriedade privadas, os quais os proprietários buscam manter preservados. Taquaruçu é muito próximo da capital do Tocantins, Palmas, como pode ser observado no mapa.

Figura 1: Mapa Taquaruçu



Fonte: google.maps(2024).

Taquaruçu é um encantador distrito situado nos arredores de Palmas, no estado de Tocantins, Brasil. Conhecido por sua atmosfera tranquila e natural, Taquaruçu oferece um refúgio relaxante, longe da agitação da cidade, mas ainda convenientemente próximo à capital. Com uma característica ecológica preservada e pouca visitação por muitos séculos, a tímida Taquaruçu não fazia parte nos cenários nacional de visitação por assim dizer. Como afirma (Milagres *et al*, 2010).

O turismo é atividade recente e teve início com o Diagnóstico Turístico, concluído no ano de 2002, pela Prefeitura Municipal de Palmas. Desse modo, com relação à visitação, "era pouquíssima, de viajantes que passavam por aqui e o turismo começou a crescer a partir da prefeita Nilmar" (gestão 2001/2004, em Palmas). Milagres et al, (2010, p.7).

Rodeado por exuberantes paisagens, o distrito é marcado por extensas áreas verdes, cachoeiras refrescantes e trilhas que serpenteiam por uma vegetação exótica. A natureza deslumbrante proporciona aos visitantes oportunidades únicas de explorar a biodiversidade local, sendo um paraíso para os amantes da natureza e aventureiros, esse convite ao turismo é descrito por Borges, (2023)

Nesse contexto, o desenvolvimento do ecoturismo no Distrito de Taquaruçu, quando bem estruturado e planejado, emerge como uma valiosa oportunidade para impulsionar o desenvolvimento sustentável, bem como para gerar emprego e renda para a comunidade local. Borges (2023, p. 6).

A cultura local também é um destaque em Taquaruçu. Com uma atmosfera acolhedora, o distrito abriga comunidades vibrantes que preservam suas tradições e compartilham sua rica herança. Festivais culturais e eventos locais oferecem uma visão fascinante da vida na região, com música, dança e culinária regional. Esse conjunto paisagístico traz um charme à identidade local. Borges, (2023), relata que:

A paisagem cultural de Taquaruçu é enriquecida pelos elementos naturais, como a majestosa serra, as deslumbrantes cachoeiras, o sereno ribeirão e as emblemáticas palmeiras, em especial o babaçu. Esses elementos não apenas possuem um valor ambiental significativo, mas também se tornaram símbolos característicos do lugar (Borges, 2023, p.7).

Taquaruçu é mais do que apenas um destino turístico; é um refúgio sereno que oferece uma fuga revigorante e uma conexão autêntica com a beleza natural e cultural do Tocantins. Seja explorando trilhas deslumbrantes, degustando a culinária local ou simplesmente relaxando em meio à natureza, este distrito encantador proporciona uma experiência inesquecível para quem busca tranquilidade e autenticidade, o local é pouco explorado pelo turismo ecológico. No entanto, convém alertar sobre o importante desafio para o futuro do turismo ecológico em lugares como Taquaruçu que, como discorre Ribeiro (1997),

[...] além das fantasias e das funções cognitivas presas ao exótico, o turismo representa uma via de inserção na realidade do outro, de grande potencial pacifista e integrador, que na maioria das vezes, termina por ser banalizada pela mercantilização (Ribeiro, 1997, p. 40).

Toda essa biodiversidade, evidenciada no Cerrado, nos parques e reservas, nas cachoeiras e rios, na rica fauna e flora, faz de Taquaruçu um destino ideal para o turismo ecológico. Essas características naturais são marcas registradas do distrito, que se destaca pela sua beleza preservada e pelo potencial para a prática de atividades em contato direto com a natureza.

Taquaruçu está inserido no bioma do Cerrado, característico da região central do Brasil. O Cerrado é um bioma rico em biodiversidade, com uma variedade de flora e fauna adaptada às condições do solo e clima locais. Schwaida, (2021) define:

O Cerrado é o segundo maior bioma brasileiro, ocupando mais de 2 milhões de quilômetros quadrados, distribuídos por 10 estados (Bahia, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Paraná, Piauí, São Paulo, Tocantins) (Schwaida, 2021, p.22)

A região possui diversas áreas de preservação, parques e reservas naturais que contribuem para a conservação da biodiversidade. Estes locais geralmente oferecem trilhas ecológicas, cachoeiras e oportunidades para observação da fauna e flora locais.

Há diversas cachoeiras e rios na região, proporcionando ambientes naturais e paisagens de grande beleza. Esses recursos hídricos são importantes para a ecologia local, contribuindo para a sustentação da vida selvagem e oferecendo oportunidades para atividades recreativas.

O Cerrado abriga uma rica biodiversidade, é um bioma que abriga uma grande variedade de plantas e animais, muitos dos quais são adaptados às condições particulares, como os períodos de seca. Schwaida (2021) reforça essa importância ao afirmar que o Cerrado é considerado a savana mais biodiversa do planeta, com cerca de 4.400 espécies de flora endêmicas.

Essas características não apenas definem a identidade ecológica do distrito, mas também posicionam Taquaruçu como um destino privilegiado para o turismo ecológico. Essa diversidade natural oferece inúmeras oportunidades para a prática de atividades sustentáveis e em contato direto com a natureza, ressaltando a importância de preservar esses recursos para as futuras gerações. A valorização desses elementos é fundamental para garantir que o turismo em Taquaruçu continue a ser uma força positiva, alinhada com os princípios da sustentabilidade.

O FESTIVAL GASTRONÔMICO DE TAQUARUÇU CONVITE AO TURISMO

O Festival Gastronômico de Taquaruçu é um evento anual que acontece no distrito. Este festival destaca a culinária regional, promovendo a diversidade gastronômica e cultural da região.

Já na sua 17ª edição, o festival muda todo o contexto do pacato distrito que, segundo último dado do Senso 2022, possuía 3.119 (três mil cento e dezenove habitantes) e, durante os cinco dias do evento, recebeu mais de 150 mil pessoas, dados esses obtidos no site oficial do evento.

O tradicional evento, que inova a cada ano, é recheado de programações que atraem turistas do Brasil inteiro, com apresentações de cantores nacionais e bandas locais. Importante mencionar que existe toda uma estrutura por meio de editais aos participantes e disputa da premiação do prato.

Em relação ao prato, merece destaque o fato de que a iguaria deve trazer algum ingrediente que remete à culinária tocantinense. Assim a marca do festival vem se consolidando ao longo dos anos. Segundo Santos; Bastos (2016):

Com o intuito de incrementar a visitação turística, valorizar a culinária regional, incentivar o empreendedorismo na área gastronômica, trazer divisas para a região e divulgar os produtos típicos da culinária tocantinense, o governo municipal patrocina a edição anual do Festival Gastronômico de Taquaruçu desde 2007. Atrativo turístico do município de Palmas, o Festival é organizado e divulgado pela Agência Municipal de Turismo nos cenários regional e nacional (Santos; Bastos, 2016, p.616).

Durante o festival, os visitantes têm a oportunidade de experimentar uma variedade de pratos típicos da culinária tocantinense, bem como, pratos de outras regiões do Brasil, preparados por chefs locais e convidados. Além da comida, o evento inclui apresentação de cantores

locais, danças folclóricas, exposições de artesanato regional e outras atividades culturais. Erig (2016) destaca:

A importância da gastronomia enquanto atrativo turístico-cultural de Palmas, TO, uma vez que ela não apenas visa saciar a fome, mas, aproxima as pessoas, identifica traços culturais de um povo por meio da sua religiosidade, etnia, produtos típicos, aproveita o que solo de cada lugar tem a oferecer e através de sua capacidade de atravessar fronteiras. Identificar como a gastronomia típica influencia a visita de turistas a Palmas, apontando quais os pratos típicos de Palmas que os turistas mais apreciam e interpretando como o saber fazer gastronômico de Palmas (Erig, 2016, p.2).

O festival inicia sua trajetória em 2005, de maneira tímida, e vem crescendo ao longo dos anos, como relata Erig; Santos (2017):

É nesse refúgio que foi criado o Festival Gastronômico de Taquaruçu, em 2005, com o intuito de valorizar a culinária regional, incentivar o empreendedorismo na área gastronômica, trazer divisas para Taquaruçu e região e divulgar os produtos típicos da culinária tocantinense. Organizado e divulgado pela Agência Municipal de Turismo, objetivava definir uma identidade gastronômica para o Estado, que ainda está em formação. Trata-se de um produto de divulgação de Palmas no cenário regional e nacional, constituindo-se em um atrativo turístico. Nesse ano, só 5 barracas comercializam alimentos, onde as mesmas concorrem como o melhor prato. O prato vencedor foi "Surubim ao molho branco (Erig; Santos, 2017, p.3).

A gastronomia é um ponto alto em Taquaruçu, apresentando pratos típicos da região, preparados com ingredientes frescos e locais. Restaurantes e feiras proporcionam uma experiência gastronômica autêntica, onde os visitantes podem saborear a deliciosa culinária tocantinense.

O Festival Gastronômico de Taquaruçu, a 17ª edição 2023, com o título: Sabor, memória e amor, remete ao cheiro da comida de vó, para muitos, o fogão de lenha sempre aceso, com o afeto, cheiro de amor, aquela comidinha favorita. Faz lembrar o velho caderno de receitas repassadas de mãe para filhos, resgata os valores da família.

Nesta edição, foram apresentados 41 pratos que concorrem disputando as seguintes categorias: Pratos Salgados e Doces, Comidinha Salgada, Food Truck, Rota Gastronômica e Saúde e Bem-Estar.

Personagens reais que contribuíram com suas falas, vivências e participação do Festival Gastronômico de Taquaruçu, compartilharam suas percepções sobre este importante evento. Vale mencionar que os participantes da entrevista foram devidamente informados e assinaram o termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), autorizando a divulgação dos seus nomes, e imagens. As entrevistas são apresentadas de maneira fiel, mantendo na íntegra o texto original, sem correções ortográficas ou gramaticais, preservando a originalidade dos entrevistados e sua forma de contar suas histórias, conforme a metodologia da História Oral Temática.

O acadêmico da Universidade da Maturidade, Sr. Manoel Cardoso da Mata – 74 anos, a sobrinha Chef Núbia Matos – 41 anos e Gislene Alves Santos – 51 anos, assistente e caixa. Entrevista concedida dia 19/02/2024. Após apresentar o TCLE, no qual a participação foi voluntária, contribuiu para produção de artigo científico.

Com base no roteiro semiestruturado, o senhor Manoel Cardoso da Mata, nascido em 1950, participante da Universidade da Maturidade (UMA) há mais de quatro anos, afirma ter conhecido a UMA por intermédio de sua sobrinha. Ele afirma que sua participação no festival gastronômico se deu na condição de auxiliar a sobrinha que é chef de cozinha, e concorreu com prato no festival.

A sobrinha do senhor Manoel participou do festival com o prato Chambari com arroz. Em sua entrevista, o senhor Manoel comentou sobre o número de visitantes do Festival Gastronômico de Taquaruçu e mencionou a presença de cantores de renome nacional. Ao perguntarmos sobre suas impressões sobre o evento, ele compartilhou suas observações e opiniões, que são retratadas em sua narrativa a seguir.

Eu achei muito importante, muito calmo, o pessoal se comportou muito bem no show, muita gente, eu acho que a comunidade aceitou e teve muita participação das pessoas em geral, teve policiamento, muito calmo, não vi desavença, foi tudo muito bonito e posso dizer que vale a pena conhecer (Manoel).

A outra entrevistada, que assinou o TCLE, Núbia Islene de Matos, com idade de 41 anos, concedeu a entrevista no dia 20/02/2024 em seu bistrô no centro de Taquaruçu. Quando questionamos se ela conhece a UMA, ela destacou que seu tio Manoel cursou a UMA, e ela participou da formatura, que foi linda e bem organizada.

Questionamos sobre como ela participou do festival e quais pessoas a ajudaram, como que era titulada a sua barraca?

É eu tinha um prato, né, que é o nome da barraca chamava-se Transbordo do Chambari. E os componentes da nossa equipe ela formava em seis pessoas, o qual duas cozinheiras, eu e mais uma, né a Daniela Amaral, é duas caixas, a Gisleide e o Natan Matos que é meu filho e mais duas auxiliares, que era a Talita e a filha da Gisleide e mais Kelly Marinho. E também a tia mais um né era o Rodrigo, que fazia parte juntamente com meu tio Manoel Cardoso cuidavam do translado, que é a parte da ajuda de levar, buscar as coisas que estava faltando lá no festival, porque a gente não mora em Taquaruçu, a gente mora um pouquinho longe aqui em Taquaralto e a gente participou lá em Taquaruçu então tinha que ficar buscando as coisas aqui em Taquaralto (Núbia).

Quem você achou da iniciativa de trazer um festival gastronômico para um lugar tão calmo e pequeno como Taquaruçu?

Eu acho que Taquaruçu ele tem tudo a ver, porque uma cidade encantadora, além de ser encantadora, falo cidade, porém se torna um bairro de Palmas né, mas a cidade ela é e além de ser ela encantadora ela traz vários como eu posso explicar, hum atrativos, as cachoeiras, pontos turísticos, lá também tem produtos nativos, ingredientes nativos que é concentrado lá naquela região, e a população de lá também é uma população mais antiga né, é mais velha aqui na região, localizado ali na região de Taquaruçu, na serra. Então eu acho que eles escolheram, eu acho o melhor pra fazer um festival gastronômico. E também em questão deda da história porque palmas em si ela foi construída depois, então lá ela tem uma história, a cidade em si ela tem um povoado pequeno, mas que se desbravou, né? Dali-se saiu-se assim muitas famílias. Então eu acho que foi uma boa escolha (Núbia).

A opinião de Núbia sobre a realização do Festival Gastronômico em Taquaruçu reflete uma apreciação pela combinação única de características que o local oferece, valoriza a beleza natural e reconhece a relevância histórica e cultural do distrito. Ainda, destaca que, apesar de Taquaruçu ser uma área pequena e tranquila, sua autenticidade e rica tradição a tornam um cenário ideal para um festival gastronômico. Sua perspectiva valoriza a forma como o festival pode destacar e celebrar a identidade local, conectando a história e as tradições da região com a experiência culinária.

Ao atuarmos junto aos velhos da Universidade da Maturidade, e ouvirmos as narrativas afetivas dos velhos e velhas acadêmicos(as), sentimos o quanto as vivências e os laços de amor com e entre avós e netos fortalecem a vivências e a amorosidade. Neste sentido, questionamos a Núbia, quem é sua fonte de inspiração? Vamos falar aí de uma culinária afetiva, quem é a pessoa da sua referência na cozinha?

Eu sou de Natividade do Tocantins e o Tocantins por ser um estado novo, mas é a gente ter umas referências que é bem relevante. Lá na minha cidade, Natividade tem a tia Naninha que pra mim ela é uma referência, mas a minha toda em si, ela sempre gostou da culinária. Eu sou descendente de quilombola. E a minha vizinha, era daquelas que pescava e tinha maior prazer de fazer a comida no fogão a lenha, e juntar toda a família pra poder comer aquele peixinho que ela pescou, então essa questão de união, de amor que venha desde o prato. De comer todo mundo junto é que seja um pedacinho só ela é muito forte pra mim hoje a minha referência em na culinária é que ela não é só feita pra comer, ela além de você conseguir nutrir através do alimento, você consegue também consegue nutrir, através da energia que a gente passa através do alimento. Então desde a colher, ao preparo, e ao levar a mesa, ele toda uma junção, pra mim a minha referência maior é minha vizinha Maria Nonata da Silva (Nubia).

A resposta de Núbia oferece um testemunho sobre suas fontes de inspiração na culinária, ligando suas raízes culturais e afetivas ao processo de cozinhar, menciona com carinho a tia Naninha de Natividade e sua avó, Maria Nonata da Silva, como referências significativas. Núbia evidenciou sua compreensão de que a culinária vai além da simples preparação de alimentos, é uma prática carregada de amor e união familiar, especialmente em momentos de compartilhamento à mesa. Emerge que a avó de Núbia, com sua prática de pescar e cozinhar no fogão a lenha, representa a conexão entre o alimento e a energia emocional que ele transmite, o que é ressaltado por Núbia quando sua fala permite inferir que a culinária é uma forma de nutrir não apenas o corpo, mas também o espírito, por meio do cuidado e da tradição presentes em cada etapa do preparo e compartilhamento das refeições.

Núbia, sabemos que você é autora de um dos pratos salgados concorrentes no festival? Você poderia descrever?

O nome do meu prato chamou, Transbordo do Chambari, porque eu continuo levando-o, é quando eu decidir participar do festival gastronômico, que foi a primeira vez que eu participei, eu comecei buscar, o quê que eu vou levar? Então logo eu lembrei assim da lá minha vizinha, lá do meu interior, lá da fazendinha, a minha vó tinha um dom muito perfeito, ela transbordava amor, ela tinha doze filhos, e ela tinha uma satisfação muito grande em de fazer um peixe, e com esse peixe que ela pescava, ela colocava quiabo dentro e fazia tipo um caldo, e com isso ela fazia um caldo bem assim em grande quantidade, e todo mundo conseguia comer aquele caldo de um peixe que ela pescava e colocava quiabo e ficava satisfeito, quando eu li o edital, que falava que era para as pessoas selecionadas, que a era referência o quê? Que você tinha que montar um prato, que além de você levar algo diferente e que fosse regional, esse prato também ele era para ser tombado para o nosso estado. Porque nosso estado por ser novo, nós não temos muitos pratos tombado, temos apenas dois pratos tombados, que é o Amor Perfeito de Natividade da tia Naninha, e tem o nome Chambari, que no país inteiro é conhecido como ossobuco, mas aqui no nosso estado é ele foi tombado como Chambari e aí eu comecei a estudar e pesquisar e lembrar, quando iniciou o estado do Tocantins, não sei se você conhece a história, o pessoal trabalhador da construção civil, eles comiam muito Chambari, porque o Chambari se faz em grande quantidade e é uma carne barata, e o governo comprava em grande quantidade para alimentar uma grande quantidade de pessoas, então eu comecei a associar as informações, eu vou levar para este festival, algo que remita amor, então associei essas informações, aqui em Palmas tem também um legado muito grande em relação ao Chambari, debaixo de várias árvores há pontos de vendas e várias famílias conseguiram construir as suas vidas, levar seus filhos para escola, formar filhos, comprar carro, casa, tudo com a produção do Chambari que é uma das comecei a fazer essa união

de informação, comecei a conversar com Deus sobre, no dia de decidir o prato eu faço estudo bíblico, saiu o Salmo 45, o trecho Transborde tudo o que você tem dentro de você (Núbia).

A entrevista destaca algo de suma importância sobre um pouco de história do estado do Tocantins:

Com todas essas informações do como nosso estado se criou com o governo alimentando essa quantidade de homem forte com o Chambari, que transbordou na vida dele, o sustento como muitas famílias sobrevivem do Chambari e a prosperidade, a entrevistada afirma que ficou em quarta colocação no festival e isto a deixou muito feliz (Núbia).

A fala de Núbia desvela que esse prato remete às suas memórias afetivas e culturais e foi escolhido para o festival por seu significado especial e sua conexão com a história e a cultura regional do Tocantins.

Núbia explica que, ao se deparar com o edital do festival, quis criar um prato que não apenas representasse a culinária regional, mas que também fosse um símbolo de amor e tradição. Ela destaca a relevância do Chambari na história do estado e sua importância na vida das famílias locais, que utilizaram o prato como uma forma de sustento e progresso.

Ainda, menciona que o nome "Transbordo do Chambari" é uma referência ao Salmo 45, que sugere a ideia de compartilhar tudo o que está dentro de si, reforçando a conexão entre a comida e a emoção que ela carrega. Assim, o prato de Núbia não é apenas uma representação culinária, mas também uma expressão de legado, cultura e afeto.

A história oral, conforme Macedo e Santos (2023), é um campo de possibilidades ao dar voz aos excluídos, isto é, aqueles que, na história tradicional, sequer existiram, agora ganham força, apontando as brechas, confrontando, analisando e descobrindo as problemáticas que foram encobertas anteriormente e, agora, visualizadas no campo historiográfico.

A voz dos entrevistados oportuniza novos olhares sobre a história dos lugares, dos eventos, neste caso, o nosso estudo. Questionamos para que ela falasse sobre experiência pessoal em relação ao festival gastronômico?

Estar no festival gastronômico de Taquaruçu, foi maravilhoso, uma experiência extraordinária, uma experiência bem elevada para mim que sou cozinheira, eu não sou formada em gastronomia, mas depois que eu participei decidi que quero estudar, vou buscar esse conhecimento, os Chefs trouxeram muitas ideias criativas que motivaram a buscar apresentar sempre o melhor, a nossa região tem muito a oferecer, é a porta para nós que amamos a culinária e que tem várias ideias pode aproveitar, sobre as perspectivas, quando eu abri o edital, vi lá novos pratos, novos sabores realmente, porém eu acho que não foi avaliado conforme o edital pede, eu acho bem importante ter um olhar para este item, eu me senti maravilhosa, me despertou a correr atrás de mais conhecimento e entregar coisas melhores, vou participar dos próximos sim e vou entregar algo melhor porque a nossa região tem várias possibilidades de frutos, verduras e legumes que são único da nossa região, e o festival é o lugar certo para essas entregas (Núbia).

A terceira entrevistada a senhora Gisleide Alves Santos, com cinquenta e um anos, conhece a Universidade da Maturidade, nos informa que atuou na parte financeira da barraca, compondo a equipe de trabalho. Ressalta que o festival foi maravilhoso e foi uma experiência ímpar. Considera o local do festival excelente, e aprendeu muito com a experiência, destaca em suas narrativas. Qual sua opinião sobre a escolha de Taquaruçu para o festival gastronômico?

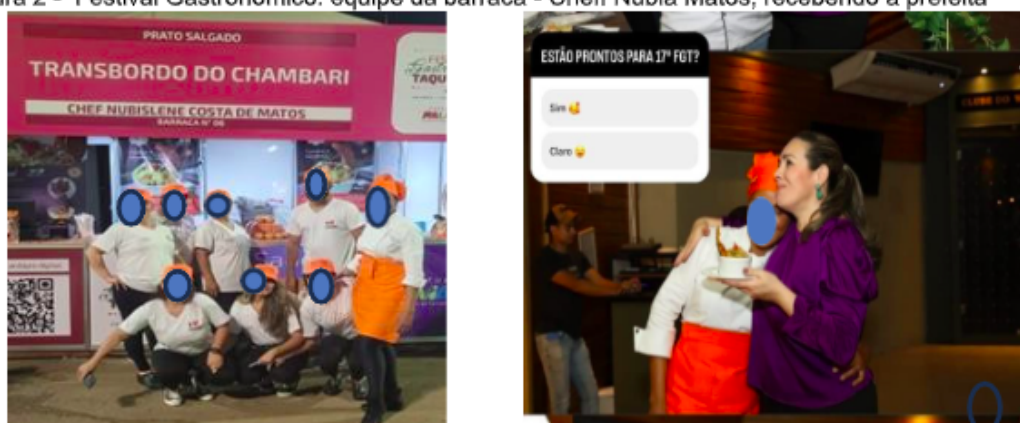
Eu acho que é um lugar apropriado mesmo porque Taquaruçu tem tudo pra receber né. E o carinho do pessoal, um tipo interior, né. A gente espera isso de tá num lugar acalorado. Talvez Palmas por ser no centrão a gente não teria esse calor humano que a gente tem ali porque está todo mundo se ajudando,

mesmo nós que éramos eh tinha do lado alguém que era nosso concorrente, mas a gente se ajudava (Gisleide).

Interessante a colocação de Gisleide que revelou que, apesar de ser uma competição, o espírito de cooperação e ajuda mútua prevaleceu entre os participantes, criando uma experiência mais amigável e solidária. Ainda ressalta que se o festival fosse em Palmas não poderia oferecer conexão pessoal e calor humano que Taquaruçu proporciona por ainda ter um ar interiorano, visão essa que valoriza a importância do local e das relações interpessoais na criação de um evento bem-sucedido e memorável.

As imagens a seguir, cedidas pela entrevistada Núbia: Equipe da barraca e Chef Núbia e a prefeita de Palmas.

Figura 2 - Festival Gastronômico: equipe da barraca - Cheff Núbia Matos, recebendo a prefeita



Fonte: Arquivo pessoal Cheff Núbia

Figura 3: Bistrô Nubia Matos



Fonte: Arquivo Pessoal Chef Núbia Matos.

A história oral, é inspiração, imagens e emoção por meio das narrativas dos participantes da pesquisa. A História oral também constrói laços entre entrevistado e pesquisadores.

CONCLUSÃO

O festival gastronômico de Taquaruçu no estado do Tocantins é uma grande oportunidade de ampliação econômica para o município e região. É importante destacar o cenário que acolhe o tradicional Festival Gastronômico de Taquaruçu – TO, a poucos quilômetros da capital Palmas, numa região serrana, que muda completamente a sensação térmica, provocando uma sensação de frescor, com ruas estreitas de visibilidade interiorana, é rica em águas, trazendo um charme a parte no turismo das águas geladas das mais belas cachoeiras ao seu entorno.

Por meio da metodologia de pesquisa da história oral temática, tivemos oportunidade de explorar e dar voz aos nossos personagens reais que vivenciaram o Festival Gastronômico. Através de entrevistas e imagens, podemos capturar e apresentar suas expectativas, percepções, experiências e histórias pessoais, uma vez que essa abordagem permitiu que os participantes compartilhassem suas vivências de maneira autêntica, proporcionando uma visão rica e detalhada do evento.

Concluimos que o festival trouxe uma oportunidade de negócios e networking para os expositores e visitantes, além de trazer as memórias afetivas dentro da culinária, lembranças, e memórias afetivas com fortes laços da avosidade.

REFERÊNCIAS

- AIRES DOURADO, Thania Maria F.; Giralдин, Odair. **Pólo ecoturístico de Taquaruçu (TO)**: uma proposta de modernidade Caderno Virtual de Turismo, v. 6, n. 1, 2006, p. 84-90 Universidade Federal do Rio de Janeiro Rio de Janeiro, Brasil. Disponível: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=115416201010>. Acesso em: 10 jul. 2024.
- ALBERTI, Verena. História oral: a experiência do CPDOC. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1990. ALBERTI, Verena. **História oral**: a experiência do CPDOC. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1990.
- MACEDO, Maria de Lourdes L., SANTOS, Jocyleia Santana dos. As pesquisas em história oral: o percurso metodológico de uma trajetória acadêmica. **IOSR Journal Of Humanities And Social Science (IOSR-JHSS)** Volume 28, Issue 1, Series 5 (January, 2023) 39-47
- PORTELLI, Alessandro. Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”. In: Experimentos com história de vida. Olga de Moraes Von Simson (org.) **Vértice/Revista dos Tribunais**, São Paulo, 1988. p. 14-43.
- PORTELLI, Alessandro. Sonhos ucrônicos. In: **Revista Projeto História**, n. 10, p. 41-58, São Paulo, 1993.
- RIBEIRO, Izabel Larissa da Silva et al. **Ecoturismo educativo de base comunitária**: uma proposta para a reserva de desenvolvimento sustentável estadual Ponta do Tubarão no Rio Grande do Norte. Acessado em 20 de dezembro de 2023. Disponível em: <http://connepi.ifal.edu.br/ocs/index.php/connepi/CONNEPI2010/paper/view/137.6/599>. Acesso em: 20 jul. 2024.
- SANTHIAGO, Ricardo. Da fonte oral à história oral: debates sobre legitimidade. **Seculus-Revista de História**, n. 18, p. 33-43, 2008.
- SCHWAIDA, Samuel Fernando. História oral: questões metodológicas. In: ENCONTRO DE HISTÓRIA E DOCUMENTAÇÃO ORAL, 1993, Brasília. **Anais [...]**. Brasília: UnB, 1993. p. 21-25.
- SCHWAIDA, Samuel Fernando. **Passado, presente e futuro no planejamento territorial e conservação da biodiversidade**: uma análise integrada no Cerrado do Tocantins. 2021. 91 f., il. Dissertação (Mestrado em Geociências Aplicadas) — Universidade de Brasília, Brasília, 2021.

TEIXEIRA, Luiz Fernando Cruvinel. Dossiê cidades planejadas na Hinterlândia: A formação de Palmas. **Revista UFG**, ano XI, n. 6. 2009. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/694/o/06_Palmas.pdf. Acesso em: 18 nov. 2023.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado:** História Oral. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1992.

EDUCAÇÃO INTERGERACIONAL NAS BRINCADEIRAS DO POVO INDÍGENA AMAZONENSE AKWÊ-XERENTE

Leonardo Sampaio Baleeiro Santana⁷

Neila Barbosa Osório⁸

Luiz Sinésio Silva Neto⁹

Nubia Pereira Brito Oliveira¹⁰

Marlon Santos de Oliveira Brito¹¹

Fernando Afonso Nunes Filho¹²

Armando Sôpre Xerente¹³

André Ribeiro de Gouveia¹⁴

RESUMO

A Universidade da Maturidade, vinculada à Universidade Federal do Tocantins, mantém um polo na comunidade indígena de Tocantínia, situada no Estado do Tocantins, estado membro da Amazônia Legal. O trabalho objetiva fornecer descrições dessas raízes com foco nas percepções de anciãos indígenas do território quanto à Educação Intergeracional em comunidades indígenas, em abordagem e percepções dos pesquisadores do Programa de Pós-Graduação em Educação na Amazônia. A metodologia qualitativa de viés fenomenológico envolve entrevistas semiestruturadas da História Oral e incorpora as sensações e descrições derivadas das narrativas que ecoam a memória do povo Akwê-Xerente. Os resultados descrevem experiências vividas, ao resgatar nuances da tradição oral, valores culturais e as ligações intrincadas com os anciãos indígenas. Conclui-se que a pesquisa fundamenta teorias subjacentes por meio de entrevistas diretas com os membros da comunidade indígena, ao acessar perspectivas inerentes à intergeracionalidade em ensinamentos tradicionais que se engajam com o legado cultural das comunidades

⁷Mestre em Educação, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2852-7766>, Universidade Federal do Tocantins, Brasil, E-mail: leonardosbsantana@gmail.com

⁸Doutora em Educação, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6346-0288>, Universidade Federal do Tocantins, Brasil, E-mail: neilaosorio@uft.edu.br

⁹Doutor em Ciências e Tecnologias em Saúde. Professor Adjunto do curso de Medicina da Universidade Federal do Tocantins. <http://lattes.cnpq.br/0239885769879636> E-mail: luizneto@uft.edu.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3182-7727>

¹⁰Mestre em Educação, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1026-4734>, Universidade Federal do Tocantins, Brasil, E-mail: professoranubiabrito@gmail.com

¹¹Doutorando em Educação na Amazônia, ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5487-2400>, Universidade Federal do Tocantins, Brasil, E-mail: marlonoliveirabrito@gmail.com

¹²Doutor em Educação na Amazônia, ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9997-5585>, Universidade Federal do Tocantins, Brasil, E-mail: fanfilho@hotmail.com

¹³Doutorando em Educação na Amazônia, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7332-0369>, Universidade Federal do Tocantins, Brasil, E-mail: soprexerente10@gmail.com

¹⁴Mestrando em Educação, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3051-6257>, Universidade Federal do Tocantins, Brasil, E-mail: andregoveia@gmail.com

amazônicas e iluminam a riqueza das tradições presentes na comunidade indígena de Tocantínia.

Palavras-chave: Educação Intergeracional; Educação na Amazônia; Educação Indígena; Práticas Educativas.

INTRODUÇÃO

O trabalho divulga a literatura acadêmica e descreve percepções dos pesquisadores em práticas que envolvem a Educação intergeracional, no âmbito do polo da Universidade da Maturidade, da Universidade Federal do Tocantins (UMA/UFT), que existe na comunidade indígena de Tocantínia, Estado do Tocantins. Trata-se de uma construção coletiva que envolve sensações e descrições de narrativas, sobre a memória do povo Akwẽ-Xerente.

Colabora-se com Osório, Silva Neto e Nunes Filho (2022) em estudos sobre a Educação ao longo da vida na Amazônia legal e na visão de Ricoeur (2006), ao divulgar um diálogo acadêmico na perspectiva “além do texto”, para alcançar apoio teórico em reflexões que envolvem a construção social da memória e da oralidade (ALBERTI, 2000), aplicáveis à realidade dos povo Akwẽ-Xerente que vive no Território Indígena Xerente, na Região Norte do Brasil.

Sobre isso, a perspectiva de Xerente (2019) foi fundamental para alcançar os destaques aqui publicados, tendo em vista que utiliza-se de memórias e da história de vida produzida a partir da experiência de anciãos indígenas. Ao passo que, de posse desse material, consegue ir além de um debate majoritário e faz-se um rápido recorte da literatura tradicional, que situa a discussão no interior do debate acadêmico.

O principal objetivo é divulgar narrativas oriundas de integrantes do povo Akwẽ-Xerente, especificamente de líderes, chamados de “anciãos”, a fim de ampliar a compreensão, nos limites fenomenológicos, de como eles entendem a

Educação Intergeracional, utilizando-se de referências bibliográficas próprias e produzidas por integrantes do próprio povo Xerente, na transmissão e preservação de histórias de geração para geração, denominada, na visão eurocêntrica como Educação intergeracional (VILLAS-BOAS, 2016).

A metodologia envolve a descrição de percepções na perspectiva fenomenológica do conhecimento. Ou seja, uma análise descritiva das características essenciais do conhecimento enquanto fenômeno (MERLEAU-PONTY, 1996). Afinal, os pesquisadores são colaboradores da UMA/UFT, participam da rotina desses anciãos e vivenciam a realidade apresentada em atividades realizadas nos espaços da Tecnologia Social (TRANSFORMA, 2013).

Minayo (2008) orienta que a pesquisa social é uma metodologia que envolve o caminho do pensamento junto com uma prática exercida na abordagem de uma determinada realidade. Neste sentido, a metodologia, também, alcança o que Gil (2008) chama de pesquisa qualitativa com questões particulares de um universo de múltiplos significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes.

Percebe-se nos resultados que os anciãos do povo Akwẽ-Xerente são reverenciados pelos demais como “bibliotecas vivas” (XERENTE e DA SILVA XERENTE, 2017), pois contam a história do seu povo. De modo que os mais novos ouvem e crêem que as bibliotecas são fontes históricas. Daí, as colocações envolverem teorias da História Oral, de Alberti (2000).

Ainda entre os resultados divulga-se a preservação da memória de um lugar, sensações de um determinado contexto, e fomenta-se em prática de pesquisa científica a teoria de que é preciso manter a história dos povos tradicionais que se relacionam de modo multicultural, na busca de manter viva e fortalecer bases (FEITOSA; VIZOLLI, 2021). De modo que para isso, Alberti (2000), Minayo (2008) e Gil (2008), recomendam publicações para que essa

memória seja preservada com fotos, documentos, objetos e organização de registros de falas e fatos.

Portanto, acredita-se que o trabalho contribui com a comunidade acadêmica ao compreender melhor o universo indígena por meio de relatos de experiências conscientes, descritos em essência fundamental. Afinal, segundo os autores Xerente e Da Silva Xerente (2017, p. 349), os anciãos indígenas garantem os relacionamentos intergeracionais nas comunidades, pois “entre os mais velhos e a comunidade como um todo sempre se fez presente no contexto da comunidade indígena para promoção de convivência harmoniosa entre as famílias e os clãs, pois são eles que organizam as festas as cerimônias”.

OS ANCIÃOS COMO FONTES DE CONHECIMENTO

Nesta parte divulgam-se exemplos que envolvem os anciãos Akwẽ-Xerente como fontes de saber e são apresentados como fontes orais, motores de recuperação de dados sobre a participação do indivíduo em temas específicos (ALBERTI, 2000). Assim como fez Santana (2022), ao divulgar atividades da UMA/UFT em Tocantínia no recorte do contexto que envolveu a troca de experiências entre os anciãos e os mais novos, por meio da contação de histórias.

Ainda segundo Alberti (2000), a percepção que se tem da vida e dos modos de compartilhar vivências está associada às formas e modelos de se narrar tais experiências, assim como as formas de representação e relacionamentos com estas. De modo que aqui utiliza-se as que a autora chama de “fonte oral” para compreender o mundo.

Kontxóá (2012) menciona essa habilidade para captar, processar e entender a informação que os sentidos humanos recebem, ao dizer:

*Até quando essas melodias de tempos
imemoriáveis vão ainda acordar os*

espaços noturnos do tempo e enchê-lo de um sentimento puro que molha o coração da gente com perfume de vozes solitárias, místicas e sensuais? (KONTXÓA, 2012, p. 125)

Na visão de Alberti (2000), quando uma fonte é reconhecida ela passa a ter poderes que chegam a sobrepor fatos históricos; pois consegue uma relação mais próxima do sujeito, e, por meio da oralidade, garante uma melhor aproximação com experiências adquiridas, respaldadas e fortalecidas nas memórias (FEITOSA; VIZOLLI, 2021). Os anciãos Akwẽ-Xerente são respeitados e capazes de atribuir sentido à um fato histórico a partir de referências comuns entre os que convivem no meio alcançado por narrativas e vivências.

Essa percepção foi alcançada na pesquisa, pois nota-se que os anciãos são respeitados em falas e práticas, e assumem a posição de “fontes” que armazenam as explicações a fenômenos que envolvem a comunidade indígena Akwẽ-Xerente (XERENTE e DA SILVA XERENTE, 2017). Deste modo, em sentido particular, as transmissões de geração em geração, não são necessariamente estáticas e se transformam, a cada conversa e interação com um ancião; fato que amplia os possíveis modelos, seja de caráter educativo, social ou cultural; um conceito que pode ser chamado de Educação intergeracional (KISHIMOTO, 1999; VILLAS-BOAS, 2016).

Oliveira et al (2021, p. 7) cita que as relações intergeracionais com os mais velhos “precisam ser pautadas nas realidades locais, construídas coletivamente com as famílias das crianças e os velhos de cada comunidade”, conceito por vezes pedido de empréstimo a outros autores quando citam a necessidade de garantir o respeito às peculiaridades históricas, sociais e culturais; assim como publica Xerente (2019) em trabalho realizado diretamente junto aos anciãos e anciãs da comunidade Akwẽ-Xerente, em situações de fala natural.

Desta perspectiva, encontra-se que os anciãos indígenas são respeitados pela comunidade do Território Indígena Akwẽ-Xerente como “bibliotecas vivas”

(XERENTE e DA SILVA XERENTE, 2017), com experiência e conhecimentos que auxiliam os demais a compreenderem o que os cercam. Ou seja, são detentores de poderes de interpretação dos fenômenos percebidos pela comunidade, segundo o raciocínio, vivências e experiências (MERLEAU-PONTY, 2018; FEITOSA e VIZOLLI, 2021).

DESCRIÇÕES DOS ANCIÃOS INDÍGENAS COMO FONTES ORAIS

No contexto da região, em estreita proximidade com as comunidades indígenas da localidade de Tocantínia, efetuaram-se um conjunto de entrevistas. Utilizando os preceitos metodológicos estabelecidos na abordagem da História Oral, tal como concebida por Albert (2000), Gil (2008) e outras bases fundamentais. De modo que foram conduzidas três sessões de entrevistas com o propósito subjacente de obter percepções e narrativas diretas provenientes de indivíduos anciãos pertencentes aos grupos indígenas da Amazônia (XERENTE e DA SILVA XERENTE, 2017).

Vale ressaltar que o foco das conversações recaiu sobre o domínio das brincadeiras e das interações sociais, enquadrado no contexto deste trabalho e das vivências desses anciãos (KISHIMOTO, 1999; MERLEAU-PONTY, 2018). Ao passo que as entrevistas obedeceram a um protocolo estruturado que permitiu a captura sistemática das experiências e memórias intergeracionais compartilhadas pelos participantes (VILLAS-BOAS, 2016).

No contexto da entrevista semiestruturada, a pergunta formulada "Como a comunidade é ensinada fora da escola?", orientou a coleta de respostas que agora são apresentadas como parte deste relato. As respostas obtidas refletem as perspectivas e opiniões dos participantes sobre os métodos e processos de ensino presentes na comunidade indígena e abordam especificamente as

práticas educacionais que ocorrem além do ambiente formal da escola (FREIRE, 2014).

Os entrevistados relatam:

Nós Akwẽ é diferente dos não-indígenas, nossa ensinamento é feito na comunidade, no mato, no rio e no Warã, hoje tá muito diferente, os jovens já não quer mais ouvir nossas histórias, acham que já é coisa de antigos, mas na minha época nós crianças acompanhavam nossos pais para fazer roça, lembro que eu gostava de ajudar meu pai, ele ia muito para roça e nos contava história, no caminho para a roça, eles mostravam quais eram as madeiras boas para fazer fogo, mostrava qual era a planta boa para remédio, e nos aprendia assim, caminhando e aprendendo, e quando chegava na roça eu ajudava a pegar as pedras pequenas e colocava tudo no canto. Hoje os meus filhos não querem mais fazer roça, mas eu tento contar história, ainda mais na hora de comer. (SAMURU XERENTE, 2023)

Nós ensina nossas filhas é na hora de ir no rio para lavar roupa, na hora de fazer refeição, na hora de fazer nosso artesanato para vender, é o momento bom para fazer ensinamento é o lugar de ensina nossa cultura para nossos filhos e netos. (SDUPUDI XERENTE, 2023)

Hoje eu sou historiador, aprendi que minha cultura é uma riqueza, os nossos ensinamentos fora da sala de aula é o que nos fortalece e nos lembra já que nossas

histórias são passada através da oralidade, a educação formal vem para nos ensinar a escrever e poder fortalecer através da escrita o que aprendemos e ensinamos através da oralidade. Ao entrar na Universidade, aprendi a respeitar ainda mais as pessoas, sejam não indígenas e outros parentes de outros povos. Mas sempre em nossa cultura é transmitida no nosso Warã todo nosso ensinamento. (MARINHO XERENTE, 2023)

As respostas se caracterizam por diversidade e nuances, delineando um quadro abrangente das formas pelas quais o conhecimento é transmitido e adquirido dentro do contexto da comunidade indígena (FEITOSA; VIZOLLI, 2021). Entre as respostas registradas, emergem abordagens que se baseiam na tradição oral, na transmissão de histórias e narrativas ancestrais como veículos de aprendizado (KISHIMOTO, 1999; VILLAS-BOAS, 2016). Além disso, observa-se a importância da interação interpessoal entre gerações, onde as pessoas idosas desempenham um papel ativo como portadores do saber, compartilhando conhecimentos práticos, valores culturais e habilidades específicas (RICOEUR, 2006; e XERENTE e DA SILVA XERENTE, 2017)).

Em outro momento do diálogo, as respostas obtidas em relação à pergunta "Esse tipo de ensinamento é importante? Por quê?" refletem perspectivas fenomenológicas inerentes aos anciãos indígenas que participaram das entrevistas. Por meio das narrativas, emerge uma visão profundamente enraizada na vivência subjetiva e na percepção singular do mundo que os rodeia.

Ao passo que narram:

É importante muito, para lembrar dos antigos, lembrar da nossa origem e dos nossos parentes que já não estão mais no meio de nós. (SAMURU XERENTE, 2023)

Muito, é nossa cultura, é nossa tradição ensinar nossas filhas a se preparar para quando for casar, pois tem muita mulher preguiçosa, e minha mãe me ensinou a trabalhar para cuidar da família. (SDUPUDI XERENTE, 2023)

Importante para preservar memórias, de onde viemos, e como chegamos aqui, como nascemos e como morremos. Tudo é passado através das nossas bibliotecas vivas(anciões) e que infelizmente cada ano que passa perdemos mais e mais, eu vejo que muita coisa mudou, o meu pai sempre foi muito bravo com nós homens e eu não sou igual ele com os meus filhos. Na minha época nos respeitava qualquer pessoa, os jovens hoje são poucos que respeitam. E o ensinamento serve para fortalecer os respeito e a nossa história. (MARINHO XERENTE, 2023)

Nota-se que as respostas capturam uma valorização intrínseca do ensinamento que ocorre fora do ambiente escolar, além do destaque da relevância da manutenção da identidade cultural, da conexão com os antepassados e do fortalecimento do senso de pertencimento à comunidade (RICOEUR, 2006). Essas visões refletem a apreciação da sabedoria acumulada ao longo das gerações e a crença na importância para a preservação da herança cultural indígena.

As respostas revelam a percepção de que o ensinamento tradicional é um complemento valioso ao aprendizado formal proporcionado pelas instituições educacionais convencionais (KISHIMOTO, 1999; OLIVEIRA et al, 2021). Os entrevistados destacaram que as lições transmitidas por meio das tradições orais e das práticas cotidianas contribuem para o desenvolvimento

holístico das gerações mais jovens, e proporcionam um entendimento profundo da relação entre a natureza, a comunidade e o conhecimento ancestral (XERENTE e DA SILVA XERENTE, 2017).

Neste caminho, as respostas derivadas da pergunta "As crianças respeitam esses ensinamentos? Como você percebe esse respeito?" englobam observações e percepções contidas nas interações dialógicas coletadas sobre a forma como os participantes interpretam e avaliam a atitude das gerações mais jovens em relação aos ensinamentos tradicionais (FERRIGNO, 2015).

Os apontamentos dos anciãos articulam a percepção dos pesquisadores acerca do respeito manifestado pelas crianças em relação aos ensinamentos tradicionais. Uma notável observação presente é a fraqueza na sintonia das gerações mais jovens com os conhecimentos transmitidos pelos anciãos, e o sentimento de que ela pode ser ampliada em expressões que envolvem a participação ativa em cerimônias, rituais e atividades cotidianas (FREIRE, 2014; FERRIGNO, 2015).

Os anciãos descrevem:

As crianças são meus netos, eles ficam aqui em casa enquanto os meus filhos vão trabalhar, eles me chamam de pai. As crianças gostam de ouvir histórias, não são como os jovens que quando vamos falar , eles logo saem de perto. (SAMURU XERENTE, 2023)

Eu percebo, olha ai meus netos, tudo limpo, tudo com barriga cheia, isso quer dizer que não tá andando igual cachorro na casa dos outros não. Mas eu ensino a me respeitar, minha casa não é bagunça não. (SAMURU XERENTE, 2023)

Respeitam, mas não é igual ao meu tempo, não tinha celular para distrair as crianças na época, agora as crianças sabem o que é celular, televisão e isso faz com que as crianças preferem essas tecnologias, mas eu sei que as crianças estão aprendendo mesmo olhando, é por isso que é importante festas para que as crianças participem dos cantos, das danças para preservar nossa identidade e cultura. (MARINHO XERENTE, 2023)

A valorização dos ensinamentos tradicionais pelas crianças é frequentemente interpretada pelos entrevistados como um indicativo de continuidade cultural e interesse genuíno nas práticas ancestrais (XERENTE, 2019). Preocupação observada em manifestações de respeito que transcendem o aspecto superficial e adentram as esferas emocional e espiritual.

Enfim, a abordagem da História Oral, conforme concebida por Albert (2000) e expandida por outros autores, prioriza a compreensão da história a partir das vozes e perspectivas daqueles que viveram um diálogo íntimo entre passado e presente (XERENTE e DA SILVA XERENTE, 2017). Nesse sentido, os anciãos indígenas emergem como agentes de uma reconstrução histórica baseada em lembranças e narrativas pessoais e contribuem para a preservação de um legado cultural e social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As entrevistas delineiam uma narrativa que retrata as brincadeiras e interações que enriqueceram a vida desses indivíduos durante períodos históricos distintos (XERENTE, 2019). Ao passo que tais perspectivas compartilhadas pelos anciãos indígenas transcendem o âmbito das meras atividades recreativas, e demonstram contextos mais amplos da reprodução

cultural, da transmissão de valores e saberes, bem como da coesão social dentro das comunidades indígenas da Amazônia.

As respostas obtidas e a revisão alcançada evidenciam a interconexão entre a educação tradicional e a autonomia cultural. Referenciam como elas permitem que os anciãos indígenas se sentem fortalecidos na preservação de identidades em meio às influências externas. Além disso, as respostas sugerem que esse tipo de ensinamento transcende o mero domínio de habilidades práticas, englobam valores éticos, visões de mundo e a capacidade de se adaptar às mudanças sem perder a essência cultural.

Destaca-se que as respostas revelam o que a revisão bibliográfica chama de compreensão fenomenológica, ao ser intrincada por parte dos anciãos indígenas entrevistados, onde o valor do ensinamento tradicional é ancorado na experiência subjetiva, nas tradições compartilhadas e nas conexões emocionais e espirituais que sustentam a perspectiva singular sobre a importância desse tipo de aprendizado.

O trabalho alcança o objetivo de trazer reflexões quanto à relevância das atividades cotidianas, brincadeiras e interações entre crianças e pessoas idosas, como oportunidades de aprendizado, onde as diferentes gerações são envolvidas em práticas comunitárias, como a participação em cerimônias, rituais, agricultura e outras atividades funcionais. Ao passo que a natureza imersiva dessas experiências é evidenciada nas respostas, que ressaltam como a aprendizagem ocorre de maneira orgânica, integrada à vida diária e à participação ativa nas atividades da comunidade.

É notável que o trabalho enfatiza a conexão intrínseca entre educação e cultura, e ainda como as tradições e práticas da comunidade indígena desempenham um papel fundamental na transmissão de conhecimentos. Julga-se, portanto, ser útil para reflexões em panoramas multifacetados de estratégias pedagógicas adotadas por comunidades indígenas para a educação

informal, demonstrando a resiliência e a eficácia desses métodos em preservar e perpetuar o patrimônio cultural e intelectual da comunidade.

Destaque também para as nuances subjacentes do respeito, como o reconhecimento da autoridade dos anciãos como detentores do saber, bem como a atenção dada às orientações e instruções fornecidas. De modo que a presença de uma atitude atenta e uma disposição para se engajar nas atividades tradicionais é frequentemente interpretada pelos entrevistados como um indicativo claro de respeito.

Por fim, ao adotar a abordagem, fundamentada em teorias subjacentes e seu viés participativo e subjetivo, o estudo atinge um grau de profundidade, resgata as nuances das experiências vividas e enfatiza aspectos da interação humana e do brincar que envolvem o registro histórico. Pois as respostas capturam a apreensão dos entrevistados quanto ao respeito aos ensinamentos tradicionais, fitados nos anciãos. Percepções obtidas no diálogo direto com os entrevistados que proporcionam um vislumbre da maneira como as gerações mais jovens se envolvem com as práticas culturais nas comunidades amazônicas.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Indivíduo e biografia na história oral**. Rio de Janeiro: CPDOC, 2000. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/6715/1525.pdf>
Acesso em: 14 mar. 2023.

FEITOSA, L; VIZOLLI, I. **Entre fronteiras, matas e beiras de rios: Amazônia legal brasileira e o pesquisar da educação escolar indígena**. Mairaquitã: Revista de Letras e Humanidades, v. 9, n. 2, 2021.

FERRIGNO, José Carlos. **Conflito e cooperação entre gerações**. Edições Sesc, 2015.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Editora Paz e Terra, 2014.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. São Paulo: Cortez, 1999.

KONTXÓA, V. **Os Krahô**. In: WEWERING, Silvia Thêkla (Org.). **Povo Akwẽ Xerente: vida, cultura, identidade**. Belo Horizonte: Editora Rona, 2012.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. Trad. Carlos Alberto R. de Moura. São Paulo: Martins Fontes, Edição: 2018.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. 27 ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

OLIVEIRA, Nubia Pereira Brito et al. **A construção do conhecimento entre crianças e velhos no contexto da Educação Infantil na BNCC**. CONEDU. Campina Grande: Realize Editora: 2021. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/81450>. Acesso em: 24 abr. 2023.

OSÓRIO, N. B.; SILVA NETO, L. S.; NUNES FILHO, F. A. **GeronTOcantins: estudos sobre a educação ao longo da vida na Amazônia legal**. Organizadores. Ponta Grossa - PR: Atena, 2022. Disponível em: <https://www.atenaeditora.com.br/post-ebook/5162> Acesso em: 31 jul. 2022.

RICOEUR, Paul. **La vida: Um relato em busca de narrador**. ÁGORA — Papeles de Filosofia — (2006), Disponível em: http://www.relal.org.co/Hno.busca_de_narrador.pdf. Acesso em: 22 maio 2023.

SANTANA, Leonardo Sampaio Baleeiro et al. **A Universidade da Maturidade da Universidade Federal do Tocantins em Tocantínia: um polo para ouvir e contar histórias com os anciãos**. Brazilian Journal of Development, v. 8, n. 5, p. 38199-38208, 2022. Disponível em: <https://scholar.archive.org/work/b47httpwhqzd5ddeoigswrvzela/access/wayback/> <https://brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/download/48170/pdf> Acesso em: 15 jun. 2023

TRANSFORMA, Fundação Banco do Brasil. **Tecnologias Sociais Reconhecidas. Universidade da Maturidade, da Universidade Federal do Tocantins (UMA/UFT)**. 2013. Disponível em: <https://transforma.fbb.org.br/tecnologia-social/universidade-da-maturidade-um-a-proposta-de-educacao-para-adultos-e-velhos> Acesso em: 02 fev. 2023.

VILLAS-BOAS, S. et al. **A educação intergeracional no quadro da educação ao longo da vida - Desafios intergeracionais, sociais e pedagógicos**. Investigar em Educação, v. 2, n. 5, 2016.

XERENTE, Rogério Srône; DA SILVA XERENTE, Sílvia Letícia Gomes. **O Contexto Social E Ações Pedagógicas Nas Escolas Indígenas Akwẽ?**. Articulando e Construindo Saberes, v. 2, n. 1, 2017.

XERENTE, Armando Sõpre. **Particularidades dos sons, nomes, verbos, advérbios e posposições em Akwẽ (Xerente), família Jê central, tronco Macro-Jê**. Dissertação de Mestrado. UNB: 2019.

FONTES ORAIS

SDUPUDI XERENTE, Marcilene Sdupudi Xerente. 47 anos. Anciã. Tocantínia - TO. Depoimento [jun. 2023]. Entrevistador: Leonardo Sampaio Baleeiro Santana. Tocantínia: 2023.

SAMURU XERENTE, Renato Samuru Xerente. 50 anos. Cacique na Comunidade Indígena. Tocantínia - TO. Depoimento [jun. 2023]. Entrevistador: Leonardo Sampaio Baleeiro Santana. Tocantínia: 2023.

MARINHO XERENTE, Edilberto Waikairo Marinho Xerente. 37 anos. Ancião na Comunidade Indígena Rio Verde. Tocantínia - TO. Depoimento [jun. 2023]. Entrevistador: Leonardo Sampaio Baleeiro Santana. Tocantínia: 2023.

ESCUTA SENSÍVEL: SUCESSO NO CONTEXTO DA UNIVERSIDADE DA MATURIDADE

Silvanis dos Reis Borges Pereira¹⁵

Luiz Sinésio Silva Neto¹⁶

Neila Barbosa Osório¹⁷

Resumo: A Universidade da Maturidade UMA surge como um espaço para possibilitar aos velhos sentir-se parte de um contexto social, sentir-se ativo. Um espaço pedagógico de convivência social e aquisição de novos conhecimentos, em que o ensino está imbricado com uma prática aberta, dinâmica, motivadora; em que o diálogo possibilite a proximidade entre professor-acadêmico para que possa compreender que é possível sua participação na sociedade enquanto sujeito histórico. O objetivo deste artigo é demonstrar que o uso da Escuta Sensível como instrumento metodológico é sucesso no contexto da UMA, pois a construção de vínculos afetivos entre professor e acadêmicos faz-se fundamental para consolidar os laços de confiança, carinho, proteção e cuidado. É uma pesquisa bibliográfica, qualitativa que utiliza de análise documental, sendo sua fonte cartas escritas pelos próprios acadêmicos da UMA. Conclui-se com a análise dessas cartas que os docentes envolvidos com as turmas de velhos utilizam dos princípios da escuta sensível, predispõem-se a ouvir, a compreender, a respeitar o conhecimento e experiência do outro, o que leva a construção de vínculos afetivos entre professor e acadêmico que consolidam os laços de confiança, carinho, proteção e cuidado. Isso possibilita aos velhos, construir e reconstruir suas histórias com escuta sensível e motivação.

Palavras-Chave: Escuta Sensível. Velhos. Acadêmicos. Histórias. Universidade da Maturidade.

¹⁵Professora pesquisadora na Universidade da maturidade da Universidade Federal do Tocantins. Doutora em Educação, Mestre em Educação pela Universidade Federal do Tocantins. Graduada em Pedagogia, Especialista em Psicopedagogia e Educação Religiosa. Bolsista Capes, doutorado sanduiche na Universidade do Porto. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8634558572555772> ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4580-5681> e-mail: silvanisborges@hotmail.com

¹⁶Doutor Docente Adjunto do Curso de Medicina da Universidade Federal do Tocantins – UFT, coordenador e docente do Programa Universidade da Maturidade - UMA, Líder do Grupo de Pesquisa Pro-Gero - Envelhecimento Humano. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0239885769879636> ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3182-7727> E-mail: neilaosorio@mail.uft.edu.br

¹⁷Pós Doutora Professora Associada do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Tocantins – UFT. Coordenadora Nacional da Universidade da Maturidade. Pesquisadora membro dos Grupos de Pesquisa Pro-Gero e História, historiografia e fontes de pesquisa em educação. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8325746711520223> E-mail: neilaosorio@mail.uft.edu.br

INTRODUÇÃO

Na evolução natural do ser humano, o envelhecimento é uma etapa em que há transformações físicas, psicológicas e sociais que ocorrem de forma peculiar para cada indivíduo com maior longevidade. É fato que a ciência, a cada dia, produz

recursos para prolongar e melhorar a vida do homem. Em contrapartida, a sociedade encontra-se despreparada para a socialização dessa população, não se estrutura para atender as necessidades dos velhos e nem os inclui nos processos de produção socioeconômicos e culturais para a integração social.

É verdade que o envelhecimento da população deixou de ser uma característica dos países desenvolvidos. Atualmente, o Brasil também apresenta esse fenômeno, o que é desvelado pelos dados do IBGE que sinalizam um crescimento gradativo na população de velhos do país, quando indica que em 2013 a população com essa faixa etária era de 14,9 milhões (7,4% do total), estima que em 2025, serão 34 milhões (15% do total) e, em 2060, 58,4 milhões (26,7% do total).

Se é uma realidade o envelhecimento populacional, faz-se necessário reestruturar nossa sociedade para integrar esse indivíduo de forma a melhorar a sua qualidade de vida, bem como modificar concepções sobre juventude e velhice, preterir concepções de que só o que é novo é bom.

Nesse novo cenário, um número grande de velhos chega nessa etapa da vida com boa faculdade cognitiva e intelectual e capacidade funcional, porém a maioria aposenta-se e o tempo fica ocioso, o que, muitas vezes, gera conflitos quando de repente se vê diante de uma nova realidade a que precisa se adaptar. Isso pode causar dificuldade de adaptação, falta de estímulos, introspecção. Esse vazio precisa ser preenchido com atividades significativas que os motivem a fazer planos para o futuro, a socializar-se. Vem, então, a

Universidade da Maturidade possibilitar aos velhos sentir-se parte de um contexto social, sentir-se ativo.

A de se pensar também que essa Universidade deve ter uma estrutura diferenciada, que possa atender as necessidades dessas pessoas, com atividades físicas, culturais e sociais. Um espaço pedagógico de convivência social e aquisição de novos conhecimentos, em que ensino significativo está imbricado com uma prática aberta, dinâmica, motivadora; em que o diálogo possibilite a proximidade entre professor-aluno para que se possa compreender que é possível sua participação na sociedade enquanto sujeito histórico.

Assim, buscando entender como acontece uma relação de cuidado nesse cenário, este artigo traz uma discussão sobre o uso da metodologia da escuta sensível e o sucesso no contexto da Universidade da Maturidade, pois compreende-se que a construção de vínculos afetivos entre professor e aluno se faz fundamental para consolidar os laços de confiança, carinho, proteção e cuidado. Isso possibilita aos velhos, que são acadêmicos da UMA, construir e reconstruir suas histórias, procurarem nos conhecimentos a motivação necessária para possam envelhecer saudável com perspectivas de futuro, isso é qualidade de vida.

O objetivo deste artigo é demonstrar que o uso da Escuta Sensível como instrumento metodológico é sucesso no contexto da UMA. Objetivos específicos: analisar como acontece a relação de cuidado no cenário da escuta sensível na UMA; Verificar a carregada carga de subjetividade do discurso silencioso dos velhos nas linhas escritas nas cartas que contam as suas histórias.

A metodologia utilizada foi pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa que utiliza de análise documental, sendo sua fonte as cartas escritas pelos próprios acadêmicos da UMA.

TERCEIRA IDADE

A Organização Mundial de Saúde (OMS) preconiza que a terceira idade nos países subdesenvolvidos inicia-se aos 60 anos, e nos países desenvolvidos é acrescida de mais 5 anos, ou seja, 65 anos. De acordo Gonçalves (2010, p.23), o envelhecimento envolve fatores biológicos, o corpo, e fatores psicológicos que vão “proporcionando perdas na tomada de decisões, lentidão, capacidade de analisar e sintetizar, insegurança, dependência e confusões mentais”. Ainda, revela características desse processo, a introspecção, resultante de problemas de relações interpessoais e a dificuldade de equilíbrio.

Essa etapa da vida, muitas vezes torna as pessoas mais impacientes, intolerantes, mais irritadas. Por outro lado, muitos apresentam características inversas, são mais pacientes, humildes, carentes e afetuosos.

A Lei 8.842/1994, Lei da Política Nacional do Idoso, em seu art. 2ª, dispõe que

“Considera-se idoso, para os efeitos desta lei, a pessoa maior de sessenta anos de idade”.

O envelhecimento é uma etapa natural da vida que atinge aspectos biológicos e psicológicos, porém vale lembrar que não é um processo que acontece de forma linear para todos os seres humanos, está estritamente relacionado a fatores das fases anteriores vividas pelos indivíduos, das experiências adquiridas em família, e em outros espaços de convívio social.

Então, coaduna-se com Rute Bacelar (2002, p.29) quando afirma que

velhice não comporta um só conceito, porque não há equivalência sobre as características de uma pessoa em determinada idade, isto é, a idade cronológica pode não ser idêntica à biológica e social do indivíduo. O conceito cronológico seria determinado a partir os 65 anos nos países desenvolvidos, e dos 60

anos nos países em desenvolvimento.

Na concepção da autora, não há como conceituar a velhice tomando como base apenas o critério cronológico. Deve-se considerar as condições funcionais, físicas, mentais e de saúde que o velho apresenta.

Para Messy (1999, p. 18), “o envelhecimento é um processo que se inscreve na temporalidade do indivíduo, do começo ao fim da vida. É feito de uma sucessão de perdas e aquisições, à maneira dos movimentos vitais”.

Carvalho Filho (2007, p. 105) considera que o envelhecimento “pode ser conceituado como um processo dinâmico e progressivo, no qual há alterações morfológicas, funcionais e bioquímicas que vão alterando progressivamente o organismo, tornando-o mais suscetível às agressões intrínsecas e extrínsecas”.

Segundo Ávila (1978, p.27),

o que caracteriza a velhice não é a quantidade dos anos vividos. Nem é o estado das artérias, como dizia Metchnikof. Nem é anormalidade endócrina, como queria Pende. O que caracteriza a velhice é a perda dos ideais da juventude, é a dessintonização com a mentalidade do seu tempo, é o desinteresse pelo cotidiano nacional e internacional, é o humor irritadiço, é a desconfiança no futuro, o desamor ao trabalho.

Esses fatores, citados pela autora, desencadeiam sentimentos destrutivos de inutilidade e perda que acentuam os conflitos internos do velho, relacionados à desmotivação, dificuldade de se adequar a novos papéis sociais, sem estímulo para pensar e planejar o futuro.

É interessante ressaltar que no ambiente familiar, em muitos casos, temos um relacionamento cheio de decepções, quando o velho é visto pelos familiares como um peso, porque não tem uma função, não tem um papel

social. Assim, ele se isola socialmente, pois sente-se um entrave e torna-se acuado com medo de cometer erros. Por outro lado, há um cenário em que a família superprotege o velho que deixa de fazer tarefas simples e, cada vez mais, torna-se dependente de seus familiares, o que o torna inseguro emocionalmente.

Compreende-se que os cenários familiares apresentados precisam ser revistos, pois o velho necessita sentir-se útil, ocupar-se com atividades que o façam sentir prazer e felicidade, sentir-se parte importante desse grupo familiar.

Na busca de uma melhor qualidade de vida para o velho, Neri (2001, p.60) destaca que “trata-se de preparar e de oferecer meios à pessoa para que possa envelhecer bem, cuidando não apenas do aspecto físico, social e econômico, mas também das questões de vida interior”.

Também nessa perspectiva, Fabietti (2010, p.77) sublinha que “envelhecer saudavelmente significa, o resultado multidimensional entre saúde física, saúde mental, independência na vida diária, integração social, suporte familiar e independência econômica”.

Nesta linha, está a Lei Nº 10.741, de 1º de outubro de 2003, que dispõe sobre o Estatuto do Direito do Idoso, quando afirma que o velho tem direito a uma educação específica.

Art. 20. O idoso tem direito a educação, cultura, esporte, lazer, diversões, espetáculos, produtos e serviços que respeitem sua peculiar condição de idade.

Art. 21. O Poder Público criará oportunidades de acesso do idoso à educação, adequando currículos, metodologias e material didático aos programas educacionais a ele destinados.

§ 1º Os cursos especiais para idosos incluirão conteúdo relativo às técnicas de comunicação, computação e demais avanços tecnológicos, para sua integração à vida moderna.

§ 2º Os idosos participarão das comemorações de caráter cívico ou cultural, para transmissão de conhecimentos e vivências às demais gerações, no sentido da preservação da memória e da identidade culturais.

Art. 22. Nos currículos mínimos dos diversos níveis de ensino formal serão inseridos conteúdos voltados ao processo de envelhecimento, ao respeito e à valorização do idoso, de forma a eliminar o preconceito e a produzir conhecimentos sobre a matéria.

Entende-se que a educação é um direito de todos e é uma ferramenta capaz de permitir ao velho viver plenamente e enfrentar os desafios, ressignificar sua participação e seus espaços sociais. Assim, evidencia-se a importância da Universidade da Maturidade que pode facilitar o desenvolvimento da afetividade e permitir a integração do velho na sociedade. Além de estimular o pensar, instigar o fazer, trocar experiências, reformular o pensamento e promover o aprender. Como se percebe, o velho necessita estar engajado em atividades em que seja o protagonista da ação para sentir-se produtivo, sentir parte da vida ao seu redor. Além do que, no espaço acadêmico, as atividades em grupo podem mantê-lo engajado socialmente, e as relações com os outros acadêmicos têm valor significativo para melhor qualidade de vida.

Nesse cenário, faz-se necessário que o velho aja fisicamente, psicologicamente e socialmente para que tenha autonomia e independência. É aqui que se faz importante a UMA, onde o velho terá um convívio com outros velhos–acadêmicos, professores jovens e velhos, terá ocupação, ou seja, trabalhos, atividades em grupo que permitam o diálogo, a troca de carinho, troca de experiências, dúvidas e conhecimentos.

Daí vislumbra-se uma aprendizagem que acontece de forma contínua, como na chamada educação permanente definida por Bárcia (1982, p.63)

“como um processo de afirmação do indivíduo através da tomada de consciência para um autodeterminismo na condução de alternativas, a fim de dominar as diferentes situações em que será levado a viver”.

É certo que a UMA aparece como um espaço de convivência social que oportuniza uma educação permanente para que o velho possa adquirir novos conhecimentos e compreender-se como sujeito histórico tão importante na sociedade quanto qualquer outro. Mas, para que o processo pedagógico da Universidade da Maturidade seja efetivo, é preciso compreender que o papel da universidade é reintegrar o velho à sociedade, já que ao encerrar suas funções, aposentar-se, perde sua atuação social. Nesse sentido, é necessária uma metodologia diferenciada em que o professor priorize o desenvolvimento de vínculos afetivos com os acadêmicos nos espaços de aprendizagem, espaços esses que devem ser de acolhimento, de cuidado e segurança.

Entende-se, então, que a Escuta Sensível, de Barbier, é um instrumento metodológico adequado para a sala de acadêmicos UMA, visto que a postura do professor cria um ambiente acolhedor, em que eles sintam o cuidado do professor em escutar as dúvidas, anseios, sentimentos e experiências. Espaço esse de interação em que se revelam relações interpessoais, quando o velho aprende agindo e interagindo com outros e melhora a sua qualidade de vida.

ESCUA SENSÍVEL

A Escuta Sensível de Barbier (1998) é uma teoria psicossociológica existencial e multirreferencial que funciona em situações educativas, propõe três tipos de escuta: a científico-clínica: com a metodologia da pesquisa-ação; a poético-existencial: que relaciona-se com o imprevisível, referente às ações das minorias e das especificidades individuais, e a espiritual-filosófica: que preza pelos valores mais profundos, melhor dizendo, aquilo que dá sentido à vida, mais se investe naquilo que é íntimo, que é de cada um.

A escuta sensível opera, ainda, por meio de um eixo de vigilância, ancorado nos três tipos de imaginários: o pessoal-pulsional ligado às questões das pulsões, às forças que impulsionam o indivíduo a satisfazer seus desejos; o social institucional relacionado às significações imaginárias sociais, fruto das relevantes transformações estabelecidas pelas instituições e organizações e o sacral advindo de forças incontrolláveis: telúricas, ecológicas, cósmicas, como pandemias, com a morte e o não-ser.

Na escuta sensível, há uma ação de troca mútua entre a pessoa que fala e a pessoa que escuta. Nesse processo, os sujeitos se doam objetivando a aceitação da complexidade e completude do ser humano. Barbier (1997, p.94) dispõe que é

[...]uma escuta/ver que toma empréstimo muito amplamente a abordagem rogeriana em Ciências Humanas, mas pende para o lado da atitude mediativa do sentido oriental do termo. A escuta sensível apoia-se na empatia. O pesquisador deve saber sentir o universo afetivo, imaginário e cognitivo do outro para "compreender do interior" as atitudes e os comportamentos, o sistema de ideias, de valores de símbolos e de mitos.

Na turma da terceira idade, o professor deve estar disponível para escutar o aluno nos momentos de dúvida e anseios, precisa ser sensível, criar um ambiente que possibilite aos alunos expressar sentimentos e exporem suas ideias sem receio, que tenham prazer em interagir com o professor e colegas. Ainda, conforme o autor, faz-se necessário considerar que ouvir para compreender carece de uma sensibilidade maior em relação ao outro, que somente será alcançada se o espaço for criado para o diálogo autêntico.

As atividades desenvolvidas ao longo do curso são espaços de interação e nesse espaço o comportamento de cada indivíduo deve tornar-se estímulo para outro. A interação professor-acadêmico vai além dos limites profissionais, ela não se limita a um processo unilateral de ensinar e de aprender. Segundo

Barbier (2002), é preciso conhecer, embrenhar-se nos processos subjetivos, ansiando a consciência e mudanças das condições, criando uma relação democrática, entre iguais, não obstante considerando que há especificidades em cada um

Corroboram com as ideias expressas, Tunes, Tacca e Bartholo Júnior (2005, p. 690), quando afirmam que

[...] um grupo de alunos e seu professor estão mergulhados em diferentes possibilidades interativas. A despeito de desempenharem funções inerentes a papéis que lhes são reservados, e tidos como esperados, na instituição escolar estão em processo contínuo de criação intersubjetiva de significados que, por sua vez, podem gerar novas possibilidades de relação. Nesse processo, integram-se histórias de vida com inúmeras experiências e vivências, tornando-se presentes e se atualizando sentidos subjetivos.

Ora, entende-se que a escuta é um processo essencial nas relações interpessoais, visto que oportuniza maior aproximação dos sujeitos que se relacionam. É por meio da escuta que é possível reconhecer o outro, aceitá-lo, desenvolver a confiança mútua entre o que fala e o que escuta e promover a aproximação dos sujeitos. Então, na prática docente, o professor precisa estar atento ao que é dito, ao que as palavras expressam, isso está estritamente ligado a ouvir com atenção, o que, na maioria das práticas pedagógicas, está longe de existir.

Segundo Barbier (2007, p.18), “no desempenho do seu papel o professor deve ater-se especialmente ao vínculo que estabelece com os alunos nos espaços de aprendizagem, já que é essencial para criar um espaço de acolhimento e segurança”.

Ora, entender a intervenção das subjetividades do professor e dos alunos no processo de ensino-aprendizagem é no mínimo intrigante, pois

implica uma relação afetiva e dialógica e que envolve não apenas as aulas, mas tudo relacionado ao processo pedagógico. Na opinião de Barbier, o professor é responsável por cuidar, por saber escutar o outro, por construir pontes por meio da afetividade para que os alunos sejam ajudados, para que sejam estimulados a aprender, a participar.

Para Roger (1977), a escuta sensível está intrinsecamente ligada à empatia. O autor afirma que o modo de ser em relação ao outro, que chamamos de empatia, tem várias faces. É necessário adentrar-se no mundo interior perceptual do outro e sentir-se à vontade nele. Isso envolve atenção, sensibilidade para as mudanças que se detecta na outra pessoa, ou nos significados que ela compreende, ou seja, as várias reações: medo, raiva, confusão, insegurança, afetividade, ou melhor, o que a outra pessoa está passando, significa o entendimento da percepção da realidade do outro para compreender seu comportamento.

Então, é preciso ter sensibilidade para compreender as mais variadas reações existentes na sala de aula. A sensibilidade do docente é percebida desde seu planejamento, na escolha das palavras e nos gestos. Compreende-se que as palavras interferem no dito, nas relações que se constroem no corpo social em que se está inserido. Corroborando com essa concepção, Bakhtin (1978, p.328) afirma que “mergulhando ao fundo de si mesmo o homem encontra os olhos do outro ou vê com os olhos do outro.

Entende-se que é por meio de um diálogo aberto que o professor pode desenvolver implicações marcadamente afetivas, claro que positivas, o que com certeza irá interferir na futura relação que se estabelecerá entre o acadêmico e professor, bem como o objeto de conhecimento em questão. Segundo Rogers (1977, p.83)

A empatia faz diferença quando o professor demonstra que compreende o significado, para o aluno, das experiências em sala de aula, a aprendizagem melhora [...] o estudante percebe em

sala de aula que se encontra num clima propício à aprendizagem das matérias escolares quando diante de um professor que o compreende.

O professor que assume essa postura decorrente de um processo empático é visto pelo aluno com apreciação, aceitação e confiança. Para Barbier (1993, p.212), “a pessoa só existe pela atuação de um corpo, de uma imaginação, de uma razão, de uma afetividade em interação permanente. A audição, o tato, o gosto, a visão e o olfato precisam ser desenvolvidos na escuta sensível.

Ora, então a escuta sensível está relacionada a uma presença meditativa, adicionada ao sentido da consciência do estar aqui, do aqui e do agora, reconhecidos no menor gesto. Percebe-se o outro em sua totalidade, dotado de liberdade e pensamento criador.

O professor de alunos velhos deve assumir o desafio de gerir a mediação pedagógica e a complexidade das relações entre os elementos desse espaço. Para Vasconcellos (2003, p. 58-59),

O professor, além de ter um importantíssimo papel de dispor os objetos de conhecimento considerados socialmente relevantes, participa deste processo assim como o catalisador na reação química: não entra propriamente na reação, mas, por sua presença e atuação, ajuda a desencadeá-la; é um elemento dinamizador, que acelera o processo.

Assim, apesar de saber que os fenômenos afetivos são de natureza subjetiva, compreende-se, também, que estão diretamente relacionados à qualidade das interações entre os sujeitos, enquanto experiências vivenciadas. Nesse cenário, a preocupação docente deve possibilitar a interação e intervir para garantir conexões de qualidade que permitam a desconstrução, construção e reconstrução do conhecimento.

Entende-se que a escuta sensível é base importante de um trabalho pedagógico que tem por base a interação e a motivação para favorecer a participação ativa do acadêmico, favorecer as relações com os colegas e professores, criando vínculos. Ao falar em vínculos, com certeza aborda-se a empatia, o diálogo e a afetividade que são muito importantes nas correlações psicossomáticas básicas e, ainda, exercem grande influência na percepção, na memória, no pensamento, na vontade e na ação.

DISCUSSÃO SOBRE ELO DE SUCESSO: ESCUTA SENSÍVEL X UMA

O projeto da Universidade da Maturidade UMA está presente em 6 cidades do Tocantins: Palmas, Porto Nacional, Dianópolis, Paraíso, Tocantínia e Araguaína. O Projeto tem como coordenadores: Pós Doutora Neila Barbosa Osório e Pós Doutor Luiz Sinésio da Silva Neto.

Para Osório (2012), o projeto de extensão da Universidade Federal do Tocantins é uma proposta pedagógica, voltada à melhoria da qualidade de vida da pessoa adulta e dos velhos, e visa à integração dos mesmos com os alunos de graduação, identificando o papel e a responsabilidade da Universidade em relação às pessoas de terceira idade. Afinal, dentre as instituições públicas e privadas, a Universidade parece ser, no momento, a mais adequada e capaz de estruturar para responder às necessidades específicas para pessoas acima de 45 anos.

A educação permanente possibilita a participação social e cultural dos indivíduos, com o objetivo de melhorar as relações interpessoais e qualidade de vida dos velhos, levando-os a entender melhor o mundo a sua volta e a fazer planos para o futuro. A proposta da educação permanente é que, além de aprender a ser, o indivíduo viva para aprender.

Segundo Sousa; Osório; Sinésio (2013)

As Universidades da Terceira Idade surgiram com o

intuito de proporcionar ao velho melhor convívio social, ampliação das relações sociais, descobertas de novas habilidades, propicia-lhes saúde, energia e interesse pela vida, bem como desconstruir a imagem negativa de velhice ainda expressiva na sociedade.

Nesse cenário de necessidade de uma educação que permita a formação individual durante toda a vida, a Universidade da Maturidade surge como um espaço para aprimoramento, busca de conhecimentos, troca de saberes acumulados durante a vida e espaço de convivência social que permite ao velho compreender-se como parte da sociedade como sujeito histórico.

Quando falamos em um espaço de aprendizagem para velhos, é necessário focar em suas necessidades, portanto é necessário reinventar esse espaço social para atender as demandas do velho. Segundo Rodrigues (2000, p.55), “a velhice útil e feliz não pode ser um mito. Cabe à sociedade a responsabilidade de redefinir social e culturalmente o significado de velhice, possibilitando o resgate desse grupo etário.” Entende-se que, na UMA, o velho pode descobrir-se e encontrar novas habilidades, novas fontes de prazer, viver novas experiências, aumentar as relações sociais e planejar o futuro, vislumbrar uma nova forma de viver essa fase da vida.

Para isso, faz-se necessário que esse espaço seja de cuidado, de escutar, de ouvir o que o outro tem a dizer, e o que diz sem falar. É captar sensações e sentimentos, e para que isso ocorra, o professor envolvido nesse processo deve doar-se, entregar-se inteiramente nessa escuta do que o velho diz, é ser cúmplice, é cuidar. Isso exige atenção, disponibilidade para compreender o velho-acadêmico em sua condição humana, é desenvolver a empatia, é compreender atitudes, sentimentos e intenções, é permitir ao outro colocar-se diante de nós. Conforme depoimento abaixo.

Acadêmica A

Após ficar viúva, uma companheira amiga, a sogra de meu filho Wellington, uma amiga chamada Antônio Mesquita, muito decidida me pegou pelo braço e me levou até a UMA. Está comigo em todos os projetos da UMA. Ela é meu suporte. O nome já diz UMA. Uma oportunidade para lançarmos em voos solos. Um local onde somos esclarecidos de nossos direitos e deveres.

Temos a oportunidade de enriquecermos culturalmente, temos a oportunidade de fazermos amigos, temos festas para descontrair, esportes, viagens e UMA família que estamos construindo. Somos valorizados pelas nossas experiências de vida. Somos enaltecidos pelo que fizemos, pelo que somos e também pelos nossos projetos futuros.

O texto da aluna evidencia a importância da Universidade para ela, a diferença que os conhecimentos adquiridos e as novas informações fizeram em sua vida. A forma como foi tratada, a valorização das experiências, o ser ouvida, a forma como os professores e as outras pessoas envolvidas no processo a escutaram. E como foi possível vislumbrar oportunidades de fazer planos para o futuro a fizeram feliz.

Tudo isso só ressalta que a Escuta Sensível como instrumento metodológico faz toda a diferença, pois os acadêmicos revelam que ao serem ouvidos, são também compreendidos, respeitados e valorizados. Isso faz com que mudem sua concepção de velhice, faz se sentirem capazes, sentirem-se ativos, tudo isso melhora sua qualidade de vida.

Compreende-se como um processo de envelhecimento saudável, aquele em que o velho se movimenta fisicamente, psicologicamente e socialmente e, para isso, é necessário que a Universidade faça da Escuta Sensível um instrumento metodológico. Dessa forma, percebe-se que ser acadêmico da

universidade possibilitou elevar autoestima e aumentou a interação e percepção de tudo que ainda pode fazer, apesar da idade.

A importância da UMA para os velhos, e como a relação de cuidado faz-se fundamental para melhorar as relações interpessoais e a participação social é revelada nas palavras a seguir.

Acadêmica B

Na UMA aprendemos a valorizar o que o mundo se nega a enxergar, a nossa velhice, nossas experiências, nossas vivências, os velhos estão vivendo mais e precisando conviver em grupos, pois muitos, mesmo no seio da família são abandonados deixados de lado. Os jovens hoje têm todas as tecnologias, que para muitos velhos ainda é assustador, mas podemos passar para eles tudo que usamos e tivemos no passado, e que eles só verão em museus e fotos. Nosso lema é "É preciso saber viver", Quem sabe faz a hora, não espera acontecer.

Saber viver e passar a pensar mais em você, se amar, se gostar, aproveitar todas as oportunidades que a vida oferece, pois, nosso momento é hoje,

agora, já, amanhã talvez não tenhamos mais tempo. O protagonista de nossa história somos nós mesmos, e temos que deixar legado para nossos herdeiros.

Percebe-se que a UMA possibilitou à acadêmica reconhecer que apesar de haver ainda preconceitos em relação à velhice, os velhos estão buscando o seu espaço, valorizando seu conhecimento, suas experiências e, por meio da interação social no espaço acadêmico, estão encontrando novas formas para se valorizar e sentirem-se felizes. E tudo só é possível porque as pessoas envolvidas no processo educacional usam da escuta sensível de forma a oportunizar ao velho agir, pensar para levá-lo a perceber-se como ser pensante, que precisa de conhecimentos e novas experiências, bem como necessita de

atenção, afetividade e cuidado. Ratifica essa ideia Castro (2001, p.68) quando afirma que “os velhos precisam de um espaço de fala que torne possível uma resignificação de seu eu. Algo que lhes permita relançar o desejo e manter o olhar sobre si.”

Acadêmica C

Em 2016 conheci o projeto UMA, aprendi envelhecer com saúde, alegria e entusiasmo e fiz maravilhosos amigos, conheci também uma pessoa admirável na qual eu me inspiro que é minha mãezona a Dr^a Neila e ainda ganhei mais um neto, ou seja, agora tenho 10, meu querido Dr^o Luiz Neto, pessoas com as quais aprendo muito a cada dia.

Percebe-se que acadêmica e professores desenvolveram sentimentos de afetividade e cumplicidade, princípios básicos da Escuta Sensível: compreender por empatia e relação de confiança.

Segundo Barbier (2002), a Escuta Sensível apoia-se no compreender por empatia, sentir o universo afetivo, imaginário e cognitivo do outro, para poder compreender atitudes, comportamentos, sistemas de ideias, de valores e de símbolos, é a aceitação incondicional, não julga, não mede, não compara, não interpreta, simplesmente aceita o outro.

Na fala das acadêmicas, percebe-se que há um comprometimento de toda a equipe em entender a carregada carga de subjetividade do discurso silencioso dos velhos. Como na fala a seguir.

Acadêmica D

Hoje já faço parte da UMA, conheci pessoas incríveis aqui consegui minha segunda família. Agora estou completa, sou grata por tudo que Deus me fez. Agradeço meus amigos, meus professores e minha família por me fazer feliz. Obrigada Deus.

O depoimento da acadêmica evidencia que as pessoas envolvidas no processo pedagógico da UMA conseguem uma interação com muita sensibilidade e empatia, o que fortalece as relações interpessoais. Está explícito no depoimento que estar e fazer parte da UMA faz a diferença na vida da acadêmica, torna-a mais feliz. Percebe-se que sua felicidade está em estar se constituindo como alguém que por meio de uma constante interação com outras pessoas está reconstruindo a sua realidade.

Nesse cenário, entende-se que a escuta sensível, por meio do diálogo aberto e sincero, é o instrumento metodológico que faz toda a diferença no processo pedagógico, pois os depoimentos desvelam que há um cuidado em compreender o universo afetivo do outro, há a compreensão dos atos, atitudes e comportamentos, o que segundo Barbier (2002) é compreender a existencialidade interna.

É visível que, no espaço da UMA, o ambiente estabelecido é de aceitação/empatia entre professores e seus alunos, há o cuidado em saber ouvir, interagir e discutir. Nesse cenário, é aparente a compreensão docente das limitações da terceira idade, e a busca, por meio do convívio social, despertar a motivação para novas conquistas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O discurso dos alunos da terceira idade revelam que a participação na universidade da terceira idade é capaz de proporcionar alegrias e satisfações, e que sonhos podem ser sonhados e valorizados, e os dias podem ser bem vividos por meio das relações interpessoais, de trocas de experiências e objetivos para serem alcançados.

Ainda, compreende-se que a postura dos profissionais envolvidos na UMA é de sensibilização, procuram compreender, numa relação de afetividade, os sentimentos, a história da vida dos seus acadêmicos. Faz-se assim presente

a Escuta Sensível de Barbier, quando depreende que o velho para se sentir parte da sociedade, produtivo e tornar-se ativo socialmente, necessita contato com a sua afetividade, entendê-la e expressá-la. Isso só acontece quando o velho se autoconhece e se aceita, respeita a si e ao outro, aumenta a autoestima, reconhecendo suas possibilidades e limitações, e também as do restante do grupo.

Durante o trabalho, constatou-se que os velhos, principalmente as mulheres, revelaram o desejo de partilhar seus anseios, medos e frustrações e encontraram na equipe da UMA a escuta sensível, o desenvolver de uma relação de confiança, o compreender por empatia, o diálogo em que há uma relação de parceria, carinho e cuidado, o que possibilita aos acadêmicos reconstruírem suas histórias, ter qualidade de vida.

Na UMA, a construção de vínculos afetivos entre professor e acadêmicos é perceptível, o que é fundamental para consolidar os laços de confiança, carinho, proteção e cuidado. Isso possibilita aos velhos, acadêmicos da Universidade, construir e reconstruir suas histórias, procurarem nos novos conhecimentos a motivação necessária para envelhecer de forma saudável com perspectivas de futuro, isso é qualidade de vida.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2004.

BARCIA, Mary F. **Educação Permanente no Brasil**. Petrópolis, Vozes, 1982.

BARBIER, René. **A Escrita Sensível em Educação**. Cadernos ANPED, n.5, UFMG,

_____. **A Pesquisa-ação**. Trad. Lucie Didio. 2.ed. Brasília: Liber livro, 2007.

1993.

BRASIL. Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Lei N. 10.741, de 1º de outubro de 2003 (Estatuto do Idoso)**. Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.741.htm. Acesso em: 10.05.2017.

_____. Lei n.º 8842 (1994, 4 de janeiro). **Dispõe sobre a Política Nacional do Idoso**. Brasília.

BOFF, Leonardo. **Princípios da compaixão e cuidado**. São Paulo: Vozes, 2000.

CARVALHO FILHO, E. T. de. **Filosofia do Envelhecimento**. In: PAPALÉO NETO, M. Tratado de Gerontologia. São Paulo: Atheneu, 2007.

FABIETTI, D. M. C. F. **Cuidando do Idoso: a saúde e a doença**. In: GONÇALVES, R. P. Envelhecer Bem, recriando o Cotidiano. Rio de Janeiro: Aquariana, 2010.

FREIRE, Paulo, **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 29ª Ed. São Paulo, editora Paz e Terra, 2004. GOBLOT, Edmond, A Barreira e o nível: retrato da burguesia francesa na passagem do século, Campinas, SP, editora Papirus, 1989.

NERI, A. L. **Envelhecer num país de jovens**. 1ª ed. Campinas: Ed. Unicamp, 1991, 178p.

ROGERS, Carl R. **A pessoa como centro**. Trad: Rachel L. Rosenberg. São Paulo: EPU, 1977.

SOUSA, D. M.; OSÓRIO, N. B. ; SINESIO, Luiz . **UNIVERSIDADE DA MATURIDADE: ressignificando vidas**. In: VI Jornada Internacional de Políticas Públicas- O desenvolvimento da crise Capitalista e a atualização das lutas contra a exploração, a dominação e a Humilhação, 2013, São Luís- MA. VI Jornada Internacional de Políticas Públicas- O desenvolvimento da crise Capitalista e a atualização das lutas contra a exploração, a dominação e a Humilhação, 2013.

TUNES, E.; TACCA, M. C. V. R.; BARTHOLO JÚNIOR, R. dos S. **O professor e o ato de ensinar**. Cadernos de Pesquisa, v. 35, n. 126, p. 689-698, set./dez. 2005.

VASCONCELLOS, C.S. **Para onde vai o professor? Resgate do professor como sujeito de transformações**. São Paulo: Libertad, 2001.

TROCA DE SABERES TRADICIONAIS: CONEXÕES NA UNIVERSIDADE DA MATURIDADE SOBRE O BENZER, REZAR E CURAR

Nubia Pereira Brito Oliveira¹⁸
Neila Barbosa Osório¹⁹
Luiz Sinésio Silva Neto²⁰
Marlon Santos de Oliveira Brito²¹
Djanires Lageano Neto de Jesus²²
Débora Fittipaldi Gonçalves²³
Amanda Pereira Costa²⁴
Eduardo Aoki Ribeiro Sera²⁵
Antonia Raquel Lima Camargo Zottos²⁶
Eliana Zellmer Poerschke Farencena²⁷

RESUMO

O artigo discute a relevância dos saberes tradicionais de benzer, rezar e curar em comunidades brasileiras, com foco nas regiões do Pantanal, Cerrado e Amazônia. O estudo é baseado nas experiências vivenciadas durante o "Encontro de Troca de Saberes Tradicionais", realizado em Palmas, Tocantins, que reuniu praticantes tradicionais, pesquisadores e profissionais da educação e saúde. O objetivo é promover o intercâmbio entre esses saberes populares e o conhecimento acadêmico, ao descrever um espaço de cooperação e respeito

¹⁸Mestre em Educação, Universidade Federal do Tocantins, Palmas - TO,
e-mail: professoranubiabrito@gmail.com

¹⁹Doutora em Educação, Universidade Federal do Tocantins, Palmas - TO,
e-mail: neilaosorio@uft.edu.br

²⁰Doutor em Ciências e Tecnologias em Saúde. E-mail: luizneto@uft.edu.br. Orcid:
<https://orcid.org/0000-0002-3182-7727>, Universidade Federal do Tocantins, Palmas - TO,
e-mail: luizneto@uft.edu.br

²¹Doutorando em Educação na Amazônia, Universidade Federal do Tocantins, Palmas - TO,
e-mail: marlonoliveirabrito@gmail.com

²²Doutor em Educação, Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Campo Grande - MS,
e-mail: netoms@uems.br

²³Doutora em Educação, Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Campo Grande - MS,
e-mail: defittipaldi@uems.br

²⁴Mestre em Educação, Universidade Federal do Tocantins, Palmas - TO,
e-mail: amandapcosta@hotmail.com

²⁵Doutor em Educação na Amazônia, Universidade Federal do Tocantins, Palmas - TO,
e-mail: eduardosera@live.com

²⁶Especialista em Trabalho Social com Família, Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Campo Grande - MS, e-mail: antonia.zottos@uems.br

²⁷Doutoranda em Educação na Amazônia, Universidade Federal do Tocantins, Palmas - TO,
e-mail: elianafarencena@unirg.edu.br

mútuo. A pesquisa é qualitativa, guiada pela Fenomenologia, e utiliza entrevistas semiestruturadas e análise de conteúdo para compreender as práticas tradicionais. Os resultados indicam uma diversidade de abordagens para o benzer, rezar e curar, com destaque para três representantes: uma cigana, uma sacerdotisa e uma professora universitária, que variam conforme a região e o grupo social. As conclusões apontam a espiritualidade como um ponto de convergência entre os saberes tradicionais e científicos, sugerindo a necessidade de uma abordagem holística e inclusiva que valorize e preserve esses conhecimentos nas áreas da educação e saúde.

Palavras-chave: Saberes, benzer, rezar, curar, educação e saúde

INTRODUÇÃO

Os saberes tradicionais que envolvem o benzer, rezar e curar, são práticas que têm sido transmitidas por gerações em diversas regiões do Brasil (Brandão, 1980). Ao estudar “os deuses do povo”, Brandão (1980) afirma que esses conhecimentos populares são profundamente enraizados em comunidades brasileiras e percebemos esse universo, que torna-se um “rizoma” (Guattari e Deleuze, 1994), entre as pessoas que habitam os biomas do Pantanal, Cerrado e Amazônia. Pessoas que compartilham saberes que continuam a desempenhar um papel significativo na educação e na saúde e, concomitantemente, no bem-estar dessas populações.

O “Encontro de Troca de Saberes Tradicionais: Conexões Pantanal, Cerrado e Amazônia sobre o Benzer, Rezar e Curar”, foi uma iniciativa realizada em Palmas, capital do Tocantins, no polo da Universidade da Maturidade (UMA), com a participação dos polos de Campo Grande da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), e de Palmas, da Universidade Federal do Tocantins (UFT). O que divulgamos neste trabalho é fruto das anotações de nossas percepções alinhadas com referenciais teóricos que buscamos para compreender o que vivenciamos nesse encontro.

Justificamos a produção diante da troca de experiências e conhecimentos que o evento promoveu entre praticantes tradicionais, pesquisadores e profissionais da educação e da saúde, com foco em conexões espirituais, ou

seja, com saberes tradicionais de recuperação psíquica (Saraceno, 1999), como o benzer, rezar e curar. Que, na visão de Brandão (2002), são práticas que envolvem conhecimentos populares enraizados em comunidades, que colaboram com as interpretações da Educação Popular como cultura e discutem a importância da troca de experiências para o diálogo entre saberes tradicionais e científicos.

O objetivo desta publicação é primeiramente promover o intercâmbio de saberes entre praticantes tradicionais e acadêmicos, ao integrar conhecimentos de benzer, rezar e curar que Saraceno (1999) chama de práticas de “recuperação psíquica”. Ao mesmo tempo em que investigamos: a) como a Academia amplia a valorização de saberes tradicionais das comunidades do Pantanal, Cerrado e Amazônia; b) como acontece a criação de um espaço de cooperação e respeito mútuo entre praticantes tradicionais, pesquisadores e profissionais da educação e da saúde; c) como a Universidade pode fortalecer práticas de benzer, rezar e curar conectadas com conceitos científicos. Ou seja, alcançamos a visão de Bosi (2003), na missão institucional da Universidade, aqui representada pela UMA, em sua proposição de integrar os saberes populares com abordagens científicas no campo da educação, saúde e bem-estar.

Os métodos são qualitativos e seguem a Fenomenologia (Trivinos, 1987) que culminam no que é percebido e compreendido pelos autores, que vivenciaram uma parte da vasta programação, especificamente em três momentos distintos: a conferência de abertura, a roda de conversa sobre o benzer, rezar e curar, e o encerramento. Ao passo que o evento teve outros momentos igualmente importantes, mas, por razões técnicas da produção deste artigo, não estão descritas aqui. De modo que seguimos Marconi e Lakatos (1996) na troca dialógica, ao envolver entrevistas semiestruturadas alcançadas em nossas conversas com os participantes, registros que fizemos durante o evento, e a pesquisa bibliográfica realizada na parte da análise de conteúdo (Bardin, 2011).

Seguimos esse caminho diante de um escopo de autores e teorias que envolve, entre outros, Brandão (1980), Saraceno (1999) e Bosi (2003), quando recomendam imersões e vivências que consigam aproximar conceitos e práticas tradicionais de educação e de saúde em prol do bem-estar das comunidades. Sobre isso, Brandão (1980) afirma que no Brasil essas práticas têm sido transmitidas de geração em geração, e constatamos essas particularidades em resultados de pesquisas que abrangem o Pantanal, Cerrado e a Amazônia.

Acompanhamos nessa percepção o universo simbólico da espiritualidade e seguimos o que Merleau-Ponty (2013) mencionou ao discutir o “corpo” e as “noções de espírito” e de “natureza”, que deslocam para um debate fenomenológico em prol da ontologia do ser humano. De modo que, como representantes da Academia, queremos destacar o que foi discutido no encontro para além dos saberes tradicionais até os acadêmicos e profissionais de áreas como educação e saúde. Tal incentivo é dado por autores como Trivinos (1987) em prol de trabalhos acadêmicos que compartilhem experiências e conhecimentos com atenção especial ao respeito pelas diferentes formas de saber e às particularidades culturais de cada região, contexto histórico e realidade.

Os resultados demonstram que há uma rica diversidade de práticas de recuperação psíquica nas regiões do Pantanal, Cerrado e Amazônia. Embora o benzer, rezar e curar sejam práticas comuns, as formas como elas são realizadas e os significados atribuídos a elas variam conforme a região e o grupo social. Tais conclusões são apresentadas em um contexto bibliográfico que envolve o universo de Martinic, Gadotti e Torres (1994) sobre o saber popular e identidade, enquanto utopia para a Educação popular latino-americana. Ou seja, são compreensões que alcançamos sobre o benzer, rezar e curar, na parte de análise dos dados, tendo em vista que o Encontro proporcionou uma oportunidade para que essas diferenças fossem respeitadas e compreendidas.

Já na conferência de abertura do evento percebemos uma reflexão sobre o tema “Ritos de Cura: Convergência de Tradições e Práticas”, ministrada por uma tríade de profissionais de distintas áreas: Baiana Kalin, renomada cigana e benzedeira de Palmas - Tocantins; a sacerdotisa Nair Rech, representante das religiões de matrizes africanas, da cidade de Campo Grande - Mato Grosso do Sul; e Neila Osório, professora e pesquisadora na área de educação intergeracional e políticas públicas para pessoas idosas, de Palmas - Tocantins.

As conclusões apontam que a estratégia da UMA em promover o encontro, valoriza e integra saberes tradicionais sobre o benzer, rezar e curar com os conhecimentos científicos. Pois, com base nos resultados obtidos neste estudo, reforça-se que a espiritualidade possui potencial para a colaboração entre os dois campos (educação e saúde). Entre essas ideias destacamos a necessidade de uma abordagem holística e inclusiva para a continuidade desse diálogo, em prol da preservação dos saberes tradicionais e para o fortalecimento de práticas de educação e saúde que reconheçam e respeitem o benzer, rezar e curar no contexto das regiões e comunidades do Pantanal, Cerrado e Amazônia.

CAMINHOS PERCORRIDOS

A metodologia utilizada neste estudo é de caráter qualitativo, guiada pela abordagem fenomenológica, conforme orientações de Trivinos (1987). Ao escolhermos a fenomenologia, nesse contexto, buscamos entender a realidade a partir da experiência vivida e percebida, diante de nossa observação participante de momentos específicos da vasta programação do “Encontro de Troca de Saberes Tradicionais: Conexões Pantanal, Cerrado e Amazônia sobre o Benzer, Rezar e Curar”. Especificamente, neste artigo, concentramos em três momentos distintos: a conferência de abertura, a roda de conversa sobre benzer, rezar e curar, e o encerramento. Embora o evento tenha incluído outros

momentos igualmente significativos, por limitações técnicas e metodológicas, eles não serão descritos aqui.

A pesquisa também segue o que Marconi e Lakatos (1996) denominam de "troca dialógica". Esse processo ocorreu por meio da utilização de questões semiestruturadas, que foram levantadas em conversas com os participantes durante o evento. Essa abordagem permitiu uma maior flexibilidade nas entrevistas, possibilitando que os entrevistados expressassem suas percepções de maneira espontânea e natural, sem estar presos a um questionário rígido. Além disso, registramos anotações extensivas durante os diferentes momentos do evento, o que nos ajudou a enriquecer a análise qualitativa.

Outro aspecto importante desta pesquisa foi a análise de conteúdo realizada com base nas contribuições de Bardin (2011). A pesquisa bibliográfica complementou a interpretação das falas dos participantes e das anotações feitas em campo, durante e após o evento, com visão ampla e contextualizada sobre os temas abordados, especialmente em relação às práticas de benzer, rezar e curar, e suas interfaces com a educação e saúde. Ao passo que em nossa análise de conteúdo identificamos as categorias centrais que emergiram das interações e debates no evento e, para fins didáticos, compartilhamos neste trabalho na forma de tabelas.

A fim de situar nossas experiências dentro de um quadro teórico, seguimos as ideias de Merleau-Ponty (2013), que aborda o corpo e o espírito como dimensões interconectadas. Além disso, foi esse pensamento que nos orientou para uma compreensão da dimensão do benzer, rezar e curar além da prática religiosa, até questões ontológicas do ser humano. O autor discute sobre a "ontologia do ser selvagem" e nos ajuda a ver o corpo como um ponto de interseção entre o natural e o espiritual, algo que se reflete nas práticas observadas, especificamente neste trabalho, no viés de recuperação psíquica.

Por fim, procuramos articular essas experiências com conhecimentos acadêmicos e profissionais, especialmente das áreas de educação e saúde.

Ambos intrinsecamente ligados aos objetivos do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/UFT) e Programa de Pós-Graduação em Educação na Amazônia (PGEDA/Educanorte). Tal integração é incentivada por Trivinos (1987), ao defender trabalhos acadêmicos com particularidades culturais da região, contexto histórico e realidade social.

CIGANA BAIANA KALIN: "UMA MULHER SIMPLES, HERDEIRA, QUE QUER AJUDAR"

Na observação participante, anotações e conversas semiestruturadas que alcançamos com a cigana Baiana Kalin, notamos uma figura central no cenário de benzer, rezar e curar da cidade de Palmas. É uma "cigana e benzedeira de grande renome em nosso estado", ouvimos de um dos presentes com sentimento de respeito. "Sou uma mulher simples, não quero que tenhais medo de mim, mas sou herdeira de uma linhagem de curandeiras, que utiliza seus dons para auxiliar pessoas que buscam alívio, para seus males físicos e espirituais" (Kalin, 2024), ela mesma se apresentou no evento.

Ao observar as práticas e falas de Kalin (2024), identificamos elementos que Araújo (2011) descreve como "práticas carregadas de fé, espiritualidade e sabedoria popular" (Kalin, 2024). Essas práticas, enraizadas nas tradições ciganas, são transmitidas de geração em geração, o que posiciona a cigana como uma guardiã dos saberes de sua comunidade. Ou seja, o papel dela vai além do perpetuar rituais; pois, seu cotidiano estabelece um elo entre o passado e o presente, necessário para a sobrevivência de práticas educativas de educação e saúde de sua comunidade.

Bosi (2003) reforça a importância da memória coletiva na preservação desses saberes tradicionais. Afinal, o tempo, segundo Bosi (2003), não apenas passa, mas vive na memória daqueles que carregam os valores e as práticas herdadas de seus antepassados. Nesse sentido, Kalin (2024) atua como uma

figura de manutenção do "tempo vivo" da cultura tocantinense, portanto, amazonense, e se torna uma líder na perpetuação de uma continuidade que reforça o papel do benzer, rezar e curar em seu povo.

Essas conclusões, elencadas na Tabela 1, envolvem conceitos teóricos de Certeau (2009) quando nos convida a um olhar sobre a prática cotidiana e a maneira como os indivíduos ressignificam suas tradições e saberes. Certeau (2009) chama de "artes de fazer", ou seja, ações presentes no que observamos em Kalin (2024), que adapta seus conhecimentos e rituais às necessidades contemporâneas de sua comunidade. Dessa forma, as práticas ciganas de rezar, benzer e curar se reinventam e se fortalecem, com uma notável capacidade de adaptação.

Essas adaptações são citadas por Chartier (1991) ao explorar a noção do "mundo como representação", ao passo que verificamos no encontro da Universidade da Maturidade (UMA) como diferentes grupos podem construir e preservar suas identidades culturais por meio de práticas educativas e de saúde. Tais práticas podem ser simbólicas em atos de fé, mas também em representações de identidade, como as que a cigana Kalin (2024) buscou consolidar ao compartilhar significados com os presentes.

Durante a conferência de abertura, a cigana compartilhou sua visão sobre a importância de integrar fé e espiritualidade nos processos de benzer, rezar e curar, destacou conceitos que são defendidos nos trabalhos de Araújo (2011), Andrade e Correia (2008), Bareicha (2013) e Brandão (1989 e 2002), com destaque para a relevância da conexão com o sagrado e o respeito pelos rituais. Por exemplo, em suas falas que enfatizam a conexão do corpo e do espírito intrinsecamente conectados (Merleau-Ponty, 2013): "A gente é procurada quando as pessoas não conseguem ser atendidas pelos médicos, eles têm muito saber, mas a gente também ajuda com o que aprendemos com nossos ancestrais" (Kalin, 2024), e "em tempos em que a medicina não resolve, precisamos da ajuda espiritual, cuidar do corpo e da alma. Se a alma está

doente, o corpo fica doente" (Kalin, 2024). Neste caminho, na Tabela 1, organizamos essas observações com a cigana Baiana Kalin:

Tabela 1: Descrições, percepções e análises com a cigana Baiana Kalin

Aspecto Observado	Descrição	Referências Teóricas
Figura central no cenário de benzer, rezar e curar	Baiana Kalin é destacada como uma das figuras centrais em Palmas no campo do benzer, rezar e cura espiritual. Os participantes demonstram respeito e temor ao seu redor.	Araújo (2011) sobre práticas carregadas de fé e espiritualidade.
Apresentação pessoal e empoderamento técnico espiritual	Baiana Kalin se apresenta como uma mulher simples, mas herdeira de uma linhagem de curandeiras, enfatizando seu papel de benzedeira e auxiliar de pessoas.	Bareicha (2013) sobre a educação e exclusão social na perspectiva dos ciganos e dos não ciganos.
Conceito de fé e espiritualidade	Durante a conferência, Baiana Kalin fala sobre a integração de fé e espiritualidade nos processos de benzer, rezar e curar, destacando a importância da conexão com o sagrado e o respeito pelos rituais.	Brandão (1989 e 2002) sobre a importância da espiritualidade em práticas de saúde e educação.
Conexão do conhecimento com corpo e a alma	A fala de Baiana Kalin inclui a noção de que a medicina convencional pode não resolver todos os problemas, e que a ajuda espiritual é necessária quando a medicina não é suficiente. Ela enfatiza que "se a alma está doente, o corpo fica doente."	Merleau-Ponty (2013) sobre a interconexão entre corpo e espírito.
Impacto das práticas espirituais no comportamento humano	Baiana Kalin demonstra que suas práticas espirituais são frequentemente procuradas quando a medicina convencional não consegue oferecer soluções, reforçando a importância de seus rituais e saberes ancestrais.	Andrade e Correia (2008) sobre a continuidade das práticas populares.

Fonte: Observação participante, entrevistas, anotações e pesquisa bibliográfica dos autores (2024)

Enquanto pesquisadores, acreditamos que descrever, discutir e buscar compreender estratégias de saberes reduz estigmas em nossa sociedade. Portanto, a análise da cigana Baiana Kalin, figura central em Palmas no campo do benzer, rezar e curar, torna-se um apoio ao sugerir que o conhecimento tradicional pode colaborar com a resolução de problemas por meio de práticas educativas e de saúde. Ou seja, estamos diante do que Brandão (2002) chama de "Educação como cultura" em observações que exploram a interconexão entre espiritualidade e o impacto das práticas de recuperação psíquica Saraceno (1999) no comportamento humano.

SACERDOTISA NAIR RECH: "RESPEITO AOS ANCESTRAIS E SERVIÇO AO PRÓXIMO"

Durante o evento percebemos as intersecções entre espiritualidade e ciência, com destaque para a importância que os saberes tradicionais têm para auxiliar em práticas educativas e de saúde que envolvem o benzer, rezar e o curar nas comunidades do Pantanal, Cerrado e Amazônia. Nesta parte do trabalho, destacamos nossas percepções com a participação de Nair Rech, sacerdotisa e líder espiritual da "Casa das Sacerdotisas", em Campo Grande - Mato Grosso do Sul, com apontamentos e análises que julgamos úteis para reflexões de como essas práticas promovem o diálogo entre a fé e a ciência. Ao passo que esperamos colaborar em como a Universidade pode promover o intercâmbio entre saberes e o conhecimento acadêmico, com ênfase na espiritualidade.

Por esse motivo, os momentos observados durante a participação de Rech (2024) foram pensados, seja para o próprio sujeito que vivencia a mística, seja para o grupo que observa e analisa a sua prática. De modo que queremos descrever como essas práticas, lideradas por figuras como uma sacerdotisa,

podem dialogar com o conhecimento científico para promover a educação, a saúde e o bem-estar nas comunidades locais.

Seguimos a mesma revisão de literatura que abordamos até aqui com foco em como os saberes tradicionais têm sido objeto de interesse acadêmico, especialmente no campo da educação popular e da saúde (Brandão, 1980; Saraceno, 1999 e Bosi, 2003). Apoiados no alcance de que esses conhecimentos, muitas vezes associados à espiritualidade, são considerados uma forma legítima de "recuperação psíquica" em contextos onde o sistema de educação e de saúde formal não alcança ou não responde adequadamente às necessidades da população (França & Santos, 2016). O próprio Brandão (1980) destaca que esses saberes estão enraizados na cultura popular.

Notamos na participação de Nair Rech um cuidado com o diálogo entre espiritualidade e ciência. Ela se apresenta como Sacerdotisa com formação acadêmica e especializações que envolvem sua crença de que "os seres humanos são meeiros de uma magia superior, espiritual" (Rech, 2024). Para ela, espiritualidade e ciência devem caminhar juntas e essa visão é exemplificada pela maneira como Nair demonstra sua experiência com o uso de "ervas para benzer, rezar e curar", ao mesmo tempo em que enfatiza mecanismos científicos por trás dessas práticas, ao passo que "sempre defendeu que a fé é essencial para guiar o processo de cura. Pois a fé precisa encontrar a ciência e a ciência precisa encontrar a fé" (Rech, 2024).

Ao seguirmos Bardin (2011), nossa análise pode ser acompanhada na Tabela 2 com os resultados alcançados na indicação de que as práticas de benzer, rezar e curar envolvem as comunidades com variações na forma como elas são executadas, ou seja, dependem da região, do grupo social envolvido e da liderança eclesial que representa a conexão. Conclusões que vão além da nossa vivência no evento, pois foi um espaço de imersão que possibilitou um diálogo entre praticantes tradicionais e profissionais de educação e saúde, somados à pesquisa bibliográfica sobre a importância da troca de saberes

tradicionais e científicos. Com isso, na Tabela 2, organizamos essas observações com a sacerdotisa Nair Rech:

Tabela 2: Descrições, percepções e análises com a sacerdotisa Nair Rech

Aspecto Observado	Descrição	Referências Teóricas
Figura central no cenário de benzer, rezar e curar	Nair Rech é destacada como uma liderança espiritual em Campo Grande - MS no campo de benzer, rezar e cura espiritual, sendo reconhecida tanto por seu papel espiritual quanto por sua formação acadêmica.	França & Santos (2016) sobre a legitimidade dos saberes tradicionais na recuperação psíquica.
Apresentação pessoal e empoderamento técnico espiritual	Nair Rech se apresenta como Sacerdotisa com formação acadêmica e especializações, com destaque para o respeito que essa apresentação trouxe aos demais, diante de uma líder espiritual.	Brandão (1980) sobre saberes tradicionais e sua influência na educação popular e saúde.
Conceito de fé e espiritualidade	Durante o evento, Nair Rech falou sobre a necessidade de integrar fé e ciência nos processos de cura, o que ressalta que "a fé precisa encontrar a ciência e a ciência precisa encontrar a fé".	Andrade e Correia (2008) sobre a persistência das práticas populares em contextos de saúde.
Conexão do conhecimento com corpo e a alma	Nair Rech enfatiza que, para a cura integral, é preciso que a espiritualidade atue junto à ciência, pois "se a alma está doente, o corpo também sofre".	Merleau-Ponty (2013) sobre a interconexão entre corpo e espírito.
Impacto das práticas espirituais no comportamento humano	As práticas de Nair Rech são procuradas quando a medicina convencional não é suficiente, mostrando a importância da espiritualidade na saúde e no bem-estar das comunidades.	Saraceno (1999) sobre a importância da reabilitação psicossocial para a promoção do bem-estar.

Fonte: Observação participante, entrevistas, anotações e pesquisa bibliográfica dos autores (2024)

Ao acompanhar a perspectiva de Nair Rech, em particular, enfatizamos sua defesa de que o benzer, rezar e curar não devem ser restritos a momentos de crise. Ao longo de sua fala, ela desafiou a ideia de que a espiritualidade não se limita a "amarrar um homem" ou a "resolver problemas triviais", e defendeu que a "fé deve ser usada para melhorar a vida cotidiana e fortalecer as relações humanas" (Rech, 2024). Esse entendimento ressoa com as reflexões de Bondía (2002), ao abordar o valor do saber oriundo da experiência e apresentar vivências capazes de transformar o sujeito e sua relação com o mundo.

Essa abordagem reafirma as ideias de Brandão (1980, 1989 e 2002), que vê a experiência como um processo capaz de ampliar e gerar saberes individuais e coletivos. De modo que o encontro valoriza a experiência de Nair Rech, tanto em seu papel espiritual quanto acadêmico, e exemplifica como os saberes populares e científicos podem coexistir e beneficiar as comunidades em suas demandas, desde a valorização até a preservação de práticas educativas e de saúde que promovam um entendimento holístico do bem-estar humano.

PROFESSORA NEILA OSÓRIO: "INTEGRAÇÃO DE SABERES E PRÁTICAS ACADÊMICAS"

A terceira conferencista do Encontro, Neila Barbosa Osório, trouxe uma contribuição com destaque para o papel da ciência e da academia na "compreensão e valorização dos saberes tradicionais" (Osório, 2024). Com pós-doutorado em Educação e especializações em Ciência do Movimento Humano, Neila é uma das principais pesquisadoras em educação intergeracional no Brasil, sendo reconhecida por sua atuação na Universidade da Maturidade (Osório, Silva Neto e Lima, 2023).

O evento aconteceu na sede da UMA, e foi coordenado por uma equipe multidisciplinar, composta por pesquisadores alocados em diversas partes do país. Nesta parte do trabalho, o foco central foi a integração de saberes e

práticas acadêmicas que contou com Neila para fazer a mediação entre conceitos de educação e saúde que envolvem a promoção de relações intergeracionais. Percebemos em sua fala a defesa para que a Academia “fortaleça a intersecção entre políticas públicas de envelhecimento, educação e os direitos das pessoas, pois as práticas de rezar, benzer e curar são caminhos possíveis para a união de conhecimentos” (Osório, 2024). Ela afirma:

“Eu acredito na prática de rezar, benzer e curar. Noto que ela representa caminhos possíveis para a intersecção entre o que chamamos de saberes tradicionais e científicos. Nossos velhos conhecem bem essas práticas, transmitidas de geração em geração, muitas vezes marginalizadas pela academia. Aqui na UMA, no entanto, elas são integradas ao campo acadêmico e às políticas públicas, tornam-se instrumentos de cuidado e educação intergeracional” (Osório, 2024).

Durante sua palestra, Osório (2024) abordou a importância de integrar os saberes tradicionais com o conhecimento científico, especialmente no campo da educação, saúde e das políticas sociais. Esse destaque foi alcançado na análise bibliográfica que fizemos, na convergência entre as práticas educativas e de saúde tradicionais e os avanços da ciência. Ao analisar a importância dessas interações na conexão entre as falas de Kalin (2024) e Rech (2024), assim como apontam trabalhos como o de França e Soares (1997), consideramos que a valorização dos saberes, especialmente entre as gerações mais velhas, fortalece a promoção do bem-estar coletivo.

Osório (2024) apresentou uma visão que transcende as fronteiras acadêmicas, ao estabelecer uma ponte entre os saberes científicos e as práticas tradicionais. Nesse sentido, sua abordagem foi relevante ao conectar as pesquisas acadêmicas com as experiências vividas pelas comunidades do Pantanal, Cerrado e Amazônia. Ao passo que acreditamos na ampliação do diálogo sobre a importância da educação intergeracional, tendo em vista que no encontro estavam jovens acadêmicos, pesquisadores e profissionais da

educação e da saúde, preocupados com a promoção de políticas inclusivas que valorizem as pessoas idosas e seus saberes.

Ao abordar a questão da educação e da saúde, Osório (2024) reforçou o papel das universidades na promoção de espaços para o aprendizado ao longo da vida, um conceito amplamente explorado por autores como Brandão (1989), Thompson (1992) e Freire (2002), que destacam a educação como uma prática cultural que integra o sujeito com seu ambiente. Osório (2024), assim, propõe uma visão de educação em que as pessoas idosas são agentes ativos participantes no processo de ensino-aprendizagem, ao receberem oportunidades de compartilhar suas vivências, algo também evidenciado nos trabalhos de Bosi (2003) sobre o tempo e a memória.

A Tabela 3 envolve os resultados que analisamos quanto a esse processo de troca de saberes intergeracionais e o papel das universidades, agora, na visão da professora Neila Osório, e percebemos que estão intimamente ligados ao que Certeau (2009) chama de "artes de fazer". Afinal, para ele, o cotidiano está repleto de práticas que, mesmo não formalizadas no âmbito acadêmico, possuem valor próprio. Conceito defendido, também, por Kalin (2024) e Rech (2024), quando buscaram integrar suas práticas tradicionais como formas legítimas de conhecimento, e elogiaram a aproximação da UMA/UFT a essas práticas.

Neste contexto, apresentamos a Tabela 3, que reúne as descrições, percepções e análises sobre a contribuição da professora Neila Osório para a integração de saberes tradicionais e científicos na educação intergeracional.

Tabela 3: Descrições, percepções e análises com a professora Neila Osório

Aspecto Observado	Descrição	Referências Teóricas
Figura central no cenário de benzer, rezar e curar	Neila Osório é reconhecida como uma das principais pesquisadoras em educação intergeracional no Brasil, com foco nas políticas públicas de envelhecimento e o respeito ao cenário de benzer, rezar e curar que envolve as pessoas idosas.	Osório, Silva Neto e Lima (2023) sobre a significativa contribuição de Neila Osório para a educação intergeracional.
Apresentação pessoal e empoderamento técnico	Neila Osório é pós-doutora em Educação e especialista em ciência do movimento humano, com destaque em sua atuação como professora e coordenadora na Universidade da Maturidade (UMA).	Freire (2002) sobre a pedagogia da autonomia como saber necessário à prática educativa.
Conceito de fé e espiritualidade	Durante sua palestra, Neila Osório abordou a importância de integrar saberes populares, que envolvem a fé, com o conhecimento científico para promover o bem-estar da população idosa.	Andrade e Correia (2008) sobre a persistência das práticas populares em contextos de saúde.
Conexão do conhecimento com corpo e a alma	Neila Osório enfatiza que a troca de experiências entre gerações é fundamental para a construção de políticas públicas que respeitem e valorizem a pessoa humana em qualquer idade.	França e Soares (1997) sobre a importância das relações intergeracionais na quebra de preconceitos.
Impacto das práticas espirituais no comportamento humano	As práticas promovidas por Neila Osório na UMA são respeitadas e vistas como referências para melhorar a qualidade de vida das pessoas ao longo da vida, e reforçam a importância da educação continuada para a empatia em diferentes competências.	Brandão (2002) sobre a educação como cultura.

Fonte: Observação participante, entrevistas, anotações e pesquisa bibliográfica dos autores (2024)

As análises apontam para a relevância da professora Neila Osório na integração de saberes tradicionais e científicos. Sua trajetória, marcada por um compromisso com a promoção de políticas públicas voltadas para o envelhecimento humano, ilustra a valorização da experiência acumulada ao longo da vida (Freire, 2002). Ou seja, ao enfatizar a necessidade de respeitar e integrar as práticas populares com a Academia, Neila aproveitou a oportunidade para validar saberes e defender como a Universidade pode contribuir nas práticas de educação e de saúde no Pantanal, Cerrado e Amazônia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A valorização dos saberes tradicionais foi um dos pilares do encontro; pois práticas que envolvem o benzer, rezar e curar que, em muitos contextos, são vistas como inferiores ou supersticiosas, foram tratadas com o devido respeito, na medida em que a Universidade da Maturidade (UMA) tornou-se um espaço de conexão entre os saberes tradicionais e científicos, com oportunidade para a troca por meio de uma discussão de complementaridade, e não de oposição.

O objetivo deste trabalho foi alcançado em uma visão integrativa de reforço às reflexões científicas que destacam como os saberes populares podem oferecer contribuições relevantes para a educação e a saúde de comunidades do Pantanal, Cerrado e Amazônia; de modo que, especialmente, no contexto deste trabalho, o foco envolve o respeito à espiritualidade, práticas de recuperação psíquica individual e o bem-estar coletivo.

Entre as possibilidades de prosseguimento do trabalho estão olhares de outras partes da programação do evento; os desafios para integrar práticas tradicionais de benzer, rezar e curar na Academia, embora exista uma crescente aceitação da Educação Popular e da Medicina Integrativa; uma abordagem com mais informações sobre a regulamentação e questões do preconceito contra

práticas populares. Dentre outros caminhos que podem ser percorridos dentro desta temática que ainda são obstáculos na sociedade contemporânea.

O trabalho serve ainda como referência de uma iniciativa inovadora que acontece nos espaços de um programa de extensão de duas universidades, a UFT e a UEMS, enquanto espaços de sugestões para a ampliação do diálogo entre pesquisadores, profissionais e os praticantes tradicionais, com a busca de formas de legitimar essas práticas dentro dos sistemas formais de educação saúde, sem descaracterizá-las.

A escolha de destacar compreensões de três momentos do evento, desde a conferência de abertura até o encerramento, demonstra o compromisso de valorizar a participação de lideranças que atuam na disseminação de saberes como a cigana Baiana Kalin, a sacerdotisa Nair Rech e a professora Neila Osório. Esse cuidado deixa claro que, apesar das diferenças culturais e religiosas, a UMA preocupa-se com a interconexão entre as formas tradicionais de benzer, rezar e curar e as abordagens científicas.

Acreditamos, enquanto pesquisadores, que o enfoque fenomenológico e a análise de conteúdo divulgada em tabelas permitiu captarmos as experiências subjetivas dos participantes, com destaque aquilo que é sentido e compreendido por meio da vivência. Afinal, a fenomenologia visa à compreensão dos fenômenos tal como aparecem aos indivíduos, e é exatamente isso que buscamos ao imergir em atividades que envolvem o benzer, rezar e curar em manifestações culturais populares da UMA.

Concluimos ainda que essa diversidade de perspectivas cria ambientes de diálogo e cooperação, promove a valorização de diferentes formas de benzer, rezar e curar na construção dialógica entre o saber tradicional e o acadêmico. Portanto, eventos como o Encontro demonstram que o benzer, rezar e curar não se restringem ao tratamento físico, mas envolve uma dimensão espiritual e social, onde o respeito, a solidariedade e o serviço ao

próximo são pilares para alcançar o bem-estar de comunidades no Pantanal, Cerrado e Amazônia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, João Tadeu de; CORREIA, Heloise Maria de Riquet. **Curadores tradicionais no Ceará: inserção social, perfil terapêutico e contribuição para a saúde pública.** 26ª Reunião Brasileira de Antropologia, Porto Seguro, Bahia, Brasil, 12p, jun., 2008. Disponível em: http://www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/CD_Virtual_26_RBA/foruns_de_pesquisa/trabalhos/FP%2010/joao%20tadeu%20de%20andrade.pdf . Acesso em: 10 set. 2024.

ARAÚJO, Fabiano Lucena de. **Representações de doença e cura no contexto da prática popular da medicina: estudo de caso sobre uma benzedeira.** CAOS - Revista Eletrônica de Ciências Sociais, João Pessoa, v. 1, n. 18, p. 81-97, 2011. Disponível em: <Disponível em: http://www.cchla.ufpb.br/caos/n18/9_FABIANO_ARAUJO_Representacoes_no_contexto_do_benzimento.pdf Acesso em: 15 set. 2024.

ASSIS, Roberto Ramon Queiroz de. **"Com dois te botaram com três te retiro": as práticas educativas da reza e da cura no sertão paraibano (final do século XX início do XXI).** Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História, Centro de Humanidades, Universidade Federal de Campina Grande, 2022.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** São Paulo: Edições 70, 2011

BAREICHA, Luciana Câmara Fernandes. **Educação e exclusão social: a perspectiva dos ciganos e dos não ciganos.** 2013. 378f. Tese (Doutorado em Educação). Pós-Graduação em Educação – Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência.** Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, v. 1, n. 19, p. 20-28, abr. 2002.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social.** São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A cultura da rua.** Campinas: Papirus, 1989.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A educação como cultura**. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Os deuses do povo**. São Paulo: Brasiliense, 1980.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. 16. ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 2009.

CHARTIER, Roger. **O mundo como representação**. Revista Estudos Avançados, São Paulo, n. 11, v. 5, p. 173-191, 1991.

CUNHA, Manuela Ivone; DURAND, Jean-Yves. **Razões de saúde e política do corpo**. Introdução. 2011. Disponível em http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/11887/1/Raz%C3%B5es%20de%20Sa%C3%BAde-Intro_Cunha%2cDurand.pdf . Acessado em: 5 set. 2024.

CUNHA, Paola Andrezza Bessa; FONSECA, Thaís Nívea de Lima. **Educação e religiosidade: as práticas educativas nas irmandades leigas mineiras do século XVIII nos olhares de Debret e Rugendas**. Belo Horizonte: {s.n.}, 2007. pp. 1-13. (Mimeo).

FRANÇA, Maria da Conceição Fernandes de; SANTOS, Pedro Fernando dos. **Saberes que Curam: a Benzedura como Tradição Popular**. Revista Includere, v. 2, n. 2, p. 256-258, 2016.

FRANÇA L. H. & SOARES, N. E. **A Importância das relações intergeracionais na quebra de preconceitos sobre a velhice**. Rio de Janeiro: UnATI-UERJ, 1997.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 23 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

GUATTARI, Félix; DELEUZE, Gilles. **Rizoma**. México: Diálogo Abierto, 1994.

GURGEL, Cristina. **Doenças e cura: o Brasil nos primeiros séculos**. São Paulo: Contexto, 2010.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na Pós-Modernidade**. Tradução de Tadeu da Silva & Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

KALIN. Baiana. **Falas da palestrante Baiana Kalin, anotadas durante o Encontro de Troca de Saberes Tradicionais: Conexões Pantanal, Cerrado e Amazônia sobre o benzer, rezar e curar**. Palmas - TO. UFT: agosto de 2024.

LAPALTINI, François; RABEYRON, Paul-Louis. **Medicinas paralelas**. Tradução de Ramon Américo Vasques. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.

LOWENTHAL, David. **Como conhecemos o passado**. Tradução de Lúcia Haddad. Projeto História, São Paulo, v. 17, nov. 1998. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11110/8154> Acesso em: 5 set. 2024.

MARCONI, M. D. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**. 3.ed. São Paulo: Atlas, 1996.

MARTINIC, Sergio. **Saber popular e identidade**. In: GADOTTI, Moacyr; TORRES, Carlos Alberto(Orgs.). Educação popular: utopia latino-americana. São Paulo: Cortez, 1994. pp. 69-88.

MAUSS, Marcel. **Esboço de uma teoria geral da magia**. Tradução de José Francisco Espadeiro Martins. Lisboa: Edições 70, 2000.

MERLEAU-PONTY. Maurice. **O olho e o espírito**. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

OLIVEIRA, Elda Rizzo. **O que é benzeção**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

OLIVEIRA, Elda Rizzo de. **O que é benzeção**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985a.

OLIVEIRA, Elda Rizzo de. **O que é medicina popular**. São Paulo: Editora Brasiliense , 1985b.

OSÓRIO, N. B.; SILVA NETO, L. S.; LIMA, R. B.; **Neila Osório: um legado em vida**. Recife: Even3 Publicações, 2023. DOI 10.29327/5226387. Disponível em: <https://publicacoes.even3.com.br/book/neila-osorio-um-legado-em-vida-226387> Acesso em 06 jul. 2024.

OSÓRIO. Neila Barbosa. **Falas da palestrante Nair Gonçalves Rech, anotadas durante o Encontro de Troca de Saberes Tradicionais: Conexões Pantanal, Cerrado e Amazônia sobre o benzer, rezar e curar**. Palmas - TO. UFT: agosto de 2024.

PAIM, Elison Antonio, RABELO, Giani; COSTA, Marli de Oliveira. **História, Educação e Cultura Escolar**. Argos: 2012.

QUINTANA, Alberto Manoel. **A ciência da benzedura: mau-olhado, simpatias e uma pitada de psicanálise**. São Paulo: EDUSC, 1999.

RECH. Nair Gonçalves. **Falas da palestrante Nair Gonçalves Rech, anotadas durante o Encontro de Troca de Saberes Tradicionais: Conexões Pantanal, Cerrado e Amazônia sobre o benzer, rezar e curar**. Palmas - TO. UFT: agosto de 2024.

SANTOS, Francimário Vito. **O ofício das benzedeiras: um estudo sobre as práticas terapêuticas e a comunhão de crenças em Cruzeta-RN**. Porto Alegre: Cirkula, 2018.

SARACENO, Benedetto. **Libertando identidades: da reabilitação psicossocial à cidadania possível**. Belo Horizonte: Te Corá. 1999.

SOUZA, Laura de Mello e. **O diabo e a Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil Colonial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

TEIXEIRA, Rodrigo Corrêa. **Ciganos no Brasil: uma breve história**. Crisálida, Belo Horizonte, 2ª ed. 2009.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história Oral**. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TRIVINOS, Augusto Nibaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação: o positivismo, a fenomenologia, o marxismo**. São Paulo: Atlas, 1987.

EDUCAÇÃO INTERGERACIONAL COM MEMÓRIAS AFETIVAS DE PESSOAS IDOSAS DA UNIVERSIDADE DA MATURIDADE: O QUE DIZEM OS PROFESSORES

Elizângela Mendes Sousa Carneiro²⁸

Neila Barbosa Osório²⁹

Luiz Sinésio Silva Neto³⁰

Nubia Pereira Brito Oliveira³¹

Marlon Santos de Oliveira Brito³²

Francijanes Alves de Sousa Sá³³

Katia Juliane Lopes de Oliveira³⁴

Marileide Carvalho de Souza³⁵

Wesquisley Vidal de Santana³⁶

Crislany Neres Resende³⁷

RESUMO

Este trabalho divulga e colabora com reflexões sobre a inserção de pessoas idosas em ambientes de ensino e aprendizagem por meio de práticas educativas de Educação Intergeracional. Situa o leitor sobre o potencial que as memórias afetivas de pessoas idosas exercem sobre metodologias de educação intergeracional com crianças e adolescentes, ao selecionar o espaço da Universidade da Maturidade, da Universidade Federal do Tocantins para ser estudado de forma mais aprofundada, além de procurar respostas para questionamentos sobre os desafios enfrentados por instituições de ensino e professores na inserção de pessoas idosas em ambientes educativos com metodologias que contemplem a aprendizagem de crianças e adolescentes, ao mesmo tempo em que alcança a Educação ao longo da vida, para as pessoas idosas. O objetivo é responder o questionamento de como os professores percebem a Educação Intergeracional que acontece por meio de memórias

²⁸Mestranda em Educação; Universidade Federal do Tocantins; e-mail:

elizangela.mendes@mail.uft.edu.br

²⁹Pós-Doutora em Educação; Universidade Federal do Tocantins; e-mail: neilaosorio@uft.edu.br

³⁰Pós-Doutor em Educação; Universidade Federal do Tocantins; e-mail: luizneto@uft.edu.br

³¹Mestre em Educação; Universidade Federal do Tocantins; e-mail:

professoranubiabrito@gmail.com

³²Doutorando em Educação; Universidade Federal do Tocantins; e-mail:

marlonoliveirabrito@gmail.com

³³Mestre em Educação; Universidade Federal do Tocantins; e-mail: francijanes.alves@uft.edu.br

³⁴Mestre em Letras; Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul; e-mail:

katiajuliano@gmail.com

³⁵Mestre em Educação; Universidade Federal do Tocantins; e-mail:

carvalhomarileide@gmail.com

³⁶Doutorando em Educação; Universidade Federal do Tocantins; e-mail: aabbdno@gmail.com

³⁷Especialista em Neuroaprendizagem; Universidade Cesumar; e-mail: crislany.neres@gmail.com

afetivas de pessoas idosas. Ao explorar as práticas educativas que acontecem na Universidade da Maturidade, torna-se uma metodologia qualitativa com um estudo de caso que analisou relatórios e documentos do trabalho de professores, bem como uma análise bibliográfica a partir do referencial teórico e outras publicações pertinentes ao tema proposto. Dentre os resultados destaca-se que as memórias afetivas são possíveis caminhos para práticas educativas intergeracionais com impacto significativo no alcance de propostas de ensino e aprendizagem para crianças, adolescentes e pessoas idosas.

Palavras-chave: Educação intergeracional; Educação ao longo da vida; Gerontologia.

INTRODUÇÃO

A Educação Intergeracional é reconhecida como um campo de estudo e prática que busca promover interações significativas de ensino e aprendizagem entre diferentes gerações, com o intuito de fomentar a troca de experiências, conhecimentos e vivências (VILLAS-BOAS, 2016). Dentro desse contexto, ela é considerada uma via promissora para a construção de memórias afetivas (PIAGET, 2014; e LEITE e TASSONI, 2001). Ao passo que compreender o papel da relação intergeracional na formação dessas memórias pode favorecer conquistas que envolvam o desenvolvimento de uma sociedade mais coesa e harmoniosa (JUSTO e ROZENDO, 2010).

O trabalho justifica-se por envolver investigações a respeito desse caminhar entre diferentes gerações de forma harmoniosa, um desafio enfrentado pela sociedade contemporânea, decorrente do aumento da expectativa de vida e das mudanças nas estruturas familiares (FERRIGNO, 2015). De modo que a Educação Intergeracional se apresenta como um recurso para fomentar o diálogo entre as gerações, por possibilitar a formação de laços sociais resilientes e a troca de conhecimentos que ultrapassam as fronteiras temporais (OSÓRIO, SILVA NETO e BRITO, 2023). Com destaque para programas e atividades que incentivam a participação conjunta de diferentes faixas etárias ao cultivar memórias afetivas que perduram ao longo da vida (LEITE e TASSONI, 2001; PIAGET, 2014; e MATOS e VIEIRA, 2014).

O universo estudado envolve o Estado do Tocantins, com análise de trabalhos da Universidade da Maturidade e pesquisas que têm investigado a relação intrínseca entre as memórias afetivas, as emoções e as experiências ao longo da vida, e seu papel na formação da identidade tanto individual quanto coletiva (PIAGET, 2014; e OSÓRIO, SILVA NETO e BRITO, 2023). Nesse contexto, a Educação Intergeracional é considerada uma via que propicia o encontro entre distintos momentos históricos e perspectivas de vida (VILLAS-BOAS, 2016). Além disso, ela pode abrir espaço para a construção de memórias afetivas compartilhadas, pois abrange desde narrativas pessoais até aspectos sociais e culturais mais amplos.

As pesquisas compiladas por Osório, Silva Neto e Brito (2023) evidenciam que a riqueza das memórias afetivas existentes nas relações intergeracionais da Universidade da Maturidade vai além de sua diversidade intrínseca desenhada por Leite e Tassoni (2001) e Piaget (2014). As publicações, em sua variedade, estabelecem conexões entre o passado, o presente e o futuro, além de fortalecer os laços entre gerações, especialmente quando essa relação é considerada para uma compreensão mais profunda da trajetória humana (SERRA, 2012).

Além disso, a habilidade dessas memórias em unir passado, presente e futuro fortalece os vínculos entre as gerações, desempenham um papel crucial na compreensão mais ampla da jornada humana (FERRIGNO, 2015). A interconexão temporal proporcionada pelas memórias afetivas oferece uma perspectiva significativa para a edificação de uma sociedade mais coesa e enriquecedora, na qual as experiências compartilhadas entre diferentes gerações são valorizadas e contribuem para uma compreensão mais profunda da própria história e identidade de cada sujeito (SANTOS, 2010).

Neste estudo de caso qualitativo, são analisados os documentos de professores da Universidade da Maturidade para investigar trabalhos relevantes sobre a Educação Intergeracional que incluem crianças, adolescentes e pessoas

idosas na formação de memórias afetivas em diferentes gerações (LEITE e TASSONI, 2001). A pesquisa adota uma abordagem documental e bibliográfica; e busca compreender e sistematizar o conhecimento disponível sobre esse tópico específico (GIL, 2019).

Alinhado a essa metodologia, Severino (2020) orienta pesquisadores interessados em compreender os princípios fundamentais da pesquisa a seguirem as normas acadêmicas e éticas na produção científica. Recomendações seguidas em linguagem clara e direta que deixam o trabalho com uma ferramenta para aprimorar reflexões que envolvem a Educação Intergeracional e a utilização de momentos que contemplem as memórias afetivas, especialmente quando contextualizado em um ambiente local que permite reflexões mais amplas (SEVERINO, 2020).

Para o levantamento dos documentos, procedeu-se a uma busca junto aos professores da Universidade da Maturidade. De posse dos documentos compartilhados, a análise de conteúdo segue a proposta de Bardin (2011), com objetivo de identificar registros relacionados à Educação Intergeracional e memórias afetivas entre pessoas idosas, crianças e adolescentes (LEITE e TASSONI, 2001). A seleção dos documentos seguiu critérios específicos de inclusão: (1) contemplar relatos de trabalhos finalizados com pessoas idosas, crianças e adolescentes; (2) está disponível na íntegra; (3) estar dentro do contexto da Educação Intergeracional; (4) empregar métodos que abordem as memórias afetivas; (5) ter sido realizado entre os anos de 2022 e 2023; e (6) estar relacionado aos ritos de ensino e aprendizagem. Os critérios de exclusão foram: (1) documentos que não pudessem ser compartilhados ou (2) que não estivessem diretamente ligados ao tema pré-estabelecido.

Vale ressaltar que para examinar os documentos selecionados, empregou-se um método de leitura crítica e síntese dos principais resultados e contribuições de cada professor na relação intergeracional que se formou nas práticas educativas da Universidade da Maturidade. Para isso, utilizou-se de

uma abordagem qualitativa, pois as fontes foram categorizadas conforme os temas e conceitos predominantes, à escolha dos autores em visão de Merleau-Ponty (2011), com a abordagem da "Fenomenologia da Percepção", ao enfatizar-se a ligação entre percepção humana e experiência corporal. Com prática metodológica que envolve a compreensão do mundo, moldada pela interação entre nosso corpo e o ambiente e que vai além dos processos mentais, ao garantir a identificação de pontos de convergência e divergência entre os estudos (BARDIN, 2011).

Entre os resultados, no âmbito das questões éticas, é relevante salientar que este estudo se fundamentou em uma revisão integrativa da literatura, ao ter em seu bojo citações que envolvem as práticas educativas na Universidade da Maturidade, de modo que a análise de autores e teorias foi crucial na construção do conhecimento aqui compartilhado (GIL, 2019). Escolheu-se, neste caminho, por não citar nomes dos professores que assinam os documentos, tendo em vista que os projetos que envolvem as aulas alcançam equipes compostas por mais de um professor. Portanto, eles são apresentados nesta produção como "Professores do Grupo", assim como aparecem nos projetos e relatórios que assinam, conforme Tabela 1:

Tabela 1: Relatórios alcançados na pesquisa.

Professores	Relatórios da Universidade da Maturidade	Páginas	Duração	Ano
Professores do Grupo 1	Projeto Sementes do Amanhã	22-29	8 meses	2022
Professores do Grupo 2	Projeto Itinerários Formativos Intergeracionais com Pessoas Idosas, Crianças e Adolescentes	41-48	6 meses	2022
Professores do Grupo 3	Projeto Brinquedoteca Intergeracional	63-69	10 meses	2022
Professores do Grupo 4	Projeto Ecoponto na Escola - Educação Intergeracional e Ambiental	73-77	12 meses	2023

Fonte: Universidade da Maturidade (2022 e 2023). Tabela organizada pelos autores.

Portanto, assim como afirma Severino (2020), acredita-se que essa abordagem é relevante e envolve a compreensão das teorias existentes, mas também questioná-las, adaptá-las ao contexto atual, considerar a interdisciplinaridade e diversidade de perspectivas, aqui, ligadas diretamente ao trabalho da Universidade da Maturidade, em Tocantins. Assim como, nas recomendações de Bardin (2011), ampliar essa análise para avançar no conhecimento e contribuir para inovações no campo de estudo.

Os apontamentos destacam que as memórias afetivas representam caminhos viáveis para práticas educativas intergeracionais, com impacto significativo no aprimoramento das propostas de ensino e aprendizagem para crianças, adolescentes e pessoas idosas (LEITE e TASSONI, 2001). Portanto, a condução desta publicação envolve os esforços empregados para garantir a integridade e a precisão das informações coletadas, além de atribuir às fontes utilizadas, conforme as normas acadêmicas de citação e referência, ligadas ao âmbito da Educação Intergeracional, as memórias afetivas e conexão desses temas na Educação ao longo da vida (VILLAS-BOAS, 2016).

DESENVOLVIMENTO

Ao explorar a influência da Educação Intergeracional na construção de memórias afetivas, assim como desenhadas por Piaget (2014), este estudo reconhece a importância das relações de reciprocidade e troca, presentes no contexto da Educação ao longo da vida (VILLAS-BOAS, 2016). Considera-se que a interação entre gerações não se limita à transmissão unilateral de conhecimentos, mas sim à construção de significados, à promoção do diálogo intergeracional e à valorização das diversas perspectivas de vida. Essa dinâmica interativa contribui para a criação de memórias afetivas enriquecedoras, moldadas pela partilha de experiências e pela construção coletiva do conhecimento (LEITE e TASSONI, 2001; e SANTIN, 2018).

No Estado do Tocantins, várias pesquisas têm investigado a relação intrínseca entre as memórias afetivas, as emoções e as experiências ao longo da vida, e seu papel na formação da identidade tanto individual quanto coletiva (OSÓRIO, SILVA NETO e BRITO, 2023). Essas análises buscam compreender como tais aspectos contribuem para a construção de uma identidade pessoal e social, que considere a interligação entre memórias, emoções e trajetórias de vida (PIAGET, 2014). De modo que a Universidade da Maturidade é um espaço intergeracional com pessoas idosas, crianças e adolescentes que contempla essa perspectiva e oferece uma compreensão mais abrangente sobre a importância das memórias afetivas na formação do ser humano.

As análises documentais denotam questões relevantes sobre a diversidade étnica, cultural e de gênero que a Educação Intergeracional consegue contemplar em práticas educativas. Além disso, assim como escreve Santin (2018), esses conceitos estão na interseccionalidade entre gênero, etnia e cultura, pois destacam as diversas formas como esses aspectos se entrelaçam e influenciam a sociedade contemporânea. Situação constatada nos seguintes relatos:

Durante a experiência de ensino, pude perceber a importância da interseccionalidade entre gênero, etnia e cultura no contexto educacional. As memórias e experiências dos idosos envolvem conceitos explorados que refletem a complexidade das identidades presentes na sala de aula. Achei isso fantástico, pois mostra como esses elementos se entrelaçam e influenciam diretamente a dinâmica escolar da Universidade da Maturidade (PROFESSORES DO GRUPO 3, 2022, p. 76).

Ao lidar com meus alunos, e a relação deles com as pessoas idosas, observei como as questões de gênero, etnia e cultura estão intrinsecamente conectadas em suas vivências e aprendizados [...] Acredito que essa intersecção influencia nas Educação Intergeracional e nas relações interpessoais, mas também a forma como cada

estudante compreende o mundo ao seu redor e se posiciona dentro do ambiente escolar (PROFESSORES DO GRUPO 1, 2022, p. 25).

Entre as conquistas que relatamos, está a sensibilidade para reconhecer e respeitar as diferenças étnicas, culturais e de gênero. Notamos que tornou-se crucial as experiências das pessoas idosas do projeto para promoverem um ambiente educacional inclusivo e enriquecedor com as crianças. Essa abordagem intergeracional proporcionou uma visão abrangente e crítica sobre como essas relações impactam a sociedade [...] e não só no âmbito da Universidade da Maturidade, mas em outras buscas e estratégias pedagógicas sensíveis e inclusivas para atender à diversidade presente nas salas de aulas (PROFESSORES DO GRUPO 2, 2022, 47).

Os depoimentos selecionados abordam, neste contexto, como as memórias afetivas são apresentadas nas falas dos professores como “experiências”, e que, aqui, promovem uma reflexão crítica sobre a inter-relação entre esses elementos, e contribuem para o debate sobre questões sociais pertinentes na atualidade. Tais apontamentos são envoltos na gerontologia dialógica intergeracional (LEITE e TASSONI, 2001; e SERRA, 2012), que contempla um campo de estudo voltado para estratégias e práticas pedagógicas direcionadas à educação de idosos.

Neste caminho, a relevância social e educacional da Educação Intergeracional é ressaltada por organismos internacionais, como a Organização das Nações Unidas (ONU) (VILLAS-BOAS, 2016). Ao passo que esses órgãos reconhecem a importância da interação entre diferentes gerações para a promoção do envelhecimento saudável e da coesão social. De modo que os programas intergeracionais, assim como acontece na Universidade da Maturidade, demonstram impactos positivos na qualidade de vida dos participantes, promovem o respeito mútuo e contribuem para a desconstrução de estereótipos negativos associados ao envelhecimento. Afinal, são

experiências intergeracionais internalizadas como memórias afetivas que contribuem para uma representação mais justa e positiva do envelhecimento (ROVETTA, 2004).

Rovetta (2004) enfatiza como os programas e práticas intergeracionais enfrentam desafios e trazem benefícios para a qualidade de vida de diferentes grupos etários pela perspectiva acadêmica. Essa percepção é alcançada nos documentos da Universidade da Maturidade, organizados por seus professores em relações intergeracionais de impacto na qualidade de vida de diferentes faixas etárias. Além disso, nota-se por meio da Universidade da Maturidade, o destaque para a troca de experiências, conhecimentos e o fortalecimento dos laços sociais, que aqui é feito na conexão com as memórias afetivas (LEITE e TASSONI, 2001; PIAGET, 2014; e MANNION, 2012).

No contexto da construção de memórias afetivas, a relação intergeracional pode atuar como uma ponte entre experiências passadas e aspirações futuras (MANNION, 2012). A troca de vivências e conhecimentos entre crianças, adolescentes e pessoas idosas fortalece os laços sociais e enriquece o tecido social com narrativas de múltiplas perspectivas e realidades. A Educação Intergeracional, portanto, não apenas influencia a formação de memórias afetivas, mas também configura uma abordagem enriquecedora para a construção de uma sociedade mais coesa, resiliente e inclusiva (POLETTTO, BETITINELLI e SANTIN, 2011).

A respeito da referida construção, historicamente, desde Paulo Freire, a perspectiva consiste em integrar a conscientização para promover a leitura e escrita como práticas educativas e políticas (GADOTTI, 2005). Não se trata apenas de decodificar o código linguístico, mas sim de criar cultura e cidadania (FREIRE, OLIVEIRA e OSÓRIO, 2022). Tais frentes são de luta para implementação eficaz de programas educacionais intergeracionais que vão além da diferença nas expectativas, valores e estilos de comunicação entre as gerações. Tais diferenças podem gerar obstáculos à interação harmoniosa. Além

disso, questões logísticas e barreiras geográficas podem influenciar a participação e o engajamento em atividades intergeracionais (PALMEIRÃO e MENEZES, 2009).

A relação intergeracional enfatizada por autores como Rovetta (2004) e Mannion (2012) destacam os benefícios e desafios dos programas educacionais intergeracionais. Neste caminho, na Universidade da Maturidade, professores promovem práticas educativas que exploram as relações intergeracionais e sua influência na qualidade de vida de diferentes faixas etárias. Essa interação atua como ponte entre experiências passadas e aspirações futuras; e enriquecem a aprendizagem com narrativas diversas. Porém, conforme Freire, Oliveira e Osório (2022), existem desafios devido às diferenças entre gerações; e, nos apontamentos de Palmeirão e Menezes (2009), em barreiras geográficas que afetam a participação. Essas construções são alcançadas nas falas coletadas:

As diferentes perspectivas e estilos de comunicação entre os jovens e idosos geraram obstáculos na troca de conhecimento. Para superar essas diferenças, foi necessário promover o respeito mútuo e criar estratégias pedagógicas que integrassem os interesses de ambas as gerações, visando uma colaboração mais fluida e produtiva (PROFESSORES DO GRUPO 1, 2022, p. 23).

Acreditamos que a diversidade de idades, experiências e expectativas entre as diferentes gerações apresentou obstáculos na troca de conhecimento e na construção de um ambiente harmonioso de aprendizagem. Essas dificuldades surgiram da disparidade de comunicação e compreensão entre os idosos, as crianças e os adolescentes envolvidos no projeto [...] Acreditamos ainda que as diferentes perspectivas de vida e a maneira como cada grupo percebe e se relaciona com o mundo tornaram desafiadora a criação de um ambiente de aprendizado mútuo e colaborativo (PROFESSORES DO GRUPO 2, 2022, p. 47).

A adaptação à tecnologia e aos brinquedos modernos foi um dos principais pontos de tensão. A geração mais jovem, acostumada com a interatividade digital, apresentava facilidade na utilização dos dispositivos

eletrônicos, enquanto os idosos se sentiam desconfortáveis e distantes desse contexto [...] no entanto, o professor persistiu na busca por estratégias inclusivas. Criou-se um espaço de troca, no qual os mais velhos compartilhavam brincadeiras e histórias tradicionais, e os mais jovens auxiliavam no manuseio de tecnologias, proporcionando uma verdadeira integração de conhecimentos e habilidades (PROFESSORES DO GRUPO 3, 2022, p. 65).

O objetivo era criar uma consciência ambiental por meio da colaboração entre crianças, adolescentes e idosos, promovendo a educação e a preservação do meio ambiente. No entanto, logo se tornou evidente que as diferenças de perspectivas e experiências entre os participantes complicavam a dinâmica do projeto. Os mais jovens, imersos em uma era digital e acostumados à rápida absorção de informações, apresentavam uma abordagem mais imediatista para as questões ambientais, muitas vezes focando em soluções práticas e rápidas (PROFESSORES DO GRUPO 4, 2023, p. 74).

Essas expressões ainda denotam o foco na promoção da autoestima e inserção social das pessoas idosas por meio do diálogo intergeracional, pois os professores reconhecem a importância das relações entre diferentes faixas etárias para o bem-estar e desenvolvimento das crianças, dos adolescentes, assim como das pessoas idosas que participam da Universidade da Maturidade. Nos relatos dos Professores do Grupo 4 (2023, p. 78) é dito: “A interação entre diferentes gerações contribui para o fortalecimento da autoestima dos idosos [...] A UMA promove esse diálogo entre idosos e outras faixas etárias”.

Para analisar os depoimentos mencionados, pode-se considerar a interseccionalidade entre gênero, etnia e cultura como fatores essenciais na compreensão da dinâmica educacional, especialmente no contexto da Universidade da Maturidade (OSÓRIO, SILVA NETO e BRITO, 2023). O relato evidencia a percepção do professor quanto à importância desses aspectos interligados no ambiente escolar, especialmente ao envolver pessoas idosas (FREIRE, OLIVEIRA e OSÓRIO, 2022).

Aqui, com análise dos relatos escolhidos fenomenologicamente (MERLEAU-PONTY, 2018) para este trabalho, nota-se o foco na interseccionalidade mencionada entre gênero, etnia e cultura é reconhecida como um fator determinante na formação das identidades individuais e coletivas. Contudo, assim como afirmam Freire, Oliveira e Osório (2022), essa formação de professores destacam a complexidade das identidades em múltiplos elementos; a partir de vivências que refletem não apenas a singularidade de cada indivíduo, mas também a influência direta no cenário educacional.

Ademais, ao descrever essa percepção como "fantástica", o depoimento dos Professores do Grupo 1 (2022) ressalta o impacto positivo e inspirador que a interseccionalidade entre diversas gerações pode ter no ambiente educacional. Nas palavras de Gadotti (2005) é uma questão que vai além da educação formal ou não-formal e sugere uma abordagem pedagógica sensível, que reconhece a diversidade como um recurso valioso para promover um ensino mais rico e contextualizado.

Por fim, os relatos dos professores destacam a importância do diálogo intergeracional na promoção da autoestima e inserção social de pessoas idosas na Universidade da Maturidade. Eles enfatizam interseccionalidades complexas das identidades individuais e coletivas, ligadas diretamente às memórias afetivas (LEITE e TASSONI, 2001; e PIAGET, 2014). Esses relatos ressaltam o impacto positivo da interação entre gerações no ambiente educacional sensível que valorize a diversidade para enriquecer o ensino.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A conclusão do estudo destaca a influência da Educação Intergeracional na formação de memórias afetivas, ressalta-se a importância das relações recíprocas e da troca, presentes no contexto educacional ao longo da vida. Essa construção garante o ensino e a aprendizagem em interações entre diferentes

gerações e transcende a simples transmissão de conhecimento; envolve a construção de significados, o diálogo intergeracional e a valorização das distintas perspectivas de vida. Além disso, essa dinâmica interativa contribui para a criação de memórias afetivas ricas, moldadas pela partilha de experiências e pelo aprendizado coletivo.

Destaca-se que no Estado do Tocantins existem pesquisas que têm explorado a relação entre memórias afetivas, emoções e experiências ao longo da vida; e a compreensão do seu papel na formação das identidades individuais e coletivas. Investigações envoltas no universo da Universidade da Maturidade que tornou-se um espaço intergeracional ao contemplar essa perspectiva; ao passo que oferece uma visão mais ampla sobre a importância das memórias afetivas na formação humana.

O trabalho alcança os objetivos propostos pois divulga análises documentais que abordam aspectos relevantes sobre a diversidade étnica, cultural e de gênero presentes na Educação Intergeracional. Os depoimentos dos professores selecionados ressaltam a interseccionalidade entre esses elementos, evidencia suas diferentes formas de influenciar a sociedade contemporânea. Além disso, a fala dos professores que estão no trabalho destacam a complexidade das identidades individuais e coletivas diretamente na dinâmica educacional.

O trabalho abre espaços para outras investigações diante da diversidade de idades, experiências e expectativas entre as diferentes gerações, mas também as dificuldades e obstáculos enfrentados na interação entre elas. Tais questões são motrizes para análises da disparidade na comunicação, dificuldades com tecnologia, adaptação ambiental e diferentes abordagens para lidar com os desafios atuais para pessoas de todas as idades.

Por fim, a Educação intergeracional envolve elementos da memória afetiva revela-se um elemento enriquecedor de práticas educativas que buscam um ensino com a promoção de um ambiente educacional mais inclusivo e sensível à diversidade entre as gerações, com destaque para importância de reconhecer e valorizar as múltiplas perspectivas presentes na sociedade contemporânea.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011
- FERRIGNO, J. C. **Conflito e cooperação entre gerações**. Edições Sesc, 2015.
- FREIRE, J. C. S.; OLIVEIRA, I. A.; OSÓRIO, N. B. **Formação de Professores em Paulo Freire: Conceito e Historicidade**. Revista Capim Dourado: Diálogos em Extensão. Vol. 5, n. 2, maio-agosto, 2022.
- GADOTTI, M. **A questão da educação formal/não-formal**. In: Séminaire organisé par l'Institut international des Droits de l'Enfant (IDE), Sion Suisse, 2005.
- GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019.
- JUSTO, J. S.; ROZENDO, A. S. **A velhice no Estatuto do Idoso**. Estudos e Pesquisas em Psicologia, vol. 10, 2010, p. 471-489, 2010.
- LEITE, S. A. da S.; TASSONI, E. C. M. **A afetividade em sala de aula: as condições de ensino e a mediação do professor**. Campinas: Alle - textos, 2001.
- MANNION, G. **Educação Intergeracional: O Significado da Reciprocidade e do Lugar**. Journal of Intergenerational Relationships, 10:4, 386-399. 2012
- MATOS, R. K. S.; VIEIRA, L. L. F. **Fazer viver e deixar morrer: a velhice na era do biopoder**. Psicologia: Ciência e Profissão, vol. 34, nº 1, p. 196-213, 2014.
- MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. Tradução: Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 5ª. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2018.

PALMEIRÃO, C.; MENEZES, I. **A interação geracional como estratégia educativa: um contributo para o desenvolvimento de atitudes, saberes e competências entre gerações.** A Animação Sociocultural na Terceira Idade. p. 2235, 2009.

PIAGET, J. **Relações entre a afetividade e a inteligência no desenvolvimento mental da criança.** Tradução e organização: Cláudio J. P. Saltini e Doralice B. Cavenaghi. Rio de Janeiro: Wak, 2014.

POLETO, S.; BETITINELLI, L. A.; SANTIN, J. R. **A bioética e o cuidado no envelhecimento humano: um olhar a partir do princípio da dignidade humana e dos direitos fundamentais.** Rev Ministério Público RS, Porto Alegre, n. 69, p. 141-55, 2011.

PROFESSORES DO GRUPO 1. **Relatórios da Universidade da Maturidade: Projeto Sementes do Amanhã.** UMA/UFT: 2022.

PROFESSORES DO GRUPO 2. **Relatórios da Universidade da Maturidade: Projeto Itinerários Formativos Intergeracionais com Pessoas Idosas, Crianças e Adolescentes.** UMA/UFT: 2022.

PROFESSORES DO GRUPO 3. **Relatórios da Universidade da Maturidade: Projeto Brinquedoteca Intergeracional.** UMA/UFT: 2022.

PROFESSORES DO GRUPO 4. **Relatórios da Universidade da Maturidade: Projeto Ecoponto na Escola - Educação Intergeracional e Ambiental.** UMA/UFT: 2023.

ROVETTAI, I, et. al.. **Programas e Práticas Intergeracionais: desafios e benefícios para a qualidade de vida de diferentes grupos etários pela perspectiva acadêmica.** *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, 23(3), 2004.

SANTIN, J. R. **Violência, Poder e Direito: histórico da violência contra mulheres idosas no Brasil** In: Diversidades Étnicas e Culturais e Gênero. Coord. STORINI, C.; SANTIN, J.R. Florianópolis/SC: CONPEDI, 2018, v.1, p. 161-181.

SANTOS, S. S. C. **Concepções teórico-filosóficas sobre envelhecimento, velhice, idoso e enfermagem gerontogeriatrica.** *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, vol. 63, n. 6, p. 1035-9, nov-dez. 2010.

SERRA, D. C. **Gerontagogia dialógica intergeracional para autoestima e inserção social de idosos.** 2012. 269 p. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE, 2012.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico.** Editora Cortez, 2020.

VILLAS-BOAS, S. et al. **A educação intergeracional no quadro da educação ao longo da vida - Desafios intergeracionais, sociais e pedagógicos.** Investigar em Educação, n. 5, p. 117-141, 2016.

CAMINHOS DE APRENDIZAGEM GERONTOLÓGICA: OS ITINERÁRIOS FORMATIVOS DE UMA VIAGEM A CAMPO GRANDE

Marlon Santos de Oliveira Brito³⁸
Neila Barbosa Osório³⁹
Luiz Sinésio Silva Neto⁴⁰
Nubia Pereira Brito Oliveira⁴¹
Djanires Lageano Neto de Jesus⁴²
Débora Fittipaldi Gonçalves⁴³
Amanda Pereira Costa⁴⁴
Wesquisley Vidal de Santana⁴⁵
Antonia Raquel Lima Camargo Zottos⁴⁶
Leonardo Sampaio Baleeiro Santana⁴⁷

RESUMO

O artigo aborda o processo de envelhecimento como uma fase que não deve ser associada ao isolamento social, destacando a importância das interações interpessoais, especialmente em contextos de viagens interestaduais. O objetivo é descrever como uma viagem turística pode ser um espaço de educação gerontológica, assim como acontece na Universidade da Maturidade,

³⁸Doutorando em Educação na Amazônia, Universidade Federal do Tocantins, Palmas - TO, e-mail: marlonoliveirabrito@gmail.com

³⁹Doutora em Educação, Universidade Federal do Tocantins, Palmas - TO, e-mail: neilaosorio@uft.edu.br

⁴⁰Doutor em Ciências e Tecnologias em Saúde, Universidade Federal do Tocantins, Palmas - TO, e-mail: luizneto@uft.edu.br

⁴¹Mestre em Educação, Universidade Federal do Tocantins, Palmas - TO, e-mail: professoranubiabrito@gmail.com

⁴²Doutor em Educação, Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Campo Grande - MS, e-mail: netoms@uems.br

⁴³Doutora em Educação, Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Campo Grande - MS, e-mail: defittipaldi@uems.br

⁴⁴Mestre em Educação, Universidade Federal do Tocantins, Palmas - TO, e-mail: amandapcosta@hotmail.com

⁴⁵Doutorando em Educação na Amazônia, Universidade Federal do Tocantins, Palmas - TO, e-mail: aabbdno@gmail.com

⁴⁶Especialista em Trabalho Social com Família, Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Campo Grande - MS, e-mail: antonia.zottos@uems.br

⁴⁷Mestre em Educação, Universidade Federal do Tocantins, Palmas - TO, e-mail: leonardosbsantana@gmail.com

presente na Universidade Federal do Tocantins e na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. A pesquisa qualitativa foi baseada em observação direta durante a viagem, com o uso de registros de áudio, vídeo e fotografias, além de anotações sistemáticas. Os resultados refletem a conexão com a Base Nacional Comum Curricular e destaca a importância da aprendizagem ao longo da vida, em múltiplos contextos, além do ambiente formal. Em conclusão, a educação é apresentada como uma prática transformadora, com impacto tanto nas relações interpessoais quanto na sociedade em geral, seguindo a visão de Paulo Freire sobre o poder político da educação.

Palavras-Chave: Saberes Tradicionais; Educação ao longo da vida; Práticas Educativas; Currículo

INTRODUÇÃO

O fato de envelhecer não deve ser encarado como um momento de isolamento, de enclausuramento ou de distanciamento de relações interpessoais que acontecem em viagens interestaduais. Afinal a educação é um processo social contínuo, característico da existência humana (Pinto, 1989). De modo que as viagens turísticas, por si só, já são momentos de interação e, portanto, de troca, de formação dos indivíduos inseridos em um contexto, em um dado tempo histórico (Bourdieu e Passeron, 2014).

A Universidade da Maturidade (UMA), aqui representada em dois polos: um da Universidade Federal do Tocantins (UFT) e outro da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), é um espaço que compreende a “Educação gerontológica” (Peterson, 1976). Ao mesmo tempo em que ela não pode ser reduzida a apenas isso, pois se torna um fenômeno complexo, principalmente quando a percebemos como espaço de educação para pessoas idosas que buscam significar a velhice em relações intergeracionais e desenvolver as potencialidades do ser humano que envelheceu (Osório; Silva Neo; e Oliveira, 2023).

Neste caminho, as fundamentações teóricas e políticas foram alinhadas às Diretrizes Operacionais para a Educação de Jovens e Adultos (Conselho Nacional de Educação, 2020), com destaque para as que são apresentadas na BNCC. Além de uma visão de que a educação acontece ao longo da vida, de maneira permanente e de que não existe um único modelo de formação (Gadotti, 2018).

As justificativas da pesquisa envolvem a colaboração na reflexão de uma prática extensionista que acontece na UMA, em diálogo com o ensino e a pesquisa da UFT e da UEMS. Além disso, outra justificativa alcança o que aprendemos com Freire (1979) que a educação não é neutra e tem poder de transformação prática na política em todos os lugares nos quais o homem vive. Ao passo que a Universidade é um dos espaços sociais organizados com a responsabilidade institucional de ressignificar o homem, no cotidiano, nas relações que ele estabelece, desde a família até a sociedade, num sentido micro e macro (Wanderley, 1988).

Os métodos dos resultados aqui apresentados são qualitativos (Minayo, 2008), pois divulgamos perspectivas dos participantes e buscamos compreender os fenômenos sociais complexos, ao explorarmos as experiências humanas de uma viagem que aconteceu entre os dias 06 e 12 de novembro de 2023, em percurso de ida e volta, da cidade de Palmas, capital do Estado do Tocantins, até a cidade de Campo Grande, capital do Estado de Mato Grosso do Sul. Ao passo que torna-se uma pesquisa de campo qualitativa, pois os pesquisadores participaram da viagem e se envolveram diretamente com as pessoas idosas que estavam na caravana.

A coleta dos dados foi por meio de observação sistemática e direta, com anotações atenta e cuidadosa dos acontecimentos, comportamentos e interações com as pessoas idosas na viagem. Ao passo que registramos as ocorrências e utilizamos de anotações, gravações de áudio, vídeo, registros fotográficos e outras evidências que permitiram uma compreensão aprofundada

das percepções de Itinerários Formativos aqui compartilhados, após a análise dos dados por meio da codificação e categorização (Bardin, 2011).

Os resultados estão dispostos em uma tabela que apresenta em suas colunas, que representam a perspectiva dos pesquisadores sobre a amplitude da educação gerontológica (Peterson, 1976), em conexão com a BNCC, no âmbito da UMA, ao envolver a aprendizagem de homens e mulheres em diferentes idades e contextos. Portanto, não está restrita somente à educação formal referenciada neste trabalho, mas irá "além do que finito", afinal, assim como diz Freire (1979, p.27) "a educação é uma resposta da finitude da infinitude".

Por fim, o objetivo deste trabalho envolve esse contexto ao descrever percepções de pesquisadores e pessoas idosas sobre itinerários formativos que envolvem uma viagem turística entre Palmas - Tocantins e Campo Grande - Mato Grosso do Sul. Com percepções que seguem o trabalho de Brito et al (2024) de investigação do ensino e aprendizagem entre jovens e pessoas idosas que participaram da viagem, baseadas no referencial teórico da pedagogia histórico-crítica (Saviani, 1991) e no que está proposto na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), para a etapa do Ensino Médio (CNE/EJA, 2020).

CAMINHOS METODOLÓGICOS PERCORRIDOS

Este estudo adota uma abordagem qualitativa, com o objetivo de investigar as percepções e experiências de pessoas idosas e jovens que participaram de uma viagem educativa, organizada pela Universidade da Maturidade (UMA), com polos na Universidade Federal do Tocantins (UFT) e na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). A escolha desse universo justifica-se pelo fato da UMA ser compreendida como um espaço de educação

gerontológica, com foco no desenvolvimento humano e nas relações intergeracionais, proporcionando uma ressignificação da velhice.

A pesquisa é de campo e qualitativa, fundamentada nos princípios metodológicos de Minayo (2008), ao explorar fenômenos sociais complexos. Essa escolha justifica-se pela necessidade de captar as nuances das interações humanas e contextos sociais, especialmente no que diz respeito à educação de pessoas idosas e suas experiências formativas durante a viagem.

A coleta de dados ocorreu durante uma viagem realizada entre os dias 06 e 12 de novembro de 2023, de Palmas, Tocantins, a Campo Grande, Mato Grosso do Sul. Participaram da caravana, além dos pesquisadores, pessoas idosas que fazem parte da UMA, em um contexto de educação gerontológica intergeracional. Durante o percurso, as interações e trocas de experiências entre os participantes foram observadas, permitindo a coleta de dados diretamente no ambiente em que o fenômeno aconteceu.

A coleta de dados foi realizada por meio de observação sistemática e direta, o que envolveu a inserção dos pesquisadores no ambiente da viagem e sua interação com os participantes (Trivinos, 1987). Para garantir a riqueza e precisão das informações, utilizou-se uma combinação de instrumentos de registro, desde anotações cuidadosas dos comportamentos, interações e acontecimentos observados durante a viagem; com gravações de áudio e vídeo, devidamente autorizadas, para registrar diálogos e momentos significativos das interações entre os idosos e jovens; fotografias e registros visuais que capturam momentos relevantes para a análise dos itinerários formativos e outras evidências complementares coletadas para reforçar a compreensão das percepções, como conversas informais com os participantes.

Os dados foram analisados por meio da técnica de análise de conteúdo, conforme descrito por Bardin (2011). O processo de análise incluiu a codificação e categorização das informações obtidas, permitindo a identificação de padrões, temas recorrentes e particularidades das percepções dos

participantes sobre os itinerários formativos vivenciados. Essa análise possibilitou uma compreensão aprofundada das interações intergeracionais e da contribuição da educação gerontológica na ressignificação da velhice.

Vale destacar que os participantes da pesquisa foram previamente informados sobre os objetivos do estudo e concordaram em participar por meio de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Todas as informações coletadas foram tratadas de forma confidencial e com o devido respeito à privacidade dos envolvidos.

Dessa forma, a metodologia aqui adotada possibilita uma investigação rica e aprofundada dos processos de ensino e aprendizagem que ocorrem no contexto da educação gerontológica, a partir de uma experiência prática de viagem interestadual.

ITINERÁRIOS FORMATIVOS EM UMA VIAGEM A CAMPO GRANDE

Segundo o Estatuto do Idoso (2003), Lei 10.741/03, no Capítulo 5, nos artigos 20 ao 25, estabelece-se que o idoso tem direito à educação, respeitando a peculiar condição de sua idade. A Universidade da Maturidade é uma Tecnologia Social que consegue representar o Poder Público na criação de oportunidades de acesso da pessoa idosa à educação (Santana, 2020). Seus cursos alcançam espaços educativos intergeracionais e interculturais (Osório; Silva Neto; e Oliveira, 2023) especiais para que o mesmo integre-se à vida moderna, além de apoiar a criação de universidade aberta para as pessoas idosas e publicações de livros e periódicos com conteúdos adequados a esta população.

Durante a viagem de intercâmbio entre a Universidade Federal do Tocantins (UMA/UFT) e a Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UMA/UEMS), percebeu-se um espaço voltado para a educação gerontológica, entendida como prática social que promove aprendizagem contínua ao longo da

vida. Isso é dito por Gadotti (1984, p.69) que aponta que, “a educação permanente visa uma educação rearranjada, refletida e integrada no seu todo. Ela sustenta a ideia de um controle de todos os recursos educativos possíveis de uma sociedade e de sua execução”.

Esse ambiente complexo de educação para pessoas idosas busca redefinir a concepção de velhice por meio de interações intergeracionais e do desenvolvimento das potencialidades dos indivíduos que envelheceram (Osório; Silva Neto; e Oliveira, 2023). Refletindo-se sobre a educação enquanto ação permanente e sobre os processos de aprendizagem, que ocorre ao longo da vida, não representa apenas uma evolução do pensamento pedagógico, mas faz referência a necessidade de constante atualização, num mundo globalizado no qual as mudanças são rápidas e contínuas, permitindo que os sujeitos evoluam segundo estes princípios (1999).

Os itinerários formativos são “estratégicos para a flexibilização da organização curricular do Ensino Médio, pois possibilitam opções de escolha aos estudantes” (BRASIL, 2018, p. 477). E podem ser estruturados em diversos espaços educativos (Saviani, 1991), como acontece na Universidade da Maturidade, tanto na Universidade Federal do Tocantins (UMA/UFT), quanto na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), pois trata-se de espaços de aprendizagem que alcançam as áreas do conhecimento, bem como a formação técnica e profissional de pessoas idosas (Osório; Silva Neto; e Oliveira, 2023). De modo que é um ambiente de educação gerontológica (Peterson, 1976) que contempla o que está definido na BNCC para propostas de construção de currículos com “mobilização de competências e habilidades de diferentes áreas” (Brasil, 2018, p. 477).

Brito et al (2024) divulga percepções que acontecem nessa relação quando é dada a oportunidade do desempenho democrático, alcançado ao compartilhar saberes e experiências. Nota-se que UMA proporciona a cada participante uma conscientização acerca do mundo e do seu papel no contexto

social em que está inserido. Sobre isso, Freire (1979), enfatiza que todos os sujeitos são seres em constante construção, buscando preencher sua natureza incompleta por meio de processos educacionais, independentemente de idade, etnia ou condição socioeconômica, práticas que alcançam a rotina da Universidade da Maturidade (Osório; Silva Neto; e Oliveira, 2023).

No texto base da 2ª Conferência Nacional dos Direitos da Pessoa Idosa, a educação é vista como “uma categoria associada à capacidade de oportunizar desenvolvimento pessoal, transformação e mudança social, além de qualificação para o trabalho e para vida coletiva” (2008, p.31). De acordo com Freire (1979), Pinto (1989) e Gadotti (2018) a educação não é uma conquista de cada indivíduo, mas se constitui como uma função da sociedade e está diretamente ligada ao grau de desenvolvimento que a sociedade apresenta.

No mesmo texto, a educação considerada como política pública para o envelhecimento está amparada pelas Leis 8.842/94 (Política Nacional do Idoso) lei 10.741/03 (Estatuto do Idoso). A educação encontra apoio na cultura, a qual expressa a totalidade das experiências materiais e simbólicas adquiridas e acumuladas pelas pessoas ao longo da vida e revela os comportamentos apreendidos no aprendizado social (2008,p.32).

O estudo em questão visa descrever as percepções dos idosos sobre os Itinerários Formativos, baseando-se no referencial teórico da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para o Ensino Médio (CNE/EJA, 2020). Tais considerações fundamentam-se na visão de que a educação é um processo contínuo e permanente ao longo da vida, não se restringindo a um único modelo educacional (GADOTTI, 2018). Esses conhecimentos podem ser aceitos na Rede de Educação de Jovens e Adultos pois existe também uma aceitação válida, para a maioria dos países, de que é nela que se pode ter contato sistemático com a cultura universal (Wanderley, 1988). Tendo em vista ainda a necessidade de repensar constantemente a organização da EJA, que amarga altos índices de evasão, por não conseguir respeitar seus os jovens e adultos

em sua trajetória histórico-social, consolidando sua identidade, para o conhecimento da cultura as ciências, e a divulgação do saber, dado à ciência e ao conteúdo da formação profissional.

Então, elegeu-se cinco Categorias de Análise Temática (CAT): CAT 1: linguagens e suas tecnologias; CAT 2: matemática e suas tecnologias; CAT 3: ciências da natureza e suas tecnologias; CAT 4: ciências humanas e sociais aplicadas; e CAT 5: formação técnica e profissional, ou seja, as cinco possibilidades de Itinerários Formativos propostas na BNCC (2018).

Os resultados dessas categorias emergem a partir dos objetivos da pesquisa realizada, assim como do referencial teórico, que consubstanciam a temática sobre o que a Universidade da Maturidade contribui em processos que podem se tornar Itinerários Formativos para alunos que estudam na EJA, etapa do Ensino Médio, assim como, na visão de uma formação intergeracional integral, em outros espaços e etapas de formação da pessoa idosa.

Ao passo que, percebe-se na análise:

Quadro 1 - Categorias de Análises Temáticas para Itinerários Formativos.

CAT	Descrição	Resultado(s) encontrado(s)
1	Linguagens e suas tecnologias	Linguagens em contextos sociais de artes, design, linguagens digitais, corporeidade e artes cênicas. Com práticas de leitura, escuta, produção de textos (orais, escritos, multissemióticos) e análise linguística/semiótica.
2	Matemática e suas tecnologias	Aplicação de conceitos matemáticos em contextos sociais, com resolução de problemas, análises complexas de dados estatísticos, probabilidade, geometria e sistemas dinâmicos. Com práticas de investigação e estabelecimento de conjecturas a respeito de diferentes conceitos e propriedades matemáticas, por meio do emprego de estratégias e recursos, como observação de padrões, e validação das referidas conjecturas.
3	Ciências da natureza e suas tecnologias	Aplicação de diferentes conceitos em contextos sociais de metrologia, química dos produtos naturais, análise de fenômenos físicos e químicos, meteorologia climatologia, nutrição. Com práticas de interpretações sobre a dinâmica da Vida, da Terra e do Cosmos para elaborar argumentos, realizar previsões sobre o funcionamento dos seres vivos, fundamentar e defender decisões éticas e responsáveis.
4	Ciências humanas e sociais aplicadas	Aplicação de diferentes conceitos em contextos sociais, relações sociais, modelos econômicos, processos políticos, pluralidade cultural. Com práticas de posicionar-se criticamente em relação a eles, considerando diferentes pontos de vista e tomando decisões baseadas em argumentos e fontes de natureza científica.
5	Formação técnica e profissional	Formação técnica e profissional, qualificação profissional para o mundo do trabalho e o desenvolvimento de vida e carreira, adaptado às novas condições ocupacionais. Com práticas de formação inicial em Condutor Cultural Local e Interestadual, com o perfil e papel do profissional Guia de Turismo no âmbito das áreas vivenciadas.

Fonte: BRASIL (2018); BRASIL (2023) e observações dos autores.

Desta maneira, considera-se que a educação é permanente porque embora em diferentes graus sempre está presente na sociedade. Conforme aponta Zaias (2012), a educação permanente se refere a aprendizagem necessária para o desenvolvimento das competências das pessoas, nas mais diversas condições. Com a evolução tecnológica, há a necessidade de adaptação às tais condições, o que pressupõe uma educação permanente.

Para Freire (1997, p.20) “A educação é permanente na razão, de um lado, da finitude do ser humano, de outro, da consciência que ele tem de sua finitude”. Nestes condicionantes, a educação apresenta-se como propulsora da transformação social, pois é através dela que além da aquisição de conhecimentos, o processo de socialização se intensifica, e a formação de um sujeito crítico e reflexivo se consolida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os itinerários formativos vivenciados durante a viagem da Universidade da Maturidade (UMA) a Campo Grande revelaram a importância da educação gerontológica como um processo contínuo e intergeracional. A experiência prática de integração entre idosos e jovens fortaleceu a visão de que o envelhecimento não se restringe a uma fase de declínio, mas sim a um processo de ressignificação, em que as pessoas idosas podem continuar a aprender, interagir e agir ativamente na sociedade.

O estudo destacou como a UMA, em seus polos da UFT e UEMS, atua como um espaço inclusivo de formação e transformação, alinhado aos princípios da educação permanente. Os resultados mostraram que as viagens educacionais, além de promoverem interações sociais, têm o potencial de gerar aprendizagens significativas, refletidas nas trocas de saberes e experiências entre as gerações.

O objetivo do trabalho foi alcançado diante de uma análise dos dados em categorias permitiu identificar que a educação gerontológica proporciona a continuidade da formação intelectual e profissional e fortalece a valorização das trajetórias e itinerários formativos das pessoas idosas. O diálogo entre diferentes áreas do conhecimento, como linguagens, ciências exatas e sociais, evidenciou a amplitude e o impacto dos itinerários formativos em contextos educacionais diversos.

Nota-se a necessidade de continuar o trabalho para juntar mais evidências que reafirmem o papel transformador da educação ao longo da vida e a necessidade de criar espaços e oportunidades para que pessoas de todas as idades possam continuar seu processo de aprendizagem. Os espaços da UMA se apresenta como um local apropriado para essas análises de como a educação intergeracional acontece na prática e pode inspirar outras iniciativas voltadas ao envelhecimento ativo e à construção de itinerários formativos que contemplem as subjetividades de pessoas idosas.

Por fim, espera-se que as percepções aqui compartilhadas contribuam para o desenvolvimento de políticas públicas e itinerários formativos que valorizem a educação gerontológica e fortaleçam o conceito de educação ao longo da vida, reconhecendo a importância do aprendizado intergeracional como um caminho para a transformação social.

REFERÊNCIAS

- SANTANA, W. V. et al. **Tecnologia social educacional para idosos, inovação e extensão universitária.** Brazilian Journal of Development, v. 6, n. 11, p. 85419-85433, 2020.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** São Paulo: Edições 70, 2011
- GADOTTI, Moacir. **Reinventando Freire. A práxis do Instituto Paulo Freire.** São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2018.
- MINAYO, Maria Cecília S. **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade.** 27 ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Ministério da Educação/Secretaria de Educação Básica, 2018. BRASIL. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/> Acesso em: 16 ago. 2024.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Catálogo Nacional de Cursos Técnicos - Eixo de Turismo, Hospitalidade e Lazer - Técnico em Guia de Turismo.** 2023. BRASIL. Disponível em: <http://cnct.mec.gov.br/> Acesso em: 15 set. 2024.
- CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. **Parecer CNE/CEB nº 6/2020: Alinhamento das Diretrizes Operacionais para a Educação de Jovens e Adultos (EJA) apresentadas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC).** Aprovado em 10 de dezembro de 2020. Brasília, DF, 2020. Disponível em http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=168151-pceb006-20&category_slug=janeiro-2021-pdf&Itemid=30192 Acesso em: 15 set. 2024.
- BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **Os Herdeiros: os estudantes e a cultura.** Trad. Ione Ribeiro Valle e Nilton Valle. Florianópolis: Editora da UFSC, 2014.
- BRITO, M. S. de O., Osório, N. B., Ferreira, R. K. A., Noletto, L. S. de O., Santana, W. V. de, Oliveira, K. J. L. de, Oliveira, N. P. B., Coelho, L. de S., Lira, V. F. de, & Nunes, C. de M. (2024). **Inteligência Artificial na educação: impactos nos percursos formativos da Universidade da Maturidade para a educação de jovens, adultos e pessoas idosas.** CONTRIBUCIONES A LAS CIENCIAS SOCIALES, 17(7), e8137. Disponível em: <https://doi.org/10.55905/revconv.17n.7-059> Acesso em: 16 set. 2024
- OSÓRIO, N. B.; SILVA NETO, L. S.; OLIVEIRA, N. P. B. **Material Didático de Formação de Professores da Universidade da Maturidade - UMA.** Recife: Even3 Publicações, 2023. DOI 10.29327/5293177 Disponível em:

<https://publicacoes.even3.com.br/book/material-didatico-de-formacao-de-professores-da-universidade-da-maturidade--uma-2931775> Acesso em: 16 ago. 2024.

BRASIL. Lei nº 10741 de 3 de outubro de 2003. **Dispõe sobre o Estatuto da Pessoa Idosa. Diário Oficial da União 2003; 3 out.** Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.741.htm Acesso em 15 set. 2024.

BRASIL. Lei nº 8842 de 4 de janeiro de 1994. **Dispõe sobre a Política Nacional do Idoso. Diário Oficial da União 1994; 4 jan.** Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.741.htm Acesso em 25 ago. 2024.

FREIRE, P. **Educação e Mudança.** Rio de Janeiro: Paz e Terra; 1979.

FREIRE. **Política e educação.** São Paulo: Cortez; 1997.

GADOTTI, M. **A educação contra a educação.** Rio de Janeiro: Paz e Terra; 1984.

PETERSON, AD. **Educational Gerontology: The State of the Art. Educational Gerontology** 1976; 1(2): 61-73.

PINTO, A.V. **Sete lições sobre a educação de adultos.** São Paulo: Cortez; 1989.

SAVIANI. D. **Pedagogia histórico-crítica.** Campinas: Autores Associados; 1991.

VASCONCELOS, E.M. **O poder que brota da dor e da opressão: empowerment, sua história, teorias e estratégias.** São Paulo: Paulus; 2001.

WANDERLEY, LE. **O que é universidade.** São Paulo: Brasiliense; 1988.

TRIVINOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação: o positivismo, a fenomenologia, o marxismo.** São Paulo: Atlas, 1987.

BENZIMENTO E PRÁTICAS EDUCATIVAS NA UNIVERSIDADE DA MATURIDADE: UM OLHAR SOBRE OS DIREITOS DE APRENDIZAGEM DE CRIANÇAS E A EDUCAÇÃO EM SAÚDE BUCAL

Eduardo Aoki Ribeiro Sera⁴⁸
Neila Barbosa Osório⁴⁹
Luiz Sinésio Silva Neto⁵⁰
Nubia Pereira Brito Oliveira⁵¹
Marlon Santos de Oliveira Brito⁵²
Amanda Pereira Costa⁵³
Gisele Carmo Maia⁵⁴
Glauce Gonçalves da Silva Gomes⁵⁵
Marileide Carvalho de Souza⁵⁶
Mylene Pereira de Brito⁵⁷

RESUMO

A Universidade da Maturidade integra saberes tradicionais, como o benzimento, às práticas educativas e promove experiências intergeracionais que valorizam a cultura local e os conhecimentos populares. O objetivo deste estudo é destacar a importância da Universidade como um espaço que integra saberes tradicionais

⁴⁸Doutor em Educação na Amazônia, Universidade Federal do Tocantins, Palmas - TO,
e-mail: eduardosera@live.com

⁴⁹Doutora em Educação, Universidade Federal do Tocantins, Palmas - TO,
e-mail: neilaosorio@uft.edu.br

⁵⁰Doutor em Ciências e Tecnologias em Saúde, Universidade Federal do Tocantins, Palmas - TO,
e-mail: luizneto@uft.edu.br

⁵¹Mestre em Educação, Universidade Federal do Tocantins, Palmas - TO,
e-mail: professoranubiabrito@gmail.com

⁵²Doutorando em Educação na Amazônia, Universidade Federal do Tocantins, Palmas - TO,
e-mail: marlonoliveirabrito@gmail.com

⁵³Mestre em Educação, Universidade Federal do Tocantins, Palmas - TO,
e-mail: amandapcosta@hotmail.com

⁵⁴Mestranda em Educação, Universidade Federal do Tocantins, Palmas - TO
e-mail: gm_5378@hotmail.com

⁵⁵Mestranda em Educação, Universidade Federal do Tocantins, Palmas - TO,
e-mail: glaucegomes@seduc.to.gov.br

⁵⁶ Mestre em Educação, Universidade Federal do Tocantins, Palmas - TO
e-mail: carvalhomarileide@gmail.com

⁵⁷Especialista em Educação, Universidade Federal do Tocantins, Palmas - TO
e-mail: mylenabrito1996@gmail.com

nas práticas educativas e compreender como o benzimento contribui para a educação e o bem-estar infantil, com foco na saúde bucal. A metodologia envolve entrevistas semiestruturadas realizadas com uma benzedeira e aborda aspectos de espiritualidade, remédios naturais e rituais específicos usados no tratamento de problemas bucais em crianças. Os resultados apontam que as práticas de benzimento são uma forma eficaz de promover saúde e bem-estar, respeitando o contexto cultural e social. A conclusão sugere a incorporação de práticas tradicionais, como o benzimento, para o enriquecimento das práticas educativas que consigam favorecer a aprendizagem intergeracional e o respeito às culturas locais. Tendo em vista que a experiência revela o potencial de unir saberes populares e educativos para fortalecer vínculos comunitários e promovendo a saúde e o desenvolvimento integral de crianças e pessoas idosas.

Palavras-chave: Saberes Tradicionais; Práticas Educativas; Benzimento; Educação ao longo da vida

INTRODUÇÃO

A teoria sociocultural de Vygotsky (2000) enfatiza a importância das interações sociais no desenvolvimento cognitivo das crianças. O autor é referência quando se discute como a aprendizagem ocorre através da mediação de adultos, tidos como pares mais experientes, e se alinha com conceitos da Cultura Escolar e da Educação intergeracional, que, por sua vez, ressalta as trocas e a transmissão de saberes tradicionais entre as diferentes gerações (Juliá, 2001).

A Universidade da Maturidade, da Universidade Federal do Tocantins (UMA/UFT) é um espaço que acolhe e respeita pessoas que promovem essas interações (Osório, Silva Neto e Brito, 2023), como, por exemplo, e recorte para este trabalho, em práticas da benzedeira Maria dos Santos, que é participante da inovação social destinada à promoção de vivências socioeducativas com pessoas idosas.

A presença de líderes religiosos como a senhora Maria dos Santos na UMA/UFT fortalece reflexões que acontecem no espaço quanto à valorização de intercâmbios que contemplam a Educação intergeracional. Villas-Boas (2016) chama esse tipo de dinâmica como, momentos preciosos que unem diferentes ciclos de desenvolvimento humano, maturidade psicológica e experiências (Villas-Boas, 2016).

A justificativa da pesquisa envolve, assim como faz Brito *et al* (2024), a divulgação de percepções de direitos de aprendizagem que contemplem a troca de conhecimentos entre diferentes gerações, promove aprendizagens, e reforça laços sociais e comunitários; além de outros benefícios mútuos para crianças, adolescentes, jovens, adultos e pessoas idosas, como, por exemplo, o fortalecimento da identidade cultural, o desenvolvimento de empatia e a transmissão de valores tradicionais.

Esse reconhecimento remonta à Teoria Ecológica de Bronfenbrenner (1996), um dos autores que propõe parcerias em prol do desenvolvimento de crianças na vida diária de instituições de ensino, como um componente essencial de práticas educativas que consigam melhorar a qualidade da aprendizagem e a igualdade de oportunidades entre as diferentes gerações. De modo que esta investigação buscou compreender as influências de tais relações no desenvolvimento humano, em seus múltiplos sistemas ambientais que interagem entre si. Tendo em vista que a prática do benzimento é inserida no contexto familiar e comunitário, e pode ser compreendida dentro dos sistemas de Bronfenbrenner (1996), ao destacar a importância das tradições culturais na educação infantil.

No universo da Educação em Saúde Bucal, outro caminho escolhido para ser percorrido nesta abordagem, está o conceito de "biopsicossocial" de Engel (1980) para descrever uma percepção da saúde e da doença, que considera não apenas os aspectos biológicos, mas também os aspectos psicológicos e sociais. É neste contexto que o trabalho aborda a complexa interação de tais

fatores nas relações da criança com os adultos, especificamente, pessoas idosas. Ao passo que se sugere uma compreensão da Educação em Saúde Bucal de um indivíduo com a consideração de diferentes aspectos, e não apenas a presença ou ausência de doenças biológicas.

Neste caminho, a pesquisa concentrou-se no que Minayo (2008) apresenta como “pesquisa social”, pois busca entender como a senhora Maria realiza os benzimentos, os rituais envolvidos e as ervas utilizadas, destacando suas respostas a questões específicas sobre o tratamento de problemas bucais em crianças. Com análises conceituais organizadas na visão de Bardin (2011), a investigação também busca compreender o preparo espiritual da benzedeira e os aspectos culturais que sustentam essa prática, proporcionando uma visão sobre a relevância do benzimento na saúde comunitária de Palmas.

Por fim, o presente artigo presta primordial ênfase nas variáveis relacionais entre os agentes que “inculcam a educação em uma comunidade” (Juliá, 2001), referencia entrevistas semiestruturadas com prestadores de cuidados às crianças e pessoas idosas, em variáveis biopsicossociais. Torna-se, portanto, um documento que valoriza saberes tradicionais, defende a preservação cultural e a continuidade dessas práticas através das diferentes gerações, no viés de que a Universidade deve interagir em suas práticas de ensino, pesquisa e extensão em prol da aprendizagem que acontece ao longo da vida nas comunidades (Gadotti, 2017).

Divulga-se, portanto, achados que podem inspirar educadores, profissionais de saúde e formuladores de políticas a integrarem práticas tradicionais em seus programas, ao reconhecerem o valor das culturas locais e promover uma abordagem mais holística na educação e nos cuidados infantis.

Por fim, no ponto de vista epistemológico, o presente estudo tem como objetivo explorar e documentar práticas educativas que envolvem os saberes tradicionais de benzimento, com foco no recorte desta publicação, particularmente na atuação da senhora Maria dos Santos, uma benzedeira

renomada na comunidade palmense. Considerando as vivências dos participantes da UMA/UFT em rituais de benzimento, como prática cultural rica, que combina conhecimentos de fé, conhecimento ancestral e medicina popular, e que desempenha um potencial de aprendizagem no processo pelo qual as competências e habilidades são adquiridas ou modificadas (Brasil, 2018).

METODOLOGIA

Este estudo adota uma abordagem qualitativa (Minayo, 2008), fundamentada nos princípios da fenomenologia merleau-pontyana (Merleau-Ponty, 2018), para explorar e documentar (Bardin, 2011) as práticas de benzimento realizadas na UMA/UFT; ao seguir Alberti (2000) em suas recomendações de construções científicas amparadas na História Oral. Neste caminho, considera-se a fenomenologia como uma abordagem apropriada para investigar experiências vividas e significados subjetivos, permitindo uma compreensão dos fenômenos culturais e espirituais envolvidos nas práticas de benzimento, no viés de colaboração para a ampliação de competências e habilidades.

Os resultados estão amparados em entrevistas semiestruturadas que foram escolhidas em diálogos que seguem a Tabela 1, abaixo, como principal técnica de coleta de dados, seguindo a flexibilidade deste procedimento ao permitir que a entrevistada expressasse suas experiências e percepções em suas próprias palavras, enquanto, nas conversas com os pesquisadores, seguiam um roteiro de tópicos predefinidos (Minayo, 2008). As entrevistas seguem a História Oral (Alberti, 2000) e foram realizadas com Maria dos Santos, uma das referências que oferece serviços de benzimento na cidade de Palmas.

Tabela 1 - Roteiro das perguntas para os momentos da entrevista semiestruturada.

Sobre a Espiritualidade	Sobre o Remédio	Sobre o Rito
Como a espiritualidade e a devoção influenciam o seu trabalho como benzedeira na cura de problemas de saúde, como os problemas bucais em crianças?	Que tipo de ervas, rezas ou tratamentos naturais você costuma utilizar para tratar problemas bucais em crianças, e como esses métodos são preparados e administrados?	Pode descrever um rito ou ritual específico que você realiza para ajudar uma criança com problemas bucais? Quais são os passos e a importância de cada um no processo de cura?

Fonte: Os Autores

Vale destacar que, neste processo, acontece a observação participante, conduzida para complementar as entrevistas, permitindo uma análise de conteúdo (Bardin, 2011) enriquecida pela imersão nas relações entre práticas de benzimento, práticas educativas que envolvem a Educação Infantil e a Saúde em Educação Bucal. Observações com momentos de presença ativa dos pesquisadores durante os rituais de benzimento, além de registros e estudos em referenciais que são bases teóricas para a valorização de práticas de interações entre crianças e pessoas idosas.

Por fim, as vivências dos pesquisadores com o universo da UMA/UFT foram incorporadas como uma forma de compreender os significados e impactos das práticas de benzimento com as pessoas que participam da comunidade, conhecem e respeitam as sessões de benzimento, a ainda com agentes e pesquisadores que se permitem experienciar o ambiente e os procedimentos, com postura profissional que possa colaborar na reflexão sobre suas próprias percepções e emoções (Merleau-Ponty, 2018).

MOMENTOS QUE PROMOVEM O DIÁLOGO ENTRE EDUCAÇÃO E SAÚDE

A imersão em espaços como a Universidade da Maturidade, da Universidade Federal do Tocantins (UMA/UFT) oportuniza momentos com práticas educativas que envolvem saberes tradicionais, como o benzimento, além de promover vivências de abordagens e teorias que valorizam a cultura, a interação social e a integração dos conhecimentos populares nos processos educativos formais e informais. Tais práticas são reconhecidas por sua relevância cultural e pelo potencial de enriquecer o desenvolvimento infantil de maneira holística (Osório, Silva Neto e Oliveira, 2023).

Diante deste contexto, apresenta-se a seguir a transcrição das entrevistas semiestruturadas realizadas pelos pesquisadores com a benzedeira Maria Santos, que compartilha suas práticas e conhecimentos tradicionais com pessoas idosas e crianças da UMA/UFT, assim como seus respectivos familiares e pesquisadores da Universidade. Julga-se que esse momento é fundamental para se compreender como essas práticas culturais podem ser integradas ao ambiente educacional e como os rituais podem ser significativos em práticas educativas.

Logo após, os autores discutem os dados obtidos à luz das teorias e discussões de autores escolhidos na revisão bibliográfica, e buscam estabelecer uma conexão entre a prática educativa e os saberes tradicionais. Além de demonstrarem como a mediação cultural, através do benzimento, pode enriquecer o aprendizado em saúde bucal, bem-estar e espiritualidade dos envolvidos, situando os conceitos na Zona de Desenvolvimento Proximal (Vigotsky, 2000), respeitando os direitos de aprendizagem preconizados pela BNCC (Brasil, 2018) e contemplando a teoria biopsicossocial de fatores biológicos, psicológicos e sociais na saúde e na doença (Engel, 1980).

Essa abordagem visa alcançar o objetivo deste trabalho em destacar a importância da UMA/UFT, como um espaço que valoriza e integra saberes tradicionais, como o benzimento, em práticas educativas. A experiência compartilhada pela benzedeira Maria Santos ilustra como esses conhecimentos

podem ser transmitidos e enriquecidos através de relações intergeracionais. De modo que a transcrição das entrevistas revela a profundidade e a significância das práticas culturais no contexto educativo, mostrando seu impacto positivo no desenvolvimento holístico infantil.

Além disso, logo após, a análise dos dados obtidos, em diálogo com as teorias revisadas, sublinha a relevância da mediação cultural para a aprendizagem. Escolha que contribui para a compreensão de como práticas culturais podem ser efetivamente incorporadas no ambiente educativo, oferecendo uma perspectiva enriquecedora e inovadora para a educação infantil.

A ENTREVISTA COM A BENZEDEIRA MARIA DOS SANTOS

A entrevista apresentada a seguir tem como base um diálogo semiestruturado realizado com a benzedeira Maria dos Santos, líder religiosa da cidade de Palmas, com vasta experiência na prática de cura através de métodos tradicionais, participante da Universidade da Maturidade, da Universidade Federal do Tocantins (UMA/UFT). A conversa seguiu a Tabela 1, descrita na Metodologia deste trabalho, como um roteiro das perguntas feitas durante os momentos da entrevista, organizadas em três categorias principais: espiritualidade, remédio e rito.

As questões visam explorar a influência da espiritualidade e da devoção no trabalho de benzedeira, especialmente no tratamento de problemas bucais em crianças, os tipos de ervas e rezas utilizadas, e a descrição de um rito ou ritual específico. O texto fornece uma visão sobre como os saberes tradicionais e os métodos naturais são aplicados no contexto de práticas educativas com crianças na UMA/UFT, e pode contribuir para as reflexões que envolvem a

integração de práticas culturais na educação infantil e no bem-estar da saúde bucal de crianças.

A transcrição da entrevista segue:

Entrevistador: *Boa tarde! Estamos aqui com a dona Maria dos Santos, benzedeira, e faremos algumas perguntas relacionadas ao benzimento de crianças que estão passando por algum problema bucal. Dona Maria, você faz benzimento de crianças que tá passando por alguma dor de dente?*

Maria dos Santos: *Sim, faço! Quando a mãe me procura que vem com a criancinha eu faço a oração, quando a criança está com os dentinhos doendo, e a criança sente muita dor, aí eu faço uma oração.*

Entrevistador: *Explique essa ciência que você fala, para cuidar da dor de dente. Qual é o benzimento para dor de dente? Qual é o benzimento que você faz?*

Maria dos Santos: *A mãe quando chega com a criancinha que tá doendo o dente, como o dente esquenta muito, e nós na roça nós não temos médico, não tem medicina, aí o que é que a gente faz? A gente pega uma água muito bem geladinha, pega uma colherzinha de chá, aquelas pequeninha, pega ali, bota água numa vasilhinha, pega a colherzinha de chá coloca dentro, quando a colherzinha esfria a gente pede licença a Deus e vai passando na criancinha, fazendo o benzimento, porque aquela água ali vai relaxando, porque dói muito, então a gente reza com a água bem fria e a colherzinha de chá para ir acalmando a criancinha.*

Entrevistador: *A senhora usa algum remédio?*

Maria dos Santos: Qual o ramo que eu uso? O ramo que eu uso para isso é erva-cidreira e hortelãzinho, são dois ramos que eu gosto para benzer criança. Por que o hortelãzinho? Porque o hortelãzinho é anti-inflamatório então a gente pode bater nos dentinhos, ali, já vai tirando a dor, a quentura, já vai tirando, desinflamando. Aí! O que que eu faço? Pego uma folhinha de hortelãzinho, coloco na água, amasso um pouquinho, e coloco ao lado do ouvidinho da criança para que possa puxar aquela quentura, a inflamação sair, é isso que eu uso. Quando a mãe chega aqui, eu também uso meus remédios, a gente tem vários óleos, que uso dentro da minha oração. Vou orar, vou pedir a Deus para tirar a inflamação. Também, mando colocar a folhinha de hortelã. O hortelã é sagrado para tudo. O hortelã é usado toda a vida, desde o começo do mundo, nós que mora em roça, nós que não temos médico, serve para inflamação.

Entrevistador: Como é o preparo, dona Maria? Você pode explicar um pouquinho?

Maria dos Santos: Explico, sim! A primeira coisa que a gente faz é pedir licença a Deus. Como pedir licença a Deus? Quando a mãe chega a com criancinha a gente já reza, pede licença a Deus para tirar qualquer erva, se a gente não encontrar dentro dessas ervas que eu estou te falando, a gente pode tirar qualquer erva, com a licença de Deus, então ali quando a gente vai tirar a erva, a gente já reza o Pai Nosso para Deus, já pedindo permissão para que Deus dê a cura porque é a fé, e aquela criança, e aquela mãe, porque aquela mãe tá mais desesperada do que a criança, quando vem na gente então, a gente já pede licença a Deus, e bate o ramo na criança. Tem orações que eu não rezo para a mãe, porque a minha fé é uma, a fé da mãe é outra, então tem orações que fazem o milagre e tem poder.

Entrevistador: *Muito obrigado pela sua entrevista e por compartilhar seus conhecimentos conosco.*

Maria dos Santos: *Eu que agradeço por essa oportunidade, da gente falar sobre a nossa cultura, sobre o que eu aprendi com nossos ancestrais, como nós fomos criados.*

PERCEPÇÕES TEÓRICAS DE EDUCAÇÃO E SAÚDE NO DIÁLOGO TRANSCRITO

A principal concepção evidenciada neste trabalho está envolta na teoria sociocultural de Vygotsky (2000) ao enfatizar a importância do contexto social e cultural no desenvolvimento cognitivo das crianças. Segundo Vygotsky (2000), o aprendizado é mediado pelas interações sociais e pela linguagem, assim como observou-se nos momentos de trocas de conhecimentos com a benzedeira nos espaços educativos da UMA/UFT. Contemporaneamente, Villas-Boas (2016) menciona a importância das interações entre diferentes gerações para conciliar saberes tradicionais com práticas educativas modernas que consigam respeitar direitos das crianças de aprenderem a partir das interações com os mais velhos e através da linguagem culturalmente carregada que acompanha esses saberes (Brasil, 2018).

Esse conceito de mediação que alcança o benzimento como prática cultural, pode ser usado no aprendizado de conceitos sobre Educação em Saúde, neste recorte com foco na Saúde Bucal, bem-estar e a própria espiritualidade, enquanto espaços de desenvolvimento proximal (Vigotsky, 2000). Percebe-se os saberes tradicionais que são inculcados (Juliá, 2001) em espaços educativos e em outras ocasiões em que as crianças aprendem com a orientação dos adultos; como observado nas mediações da UMA/UFT com pessoas idosas.

Destaca-se nesta observação que a aprendizagem infantil pode ser potencializada nessas interações e os direitos de aprendizagem, dispostos na Tabela 2, preconizados na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) podem ser respeitados.

Tabela 2 - Direitos de Aprendizagem e Desenvolvimento na Educação Infantil

Direito de Aprendizagem e Desenvolvimento	Descrição
Conviver	Conviver com outras crianças e adultos, em pequenos e grandes grupos, utilizando diferentes linguagens, ampliando o conhecimento de si e do outro, o respeito em relação à cultura e às diferenças entre as pessoas.
Brincar	Brincar cotidianamente de diversas formas, em diferentes espaços e tempos, com diferentes parceiros (crianças e adultos), ampliando e diversificando seu acesso a produções culturais, seus conhecimentos, sua imaginação, sua criatividade, suas experiências emocionais, corporais, sensoriais, expressivas, cognitivas, sociais e relacionais.
Participar	Participar ativamente, com adultos e outras crianças, tanto do planejamento da gestão da escola e das atividades propostas pelo educador quanto da realização das atividades da vida cotidiana, tais como a escolha das brincadeiras, dos materiais e dos ambientes, desenvolvendo diferentes linguagens e elaborando conhecimentos, decidindo e se posicionando.
Explorar	Explorar movimentos, gestos, sons, formas, texturas, cores, palavras, emoções, transformações, relacionamentos, histórias, objetos, elementos da natureza, na escola e fora dela, ampliando seus saberes sobre a cultura, em suas diversas modalidades: as artes, a escrita, a ciência e a tecnologia.
Expressar	Expressar, como sujeito dialógico, criativo e sensível, suas necessidades, emoções, sentimentos, dúvidas, hipóteses, descobertas, opiniões, questionamentos, por meio de diferentes linguagens.
Conhecer-se	Conhecer-se e construir sua identidade pessoal, social e cultural, constituindo uma imagem positiva de si e de seus grupos de pertencimento, nas diversas experiências de cuidados, interações, brincadeiras e linguagens vivenciadas na instituição escolar e em seu contexto familiar e comunitário.

Fonte: Brasil, 2018, p. 38. Tabela: Os Autores.

Ao observar-se a tabela dos Direitos de Aprendizagem e Desenvolvimento na Educação Infantil, conforme apresentado, destaca-se a ligação intrínseca entre práticas tradicionais de interação das pessoas, e como o benzimento, no contexto educativo, pode envolver esses direitos. Afinal, para a criança, o conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se, estão envoltos em ambientes enriquecedores e inclusivos onde elas podem interagir com diferentes culturas e tradições.

Contudo, é salutar que tais práticas facilitem a construção de uma identidade pessoal e social positiva, conforme as crianças exploram e expressam suas necessidades e emoções em um ambiente seguro e acolhedor. Essa preocupação foi percebida nas práticas intergeracionais, proporcionadas pela convivência com pessoas idosas na UMA/UFT. Tendo em vista que os educadores criam espaços de desenvolvimento proximal com a benzedeira Maria dos Santos, e essa interação potencializa os direitos de aprendizagem.

Essa concepção levanta a importância do envolvimento dos pais nas atividades, para que, juntas, instituições de educação e famílias consigam promover situações complementares e significativas de aprendizagem e convivência que realmente vão de encontro às necessidades e demandas das crianças (Brasil, 2018). Aqui, cabe destaque para a teoria ecológica de Bronfenbrenner (1996) ao citar a importância dos múltiplos sistemas que influenciam o desenvolvimento humano, desde o nível micro (família e escola) até o nível macro (cultura e sociedade).

Considerando que, no contexto da UMA/UFT, as práticas de benzimento podem ser compreendidas como parte de uma rotina da comunidade que ali convive, onde as interações entre família, escola e comunidade enriquecem o desenvolvimento infantil; é salutar registrar que ali, também, existem diferenças distintas entre as crenças das famílias, que são superadas com as responsabilidades e objetivos comuns entre elas, em prol da criação de

condições, ambientes e atividades favoráveis para o desenvolvimento das crianças que são alcançadas nos projetos.

Diante dessa observação, e ao destacar a questão da Cultura Escolar (Juliá, 2001), nota-se a valorização dos saberes populares ao integrar o benzimento nas práticas educativas da UMA/UFT. Essa conclusão envolve o que é defendido por Freire (2014) e ouvido nas entrevistas com Maria Santos, ao sentir-se aceita em seu conhecimento popular e promover a auto-estima e a identidade cultural das crianças que são benzidas por ela. Além de um constante diálogo e reflexão sobre como as práticas de benzimento podem ser usadas como ponto de partida para discussões reflexivas sobre saúde, espiritualidade e cultura, incentivando um diálogo crítico entre educadores e educandos (Freire, 2014).

A ampliação e a produção dos conhecimentos durante toda a vida passam pela percepção, experimentação, reprodução, manipulação e criação, dos mais próximos aos mais distantes da cultura dos alunos (Gadotti, 2017). E essa ligação alcança o que é posto por Villas-Boas (2016) na Educação intergeracional que consiga equilibrar conflitos e promover uma transmissão dos saberes. As entrevistas confirmam essa concepção quando o ato da benzedeira Maria Santos, representante dos mais velhos, é aceito pelos mais jovens, desde os adultos, pais das crianças, até mesmo, em um universo mais lúdico, pelas próprias crianças.

Considerando esses pressupostos, e em articulação com as competências gerais da própria Educação em Saúde, a aplicação do benzimento, do remédio e do rito seguido para o tratamento de um problema de saúde bucal, são exemplos de momentos de troca de experiências em espaços onde crianças e pessoas idosas aprendem por meio da interação e compartilhamento de conhecimentos, além de fortalecer as relações intergeracionais e respeito mútuo. Traços que Freire (2014) vai chamar de aprendizagem holística, ao abordar aspectos cognitivos, emocionais e sociais do ser aprendente.

Tendo em vista o compromisso de assegurar a crianças e pessoas idosas o desenvolvimento das competências relacionadas ao acesso de conhecimentos reconhecidos pela comunidade, ao mesmo tempo em podem criar e produzir novos conhecimentos por meio das diversas interações. Essa concepção, alcança o que a Educação em Saúde propõe para a saúde bucal infantil, com foco na prevenção de doenças dentárias e na promoção da saúde oral desde a infância (Chaves, 2016). Além das próprias diretrizes da Política Nacional de Saúde Bucal (Brasil, 2004) ao recomendarem diversas abordagens teóricas e práticas para garantir uma boa saúde bucal nas crianças, considerando aspectos biopsicossociais e culturais.

É fundamental frisar que a Educação em Saúde oferece uma série de possibilidades para enriquecer a experiência das crianças, jovens, adultos e pessoas idosas. De modo que a relevância das práticas de benzimento estão postas nas dimensões interpessoais na salutogénese introduzida, de uma forma sistemática, pelo modelo biopsicossocial de Engel (1980). Ou seja, o que se nota na UMA/UFT é a prática de um modelo revolucionário que consegue mesclar práticas educativas intergeracionais, com saúde e humanização dos cuidados envoltos na cultura espiritual do benzimento.

Sobre isso, é crescente nos sistemas de saúde a criação de protocolos de diagnósticos e tratamento que consigam refletir as características idiossincráticas do desenvolvimento da população onde a Unidade de Saúde esteja implantada (Brasil, 2004). Ao passo que, idealmente, os serviços de saúde consigam organizar-se no sentido de fornecer serviços multidisciplinares condizentes com crenças e experiências locais, a médio e longo prazo.

Atenções que estão propostas por Engel (1980), em prol do fortalecimento da relação entre os profissionais de saúde e os sujeitos que carecem de atendimento de saúde. Uma abordagem biopsicossocial que destaca a interação complexa entre fatores biológicos, psicológicos e sociais na saúde e na doença (Engel, 1980).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao reconhecerem as especificidades dos diferentes grupos que constituem a UMA/UFT, percebe-se a noção de parceria entre pais, responsáveis pelas crianças, e pessoas idosas, alunos do programa de extensão da Universidade que participam das vivências diárias da instituição. Relação que Bronfenbrenner (1996) afirma ser um componente de um processo educativo que busque a melhoria da qualidade da educação e a igualdade de oportunidades, por meio de laços de amizade, confiança, troca, ajuda e segurança.

A entrevista revela que as práticas tradicionais, como o uso de ervas medicinais e benzimentos, oferecem soluções acessíveis para problemas de saúde comuns na infância. Além de promover o bem-estar físico das crianças e a aproximação com pessoas idosas, por meio do conforto emocional que envolve as famílias que confiam nas práticas transmitidas através das gerações.

O diálogo compartilhado neste trabalho desde a transcrição da entrevista, até os pontos de discussão dos autores, destaca o papel da espiritualidade nas práticas educativas que contemplam a Saúde. Além de considerar a importância dos sistemas culturais e religiosos no desenvolvimento humano, espaços que oferecem um senso de propósito e coesão comunitária que colaboram com as instituições de Educação que se preocupam com o alcance dos direitos de aprendizagem e desenvolvimento infantil.

Essa integração dos saberes tradicionais e das práticas de benzimento no currículo de educação infantil, pode criar abordagens educativas inovadoras que respeitem e valorizem o conhecimento local. Um resultado que, por sua vez, deve estar alinhado com as ideias dos autores referenciados, que defendem uma educação contextualizada e significativa.

O trabalho segue, pois ainda precisa avançar nas pesquisas sobre este tema, tanto do ponto de vista da Educação, como da Saúde e ainda áreas afins, para que mais resultados compartilhados colaborem com o entendimento de como esta relação se processa nas instituições educativas, nos níveis de escolaridade, além de outros espaços de educação não-formal que criam e implementam estratégias que venham auxiliar na educação com práticas educativas estimuladoras e desafiadoras para crianças e pessoas idosas.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Indivíduo e biografia na história oral**. Rio de Janeiro: CPDOC, 2000. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/6715/1525.pdf> Acesso em: 14 mar 2024

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011, 229p.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular, parte da Educação Infantil**. Brasília: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Básica, 2018. BRASIL. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/> Acesso em: 10 de jun. de 2024.

BRASIL. **Diretrizes da Política Nacional de Saúde Bucal**. Brasília - DF: 2004. Disponível em: <https://aps.saude.gov.br/politicas/pnsb> Acesso em: 27 mar 2024

BRITO, M. S. O., *et al.* **Os itinerários formativos para pessoas idosas na Universidade da Maturidade – UMA**. Caderno Pedagógico, 21(5), e4445. Disponível em: <https://doi.org/10.54033/cadpedv21n5-181> Acesso em: 14 jun 2024

BRONFENBRENNER, U. **A Ecologia do Desenvolvimento Humano: experimentos naturais e planejados**. Porto Alegre: Artes Médicas: 1996.

CHAVES, S. C. L. **Política de saúde bucal no Brasil: teoria e prática**. EDUFBA, 2016.

DONA MARIA SANTOS, Mãe de Santo e Benzedeira na cidade de Palmas, capital do Estado do Tocantins. Fonte oral: 2024.

ENGEL, G. **The clinical application of the biopsychosocial model**. American Journal of Psychiatry, 137, 535-544: 1980.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Editora Paz e Terra, 2014.

GADOTTI, Moacir. **Extensão universitária: para quê**. Instituto Paulo Freire, v. 15, p. 1-18, 2017.

JULIA, D. **A cultura escolar como objeto histórico**. **Revista brasileira de história da educação**, v. 1, n. 1 [1], p. 9-43, 2001. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/38749> Acesso em: 24 mar 2024

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. Tradução. Freitas Bastos, Edição Rio de Janeiro: 2018.

MINAYO, Maria Cecília S. **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. 27 ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

OSÓRIO, N. B.; SILVA NETO, L. S.; BRITO, M. S. O. **Anais do Encontro Nacional da Universidade da Maturidade (UMA)**. Recife: Even3 Publicações, 2023. DOI 10.29327/5283526 Disponível em: <https://publicacoes.even3.com.br/book/anais-do-encontro-nacional-da-universidade-da-maturidade-uma-2835265> Acesso em: 5 maio 2024

OSÓRIO, N. B.; SILVA NETO, L. S.; OLIVEIRA, N. P. B. **Material Didático de Formação de Professores da Universidade da Maturidade - UMA**. Recife: Even3 Publicações, 2023. DOI 10.29327/5293177 Disponível em: <https://publicacoes.even3.com.br/book/material-didatico-de-formacao-de-professores-da-universidade-da-maturidade--uma-2931775> Acesso em: 16 jun 2024

VIGOTSKY, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

VILLAS-BOAS, S. et al. **A educação intergeracional no quadro da educação ao longo da vida - Desafios intergeracionais, sociais e pedagógicos**. *Investigar em Educação*, v. 2, n. 5, 2016.

"ROMKMĀDKĀ WAIHKU KMĀDKĀ PRÊ": PRESERVANDO O CONHECIMENTO A UNIVERSIDADE DA MATURIDADE (UMA) REALIZA CERIMÔNIA DE COLAÇÃO DE GRAU DA PRIMEIRA TURMA INDÍGENA DO POLO AKWĒ-XERENTE

Sônia Terezinha Baccin Bonatti⁵⁸

Neila Barbosa Osório⁵⁹

Daniel Eduardo Bonatti⁶⁰

Quenidi Tadeu Bonatti⁶¹

Luiz Sinésio Silva Neto⁶²

Glauce Gonçalves da Silva Gomes⁶³

André Ribeiro de Goveia⁶⁴

Eduardo Ribeiro Gonçalves⁶⁵

Leonardo Sampaio Baleeiro Santana⁶⁶

RESUMO

Este artigo destaca um marco significativo alcançado pela Universidade da Maturidade da Universidade Federal do Tocantins (UMA/UFT), um programa de extensão da Universidade Federal do Tocantins/UFT, em parceria com a Fundação de Apoio Científico e Tecnológico do Tocantins (Fapto) e o Poder Público Municipal. O evento em questão foi a formatura da primeira turma da Universidade da Maturidade indígena do Brasil, ocorrida em 21 de dezembro de 2023, no município de Tocantínia, região central do estado do Tocantins. A cerimônia de colação de grau ocorreu no Centro de Ensino Médio Indígena Xerente - *Warã* e contou com a participação de 28 acadêmicos indígenas. A metodologia do artigo baseou-se na revisão de literatura, utilizando materiais específicos para alcançar o objetivo de difundir esse acontecimento inédito. Os

⁵⁸ Especialista em Língua Portuguesa. Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Palmas- PR. E-mail: soniatbbonatti@gmail.com

⁵⁹ Doutora em Educação. Universidade do Estado do Pará- PA. E-mail: neilaosorio@uft.edu.br

⁶⁰ Mestrando em Educação. Faculdade Luís Eduardo Magalhães – BA. E-mail: danielbonatti.lem@gmail.com

⁶¹ Mestre em Educação. Instituição: Universidade Federal do Tocantins. E-mail: qbonatti@hotmail.com

⁶² Doutor em Ciências e Tecnologias em Saúde. Universidade Federal do Tocantins- TO. E-mail: luizneto@mail.uft.edu.br

⁶³ Mestranda em Educação. Universidade Federal do Tocantins- TO. E-mail: glaucegomes@seduc.to.gov

⁶⁴ Mestrando em Educação. Universidade Federal do Tocantins- TO. E-mail: andregoveia@gmail.com

⁶⁵ Mestre em Filosofia. Universidade Federal do Tocantins – TO. E-mail: eduardomirato@gmail.com

⁶⁶ Mestrando em Educação. Universidade Federal do Tocantins- TO. E-mail: leonardosbsantana@gmail.com

resultados destacaram que a UMA para os anciãos indígenas possui várias facetas, contribuindo para o bem-estar e desenvolvimento das comunidades por meio da preservação e transmissão de conhecimento tradicional, fortalecimento da identidade cultural, melhoria na qualidade de vida, promoção da intergeracionalidade, empoderamento e participação social, além do estímulo à aprendizagem contínua. A execução do programa abordou questões significativas para a Universidade da Maturidade (UMA) e para as comunidades indígenas, especialmente no que diz respeito à melhoria da qualidade de vida dos anciãos. O artigo sugere que essa iniciativa representa uma forma de difusão para aqueles interessados no envelhecimento saudável, indicando possíveis áreas para futuras pesquisas nesse campo.

Palavras-chave: Envelhecimento; Universidade da Maturidade; Indígenas; Protagonismo.

INTRODUÇÃO

O envelhecimento populacional é uma realidade evidente. “É uma realidade heterogênea, associada a formas peculiares de manifestação de variáveis genético-biológicas, sócio estruturais e psicológicas, as quais contribuem para a configuração de padrões de velhice normal, ótima e frágil” (Belo Horizonte, 2005).

O aumento da expectativa de vida e a diminuição da taxa de natalidade contribuem para esse cenário. Essas mudanças demográficas têm implicações significativas em diferentes áreas, como saúde, previdência social, economia e políticas públicas.

O envelhecimento é um processo multifacetado que afeta não apenas o corpo, mas também aspectos psicológicos e sociais. O acompanhamento das transformações demográficas é essencial para que as sociedades possam se adaptar e proporcionar condições adequadas para a população idosa. Isso inclui garantir acesso a cuidados de saúde adequados, promover a inclusão social, criar políticas de aposentadoria sustentáveis e adaptar infraestruturas para atender às necessidades específicas desse grupo. Além disso, é importante reconhecer a diversidade dentro da população idosa, considerando fatores como gênero, etnia e condições socioeconômicas, para garantir que as políticas

e programas sejam inclusivos e atendam às necessidades variadas desse segmento da sociedade.

O envelhecimento é um fenômeno global que demanda uma abordagem holística e colaborativa para enfrentar os desafios e aproveitar as oportunidades que surgem com uma população mais idosa. Segundo dados do IBGE (2022),

Em 2022, o total de pessoas com 65 anos ou mais de idade no país (22.169.101) chegou a 10,9% da população, com alta de 57,4% frente a 2010, quando esse contingente era de 14.081.477, ou 7,4% da população. Já a população idosa de 60 anos ou mais é de 32.113.490 (15,6%), um aumento de 56,0% em relação a 2010, quando era de 20.590.597 (10,8%). É o que revelam os resultados do universo da população do Brasil desagregada por idade e sexo, do Censo Demográfico 2022. Esta segunda apuração do Censo mostra uma população de 203.080.756 habitantes, com 18.244 pessoas a mais do que na primeira apuração (IBGE, 2022).

O cuidado com o envelhecimento tem alcançado destaque relevante por todo o mundo. De um modo geral a expectativa de vida tem progredido, porém isso não ocorreu de forma equivalente, alguns países estão mais preparados para o envelhecimento populacional, outros menos.

Países bem pobres, e com baixíssimo índice de desenvolvimento humano, tem uma baixa expectativa de vida, a exemplo de muitos países da África. Em Chade, país africano, a expectativa de vida não chega a 50 anos de idade. Já em alguns países, do continente europeu e asiático, a expectativa de vida chega a ser maior que 80 anos (ONU, 2017).

No Brasil, mais especificamente no estado do Tocantins, a Universidade Federal do Tocantins, por meio da Universidade da Maturidade (UMA), frente a esse panorama, tem desenvolvido um enfoque globalizante, oportunizando um

espaço de convivência social de aquisição de novos conhecimentos inerentes ao envelhecimento saudável, priorizando a educação, a saúde, o esporte, o lazer, a arte e a cultura, atuando assim para um desenvolvimento integral dos velhos, conquistando uma melhoria na qualidade de vida e resgate da cidadania, visando a integração dos mesmos com acadêmicos da graduação, identificando o papel e a responsabilidade da Universidade em relação às pessoas da terceira idade. Segundo Osório (2018),

Este programa é uma alternativa para as pessoas adultas que a sociedade brasileira exclui, numa fase da vida em que detém experiência acumulada e sabedoria. É um espaço de convivência social de aquisição de novos conhecimentos voltados para o envelhecer sadio e digno e, sobretudo, na tomada de consciência da importância de participação do idoso na sociedade enquanto sujeito histórico (Osório, 2018).

Criado em 2006, o Programa de Extensão Universidade da Maturidade (UMA), atingirá a maioria em 2024. A Universidade da Maturidade(UMA), então, apresenta como propósito conhecer o processo de envelhecimento do ser humano e um dos seus objetivos é, segundo Osório (2009), “oportunizar à comunidade acadêmica, o conhecimento acerca do processo de envelhecimento do ser humano, contribuindo na promoção do desenvolvimento das pessoas e provocando transformações que garantam a conquista de uma velhice ativa e digna (Osório, 2009).

No cenário da Educação de Velhos e pautada num modelo de Educação Popular, a Universidade da Maturidade (UMA) recomenda que sempre é tempo de desenvolver as capacidades e potencialidades do ser humano, pois “enriquecer com experiências e aprendizagens, conhecimentos serão adquiridos e construídos no decorrer da vida e emergem com mais facilidade após o ingresso na vida acadêmica” (Adamo et al., 2017).

Considerando a significância da Universidade da Maturidade(UMA) no cenário tanto nacional, como tocantinense, este artigo objetiva apregoar a

emoção e a representatividade da Universidade da Maturidade(UMA) na ocasião da realização da colação de grau da primeira turma de indígenas do polo de Tocantínia, conjuntamente com a administração municipal, que viabilizou a instalação de três polos, voltados para o idoso indígena *Akwẽ-Xerente*. “Trata-se da primeira instituição do gênero em todo o Brasil”, foi o que destacou, com muita honra, o Exmo. Prefeito Manoel Silvino Gomes Neto⁶⁷, que não mediu esforços para concretizar esse projeto no seu município, considerando que, cuja maioria da população (cerca de 52,7%) de Tocantínia é formada pela comunidade indígena *Akwẽ-Xerente* (IBGE, 2022).

Doron (1998) conceitua a interação social como o modo comportamental fundamental em grupo. “O processo interpessoal pelo qual indivíduos em contato modificam temporariamente seus comportamentos uns em relação aos outros, por uma estimulação recíproca contínua”. (Doron, 1998, p. 439)

Na interculturalidade e na intergeracionalidade entre os membros da comunidade indígena *Akwẽ-Xerente* e outras pessoas da comunidade tocaninense, essa iniciativa parece ter fortalecido os laços culturais e promovido a convivência entre diferentes gerações.

REFERENCIAL TEÓRICO

Um dos grandes feitos da humanidade foi a ampliação dos anos de vida da população idosa, apesar dessa conquista estar um pouco distante do que seja o imaginado. Alcançar a velhice, que em outros tempos era regalia de poucos, hoje é mais frequente, mesmo em países subdesenvolvidos. Esta conquista tornou-se um contratempo para o século XXI. Segundo Renato Veras (2007),

O Brasil é um jovem país de cabelos brancos. Todo ano, 650 mil novos idosos são incorporados a população brasileira, a maior parte com doenças

⁶⁷ Exmo. Prefeito Municipal de Tocantínia, estado do Tocantins, gestão 2021/2024.

crônicas e alguns com limitações funcionais. Em menos de 40 anos, passamos de um cenário de mortalidade próprio de uma população jovem para um quadro de enfermidades complexas e onerosas, típicas da terceira idade, caracterizado por doenças crônicas e múltiplas, que perduram por anos com exigência de cuidados constantes, medicação contínua e exames periódicos. O número de idosos passou 3 milhões em 1960, para 7 milhões, em 1975, e de 17 milhões em 2006- um aumento de 600% em menos de cinquenta anos (Veras, 2007, p. 2464).

Em épocas passadas, a velhice era associada à pobreza, à ociosidade, à tranquilidade. Simões afirma, “somente a partir da década de 1960 novas imagens são integralizadas e associadas ao processo de envelhecimento, quais sejam, a saúde, atividade, aprendizagem e satisfação pessoal, perpassando as duas dimensões” (Simões, 1998).

Simone de Beauvoir (1990) reconhece que os “velhos, na sociedade capitalista, são considerados inúteis porque improdutivos e, portanto, desprovidos de funções sociais”. Tal citação pode ser uma interpretação imprecisa, justificando que ela não concentrou-se especificamente na avaliação de idosos na sociedade capitalista contemporânea.

Considerando as modificações ocorridas, é importante compreender as diversas concepções que podem intervir no processo de identificação do envelhecimento, bem como as muitas definições para o termo “velhice”.

Algumas comunidades tem visões diferentes sobre o campo da velhice, para as comunidades indígenas, o velho é considerado sábio, o livro da vida dele é representado como vivência, assim, um índio velho é visto como uma biblioteca, os quais é consultado nas decisões, quando senta para contar suas histórias fica rodeados de crianças, é sempre o primeiro da ordem de fala, a cerimônia começa com a benção do ancião, estes povos tem muito a ensinar. Neste papel destacam “a necessidade de se reunirem e socializarem os saberes

a partir dos mais velhos e também da relação com os jetir⁶⁸, os encantados. Fortalecer a cultura e a identidade étnica”, como afirma (Araújo & Souza, 2018).

O Estatuto do Idoso no Brasil foi criado pela Lei nº 10.741/2003, sancionada em 1º de outubro de 2003. Essa legislação representa um marco importante na garantia dos direitos dos idosos no país. No estado do Tocantins o Projeto de Lei Nº 311/2023 da Assembleia Legislativa, Diário Oficial N 3.616 de 09/08/2023 instituiu o mês da “avosidade”⁶⁹ a ser comemorado anualmente em julho no Calendário Oficial do Estado.

Essas ações específicas, como a criação de um mês dedicado aos idosos, contribuem para sensibilizar a sociedade e promover atividades e iniciativas voltadas para a população idosa. A conscientização sobre as questões relacionadas ao envelhecimento é fundamental para criar uma sociedade mais inclusiva e respeitosa com os direitos dos idosos. Esse tipo de legislação estadual complementa o Estatuto do Idoso, fortalecendo as políticas e práticas específicas para a promoção do bem-estar e respeito aos idosos. É um exemplo positivo de como os estados podem adaptar e ampliar medidas nacionais para atender às necessidades específicas de suas populações.

Acredita-se que o Estado, a Universidade e até mesmo a sociedade civil possam agir em função dos mais velhos. A educação para o envelhecimento e a velhice devem sustentar-se na construção de conhecimentos educacionais atenuadores para a longevidade humana. Conforme Osório (2013),

A aplicação dessa metodologia nas universidades da maturidade permite ao docente um pensar mais crítico a respeito do fazer pedagógico, enquanto os

⁶⁸ técnicas de manejo sustentável da terra, respeitando os ciclos da natureza e mantendo a fertilidade do solo.

⁶⁹ O termo “avosidade” pode ser entendido como uma forma de destacar a importância, respeito e valorização das pessoas idosas, reconhecendo a sabedoria e a contribuição que os avós e idosos trazem para a sociedade. Essa iniciativa provavelmente busca promover atividades, eventos e reflexões relacionadas aos desafios e conquistas enfrentados pelos idosos, contribuindo para uma sociedade mais inclusiva e atenta às necessidades dessa parcela da população.

velhos por serem sujeitos ativos no processo de aprendizado, são capazes de participar e definir situações que requeiram mudanças e que esse segmento opte pela forma mais estimulante e satisfatória de aprender e alcance propósitos que deem sentido à vida (Osório, 2013).

A articulação da formação e educação para os idosos, como destacado nesse cenário, é uma abordagem fundamental para promover a inovação, o protagonismo e a cidadania dessa população. A capacitação contínua dos idosos não apenas contribui para o desenvolvimento pessoal, mas também fortalece a sociedade como um todo. Nesse contexto, os artigos 21 e 22 do Estatuto do Idoso, Lei nº 10.741/2003, delineiam as responsabilidades do Poder Público em relação à educação e formação dessa parcela da população.

Art. 21. O Poder Público criará oportunidades de acesso do idoso à educação, adequando currículos, metodologias e material didático aos programas educacionais a ele destinados.

§ 1º Os cursos especiais para idosos incluirão conteúdo relativo às técnicas de comunicação, computação e demais avanços tecnológicos, para sua integração à vida moderna. O idoso como sujeito social na educação: pelo direito de ter voz, vez e lugar

§ 2º Os idosos participarão das comemorações de caráter cívico ou cultural, para transmissão de conhecimentos e vivências às demais gerações, no sentido da preservação da memória e da identidade culturais.

Art. 22. Nos currículos mínimos dos diversos níveis de ensino formal serão inseridos conteúdos voltados ao processo de envelhecimento, ao respeito e à valorização do idoso, de forma a eliminar o preconceito e a produzir conhecimentos sobre a matéria (BRASIL, 2003).

Assim, a Universidade da Maturidade(UMA) revela-se como um programa de extensão direcionada para a melhoria da qualidade de vida dos velhos,

possibilitando a integração com os acadêmicos de graduação do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Tocantins/UFT, que envolve diversas faixas etárias. A Universidade da Maturidade (UMA) tem como seu principal objetivo “a promoção de uma melhoria dos níveis de saúde física, mental e social das pessoas idosas” (Osório; Costa, 2021).

A Universidade da Maturidade(UMA) sairia do papel como um espaço de convivência social para “aquisição de novos conhecimentos voltados para o envelhecer sadio e digno e, sobretudo, para tomada de consciência da importância da participação do idoso na sociedade enquanto sujeito histórico” (UFT, 2020). Dessa forma consolidaria compromissos sociais e políticos do ponto de vista da educação continuada, do cumprimento da cidadania e desenvolvimento da intergeracionalidade.

De acordo com Osório (2021),

A Universidade da Maturidade(UMA) vem com esse propósito: educação ao longo da vida. Eles são bibliotecas vivas, memórias, saberes e conhecimentos dos antepassados. Colocarem eles como protagonistas da vida deles e desse ensino e aprendizado, foi a cereja do bolo, pois eles sentiam que a universidade foi feita com eles, para eles e a partir deles (Osório, 2021).

Os idosos indígenas e não indígenas possuem uma riqueza de experiências acumuladas ao longo de suas vidas. Assim como uma biblioteca é um repositório de conhecimento, os idosos e anciãos carregam consigo uma bagagem de sabedoria, histórias e tradições. Essas bibliotecas vivas, esses saberes e conhecimentos dos antepassados são prerrogativas de todas as etnias. Da mesma forma que uma biblioteca oferece oportunidades para aprendizado contínuo, a vida e as experiências aos velhos e anciãos proporcionam ensinamentos valiosos. Assim como uma biblioteca preserva e protege conhecimento, eles desempenham papel crucial como guardiões da

cultura e tradição. A metáfora implica que os idosos e anciãos merecem respeito e reconhecimento. Cada pessoa velha é única, assim como cada livro em uma biblioteca.

A Universidade da Maturidade(UMA) foi buscar junto à comunidade *Akwẽ-Xerente* do estado do Tocantins, segundo Osório (2023) “adentrar nas nossas origens, onde fomos aprender de onde viemos e a respeitar o pertencimento de tudo que nos rodeia. A universidade quebra o paradigma do saber formal e dá o devido valor aos saberes de quem sempre viveu aqui”. Oportunizar educação e atividades extracurriculares aos anciãos indígenas *Akwẽ-Xerente* foi o propósito da Universidade da Maturidade(UMA) em novembro de 2021. Segundo o Professor Leonardo Sampaio Baleeiro Santana⁷⁰, “o processo de ensino exigiu adaptações às necessidades dos acadêmicos. O polo indígena foi diferente das demais, outras tinham ementas propostas.” E continuou: “Nossos anciãos falam português, mas nada melhor do que ouvir e falar na língua materna. Então, todas as nossas ementas planejadas e estruturadas foram traduzidas para a língua materna e fácil compreensão”.

OS INDÍGENAS XERENTE

Os *Akwẽ-Xerente* são um grupo indígena que pertencem à família linguística Macro-Jê ⁷¹ e estão situados no estado do Tocantins, região centro-norte do Brasil. A terra indígena Xerente é uma região onde vivem e resguardam sua cultura, língua e modo de vida. As comunidades são organizadas de forma tradicional, com suas lideranças, costumes e rituais que retratam a rica tradição desse povo. Os *Akwẽ-Xerente* têm sua própria língua, preservar a língua é uma preocupação constante, e há todo um cuidado para transmitir esses conhecimentos às gerações mais jovens.

⁷⁰ Professor e Coordenador da Universidade da Maturidade(UMA), Polo indígena de Tocantínia/TO..

⁷¹ O tronco Macro-Jê é uma classificação mais ampla que engloba várias famílias linguísticas.
<https://pt.wikipedia.org/wiki/Xerentes>

Tocantínia, município onde encontram-se situados os Polos da Universidade da Maturidade (UMA) está situada a cerca de 90 quilômetros da capital Palmas. Em abril de 2012, a Câmara de Vereadores do município aprovou a Lei Nº 411/2012, oficializando a língua Akwẽ-Xerente como língua co-oficial no município. Destarte, incentivará o ensino da língua nas escolas e nos meios de comunicação.

De acordo com os estudos de Darcy Ribeiro (1996), os *Akwẽ-Xerente* são citados como uma das comunidades indígenas do Brasil Central, e segundo o Mapa Etnohistórico Nimuendajú (1942) os *Akwẽ-Xerente*, *Akwẽ-Xavante* e outros povos indígenas viviam no interior do Brasil.

Conforme Ribeiro (1996) os Akwẽ tiveram os primeiros contatos com a população não indígena nos anos de 1875, de forma pacífica com o governo da capitania de Goiás.

[...] ali os Akwẽ tiveram a oportunidade de conviver intimamente com guarnições militares e de experimentar uma vida civilizada. [...] logo depois começaram a escapar rumo ao norte, para o antigo território tribal. [...] um grupo que denotava maior aversão ao convívio com civilizados e que passou a ser conhecido como Xavante começou a se deslocar para a margem esquerda do rio Tocantins (1824), depois para Araguaia (1859), acabando por se estabelecer nos campos dos rios das Mortes.[...] os Akwẽ, que voltaram a se fixar no seu antigo território, à margem direita do Tocantins, passaram a ser conhecidos como Xerente. Estes grupos revelaram maior disposição para conviver com os civilizados (RIBEIRO, 1996, p. 80).

Darcy Ribeiro, além de antropólogo, foi renomado educador, político e escritor, e realizou estudos extensivos sobre as culturas indígenas no Brasil.

Com relação à cultura indígena *Akwẽ-Xerente*, à leitura de alguns indígenas é, basicamente que,

A cultura permanece viva, assim nos dias da

comemoração da festa cultural, no cotidiano a gente vive de roupa, mas no dia da festa todos estão pintados, a língua akwê é 100% falada dentro do território. Aqui dentro da aldeia é 100% materno, as orientações e a educação dentro da aldeia na cultura. Na cidade nós falamos português, mas os universitários e os que moram na cidade, talvez deva ter colocado dentro da cabeça que precisa falar até mesmo com os índios na cidade na universidade em português, mas quando eles vem para cá eles o comportamento é dentro da cultura (Professor Indígena, dezembro de 2014).

A prática de recorrer aos anciãos indígenas na vida acadêmica é um exemplo de reconhecimento da tradição. Destaca a importância da integração dos saberes ancestrais e acadêmicos, promovendo uma educação inclusiva.

A abertura de um polo da Universidade da Maturidade (UMA) nas Aldeias Indígenas Xerente em Tocantínia é uma iniciativa relevante e inovadora. Demonstra um compromisso eficaz com a promoção da educação e bem-estar nas comunidades indígenas, direcionada ao envelhecimento. Ao instituir um polo na comunidade *Akwê-Xerente*, a Universidade da Maturidade(UMA) estaria reconhecendo a importância da adaptação de programas educacionais para atender às necessidades específicas da população local. Incluir temas relacionados à intergeracionalidade e gerontologia é pertinente no contexto indígena, pois as dinâmicas familiares e comunitárias podem diferenciarem-se de outros espaços.

A CERIMÔNIA

A solenidade de colação de grau da Primeira Turma Indígena do Brasil, realizada em 21 de dezembro de 2023, no Centro de Ensino Médio Indígena Xerente Warã, em Tocantínia, estado do Tocantins, marca um momento histórico na educação e inclusão. A iniciativa da Tecnologia Social Universidade da Maturidade (UMA) da Universidade Federal do Tocantins (UFT) e o poder

Público Municipal, em sua parceria, demonstra um compromisso notável com a diversidade cultural e o acesso igualitário à educação.

Essa solenidade foi, sem dúvida, um testemunho da realização de esforços conjuntos para promover o conhecimento e a inclusão no cenário educacional brasileiro. É, de fato, fascinante e inspirador conhecer sobre essa conquista significativa. A formatura da primeira turma indígena no Brasil representa um marco histórico, que reflete o compromisso conjunto dessas instituições com a promoção da educação inclusiva e a valorização da diversidade cultural. Essa conquista certamente impactará positivamente na comunidade e servirá como um exemplo inspirador para outras iniciativas similares em todo o país.

A escolha do Centro de Ensino Médio Indígena Xerente Warã como local para a cerimônia de colação de grau destaca a significância do evento para a comunidade local, pois ressalta o compromisso com a preservação e a promoção da educação dentro do contexto cultural específico dos *Akwẽ-Xerente*, não é apenas um evento acadêmico, mas um marco cultural e comunitário, enfatizando a celebração acadêmica, sublinhando a integração educação x cultura x identidade local.

A participação dos vinte e oito acadêmicos na colação de grau evidencia a relevância e o impacto positivo que esse programa de extensão teve e tem na vida desses indígenas. Participaram os anciãos das aldeias Funil, Rio Verde, Salto, Saltinho, Porteira e Recanto Krite. No município são três polos: um na zona urbana, um no Assentamento Água Fria II e o outro na aldeia, que são frutos da parceria com a Prefeitura de Tocantínia, por intermédio da Secretaria Municipal de Educação.



Momento da Colação de Grau - Fonte: Fábio Almeida - UMA/UFT/2023

A iniciativa da Universidade da Maturidade(UMA) em implantar o polo nas comunidades indígenas em Tocantínia não é relevante apenas para os anciãos, mas para toda a comunidade indígena, pois estará promovendo o envelhecimento saudável. A menção de possíveis pesquisas futuras nessa área sugere um compromisso contínuo com o desenvolvimento e aprimoramento das práticas relacionadas ao envelhecimento em contextos indígenas. É um aporte valioso para a promoção da educação e qualidade de vida nas comunidades indígenas, além de ser um protótipo inspirador de como as instituições de ensino podem desempenhar um papel importante na promoção do bem-estar em diferentes idades e contextos.

Para a Universidade da Maturidade (UMA) a estratégia pedagógica foi a de colocar os acadêmicos indígenas como protagonistas.

Na cerimônia de colação de grau foi conferido o título de “Educador Político e Social do Envelhecimento Humano” aos formandos indígenas. Uma abordagem inovadora que reconhece a dimensão social e política do envelhecimento humano. Esse título sugere que os educadores não apenas

ofereçam conhecimentos sobre gerontologia, mas também questões sociais e políticas a cerca do envelhecimento à toda comunidade.

Dar ênfase à intergeracionalidade fortalece os laços familiares e comunitários, relevantes na cultura indígena, pois a transmissão de conhecimentos tradicionais é muito importante. Essa perspectiva educacional contribui expressivamente para a melhoria da qualidade de vida dos anciãos nas aldeias Xerente, valorizando a rica herança cultural desse grupo.

A noite de 21 de dezembro de 2023 foi marcada por um cenário de emoção e significado, gradualmente os formandos e suas famílias chegavam para a aguardada formatura. Cada participante representava não apenas a conclusão de um ciclo acadêmico, mas também simbolizava luta, oportunidade, reconhecimento e a realização de direitos fundamentais. Antes do anoitecer, um jantar foi servido, proporcionando um momento de confraternização e celebração, onde os costumes e tradições foram respeitados. Esses rituais adicionaram uma camada especial de autenticidade e significado à ocasião, refletindo a riqueza da cultura e a importância atribuída a esse marco histórico.

A cerimônia de formatura descrita, onde os vinte e oito formandos foram aplaudidos em pé por seu povo, representa um momento simbólico. Aqui estão alguns aspectos notáveis dessa ocasião:

Orgulho e reconhecimento comunitário: O fato de os formandos serem aplaudidos em pé por seu povo indica um forte senso de orgulho e reconhecimento dentro da comunidade.

Valorização da língua e da cultura: o uso da língua Akwẽ Xerente, característica do dialeto falado nas seis aldeias, é testemunho da valorização da língua e cultura indígena.

Integração de elementos culturais na celebração: a combinação de elementos culturais, como a língua, o

canto do Hino Nacional Brasileiro na língua Xerente e a presença da comunidade, torna a cerimônia autenticamente enraizada na cultura indígena.

A cerimônia de formatura não apenas simboliza a conquista individual dos formandos, mas também se torna um marco que fortalece a identidade cultural, promove a inclusão e destaca a importância crucial da educação dentro das comunidades indígenas.

Essa celebração transcende a obtenção do diploma, tornando-se um testemunho do poder transformador da educação na preservação e no enriquecimento das tradições culturais, além de ser um passo importante em direção à promoção da inclusividade e do empoderamento dentro das comunidades indígenas.

Esta é a primeira turma indígena do Brasil a se formar pela Universidade da Maturidade (UMA) que é mais do que um programa de extensão.



Momento das Homenagens. Fonte: Fábio Almeida - UMA/UFT/2023

A Coordenadora da Universidade da Maturidade (UMA) Neila Barbosa Osório⁷² afirmou:

"É um compromisso realizado para essas pessoas que me ensinaram muito. Eu vim aqui para aprender com a população brasileira que são esses anciãos e as crianças também que fizeram essa via de mão dupla. Esse direito, essa cidadania essas experiências, esses saberes que eles nos trazem e que nós estamos levando para a sociedade em forma de publicações, de livros, de poesias desses saberes é realmente um momento de um gratuito saber, imensurável valor para nós".



Momento da Entrevista da Coordenadora da UMA - Fonte: Tv Anhanguera/2023 <https://g1.globo.com/to/tocantins/>

⁷² Coordenadora da Universidade da Maturidade (UMA) da Universidade Federal do Tocantins/UFT.

O comentário reflete uma abordagem centrada no respeito, aprendizado mútuo, valorização das contribuições dos anciãos e um compromisso ativo em compartilhar esses saberes para enriquecer a sociedade, expressando um profundo comprometimento e respeito em relação aos anciãos e às crianças. Destaca também a importância de reconhecer e garantir os direitos e a cidadania das pessoas mais velhas. Isso sugere não apenas um compromisso com a promoção da igualdade, respeito e inclusão na sociedade.

A presença de muitos depoimentos a respeito da cerimônia de colação de grau sugere uma rica e emocionante celebração, onde diversos indivíduos compartilharam suas reflexões. Esses depoimentos podem incluir uma variedade de temas, aqui alguns dos depoimentos:

Narubia Werreria⁷³: "É um momento histórico. A UMA tem feito história não só no Tocantins, mas no Brasil inteiro com essa inovação que é aliar conhecimentos tradicionais, reconhecer esses conhecimentos tradicionais e trazer a universidade para dentro do território indígena e para nossos anciãos que são nossas referências de conhecimento e sabedoria".

Leonardo Sampaio Baleeiro Santana⁷⁴: Os nossos anciãos são mestres, são doutores da cultura, então ser a primeira Universidade da Maturidade (UMA) do Brasil trazendo esse conhecimento, essa experiência para dentro da universidade foi fundamental".

Augusto Sowe Xerente⁷⁵: "Esse projeto não é para nós, é para nossos filhos, para nossos netos, cada um de nós, vai passando como foi. Poder celebrar esse momento com meus filhos e netos é muito emocionante. Esses anos com os professores foram de aprendizado e troca de conhecimento. Espero que mais anciãos tenha a oportunidade de viver tudo isso

⁷³ Ativista ambiental indígena do Brasil e Secretária Estadual dos Povos Originários e Tradicionais no estado do Tocantins.

⁷⁴ Professor e Coordenador da Universidade da Maturidade(UMA), Polo indígena de Tocantínia/TO.

⁷⁵ Acadêmico da Universidade da Maturidade (UMA) indígena de Tocantínia/TO.

que estou vivendo”.

Sônia Terezinha Baccin Bonatti⁷⁶: “Na cerimônia de colação de grau da Universidade da Maturidade, o polo indígena foi palco de uma celebração única, onde a alegria ressoou em cada rosto e a emoção preenche o ar. À medida que os formandos se prepararam para receber seus diplomas, uma atmosfera de felicidade contagiante se instalou. Os sorrisos radiantes, espelhando o tempo de dedicação, superação e aprendizado”.

Eliana Zellmer Poerschke⁷⁷: “Ter participado da colação de grau da primeira turma indígena Xerente da Universidade da Maturidade (UMA) foi uma honra, um momento de emoção e orgulho. Poder ver a emoção dos formandos sendo aplaudidos pelas suas famílias em um momento solene, ver a cultura indígena e sua língua akwê xerente sendo interpretada durante a cerimônia foi também um momento de aprendizagem. A Universidade da Maturidade(UMA) mais uma vez brilhou e emocionou, mostrou porque a cada ano se consolida pelo trabalho realizado no Tocantins e outros estados parceiros e agora com um belíssimo trabalho de internacionalização na Europa. Parabéns aos formandos, à Doutora Neila Barbosa Osório, ao Doutor Luiz Sinésio Silva Neto e a toda sua equipe de mestrandos e doutorandos por esse momento de Educação Intergeracional de sucesso”.

⁷⁶ Professora da Universidade da Maturidade (UMA) Polo de Palmas/TO.

⁷⁷ Professora da Universidade da Maturidade (UMA) Polo de Palmas/TO.

Iraci Xerente⁷⁸: "O momento é de gratidão. Eu fiquei emocionada, eu nunca pensei que fosse vestir essa roupa".

Samuel Marques Borges⁷⁹ "A gente aprende como professor, a gente ensina como professor de fora para eles e colocar eles como anciãos, biblioteca viva, da natureza, coisas que realmente trazem dos ancestrais, do antepassado, trazer para hoje é muito importante".

A observação do Professor Samuel Marques Borges, que também aprendeu com aqueles que ensinou, enfatiza o caráter recíproco do ensino. Destaca a ideia de que o processo educacional é uma via de mão dupla.

Foram dezoito meses de uma jornada desafiadora. O tempo prolongado teve diversas etapas e momentos de superação, desafios além da idade, a realização de um sonho, o início de uma herança acadêmica e histórica, o significado profundo da experiência e a diversidade de expectativas. Isso proporcionou uma visão da complexidade da experiência desses dezoito meses, destacando os desafios, as conquistas pessoais e coletivas dos participantes.

O ancião Valdeciano Kasumrã Xerente⁸⁰ foi o primeiro a receber a outorga de grau e em seu discurso em língua Xerente, traduzido por um professor, relatou, "é muita felicidade participar desse momento que me esforcei tanto e consegui alcançar o objetivo que era conquistar o diploma, mas não esqueço minhas raízes". Em seu depoimento emocionado, ainda sugeriu que "a experiência de formação e a cerimônia de concessão de grau foram momentos intensos e significativos para ele".

⁷⁸ Acadêmica da Universidade da Maturidade(UMA) do polo de Tocantínia/TO.

⁷⁹ Professor da Universidade da Maturidade(UMA), Polo indígena de Tocantínia/TO.

⁸⁰ Acadêmico da Universidade da Maturidade (UMA) polo de Tocantínia/ Tocantins.



**Discurso do orador em língua Xerente. - Fonte: Fábio Almeida -
UMA/UFT/2023**

O fato de ser o primeiro a receber a outorga de grau sublinha a importância histórica desse momento. Ressalta não apenas a realização individual, mas o papel pioneiro desse ancião no contexto da cerimônia. O discurso pronunciado em *Akwẽ- Xerente* demonstra a preservação da língua e cultura indígena. O tradutor ressalta a importância de criar pontes de compreensão entre as línguas.

O reconhecimento dos professores da Universidade da Maturidade (UMA) do polo indígena de Tocantínia ao receberem a menção honrosa, destaca a importância do trabalho árduo e dedicado dos educadores na promoção da aprendizagem e no impacto positivo que tem na vida dos acadêmicos. Uma vez recebida a menção honrosa indica o reconhecimento especial pelo seu trabalho, a influência positiva e eficaz na formação desses estudantes, o aprendizado recíproco.

A atmosfera de festividade destacou a alegria e o entusiasmo que permearam o evento. Esse momento de celebração sugeriu não apenas a conclusão acadêmica, mas a conquista de um marco único.



Encerramento da cerimônia. - Fonte: Tv Anhanguera/2023

<https://g1.globo.com/to/tocantins/>

A noite de festa e celebração, foi seguida pelo descerramento da placa. Teve como frase final: "Viva a primeira turma indígena da UMA do Brasil!" Frase que destaca caráter histórico desse feito. Na ocasião o senhor André Ribeiro de Goveia⁸¹, ressaltou:

"É uma a alegria e uma emoção ver a formação da primeira turma da UMA Indígena do Brasil. Por ser a primeira, gera um sentimento de muita satisfação e felicidade. É um caminho aberto para oportunizar para esses povos uma qualidade de vida superior, fortalecer a valorização e sistematização dos saberes das chamadas bibliotecas vivas que são os anciãos indígenas".

⁸¹ Secretário Municipal de Educação de Tocantínia e Professor da Universidade da Maturidade (UMA) do Polo de Tocantínia/TO.

A atuação positiva do Doutor Luiz Sinésio Silva Neto como mestre de cerimônia na colação de grau estabeleceu uma atmosfera acolhedora e solene durante o evento.

A sua capacidade de receber a todos com alegria demonstra um compromisso em tornar o momento memorável e especial para os participantes da cerimônia. Ao representar os demais concluintes, o Doutor Luiz Sinésio Silva Neto desempenhou um papel de destaque, refletindo a união e o espírito coletivo da turma.

Ao conceder o título de "Educador Político e Social do Envelhecimento Humano" ao ancião Valdeciano Kasumrã Xerente, sinalizou que o mesmo adquiriu conhecimentos e habilidades não apenas no campo da Educação, mas também em aspectos políticos e sociais relacionados ao envelhecimento.

Segundo o Dr. Luiz Sinésio Silva Neto "o que paira em nossas mentes, em nossos corações é alegria, alegria, alegria, sentimento mais puro, orgulho do trabalho realizado, orgulho do nosso povo, orgulho dos nossos indígenas e orgulho dos nossos anciãos".

Os discursos e manifestações de apreço durante a cerimônia ecoaram nos corações dos formandos, familiares e toda a assembleia presente. O símbolo físico do diploma representava mais do que a conclusão de um curso; era a materialização de sonhos, a validação de habilidades e a entrada em um novo capítulo da vida.

A mensagem enviada aos formandos pelo Senador Eduardo Gomes, homenageado da turma e padrinho da Universidade da Maturidade (UMA), destacou seu apoio ao programa. O Senador expressou explicitamente seu reconhecimento e apoio à UMA indígena, indicando que a iniciativa é uma bandeira importante no seu mandato. Isso sugere um compromisso ativo com a promoção da educação indígena e a valorização da Universidade da Maturidade

(UMA). Por ser padrinho da UMA, tem um papel relevante de apoio e patrocínio para a iniciativa. “Esse título pode envolver responsabilidades específicas no sentido de advogar pelos interesses e necessidades da UMA indígena” destacou o Senador.

A continuidade da educação intergeracional e gerontológica nas aldeias indígenas é crucial para promover o bem-estar e preservar a riqueza cultural dessas comunidades, pois preservará o conhecimento tradicional, fortalecerá a identidade cultural e o envelhecimento saudável e ativo. Concluindo, é uma abordagem holística que promove a continuidade cultural e a sustentabilidade, contribuindo para comunidades mais fortes e resilientes. É Vital continuar investindo nesse tipo de educação para garantir o florescimento das gerações presentes e futuras nas comunidades indígenas.

1. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo aqui realizado reflete um acontecimento que vai além de uma simples cerimônia de colação de grau, destacou a singularidade da ocasião, o reconhecimento da experiência dos anciãos e o compromisso com a inovação na Educação Indígena. Nos leva a refletir sobre a conquista histórica e inédita da formação da primeira turma indígena do Brasil pela Universidade da Maturidade (UMA), das parcerias institucionais, das metodologias de pesquisa e da relevância para os anciãos indígenas.

Assim sendo, a colação de grau na turma indígena, fortalece o papel da Universidade da Maturidade (UMA) da Universidade Federal do Tocantins (UFT) como referência no campo do envelhecimento. Além de celebrar as conquistas individuais, esse evento contribui para o conhecimento científico sobre o tema. O impacto vai além da esfera acadêmica, influenciando positivamente a abordagem e as práticas relacionadas ao envelhecimento saudável e ativo na sociedade.

REFERÊNCIAS

ADAMO, C. E. et al. **Universidade aberta para a terceira idade: o impacto da educação continuada na qualidade de vida dos idosos.** Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia, v. 20, n. 4, p. 545-555, 2017.

ARAÚJO, Marli Gondim de; SOUZA, Tiane Araújo de Paiva. **A sabedoria tradicional originária indígena: encontro de sábios e sábias e previsões para a agricultura Xukuru.** Agroecologia. Brasília - DF, 2017.

BARRETO, M. L. F. **Admirável mundo velho: velhice, fantasia e realidade social.** 1aed. São Paulo: Ática, 1992.

BEAUVOIR, Simone de. **A velhice.** 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BELO HORIZONTE. Secretaria Municipal de Saúde. **Plano Municipal de Saúde.** Belo Horizonte/MG: 2005-2008.

BRASIL. **Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/CCivil_03/leis/2003/L10.741.htm. Acesso em: 12 jan. 2023

BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria nº 2.528 de 19 de outubro de 2006.** Aprova a Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa. Brasília - DF, 2006.

Câmara Municipal de Tocantínia. Disponível em:
<<https://www.tocantinia.to.gov.br>

COSTA, Amanda Pereira da; OSÓRIO, Neila Barbosa Osório. **A Intergeracionalidade na Universidade da Maturidade - Palmas–Tocantins.** Humanidades & Inovação, v. 8, n. 42, p. 294-307, 2021.

Diário da Assembleia Legislativa do Tocantins. Disponível em:
<https://www.al.to.leg.br/arquivos/diario-oficial_3616_66003.PDF

DORON, R. **Dicionário de psicologia.** São Paulo: Ática, 1998.

Governo do Tocantins. **Trabalhando e cuidando de todos.** 2021. Disponível em:
<<https://www.to.gov.br/noticias/povos-indigenas-integram-colcha-de-retalhos-da-cultura-tocantinense>

IBGE– Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.
Número-de-pessoas-com-65-anos-ou-mais-de-idade-cresceu. Brasil. Brasília, DF: IBGE, 2022.

_____. Ministério da Saúde. Departamento da Atenção Básica. **Mapas da Atenção Básica e Saúde da Família. 2008.** Disponível em: <http://dab.saude.gov.br/abnumeros.php#mapas>. Acesso em junho de 2016.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Envelhecimento e saúde da pessoa idosa** / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica – Brasília: Ministério da Saúde, 2006. 192 p. il. – (Série A. Normas e Manuais Técnicos) (Cadernos de Atenção Básica, n. 19).

_____. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. **Projeções e estimativas da população do Brasil e das Unidades da Federação.** Rio de Janeiro: IBGE, 2013.

NIMUENDAJÚ, Curt. **The Serent.** Los Angeles: Publications of the Frederick Webb Hodge, Vol. IV, 1942.

OSÓRIO, Neila Barbosa. **Uma proposta de Educação Freiriana contemporânea para os gerontolescentes: A experiência da Universidade da Maturidade da Universidade Federal do Tocantins.** Palmas – Tocantins, 2009.

OSÓRIO, Neila Barbosa. Universidade da Maturidade/Universidade Federal do Tocantins: **A sensibilização do Ser Humano acima de 45 anos para um Envelhecimento Digno e Ativo.** Palmas - Tocantins, 2013.

OSÓRIO, Neila Barbosa; COSTA, Amanda Pereira. **A intergeracionalidade na Universidade da Maturidade – Palmas / Tocantins.** Humanidades & Inovação, v. 8, n. 42, p. 294-307, 2021

OSÓRIO, N. B.; SOUSA, D. M.; NETO, L. S. S. **UNIVERSIDADE DA MATURIDADE: ressignificando vidas.** VII Jornada Internacional de Políticas Públicas. UFMA, 2013.

OSÓRIO, N. B.; NETO, L. S.; DE SOUZA, J. M. **A era dos avós contemporâneos na educação dos netos e relações familiares: um estudo de caso na Universidade da Maturidade da Universidade Federal do Tocantins.** Revista Signos, v. 39, n. 1, 2018.

_____. Política Nacional de Saúde do Idoso, aprovada pela **Portaria nº 1.395, de 9 de dezembro de 1999**, Diário Oficial (da) República Federativa do Brasil, Brasília, DF, n.237-E, p.20-24, 13 dez. Seção 1.

Revista Brasil Indígena Fundação Nacional do Índio – FUNAI- Nov/Dez.2003. Disponível em: <http://biblioteca.funai.gov.br/media/pdf/Folheto78/FO-CX-78-4770-2014.PDF>

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo; Companhia das Letras, 1996.

SIMÕES, J. A. **Velhice e espaço político**. In: LINS DE BARROS, M. (Org.). **Velhice ou Terceira Idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política**. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS. **Regimento Interno Da Universidade Da Maturidade – UMA/UFT**. Universidade da Maturidade: UFT, 2020.

VERAS, Renato. **Fórum envelhecimento populacional e as informações de saúde do PNAD: demandas e desafios contemporâneos**. Rio de Janeiro: Cad. Saúde pública, 2007.

WHO. **Envelhecimento ativo: uma política de saúde**/World Health Organization; ONU. tradução Suzana Gontijo. – Brasília: Organização Pan-americana da Saúde, 2005.

EDUCAÇÃO INTERGERACIONAL NA AMAZÔNIA: AS APRENDIZAGENS ENTRE CRIANÇAS E PESSOAS IDOSAS NA ESCOLA VINÍCIUS DE MORAES

Francijanes Alves de Sousa Sá⁸²

Neila Barbosa Osório⁸³

Luiz Sinésio Silva Neto⁸⁴

Fernando Afonso Nunes Filho⁸⁵

Nubia Pereira Brito Oliveira⁸⁶

Marlon Santos de Oliveira Brito⁸⁷

RESUMO

O fenômeno do envelhecimento populacional requer uma análise das complexas dinâmicas entre diferentes gerações em vários contextos. Este estudo enfoca a região da Amazônia Legal brasileira e investiga as interações entre pessoas de diferentes idades. O objetivo é descrever percepções de educação intergeracional e ambiental que acontecem no projeto Ecoponto na Escola, desenvolvido com pessoas idosas da Universidade da Maturidade, da Universidade Federal do Tocantins e alunos do ensino fundamental da Escola de Tempo Integral Vinícius de Moraes. Adotou-se abordagem qualitativa, com análise de documentos que destacam nos resultados alcançados, como acontece a interação entre gerações, a aprendizagem significativa e a conscientização ambiental. Conclui-se com alinhamentos de questões atuais, como a promoção da sustentabilidade e a melhoria das relações intergeracionais para uma sociedade mais saudável e consciente.

Palavras-chave: Educação Intergeracional; Práticas Educativas; Educação na Amazônia.

⁸²Mestre em Educação. Universidade Federal do Tocantins. ORCID:

<https://orcid.org/0000-0002-4290-242X> Universidade Federal do Tocantins, Brasil E-mail: francijanes2015@gmail.com

⁸³Doutora em Educação. Universidade Federal do Tocantins. ORCID:

<https://orcid.org/0000-0002-6346-0288> Universidade Federal do Tocantins, Brasil E-mail: neilaosorio@uft.edu.br

⁸⁴Doutor em Ciências e Tecnologias em Saúde. Universidade Federal do Tocantins. ORCID:

<https://orcid.org/0000-0002-3182-7727> Universidade Federal do Tocantins, Brasil E-mail: luizneto@uft.edu.br

⁸⁵Doutor em Educação. Universidade Federal do Tocantins. ORCID:

<https://orcid.org/0000-0001-9997-5585> Universidade Federal do Tocantins, Brasil E-mail: fanfilho@hotmail.com

⁸⁶Mestre em Educação. Universidade Federal do Tocantins. ORCID:

<https://orcid.org/0000-0002-1026-4734> Universidade Federal do Tocantins, Brasil E-mail: professoranubiabrito@gmail.com

⁸⁷Doutorando em Educação. Universidade Federal do Tocantins. ORCID:

<https://orcid.org/0000-0001-5487-2400> Universidade Federal do Tocantins, Brasil E-mail: marlonoliveirabrito@gmail.com

INTRODUÇÃO

O fenômeno de crescimento da população idosa requer a exploração das dinâmicas complexas que surgem entre diferentes gerações em diversos contextos, como família, trabalho e sociedade (FERRIGNO, 2015). Esta percepção alcança a Amazônia Legal brasileira (IBGE, 2021) e o trabalho oferece uma visão das interações entre pessoas de diferentes idades e como suas perspectivas, valores e experiências influenciam essas relações intergeracionais.

Ferrigno (2015), Osório et al (2022), Oliveira et al (2023) e outros pesquisadores, afirmam que as mudanças culturais, sociais e econômicas que moldam as atitudes e comportamentos das diferentes gerações, carecem de análises que examinem as relações e os inevitáveis conflitos que a oportunidade de envelhecer trouxe para os seres humanos contemporâneos.

Nesse contexto, a Escola é um dos espaços sociais que possui a incumbência de instruir a nova geração a se tornar responsável e reflexiva a respeito de seu papel intrínseco no âmbito global de sustentabilidade com o meio social e ambiental (JULIA, 2001). Os espaços escolares são locais sociais que conseguem englobar tanto as gerações mais velhas quanto as mais novas (VILLAS-BOAS, 2016). Além de ser um espaço promissor para envolver a comunidade e as instituições em abordagens coletivas, enquanto unidade social agregadora de componentes de transmissão, concretização e até mesmo de transformação (BRANDÃO, 2014).

Uma dessas iniciativas de diálogo educacional intergeracional sustentável acontece na Escola de Tempo Integral Vinícius de Moraes (ETI Vinícius de Moraes), na cidade de Palmas, capital do Estado do Tocantins, estado membro da Amazônia Legal (OSÓRIO, SILVA NETO e NUNES FILHO, 2022). Com o

nome de Projeto Ecoponto na Escola, o empreendimento reúne no ambiente escolar as pessoas idosas que estudam na Universidade da Maturidade, da Universidade Federal do Tocantins (UMA/UFT), com as crianças que estudam o 5º Ano do Ensino Fundamental na Escola de Tempo Integral Vinícius de Moraes.

O trabalho investiga essa relação entre pessoas idosas da Universidade, com crianças da Educação Básica, ao atuarem juntas em um projeto de cunho socioeducativo que aborda a sustentabilidade ambiental. De modo que a pergunta de referência é: Como acontece a aprendizagem entre crianças e pessoas idosas em projeto desenvolvido na Escola de Tempo Integral Vinícius de Moraes?

As universidades e programas como o Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal do Tocantins (PPGE/UFT), evidenciam pesquisas nesta temática, ao cumprir a missão institucional. Pois, divulgam pesquisas acadêmicas que promovem a formação avançada de profissionais da área educacional, fomentam a pesquisa interdisciplinar e contribuem para o desenvolvimento regional e nacional. Ou seja, publicações de resultados que demonstram compromisso com a excelência acadêmica, abordagens inovadoras e o engajamento com as demandas contemporâneas da educação.

Ao passo que o objetivo principal é descrever e compreender fenomenologicamente (MERLEAU-PONTY, 2018), em análises de documentos públicos, como acontece essa aprendizagem entre diferentes gerações, com conteúdos da sustentabilidade socioambiental, em encontros promovidos no âmbito do projeto Ecoponto na Escola, entre pessoas idosas da UMA/UFT e crianças da ETI Vinícius de Moraes. Com a hipótese inicial de que essa relação entre diferentes gerações é saudável para o desenvolvimento das crianças e das pessoas idosas envolvidas no empreendimento, enquanto trocam experiências a respeito da Educação Ambiental.

Neste caminho, a justificativa da investigação e divulgação de seus

resultados alcança desafios intergeracionais que a sociedade perpassa há tempos e que crescem com o aumento da população idosa em todo o mundo. Afinal, assim como assevera Villas Boas (2016); Ferrigno (2015) e Osório et al (2022); relação entre pessoas idosas e crianças, trabalhando juntas em um projeto de cunho socioeducativo que aborda a sustentabilidade ambiental, consegue, por si só, resolver uma série de motivos relevantes e benéficos para todas as partes envolvidas, bem como para a sociedade em geral.

Vale destacar que nos resultados estão apontamentos de objetivos específicos alcançados no trabalho que envolvem a intergeracionalidade, enquanto interação entre gerações diferentes, ao unir pessoas idosas e crianças; defesa da aprendizagem significativa, ao ampliar as oportunidades de aprendizagem para todas as partes envolvidas, no processo de partilha de saberes; e da sustentabilidade ambiental, alinhada com demandas contemporâneas de cuidado com o meio ambiente e a formação de cidadãos conscientes (OLIVEIRA et al, 2023).

Neste caminhar, o estudo adota uma abordagem metodológica qualitativa por meio da análise documental (LAKATOS e MARCONI, 1996), para investigar o Projeto Eco ponto na Escola. Ou seja, a pesquisa concentra-se na análise de documentos provenientes da Universidade da Maturidade, da Universidade Federal do Tocantins e da Escola de Tempo Integral Vinícius de Moraes. Esses documentos incluem planos, relatórios, portfólios, fotografias, cadernos de depoimentos e outros registros documentais produzidos por gestores e educadores envolvidos diretamente no projeto.

O objetivo é compreender as percepções, estratégias, desafios e impactos do Projeto Eco ponto na Escola, explorando a forma como ele é concebido e executado nos diferentes contextos educacionais. Além disso, observa-se em análise do conteúdo alcançado, com recomendações de Bardin (2011), as percepções de como acontece a conscientização ambiental e a prática sustentável entre os estudantes, utilizando uma abordagem

metodológica qualitativa com foco na análise de documentos.

De acordo com Lakatos e Marconi (1996) a metodologia adotada é de natureza qualitativa, uma vez que busca explorar as perspectivas e interpretações dos gestores e educadores envolvidos no fenômeno. De modo que a pesquisa documental é empregada com análise de conteúdos (Bardin, 2011), para coletar e analisar uma variedade de registros, incluindo planos de implementação, relatórios de progresso, portfólios de atividades, fotografias das ações realizadas, cadernos de depoimentos de estudantes e outros registros relacionados ao projeto.

Assim, os resultados revelam informações valiosas sobre a concepção, planejamento e execução da prática educacional intergeracional, com descrições e compreensões dos resultados evidenciados pelos gestores e educadores na implementação das estratégias, assim como o que está posto nestes documentos quanto às percepções dos estudantes em relação às atividades desenvolvidas, em depoimentos registrados nos cadernos.

Portanto, divulga-se aqui a produção de conhecimento, alcançada no estudo da relação intergeracional entre crianças e pessoas idosas, no viés da Educação Intergeracional que pode contribuir para a produção de conhecimento sobre práticas de Educação Ambiental, ao fornecer informações valiosas para futuros projetos semelhantes e pesquisas na área.

Por fim, o trabalho tem o potencial de gerar benefícios tangíveis tanto para quem busca compreender a relação de aprendizagem dos participantes diretos, ou seja, as pessoas idosas e as crianças; quanto para investigadores que estudam os temas e a sociedade em geral. Pois, se alinha a questões atuais e relevantes, como a promoção da sustentabilidade e o fomento de relações intergeracionais saudáveis.

EDUCAÇÃO INTERGERACIONAL NA ESCOLA VINÍCIUS DE MORAES

A Universidade da Maturidade, da Universidade Federal do Tocantins (UMA/UFT), é reconhecida como Tecnologia Social diante do “potencial de replicação a baixo custo” (TRANSFORMA, 2013). Essa inovação influencia, desde o ano de 2014, instituições educacionais do Estado do Tocantins e do Brasil, no propósito de conscientizar a comunidade a adotar medidas diante das questões pertinentes ao envelhecimento humano em harmonia com o ecossistema, mediante modificações em seus padrões de comportamento (NUNES FILHO, OSÓRIO e MACÊDO, 2016).

O estudo de Osório et al. (2022) destaca a UMA/UFT como um ambiente de aprendizado, pesquisa e extensão intergeracional inovador. Este espaço abraça tanto os jovens quanto os mais velhos, proporcionando a ambos a chance de desenvolver suas habilidades como agentes ativos dentro do seu entorno. A abordagem da UMA/UFT reconhece a importância de unir diferentes gerações, criando um ambiente rico em diversidade de perspectivas e experiências. Esse foco na intergeracionalidade na UMA/UFT revela-se como uma maneira de fomentar a colaboração e o entendimento entre diferentes grupos etários.

Além de enriquecer a troca de conhecimentos e saberes, os espaços universitários também promovem uma visão mais holística do meio ambiente e das questões que o cercam. A UMA/UFT, portanto, emerge como um espaço que vai além das barreiras geracionais, cultivando uma sinergia entre gerações. Ao passo que o estudo de Osório et al. (2022) realça o papel fundamental que instituições intergeracionais como a UMA/UFT desempenham no cultivo de ações positivas e de mudanças dentro do contexto ambiental.

O foco na intergeracionalidade na UMA/UFT revela-se como uma maneira de fomentar a colaboração e o entendimento entre diferentes grupos etários (FERRIGNO, 2015). Isso não só enriquece a troca de conhecimentos e saberes, mas também promove uma visão mais holística do meio ambiente e das questões que o cercam (BRANDÃO, 2014). Através dessa abordagem, os

indivíduos mais jovens têm a oportunidade de aprender com as pessoas idosas, enquanto estes últimos podem se beneficiar das novas ideias e perspectivas trazidas pelas gerações mais jovens (OLIVEIRA et al, 2023).

A UMA/UFT, portanto, emerge como um espaço que vai além das barreiras geracionais, cultivando uma sinergia entre jovens e idosos. Essa abordagem não apenas fortalece a educação e a pesquisa, mas também destaca a importância da inclusão de todas as idades na construção de uma sociedade mais coesa e colaborativa (VILLAS-BOAS, 2016). Sobre isso, o material organizado por Osório, Silva Neto e Nunes Filhos (2022) realça o papel fundamental das instituições públicas ao gerenciarem ações positivas e agentes de mudança dentro do contexto regional.

Outro apontamento que envolve os documentos analisados está nos relatos de práticas educativas que transcorreram ao longo do período compreendido entre os meses de abril e novembro do ano de 2022 (ESCOLA DE TEMPO INTEGRAL VINÍCIUS DE MORAES, 2022). A participação nessas atividades envolveu crianças do 5º Ano da Educação Básica, etapa do Ensino Fundamental, e pessoas idosas de faixa etária mais avançada, composta por discentes da Universidade da Maturidade (UMA/UFT). Ao passo que esses indivíduos se empenharam na troca de conhecimentos mediante sua atuação no âmbito do projeto Eco ponto na Escola.

A abordagem afetiva, empregada como catalisadora para a condução das práticas intergeracionais, desempenhou o papel de indicador da eficácia das atividades empreendidas à luz de conceitos de Educação Ambiental (PELICIONI, 1999). Afinal, dentro do escopo das informações coletadas na pesquisa, emergiu o fato de que os indivíduos idosos haviam previamente se engajado em iniciativas ambientais, convidados à posição de protagonistas das ações e facilitadores entre as crianças.

Dentro do contexto delineado por Pelicioni (1999), emerge a importância essencial de criar um espaço propício para que as pessoas idosas possam

compartilhar suas experiências dentro do âmbito da intersecção entre Universidade e Escola. Esse enfoque proporciona uma oportunidade única para que as histórias vividas por pessoas idosas universitárias e crianças do ensino fundamental alcancem o que Oliveira et al. (2023) caracteriza como aprendizagens mediadas por "interações" de aprendizado que transcendem a sala de aula convencional.

As histórias e experiências pessoais desempenham um papel poderoso no enriquecimento do processo educacional, ao estabelecerem conexões emocionais e pessoais entre gerações distintas. Essas "interações" mencionadas por Oliveira et al. (2023) não apenas impulsionam a aquisição de conhecimento, mas também promovem uma compreensão mais profunda e empática do mundo ao redor. Assim, ao proporcionar esse espaço para compartilhamento de vivências, a abordagem apontada por Pelicioni (1999) e reforçada por Oliveira et al. (2023) oferece uma oportunidade enriquecedora de aprendizado, na qual os idosos e as crianças trocam conhecimentos de maneira mutuamente benéfica.

É de relevância destacar que os relatos alcançados, conduzem ao contexto de que os indivíduos idosos enfrentam desafios em relação à expressão de suas emoções, em virtude das complexidades emocionais acumuladas ao longo da vida (ESCOLA DE TEMPO INTEGRAL VINÍCIUS DE MORAES, 2022). Não obstante, o cenário com crianças em processo de educação formal proporcionou um ambiente diferente do que estão acostumados para os processos de trocas de experiências informais que acontecem, geralmente, em ambientes descontraídos, permitindo que tais indivíduos se sentissem à vontade e, por conseguinte, estabelecessem um senso de confiança durante o desenrolar das atividades do projeto intergeracional.

No contexto do Projeto Político Pedagógico da UMA/UFT, assim como em documentos correlatos, emerge uma perspectiva destacada sobre a Educação

Intergeracional, onde interações e aprendizagens sinérgicas se manifestam não apenas dentro das instalações da universidade, mas também em escolas vinculadas ao Sistema Municipal de Ensino de Palmas, Tocantins (UNIVERSIDADE DA MATURIDADE, 2021), direcionadas especificamente às turmas do 4º e 5º ano do Ensino Fundamental na Escola de Tempo Integral Vinícius de Moraes, situada em Palmas-TO. Um notável exemplo desse enfoque é o projeto Eco ponto na Escola, ao abranger a implementação de atividades intrínsecas à Tecnologia Social em aulas do curso denominado "Sustentabilidade para todas as idades".

Contata-se que através dessa iniciativa, as gerações mais velhas foram expostas a uma experiência educacional enriquecedora, que transcende o tradicional ambiente acadêmico e estendeu-se ao contexto ambiental e comunitário. A abordagem extensionista, intimamente ligada ao ensino, promoveu a interação entre alunos de diferentes idades, permitindo que compartilhassem perspectivas e conhecimentos diversos (JULIA, 2001). Ao passo que a universidade assumiu o seu papel social e agiu como um facilitador para a compreensão da importância da sustentabilidade e do cuidado com o meio ambiente.

Nesse contexto, a análise evidencia-se o que Silveira (1998) chama de "convívio de gerações, que ampliam a Sociedade". Um exemplo concreto da maneira pela qual a Educação Intergeracional pode ser aplicada para promover a troca de saberes e experiências entre diferentes faixas etárias. Tendo em vista que a abordagem não apenas enriquece o aprendizado dos alunos, mas também fortalece os laços entre as gerações, capacitando-os a se tornarem cidadãos mais conscientes e engajados em relação às questões ambientais e sociais.

A análise dos documentos revela relatórios elaborados por professores do projeto, dentro do âmbito escolar, que demonstram uma atenção cuidadosa ao incorporar os testemunhos de crianças e idosos ao longo do

desenvolvimento do projeto. Evidencia-se que esses relatórios consideram que a análise crítica dos relatos orais funciona como uma ferramenta para investigar as condições próprias de sua criação (THOMPSON, 1992). Isso indica um compromisso com a compreensão abrangente das narrativas, reconhecendo que elas são influenciadas pelo contexto em que surgem. Afinal, ainda segundo Thompson (1992), a incorporação de vozes diversas, como as das crianças e idosos, amplia a riqueza das informações colhidas, enriquecendo a análise e o entendimento das experiências intergeracionais no âmbito do projeto educacional.

É possível afirmar que as crianças e as pessoas idosas emergem como protagonistas de suas próprias percepções, erigindo-se como agentes de aproximação e portadores de sabedoria no tocante ao meio ambiente (PELICIONI, 1999). Eles atestam suas vivências pregressas e trajetórias, que por sua vez se constituem em diretrizes pelas quais as gerações subsequentes podem trilhar (THOMPSON, 1992). E ainda promovem a educação ambiental com primordialmente a elevação da qualidade de vida e a instauração de mudanças sociais substanciais.

Nessa abordagem, o conceito de desenvolvimento sustentável engendra uma descentralização nas esferas de tomada de decisão e fomenta a solidariedade em relação às gerações vindouras. Segundo Pelicioni (1999), esse tópico tem sido objeto de discussão prolongada em encontros acadêmicos e acordos internacionais voltados à preservação da sustentabilidade ambiental. A própria Comissão Brundtland, em tempos passados, delineou tal conceito como uma trajetória inovadora de avanço econômico e progresso social que satisfaz as demandas do presente, sem comprometer a habilidade das gerações futuras de fazerem o mesmo (PELICIONI, 1999).

A presença de Freire (2014) emerge como uma fonte de referência nos registros analisados. Pois, conforme os encontros se desenrolaram, os professores atestaram um progresso contínuo na interação e comprometimento das pessoas idosas, resultando em um clima de entusiasmo que abarcava tanto os docentes quanto alunos envolvidos. Observa-se que essa evolução gradual da integração nas atividades contribui para alcançar as perspectivas formais do ensino, enriquecidas por experiências e práticas pessoais. Ou seja, uma contribuição de destaque ao firmar-se como um componente notável, fortificando a aprendizagem das crianças e demais participantes.

Por fim, ainda com Paulo Freire (2014) nota-se que o projeto insere-se organicamente no contexto dos encontros, alimentando a concepção intergeracional enraizada no compromisso com a troca de conhecimentos e experiências. De modo que as interações observadas materializam a aplicação prática das ideias propostas por Freire (2014), com ênfase na educação como uma busca pela liberdade e na aprendizagem como uma construção coletiva de saberes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ressalta-se o valor intrínseco da Universidade da Maturidade da Universidade Federal do Tocantins (UMA/UFT) como uma Tecnologia Social que influencia não apenas o ensino superior, mas também instituições educacionais em todo o Estado e país. A UMA/UFT demonstra ser um agente transformador ao promover a conscientização sobre questões relacionadas ao envelhecimento humano e à sustentabilidade ambiental.

O objetivo deste trabalho foi alcançado, pois os estudos analisados corroboram a importância da abordagem intergeracional adotada pela UMA/UFT, onde o intercâmbio de conhecimentos e experiências entre diferentes faixas etárias cria um ambiente enriquecedor para todos os envolvidos. A interação entre jovens e idosos estimula o aprendizado mútuo, fortalece os laços sociais e gera uma compreensão mais holística das questões ambientais. A UMA/UFT se destaca como uma ponte que transcende barreiras geracionais, criando um ambiente de colaboração e inclusão.

É oportuno destacar que ainda cabem análises dos documentos e deste próprio trabalho, para buscar melhores revelações quanto ao alcance de projetos como o Ecoponto na Escola, inseridos no contexto do ensino intergeracional, que enriqueçam o aprendizado em espaços de interação afetiva entre pessoas idosas e crianças. Afinal, essa troca de experiências gera benefícios emocionais e cognitivos para ambos os grupos, consolidando uma relação de confiança e respeito mútuo.

Quanto ao método, ao incorporar relatos de crianças e pessoas idosas nas atividades, os documentos ressaltam a importância de considerar o contexto social na análise crítica dessas narrativas. Ou seja, demonstram a diversidade de perspectivas que enriquece a compreensão das experiências intergeracionais, evidenciando a complexidade das interações humanas e o

impacto do ambiente nas histórias compartilhadas.

Em conclusão, a UMA/UFT e seus projetos, como o Ecoponto na Escola, são exemplos práticos de como a Educação Intergeracional pode ser aplicada para promover a troca de saberes, fortalecer as relações entre gerações e criar agentes de mudança conscientes e engajados. Afinal, Paulo Freire e outros autores citados no trabalho são referências da dimensão pedagógica valiosa da Educação como prática de libertação e destacam a importância da aprendizagem colaborativa e da busca e construção de uma sociedade mais inclusiva, sustentável e harmoniosa.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BRANDÃO, C. R. **Educação popular e pesquisa participante: um falar algumas lembranças, alguns silêncios e algumas sugestões**. Streck DR, Sobottka E, Eggert E, organizadores. Conhecer e transformar: pesquisa-ação e pesquisa participante em diálogo internacional. Curitiba: CRV, p. 39-73, 2014.

ESCOLA DE TEMPO INTEGRAL VINÍCIUS DE MORAES. **Relatórios dos Professores do Projeto Ecoponto na Escola**. SEMED: 2022.

FERRIGNO, José Carlos. **Conflito e cooperação entre gerações**. Edições Sesc, 2015. FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Editora Paz e Terra, 2014.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Municípios da Amazônia Legal brasileira**. IBGE: 2021. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/cartas-e-mapas/mapas-regionais/15819-amazonia-legal.html> Acesso em: 7 de jun. 2023.

JULIA, Dominique. **A cultura escolar como objeto histórico**. Revista brasileira de história da educação, v. 1, n. 1 [1], p. 9-43, 2001. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/38749> Acesso em 24 de jul. de 2023.

LAKATOS, E. M. e MARCONI, M. A. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas,**

elaboração, análise e interpretação de dados. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção.** Tradução. Freitas Bastos, Edição Rio de Janeiro: 2018.

NUNES FILHO, Fernando Afonso; OSÓRIO, Neila Barbosa; MACÊDO, Chryss Ferreira. **Projeto Ecoponto na Escola, uma experiência de Educação Ambiental intergeracional em escolas públicas de Palmas–TO.** REMEA-Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental, p. 237-256, 2016.

OLIVEIRA, N. P. B. et al. **Educação ambiental na Amazônia: o projeto Ecoponto na Escola da Universidade da Maturidade.** Peer Review, 5: 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.53660/966.prw2538> Acesso em: 24 ago. 2023.

OSÓRIO, N. B.; SILVA NETO, L. S.; NUNES FILHO, F. A. **GeronTOcantins: estudos sobre a educação ao longo da vida na Amazônia legal.** Organizadores. Ponta Grossa - PR: Atena, 2022. Disponível em: <https://www.atenaeditora.com.br/post-ebook/5162> Acesso em: 12 de ago. de 2023.

OSÓRIO, Neila Barbosa; OLIVEIRA, Nubia P. Brito; SILVA NETO, Luiz Sinésio; NUNES FILHO, Fernando Afonso; BRITO, Marlon S. O.; OLIVEIRA, Katia Juliane Lopes. **Ecoponto na Escola: a Construção de uma parceria transversal entre a Universidade da Maturidade - UMA/UFT e um Centro de Educação Infantil.** Atena Editora: 2022. Disponível em: <https://atenaeditora.com.br/catalogo/post/ecoponto-na-escola-a-construcao-de-uma-parceria-transversal-entre-a-universidade-da-maturidade-uma-uft-e-um-centro-de-educacao-infantil> Acesso em: 15 de ago. 2023.

PELICIONI, MCF. **Educação Ambiental, Qualidade de Vida e Sustentabilidade. Saúde e Vidas compartilhadas: cultura e co-educação de gerações na vida cotidiana.** São Paulo: Hucitec, 1999.

PPGE/UFT. **Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal do Tocantins. Apresentação.** PPGE/UFT: 2023. Disponível em:

<https://ww2.uft.edu.br/index.php/ensino/pos-graduacao/mestrado-e-doutorado/10712-mestrado-em-educacao> Acesso em: 04 de jun. de 2023.

SILVEIRA, Teresinha Melo da. **Convívio de gerações: ampliando Sociedade.** 1998; 7 (2): 19-31.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral.** 2. ed. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TRANSFORMA, Fundação Banco do Brasil. **Tecnologias Sociais Reconhecidas. Universidade da Maturidade, da Universidade Federal do Tocantins (UMA/UFT).** 2013. Disponível em: <https://transforma.fbb.org.br/tecnologia-social/universidade-da-maturidade-uma-proposta-de-educacao-para-adultos-e-velhos> Acesso em: 11 maio 2023.

UNIVERSIDADE DA MATURIDADE. **Projeto Político Pedagógico da Universidade da Maturidade, da Universidade Federal do Tocantins.** UMA/UFT: 2021

VILLAS-BOAS, S. et al. **A educação intergeracional no quadro da educação ao longo da vida - Desafios intergeracionais, sociais e pedagógicos.** Investigar em Educação, v. 2, n. 5, 2016.

GERAÇÕES EM SINTONIA: A INFLUÊNCIA DAS DINÂMICAS DEMOGRÁFICAS NO MERCADO DE TRABALHO

Daniel Eduardo Bonatti⁸⁸
Neila Barbosa Osório⁸⁹
Quenidi Tadeu Bonatti⁹⁰
Marlon Santos de Oliveira Brito⁹¹
Nubia Pereira Brito Oliveira⁹²
Maurício Oliveira Haussler⁹³
Marisa Lurdes Cherini⁹⁴
Sônia Terezinha Baccin Bonatti⁹⁵
Luiz Sinésio Silva Neto⁹⁶

RESUMO

O tema "Gerações em Sintonia: A influência das Dinâmicas Demográficas no Mercado de Trabalho" analisa a interação entre jovens e pessoas idosas como um fator transformador no ambiente laboral. Este trabalho examinou como essa convivência entre diferentes gerações enriquece as relações profissionais, potencializa a inovação e promove a troca de experiências, resultando em um mercado de trabalho mais inclusivo e dinâmico. O estudo focou nas necessidades e oportunidades de ocupação para jovens e pessoas idosas, destacando as sinergias entre eles. Realizado com estudantes do 2º ano do Ensino Médio, no Componente Curricular de Geografia, da Escola Estadual Beira

⁸⁸Mestrando em Educação. Instituição: Universidade Federal do Tocantins Endereço: Palmas, Tocantins, Brasil. E-mail: danielbonatti.lem@gmail.com

⁸⁹Doutora em Educação. Instituição: Universidade Federal do Tocantins Endereço: Palmas, Tocantins, Brasil. E-mail: neilaosorio@uft.edu.br

⁹⁰Mestre em Educação. Instituição: Universidade Federal do Tocantins. Endereço: Palmas, Tocantins, Brasil. E-mail: qbonatti@hotmail.com

⁹¹Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Educação na Amazônia. Instituição: Universidade Federal do Tocantins. Endereço: Palmas, Tocantins, Brasil. E-mail: marlon.brito@uft.edu.

⁹²Mestre, aluna especial no Programa de Pós-Graduação em Educação na Amazônia. Instituição: Universidade Federal do Tocantins. Endereço: Palmas, Tocantins, Brasil. E-mail: brito.nubia@uft.edu.br

⁹³Graduação em Geografia. Instituição: Universidade Federal do Tocantins. Endereço: Palmas, Tocantins, Brasil. E-mail: mauricio.haussler@mail.uft.edu.br

⁹⁴Especialista Parapsicologia Clínica. Instituição: Faculdade Vicentina. Endereço: Cascavel, Paraná, Brasil. E-mail: marisalurdescherini@gmail.com

⁹⁵Especialista em Língua Portuguesa. Instituição: Faculdade de Educação São Luís. Endereço: Palmas, Tocantins, Brasil. E-mail: soniatbbonatti@gmail.com

⁹⁶Doutor, professor coorientador no Programa de Pós-Graduação em Educação na Amazônia, Doutorado em Rede, na Universidade Federal do Tocantins (PGEDA/EDUCANORTE/UFT). E-mail: luizneto@uft.edu.

Rio, no Distrito de Luzimangues, Porto Nacional, e acadêmicos da Universidade da Maturidade da UFT, Palmas, Tocantins, o relato promoveu uma colaboração direta entre as gerações. Os objetivos incluíram a análise das características do mercado de trabalho, a identificação de necessidades específicas de formação e habilidades, e a exploração de oportunidades para uma convivência harmoniosa. Adotou uma abordagem qualitativa, utilizando trabalhos elaborados com pesquisas e apresentado aos velhos, por meio de dinâmicas entre os estudantes e os acadêmicos da Universidade da Maturidade, permitindo uma compreensão das experiências de ambos os grupos. Os resultados mostraram que, apesar das diferenças, jovens e pessoas idosas se beneficiaram mutuamente: os jovens trouxeram inovação, enquanto as pessoas idosas ofereceram experiência. Para facilitar essa integração e maximizar oportunidades de ocupação, foram sugeridos programas de mentoria e capacitação mútua. O artigo ressaltou a importância da diversidade etária e propôs políticas que favorecessem a inclusão de todas as gerações.

Palavras-chave: Diversidade etária; Mercado de trabalho; Jovens; Pessoas idosas; Mentoria.

INTRODUÇÃO

A interação entre jovens e pessoas idosas no mercado de trabalho se torna cada vez mais importante, especialmente em um cenário caracterizado por mudanças demográficas e tecnológicas significativas, como evidenciado neste relato de experiência. Esta narrativa destaca como a colaboração intergeracional pode enriquecer o ambiente laboral e promover um aprendizado mútuo. O aumento da população idosa, resultado dos avanços na medicina e na qualidade de vida, traz novos desafios e oportunidades PARA a integração desse grupo etário no ambiente ocupacional. Segundo o Censo Demográfico de 2010, o Brasil contava com 20,5 milhões de pessoas com 60 anos ou mais, o que correspondia a 10,78% da população total.

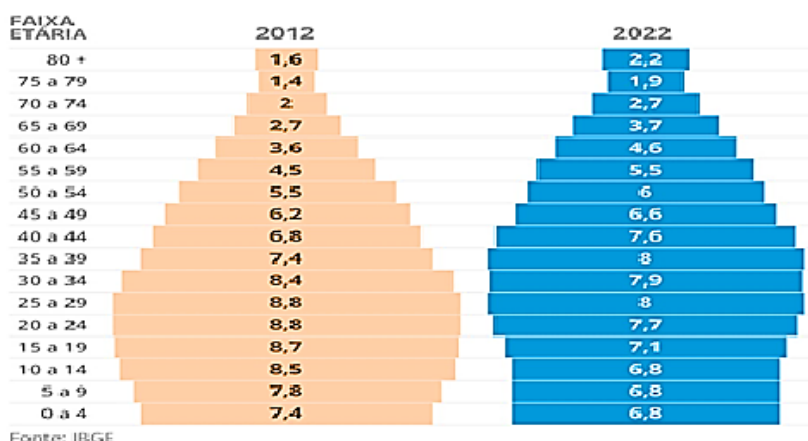
O Censo de 2022, recentemente divulgado, revelou que esse número subiu para 31,2 milhões, representando 14,7% dos brasileiros, indicando um aumento de 39,8% entre 2012 e 2021. Além disso, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a expectativa de vida no Brasil

continua a crescer. No início do século, a expectativa era de 34 anos, mas nos anos 2000, essa média subiu para cerca de 70 anos. As projeções do Instituto para 2060 indicam que a expectativa de vida poderá atingir em média 81 anos.

Por outro lado, a população jovem, definida como pessoas entre 15 e 29 anos, também apresenta dados relevantes. Em 2010, essa faixa etária correspondia a cerca de 25,5% da população total do Brasil, totalizando aproximadamente 51,5 milhões de jovens. Em 2022, esse número caiu para 22,6%, totalizando cerca de 43,5 milhões. Essa redução evidencia uma mudança demográfica significativa, refletindo a necessidade de políticas que promovam a integração harmoniosa entre as gerações, aproveitando tanto a experiência dos idosos quanto a inovação dos jovens no mercado de trabalho.

Mudança da pirâmide etária

Em uma década, percentual de jovens com 30 anos ou menos cai a menos da metade



Fonte: (IBGE, 2022)

Essa mudança demográfica exige uma reavaliação das políticas de trabalho e dos ambientes organizacionais, promovendo a inclusão e valorização dos trabalhadores mais velhos, que possuem experiência e conhecimento significativos, ao mesmo tempo em que reconhece a importância dos jovens,

que trazem conhecimentos tecnológicos e inovações essenciais para o dinamismo do mercado de trabalho.

Segundo a Organização Mundial da Saúde - OMS (2015), as transformações demográficas e o aumento da expectativa de vida oferecem uma oportunidade para aproveitar o potencial das pessoas idosas no mercado de trabalho, beneficiando tanto as empresas quanto a sociedade. Este trabalho discute como o aumento da expectativa de vida e os avanços na saúde estão moldando o envelhecimento da população, abordando suas implicações para a sociedade e o mercado de trabalho. Essa transformação exige a adaptação de práticas laborais e a implementação de políticas que promovam a integração intergeracional, assegurando que os jovens de hoje tenham acesso a um mercado de trabalho mais inclusivo e sustentável, além de se beneficiarem de um sistema previdenciário mais robusto no futuro.

À medida que a expectativa de vida aumenta e mais pessoas vivem com saúde, o potencial de contribuição da força de trabalho idosa se torna cada vez mais evidente. Um estudo de Marmot *et al.* (2020) ressalta que o envelhecimento da população não só amplia a longevidade, mas também enfatiza a importância da inclusão de trabalhadores mais velhos, que trazem vasta experiência e habilidades valiosas ao mercado de trabalho. Contudo, essa mudança demográfica exige que empresas e a sociedade reavaliem suas percepções sobre a capacidade e o valor dos profissionais mais experientes.

As transformações econômicas das últimas décadas podem ser analisadas através de três fenômenos interligados: globalização, neoliberalização e financeirização. A globalização refere-se, em termos gerais, à mudança nos padrões de comércio entre os Estados-nação, resultante dos avanços nas tecnologias de informação e comunicação. Ianni, (2001) afirma que essa evolução alterou a relação espaço-temporal e também modificou as formas de organização produtiva e os processos de trabalho associados, levando ao deslocamento de empresas entre países e impactando as estruturas

de trabalho e emprego.

A neoliberalização, ou neoliberalismo, implica a desregulamentação de atividades e relações econômicas, intensificando os fluxos de capital globalmente. Simultaneamente, promoveu uma redução da intervenção do Estado no mercado, alterando a forma dessa intervenção, o que gerou contornos específicos em diferentes realidades nacionais (Brenner, 2018).

A financeirização, por sua vez, representa uma maior autonomia do mercado financeiro em relação ao setor produtivo da economia, com o controle da economia sendo exercido mais pela lógica do capital financeiro do que pela do capital produtivo (Chesnais, 2002). Embora esses fenômenos possam ser analisados de forma isolada, eles estão profundamente interconectados: o aumento do fluxo de capital global está associado à desregulamentação das atividades econômicas e contribui para a maior autonomia da esfera financeira em relação à esfera produtiva. Compreender a inter-relação entre esses três fenômenos é essencial para analisar as transformações econômicas que ocorreram globalmente e, em especial, no Brasil.

Esses fenômenos do capitalismo contemporâneo coincidem com o envelhecimento da população mundial e a ascensão de uma lógica capitalista cada vez mais voltada para o setor financeiro e patrimonial, em detrimento da produção. Tal realidade agrava problemas nas questões previdenciárias, pois a crescente proporção de pessoas idosas, demanda um sistema de seguridade social mais eficiente e resiliente, que enfrente os desafios de financiamento e cobertura adequados para garantir a proteção econômica dessa faixa etária, tanto na atualidade quanto no futuro.

Segundo Esping-Andersen (2009), a “lógica do industrialismo” moldava a identidade dos indivíduos como trabalhadores, estabelecendo hierarquias sociais e expectativas de vida até o fim da capacidade laboral. Isso intensifica os desafios enfrentados por aqueles em estágios avançados de carreira, evidenciando a necessidade de reavaliar políticas de trabalho e inclusão etária.

Simultaneamente, a alta taxa de desemprego entre jovens, agravada por crises econômicas, sublinha a urgência de buscar alternativas que promovam a inclusão e valorização de todas as gerações, incluindo idosos. A digitalização redefine as habilidades exigidas, criando um espaço onde a colaboração intergeracional se torna essencial. A integração de jovens, familiarizados com novas tecnologias, e idosos, que oferecem experiência, pode resultar em soluções criativas.

Este artigo examina as necessidades e oportunidades de ocupação para esses grupos, com um estudo conduzido entre estudantes do 2º ano do Ensino Médio da Escola Estadual Beira Rio e acadêmicos da Universidade da Maturidade da UFT, promovendo um ambiente de aprendizado e troca de experiências que permite o desenvolvimento de habilidades complementares.

Em conformidade com a Habilidade (EM13CHS404) do Documento Curricular do Tocantins- DCT (2022),

A análise do envelhecimento da população frente a demanda por ocupação de postos de trabalho e a importância dos trabalhos e das profissões "invisíveis", considerando sua função na comunidade e reflexão sobre o preconceito que sofrem, com vistas à tomada de consciência de empatia e respeito às pessoas. (A oferta de trabalho, emprego e o surgimento de novas profissões pelo Brasil, Mundo e a realidade do estado do Tocantins; População economicamente ativa).

De acordo com a habilidade EM13CHS404 do Documento Curricular de Tocantins - DCT, é crucial refletir sobre esses desafios e promover a conscientização sobre a empatia e o respeito em relação a todas as pessoas. Além disso, o artigo aborda a oferta de trabalho e o surgimento de novas profissões no Brasil e no mundo, assim como a realidade do estado do Tocantins e a situação da população economicamente ativa, contribuindo para uma visão mais inclusiva e abrangente do mercado de trabalho.

A análise factual combina técnicas estatísticas e de objeto de

conhecimento, permitindo uma compreensão profunda das percepções e experiências de jovens e pessoas idosas.

O tema em questão sugere a implementação de programas de mentoria e capacitação mútua, que não só facilitam a integração entre jovens e idosos, mas também ressaltam a importância da diversidade etária no mercado de trabalho. Essas iniciativas criam um espaço seguro para que os jovens aprendam com a experiência dos mais velhos, enquanto estes se atualizam em novas tecnologias e práticas. Propõe-se, assim, políticas que favoreçam a inclusão e valorização de todas as gerações, contribuindo para um ambiente profissional mais colaborativo e dinâmico. Reconhecer as contribuições únicas de cada grupo é essencial para o crescimento e inovação nas organizações. Este artigo busca entender as interações entre essas gerações e inspirar práticas que promovam a harmonia intergeracional e o fortalecimento das comunidades profissionais.

REFERENCIAL TEÓRICO

A harmonia intergeracional tem se tornado um conceito cada vez mais relevante nas últimas décadas, evidenciando a necessidade crescente de integração e colaboração entre diferentes faixas etárias. Essa evolução pode ser analisada em diversas etapas ao longo da história, refletindo mudanças demográficas, sociais e culturais que influenciam as relações entre jovens e pessoas idosas (Schaie & Willis, 2016). À medida que a população envelhece e as estruturas familiares se transformam, torna-se fundamental promover um ambiente onde todas as gerações possam interagir e colaborar de maneira eficaz. Nos últimos anos, têm-se observado um aumento significativo na expectativa de vida, resultado dos avanços na medicina, nutrição e nas condições de vida. Esse fenômeno demográfico levantou questões fundamentais sobre a integração da população idosa no mercado de trabalho e na sociedade em geral.

A necessidade de políticas públicas e práticas que promovam a inclusão das pessoas idosas é cada vez mais evidente, reconhecendo seu potencial para contribuir ativamente em diversas áreas (Lloyd-Sherlock, 2010). É essencial que os países desenvolvam, antes do envelhecimento, políticas de seguridade social e de cuidado que garantam a qualidade de vida das pessoas idosas. Conforme afirmam Lebrão *et al.* (2008), embora o envelhecimento populacional seja considerado um triunfo social, ele também representa um grande desafio para o Estado, exigindo a criação de novas políticas públicas inclusivas e solidárias. Viver mais, embora seja uma conquista, traz consigo um aumento nas demandas por cuidado e assistência à saúde, além de custos previdenciários (Lebrão *et al.*, 2008).

De acordo com Hofhuis (2016), nos anos 1990 e 2000, o conceito de diversidade etária começou a ganhar reconhecimento significativo. Esse conceito refere-se à presença de indivíduos de diferentes idades em um grupo, organização ou comunidade, envolvendo jovens, adultos e idosos que desempenham papéis ativos. As organizações passaram a compreender que um ambiente de trabalho diversificado, que incluía diversas faixas etárias, pode impulsionar a criatividade, a inovação e o desempenho organizacional. Essa mudança de perspectiva foi motivada por pesquisas que evidenciaram os benefícios da colaboração intergeracional, ressaltando que cada faixa etária traz contribuições únicas.

Com o passar do tempo, diversas iniciativas e programas foram implementados para promover a harmonia intergeracional. Empresas começaram a adotar práticas que incentivam a mentoria e a troca de conhecimentos entre gerações, enquanto governos e ONGs desenvolveram políticas voltadas para a inclusão de idosos no mercado de trabalho. No entanto, ainda há muito a ser feito para garantir a plena integração e valorização de todas as idades, como a necessidade de ampliar a formação contínua, combater estereótipos e preconceitos, e criar ambientes de trabalho que sejam verdadeiramente inclusivos e adaptáveis às diferentes habilidades e

experiências.

A pandemia de COVID-19 destacou ainda mais a vulnerabilidade das pessoas idosas, aumentando a urgência em promover sua inclusão e interação social.

Diante da Covid-19, ocorreu o agravamento dessas condições de vulnerabilidade, entendidas aqui como um conjunto de condições materiais, psicológicas, culturais, morais, jurídicas e políticas que articulam-se em três componentes de vulnerabilidade: o individual - que se refere ao risco biofisiológico para o desenvolvimento de agravos a saúde, o social - que está relacionado às condições ambientais e relações sociais adversas que determinam o risco a saúde; e o programático - que diz respeito ao acesso e utilização dos serviços e recursos de saúde (Sevalho et al., 2018).

A crise revelou a necessidade urgente de abordagens integradas que considerem todas essas dimensões para promover o bem-estar das populações vulneráveis e garantir um sistema de saúde mais equitativo e resiliente.

As novas gerações, por sua vez, trazem habilidades tecnológicas que podem ser valiosas para a formação e o desenvolvimento contínuo dos mais velhos.

O futuro da harmonia intergeracional dependerá da capacidade das sociedades e organizações de reconhecer e valorizar as contribuições únicas de cada faixa etária, promovendo ambientes que incentivem a colaboração entre jovens e pessoas idosas (Katz & Calasanti, 2015). Dessa forma, a harmonia intergeracional se apresenta como uma abordagem indispensável para enfrentar os desafios demográficos contemporâneos, promovendo um futuro mais inclusivo e equilibrado.

A convivência entre jovens e pessoas idosas no ambiente de trabalho é essencial para promover espaços mais dinâmicos e inclusivos, enriquecendo a cultura organizacional e facilitando a troca de experiências valiosas. A área de

gestão de pessoas desempenha um papel crucial, administrando as relações de trabalho que envolvem interações entre empregados e empregadores, princípios organizacionais e as dinâmicas que compõem o ambiente corporativo. Segundo (Nogueira, 2002), as relações de trabalho, influenciadas por costumes, tradições e valores sociais, moldam a forma como capital e trabalho se interrelacionam, refletindo as complexidades do capitalismo contemporâneo.

A integração de jovens, com suas novas ideias e familiaridade com tecnologias, e pessoas idosas, que trazem sabedoria e experiência, é fundamental para fortalecer as relações intergeracionais. Para promover essa inclusão etária, é importante implementar programas de mentoria e capacitação que unam diferentes gerações.

De acordo com a Teoria da Coorte Geracional (Inglehart, 1977), uma geração é entendida como uma construção social que abrange um grupo de indivíduos nascidos dentro de um mesmo contexto histórico e sociocultural, sendo moldados por um conjunto específico de oportunidades e experiências (Pilcher, 1994). De acordo com essa teoria, espera-se que indivíduos nascidos em um período específico (ou seja, pertencentes à mesma geração) compartilhem valores, atitudes e crenças semelhantes (Pilcher, 1994). Para Mannheim (1928), o fenômeno social da geração representa uma forma específica de identidade situacional entre grupos etários imersos em um processo histórico e social (Mannheim, 1952, p. 137). A coexistência de veteranos da geração *baby boomer*⁹⁷ e jovens da Geração Z, não apenas apresenta desafios, mas também oferece oportunidades significativas para o desenvolvimento organizacional. A Mentoria Intergeracional, por exemplo, é uma estratégia valiosa que maximiza as vantagens dessa diversidade, promovendo a colaboração e a transferência de conhecimento entre as gerações.

No contexto de um mercado de trabalho em constante evolução,

⁹⁷ indivíduos nascidos entre 1946 e 1964, durante um período de aumento significativo nas taxas de natalidade após a Segunda Guerra Mundial.

impulsionado pela globalização e digitalização, a interação intergeracional se torna ainda mais importante. A aprendizagem e a socialização são fundamentais para um envelhecimento saudável, destacando que os idosos se beneficiam da interação com os jovens. Além disso, essa troca de experiências contribui para que os jovens se tornem pessoas idosas mais capacitadas, equipadas com habilidades e conhecimentos que promovem uma qualidade de vida superior na terceira idade.

Contudo, estereótipos e preconceitos podem comprometer essa colaboração, evidenciando a necessidade de promoção, inclusão e respeito. Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE(2022) mostram que a troca de saberes entre gerações pode reduzir a exclusão social, enquanto estudos da Organização Mundial da Saúde – OMS(2017), no Relatório Mundial sobre o Envelhecimento e a Saúde, revelam que programas de mentoria intergeracional estão associados à diminuição da solidão e depressão, beneficiando tanto jovens quanto pessoas idosas.

Os jovens enfrentam um cenário repleto de oportunidades e desafios, com a digitalização e a globalização abrindo novas portas. A crescente demanda por habilidades em tecnologia da informação e inovação oferece diversas possibilidades de carreira, especialmente em setores como tecnologia e serviços criativos. No entanto, esses jovens enfrentam desafios, como a alta taxa de desemprego, a falta de qualificação profissional e a necessidade constante de atualização em um mundo em rápida mudança.

Por outro lado, a população idosa, que cresce rapidamente, tem necessidades e expectativas específicas. Muitos desejam continuar ativos, buscando oportunidades de trabalho que ofereçam flexibilidade e valorização da experiência acumulada. Eles esperam que suas habilidades, especialmente em comunicação e resolução de problemas, sejam reconhecidas e desejam treinamento para se manter atualizados em relação às novas tecnologias. Além disso, a expectativa de um ambiente inclusivo e respeitoso é forte, e a falta de

oportunidades pode levar ao isolamento.

Portanto, é fundamental que as organizações e as políticas públicas reconheçam e atendam a essas necessidades. No mercado de trabalho contemporâneo, as habilidades requeridas por jovens e pessoas idosas variam. Os jovens devem desenvolver habilidades técnicas e adaptativas para navegar em ambientes de constante mudança, com foco em tecnologia, criatividade e aprendizado contínuo. Já as pessoas idosas trazem uma rica experiência e habilidades de comunicação, resiliência e mentoria.

A pesquisa tem como foco central a análise da interação entre jovens e pessoas idosas no ambiente ocupacional, estabelecendo objetivos principais e secundários. Entre os objetivos principais, destacam-se a investigação das necessidades e oportunidades de ocupação, buscando entender como cada grupo etário percebe suas demandas e as ofertas do mercado de trabalho. Outro objetivo é identificar as habilidades valorizadas em cada faixa etária e como essas competências se alinham às exigências do mercado. Além disso, visa promover a integração intergeracional, explorando formas de facilitar a colaboração e o aprendizado mútuo entre jovens e pessoas idosas propondo práticas que incentivem interações positivas.

Os objetivos secundários incluem mapear as expectativas de carreira, analisando aspirações profissionais de jovens e idosos para identificar diferenças e similaridades. Também se propõe investigar as lacunas de formação, avaliando deficiências nas qualificações de ambos os grupos e sugerindo soluções para suprir essas necessidades. Por fim, busca desenvolver recomendações de diretrizes que possam ser implementadas por empresas e instituições, promovendo um ambiente de trabalho mais inclusivo e intergeracional.

Ao abordar este tema, a pesquisa visa não apenas entender as interações entre jovens e idosos, mas também promover um mercado de trabalho mais inclusivo e adaptável às necessidades de todos os cidadãos. A conexão entre

diferentes gerações é esperada para enriquecer as dinâmicas laborais, proporcionando um ambiente mais colaborativo e respeitoso.

Portanto, a integração intergeracional não apenas beneficia as relações de trabalho, mas também enriquece a cultura organizacional, fomentando a troca de saberes e experiências. Ao reconhecer e valorizar as contribuições de cada faixa etária, é possível construir um futuro profissional mais equitativo, onde a diversidade etária se torna um ativo estratégico para a inovação e o desenvolvimento contínuo das organizações.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada, teve por objetivo compreender as dinâmicas etárias no mercado de trabalho, com foco nas interações entre os acadêmicos da Universidade da Maturidade (UMA/UFT) e os estudantes do 2º ano Ensino Médio, no Componente Curricular de Geografia, da Escola Estadual Beira Rio. O estudo buscou captar as narrativas das aulas, as atuações e os sentimentos dos participantes, por meio de discussões e relatos escritos sobre suas vivências.

Adotou uma abordagem qualitativa, utilizando o método fenomenológico, que se caracteriza como aplicado e exploratório. Esse enfoque permite uma análise de problemas cotidianos, onde a pesquisa vai além da descrição, buscando interpretar as experiências vividas e mediadas pelo pesquisador.

A análise de conteúdo das informações obtidas no estudo foi realizada por meio de técnicas que extraíram temas e categorias das percepções dos participantes. Essa abordagem não apenas revelou as dinâmicas existentes, mas também proporcionou insights práticos e teóricos, contribuindo para a criação de um ambiente de trabalho mais harmonioso e colaborativo entre as gerações.

As atividades intergeracionais ocorreram tanto na Escola Estadual Beira Rio, que atende estudantes de diversas classes sociais, quanto na Universidade

da Maturidade (UMA/UFT), onde participam pessoas idosas, promovendo um intercâmbio de experiências entre as gerações. Durante essas atividades, foram utilizados diversos recursos, como palestras, vídeos, slides informativos e atividades práticas, abordando o tema. Além disso, os estudantes produziram e apresentaram trabalhos para as pessoas idosas sobre o mercado de trabalho e a pirâmide etária, promovendo uma troca de conhecimentos.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O estudo "Gerações em Sintonia: A influência das Dinâmicas Demográficas no Mercado de Trabalho" expõe a interação entre diferentes faixas etárias no ambiente laboral, destacando *insights* significativos. Com a colaboração intergeracional enriqueceu o ambiente de trabalho, promovendo aprendizado mútuo, onde os jovens trazem inovação e familiaridade com tecnologias, enquanto as pessoas idosas oferecem experiência.

O assunto abordado demonstrou que as expectativas entre os grupos são divergentes: os jovens tendem a valorizar flexibilidade e desenvolvimento de habilidades, enquanto as pessoas idosas priorizam estabilidade e reconhecimento de suas contribuições. Além disso, pode-se evidenciar lacunas em competências digitais e *soft skills*⁹⁸ em ambos os grupos, sinalizando a importância de programas de capacitação intergeracional.

Os desafios de integração, como preconceitos e estereótipos, podem dificultar essa colaboração, exigindo estratégias para criar um ambiente de trabalho inclusivo.

Ao reconhecer a importância das *soft skills*, as empresas podem guiar o desenvolvimento de competências interpessoais, como empatia e comunicação. Dessa forma, o estudo pretende contribuir para um futuro de harmonioso,

⁹⁸ habilidades interpessoais, como comunicação, empatia e trabalho em equipe, que facilitam a interação e colaboração entre indivíduos, diferindo das *hard skills* por serem mais subjetivas e relacionadas ao comportamento.

essencial para enfrentar os desafios demográficos e tecnológicos do século XXI. Em suma, a integração entre jovens e pessoas idosas não só enriquece a dinâmica laboral, mas também fortalece o tecido social da comunidade.

Os estudantes do 2º ano, após uma análise aprofundada das interações entre jovens e pessoas idosas no mercado de trabalho, apresentaram suas conclusões de maneira clara e reflexiva. Eles destacaram que a colaboração entre essas duas gerações é essencial não apenas para a inclusão social, mas também para o enriquecimento mútuo no ambiente profissional. A seguir,

- **Desafios Enfrentados por Pessoas Idosas:**

Preconceito Etário: Sofrem discriminação por serem percebidas como menos capazes de se adaptar às demandas contemporâneas.

Familiarização com Novas Tecnologias: Precisam se adaptar à digitalização, que é fundamental nas operações empresariais atuais.

Estigmas Associados à Idade: Muitas vezes são vistos de forma negativa, o que pode limitar suas oportunidades no mercado de trabalho.

- **Expectativas e Contribuições das Pessoas Idosas:**

Estabilidade Financeira: Buscam segurança econômica e benefícios a longo prazo, como aposentadoria e *planos* de saúde.

Reconhecimento de Contribuições: Valorizam o respeito e a valorização por suas experiências e *contribuições* ao longo da carreira.

Ambiente Estrutural: Preferem ambientes de trabalho mais tradicionais e estruturados, com processos claros e definidos.

Mentoria e Compartilhamento de Conhecimento: Valorizam oportunidades para mentorizar os mais jovens e compartilhar sua sabedoria acumulada.

Mudanças Gradativas: Preferem mudanças

graduais em vez de transformações rápidas, buscando segurança nas rotinas.

Benefícios e Qualidade de Vida: Priorizar empregos que ofereçam benefícios relacionados à saúde e qualidade de vida, como horários reduzidos ou trabalho remoto.

- **Valor das Pessoas Idosas nas Organizações:**

Experiência Valiosa: O conhecimento acumulado ao longo dos anos é um ativo importante que beneficia as empresas.

Contribuição para Inovação: Sua perspectiva e habilidades podem auxiliar na inovação e na resolução de problemas, atuando como uma ponte entre práticas tradicionais e novas abordagens.

- **Desafios Enfrentados por Jovens:**

Falta de Experiência Prática: A escassez de experiência no mercado dificulta a inserção profissional.

Desconhecimento do Mercado de Trabalho: Muitos jovens não têm uma compreensão clara das dinâmicas e exigências do mercado.

Alta Competitividade: A crescente concorrência por vagas aumenta a pressão sobre os jovens para se destacarem.

Exigências por Qualificações: A demanda por habilidades específicas torna o cenário ainda mais desafiador.

- **Expectativas e Contribuições dos Jovens:**

Ambiente de Trabalho Flexível e Inclusivo:

Buscam espaços onde se sintam valorizados e respeitados.

Crescimento e Desenvolvimento Profissional:

Desejam oportunidades que favoreçam seu aprendizado contínuo e a construção de redes de relacionamento.

Flexibilidade de Horários: Preferem trabalhar em horários que se adaptem ao seu estilo de vida, promovendo equilíbrio entre trabalho e lazer.

Desenvolvimento de Habilidades: Buscam capacitação e treinamentos constantes para aprimorar suas competências.

Ambiente Colaborativo: Valorizam culturas organizacionais que incentivem a colaboração e o trabalho em equipe.

Inovação e Criatividade: Desejam participar de projetos que estimulem a criatividade, com liberdade para propor novas ideias.

Impacto Social: Procuram empregos que tenham um propósito social claro e que contribuam para mudanças positivas na sociedade.

Mobilidade e Crescimento: Estão em busca de trajetórias profissionais que ofereçam crescimento rápido e oportunidades de mobilidade interna.

Sintetizando, o estudo atendeu aos objetivos do Componente Curricular de Geografia, da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas no Ensino Médio, do Documento Curricular do Tocantins – DCT e enriqueceu o conhecimento sobre as dinâmicas intergeracionais. Ao enfatizar a importância da colaboração entre jovens e pessoas idosas, as conclusões e recomendações apresentadas buscam aprofundar o debate acadêmico e oferecer direções práticas para a criação de ambientes de trabalho mais inclusivos e

colaborativos.

Além disso, as discussões em torno do tema destacaram a necessidade de políticas que promovam a valorização da diversidade etária, considerando as contribuições únicas que cada geração pode oferecer. Essa abordagem não só facilitou a troca de saberes, mas também reforçou a importância de uma cultura organizacional que respeite e integre diferentes perspectivas. Assim, o estudo contribuiu significativamente para a compreensão das interações entre as gerações e se propõe a difundir a produção científica, promovendo um futuro profissional mais harmonioso e inovador.

CONCLUSÃO

As reflexões deste artigo evidenciaram a importância da interação entre jovens e pessoas idosas no mercado de trabalho, evidenciando que essa relação enriquece o ambiente laboral e contribui para o desenvolvimento de uma sociedade mais inclusiva e colaborativa.

Os resultados apontaram que a convivência harmoniosa entre essas faixas etárias pode ser facilitada por meio de programas de mentoria e capacitação mútua, que não apenas promovem a troca de saberes, mas também potencializam as oportunidades de ocupação para ambos os grupos. A análise qualitativa realizada forneceu uma compreensão das necessidades específicas de formação e habilidades, evidenciando a importância de políticas que incentivem a inclusão de todas as gerações no mercado de trabalho.

Por fim, propõe que as organizações e instituições desenvolvam iniciativas que valorizem a diversidade etária, promovendo um ambiente onde todos se sintam valorizados e respeitados. A implementação de tais políticas não apenas fortalecerá as relações intergeracionais, mas também contribuirá para um mercado de trabalho mais dinâmico, adaptável e inovador, preparado para enfrentar os desafios do futuro. A integração de jovens e pessoas idosas é,

portanto, uma estratégia essencial para garantir um desenvolvimento sustentável e harmonioso em nossa sociedade.

Considerando as reflexões de Marx (2003), é crucial analisar o futuro da velhice da classe trabalhadora em um cenário caracterizado pela desumanização, precarização das relações de trabalho, aumento do desemprego e diminuição dos direitos sociais. Nesse contexto, a busca por um envelhecimento de qualidade se torna inviável em uma sociedade dominada pela lógica do capital, que contraria a plena realização do ser humano. Portanto, é imperativo repensar as condições que cercam o envelhecimento, promovendo uma reflexão crítica sobre a necessidade de uma transformação social que valorize a dignidade e os direitos de todas as gerações.

REFERÊNCIAS

BONATTI, Q. T., *et al.* **A velhice contemporânea na UMA.** 1 ed. São Paulo: Dialética, 2022.

BONATTI, Q. T. **Caminhos percorridos para o incentivo do processo intergeracional em uma instituição pública de ensino: um estudo de caso na Escola Estadual Beira Rio, Distrito de Luzimangues, Município de Porto Nacional/TO.** Dissertação de Mestrado em Educação. Universidade Federal do Tocantins, Palmas, 2022.

BRENNER, N. (2018). **Espaços da urbanização: o urbano a partir da teoria crítica.** Rio de Janeiro, Letra Capital/Observatório das Metrópoles.

CHESNAIS, F. **A teoria do regime de acumulação financeirizado: conteúdo, alcance e interrogações.** Economia e Sociedade, Campinas, v. 11, n. 1 (18), p. 1-44, jan./jun. 2002.

COBALCHINI, CCB, Alves BF, Silva LL, Lima TB. **Idoso e tecnologia: aprendizagem e socialização como fatores protetivos para um envelhecimento saudável.** In: Grillo RM, Navarro ER. Psicologia: desafios, perspectivas e possibilidades. São Paulo: Editora Científica Digital, 2020. pp. 162-167.

Direção-Geral da Educação. (s.d.). **"Na mentoria todos beneficiam".** Disponível em

https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/boletim/beneficios_dos_programas_de_mentoria_entre_pares.pdf. Acesso em 03 out.2024.

ECO. (2019, Set 23). **Como a diversidade e inclusão impactam no negócio das organizações**. Disponível em <https://eco.sapo.pt/2019/09/23/como-a-diversidade-e-inclusao-impactam-no-ne-goio-das-organizacoes/>. Acesso em 03 out.2024.

ESPING-ANDERSEN, G. **The incomplete revolution, adapting to women's new roles**. Cambridge: Polity Press, 2009.

ESPING-ANDERSEN, G.; PALIER, B. **Trois leçons sur l'État-providence**. Paris: Seuil, 2008.

_____. *Estatuto do idoso: Lei federal nº 10.741*, de 01 de outubro de 2003. Brasília, DF: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2004.

Fundação Getúlio Vargas. (2018). **Envelhecimento nas organizações e a gestão da idade**. FGV EAESP. Disponível em

https://eaesp.fgv.br/sites/eaesp.fgv.br/files/u68/pesquisa_fgvbrasilprev.pdf. Acesso em 29 set.2024.

HOFHUIS, J., Van Der Rijt, J., & Kremer, J. (2016). **Age Diversity in the Workplace: A Literature Review**. *Journal of Management*, 42(5), 1283-1303.

IANNI, O. **A sociedade global**. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 2001.

INGLEHART, R. (1977). **The silent revolution: Changing values and political styles among western publics**. Princeton, NJ: Princeton University Press.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo de 2010**. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br>. Acesso em: 03 out.2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios**, 2012. Disponível em: https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2012/default_sintese.shtm. Acesso em: 03 out.2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Agência de notícias**. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agenciadenoticias/noticias/20980-numero-de-idosos-cresce-18-em-5-anos-e-ultrapassa-30-milhoes-em-2017>. Acesso em: 03 out.2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **População residente na data de referência, por grupo de idade. População por idade e sexo** - Resultados do universo. Disponível em censo2022.ibge.gov.br/panorama/. Acesso 05 out.2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Sistema IBGE de Recuperação Automática** - SIDRA". Disponível em <https://sidra.ibge.gov.br/>. Acesso em 30 set.2024,

IPLeiria. (2011). **Guia de ideias para planejar e implementar projetos intergeracionais**. Disponível em <https://riolis.ipleiria.pt/files/2011/03/Guia-das-Ideias-para-Planear-e-Implementar-Projectos-Intergeracionais.pdf>. Acesso em 01 out.2024.

ISCTE-IUL. (s.d.). **Mentoria entre pares: Um estudo de caso de programas desenvolvidos em**. Disponível em <https://www.iscte-iul.pt/thesis/13052>. Acesso em 03 out. 2024.

KATZ, S., & Calasanti, T. (2015). **Critical Perspectives on Aging: The Importance of Social Class**. In *The Handbook of Aging and the Social Sciences* (pp. 243-259). Academic Press.

LEBRÃO, M.L et al. **A regulação da Saúde Suplementar e o direito da pessoa idosa à assistência à saúde**. Revista de Direito Sanitário. São Paulo. v.9, n.2, p 190-206.
DOI:<https://doi.org/10.11606/issn.2316-9044.v9i2p191-206>. Acesso em: 01 out. 2024.

LLOYD-Sherlock, P. (2010). **The social and economic effects of population aging**. *Journal of Population Ageing*, 3(1), 1-21.

MANNHEIM, 1952, P.517 apud PINDER (S/D), p.21 apud WELLER, 2010, p. 209).

MARMOT, M., Stansfeld, S., & Patel, C. (2020). **The health gap: the challenge of an aging population**. *Health Affairs*, 39(3), 456-462.
doi:10.1377/hlthaff.2019.01377.

MARX, K. **O capital: crítica da economia política**, 10. ed., São Paulo: Difel, 1985.

MIRANDA GMD, Mendes ACG, Silva ALA. **Desafios das políticas públicas no cenário de transição demográfica e mudanças sociais no Brasil**. *Interface (Botucatu)*. 2017;21(61):309-20. Disponível em <https://doi.org/10.1590/1807-57622016.0136>. Acesso em 04 out.2024.

NOGUEIRA, A. J. F. M. **Gestão estratégica das relações de trabalho**. In FISCHER, A.L, et al (orgs). As pessoas nas organizações. São Paulo: Gente, 2002.

ONU. ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Princípios das Nações Unidas para o Idoso**. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/bioetica/onuido.htm>>. 2002. Acesso em 26 set.2024.

ONU. ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Proclamação sobre o Envelhecimento de 1992**. Disponível em: <<http://hrlibrary.umn.edu/resolutions/47/5GA1992.html>>. Acesso em 26 set.2024.

ONU - ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Plano de ação internacional para o envelhecimento**, Madrid 2002. Brasília: Secretaria dos Direitos Humanos, 2003.

OSÓRIO, N.B; SOUZA, D. M.; SILVA NETO, L. S. **UNIVERSIDADE DA MATURIDADE: ressignificando vidas**. (2013). Disponível em: <http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2013/JornadaEixo2013/anais-eixo8-direitosepoliticaspUBLICAS/universidadedamaturidade-ressignificandovidas.pdf>. Acesso em: 30 set 2024.

OSÓRIO, N.B. **Universidade da Maturidade**. 2004. Disponível em: <http://www.uft.edu.br/uma/sobre/>. Acesso em: 30 set.2024.

PEREIRA, J. **O impacto do envelhecimento da população no mercado de trabalho**. *Revista de Estudos Demográficos*, v. 15, n. 2, p. 123-145, 2022.

PILCHER, J. **Mannheim's sociology of generations: an undervalued legacy**. *British Journal of sociology*, p. 481-495, 1994. Disponível em DOI:<https://doi.org/10.2307/591659>. Acesso em 05 out.2024.

RAYMUNDO TM, Gil, H, Bernardo LD. **Desenvolvimento de projetos de inclusão digital para idosos**. *Revista de Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento*. 2019; 24(3): 22-44. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/2316-2171.87420>. Acesso em 07 out. 2024.
ROWE, J. W., & Kahn, R. L. (1997). **Successful Aging**. *The Gerontologist*, 37(4), 433-440.

SCHAE, K. W., & Willis, S. L. (2016). **Handbook of the Psychology of Aging**. Academic Press.

SEVALHO, G. **The concept of vulnerability and health education based on the theory laid out by Paulo Freire**. *Interface. Botucatu*, v. 22, n. 64, p. 177-88, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1807-57622016.0822>» <https://doi.org/10.1590/1807-57622016.0822>. Acesso em 07 out.2024.

TOCANTINS. SEDUC. **DCT- Documento Curricular do Território do Tocantins**. Etapa Ensino Médio. Caderno 02, Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. Palmas, 2022.

TONELLI, M. J.; ARANHA, F. **Envelhecimento da força de trabalho no Brasil, como as empresas estão preparando para conviver com equipes que, em 2040, serão compostas principalmente por profissionais com mais de 45 anos?** São Paulo: FGV/PwC, 2013.

World Health Organization (WHO). (2015). ***World Report on Ageing and Health***. Disponível em:
<https://www.who.int/publications/i/item/world-report-on-ageing-and-health>.
Acesso em 01 out.2024.

PROGRAMA BRASIL ALFABETIZADO: ANÁLISE DE EDUCADORES DA UNIVERSIDADE DA MATURIDADE NA EXECUÇÃO DOS SALDOS REMANESCENTES E SEU IMPACTO COM PESSOAS IDOSAS

Elizângela Fernandes Pereira Evangelista⁹⁹

Neila Barbosa Osório¹⁰⁰

Luiz Sinésio Silva Neto¹⁰¹

Marlon Santos de Oliveira Brito¹⁰²

Nubia Pereira Brito Oliveira¹⁰³

Osvaldo Henrique Lima Silva¹⁰⁴

Glauciene Mota Barros Caetano¹⁰⁵

Rosangela Souza Terrecó¹⁰⁶

Glaucia Costa Ferreira¹⁰⁷

RESUMO

O Programa Brasil Alfabetizado (PBA), criado em 2003, busca universalizar a alfabetização para pessoas com 15 anos ou mais, promovendo a elevação da escolaridade e o exercício da cidadania. A Universidade da Maturidade, da Universidade Federal do Tocantins (UMA/UFT), desde 2005, colabora com o programa em práticas educacionais intergeracionais, envolvendo pessoas idosas na alfabetização de jovens, adultos e idosos. Neste contexto, objetiva-se analisar documentos da recriação da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização de Jovens e Adultos, Diversidade e Inclusão que reafirmou o compromisso com a alfabetização, autorizando a execução dos saldos remanescentes do PBA. O estudo analisa as orientações de execução desses saldos remanescentes e seu impacto em Itinerários Formativos da Educação de Jovens e Adultos (EJA), em parcerias que envolvem tecnologias sociais como a

⁹⁹Mestre em Educação. Universidade Federal do Tocantins. E-mail:

fernandes.elizangela@mail.uft.edu.br Lattes: <https://lattes.cnpq.br/9640770119317447> Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9988-099X>

¹⁰⁰Doutora em Educação, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6346-0288>, Universidade Federal do Tocantins, Brasil, E-mail: neilaosorio@uft.edu.br

¹⁰¹Doutor em Ciências e Tecnologias em Saúde, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3182-7727>, Universidade Federal do Tocantins, Brasil, E-mail: luizneto@uft.edu.br

¹⁰²Doutorando em Educação na Amazônia, Universidade Federal do Tocantins, Palmas - TO, e-mail: marlonoliveirabrito@gmail.com

¹⁰³Mestre em Educação, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1026-4734>, Universidade Federal do Tocantins, Brasil, E-mail: professoranubiabrito@gmail.com

¹⁰⁴Graduado em Letras Língua Portuguesa pelo IFTO.

¹⁰⁵Mestranda em Governança e Transformação Digital pela UFT.

¹⁰⁶Mestranda em Educação no Programa de Pós graduação da Educação da Universidade Federal do Tocantins.

¹⁰⁷Graduada em Pedagogia pela Fundação Universidade do Tocantins UNITINS Especialista em Orientação Educacional Pela Universidade Salgado de Oliveira - UNIVERSO

UMA/UFT, utilizando metodologia baseada em pesquisa bibliográfica e documental. Os resultados destacam a responsabilidade sobre a execução, monitoramento e prestação de contas dos saldos remanescentes do PBA, assim como a importância da transparência na utilização dos recursos, visando melhorar a qualidade das ações de alfabetização e promover os Itinerários Formativos de pessoas idosas em práticas educativas de Educação ao longo da vida.

Palavras-Chave: Educação ao longo da vida; Alfabetização de pessoas idosas; Universidade da Maturidade

INTRODUÇÃO

O Programa Brasil Alfabetizado (PBA) foi instituído em 2003 com o objetivo de universalizar a alfabetização entre pessoas de 15 anos ou mais, contribuindo para a elevação da escolaridade e o exercício da cidadania (BRASIL, 2022). Neste caminho, desde sua criação, em 2005, a Universidade da Maturidade, da Universidade Federal do Tocantins (UMA/UFT), colabora com o programa em práticas educativas intergeracionais que fomentem a participação de pessoas idosas em processos de alfabetização de jovens, adultos e pessoas idosas.

Em 2023, a recriação da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização de Jovens e Adultos, Diversidade e Inclusão (SECADI) reafirmou o compromisso com a alfabetização de jovens, adultos e idosos, autorizando a execução dos saldos remanescentes do PBA, paralisados desde 2008 (BRASIL, 2024). Este artigo analisa a execução desses saldos remanescentes e seu impacto na Educação de Jovens e Adultos (EJA), em parcerias que envolvem tecnologias sociais como a UMA/UFT.

A justificativa de se publicar este trabalho visa colaborar com o planejamento, aplicação e prestação de contas dos recursos, tendo em vista

que o conhecimento das possibilidades de gastos e dos procedimentos adequados, pode ajudar os gestores a tomar decisões mais eficientes nos investimentos do programa. Ao se abordar Itinerários Formativos de pessoas idosas, busca-se somar em publicações e documentos de apoio e divulgação das informações estabelecidas nas ações relacionadas a programas de incentivo à Educação ao longo da vida, o que pode garantir a aplicação em ações que envolvam os direitos de pessoas idosas.

A metodologia utilizada neste estudo baseia-se em pesquisa bibliográfica e documental (MARCONI e LAKATOS, 2017). Foram consultados documentos oficiais do Ministério da Educação (MEC), como decretos, resoluções e manuais relacionados ao PBA. Além disso, foram analisadas (BARDIN, 2011) publicações acadêmicas e relatórios de órgãos de controle, como o Tribunal de Contas da União (TCU), e de produções da UMA/UFT que abordam a temática da alfabetização de pessoas idosas.

Nesta abordagem, compreende-se como se dá o processo do PBA; divulgam-se análises fenomenológicas das percepções dos pesquisadores (MERLEAU-PONTY, 2018), entre os resultados, a responsabilidade sobre a execução, monitoramento e prestação de contas dos saldos remanescentes do PBA, os investimentos e a publicização. Neste trabalho, também é divulgado os princípios da gestão democrática, conforme as normas estabelecidas, a orientação de execução, a prestação de contas e, nas considerações finais, as informações complementares alcançadas na relação entre as instituições.

Os resultados envolvem as percepções de sujeitos, educadores, que vão colaborar com a divulgação das informações contidas nos documentos normativos, visando contribuir com as secretarias estaduais, municipais e distrital de Educação nos processos de execução, monitoramento e prestação de contas. Estas conclusões são apresentadas em procedimentos de modo que a divulgação desse conteúdo possa contribuir para um maior entendimento dos

processos de execução, monitoramento e prestação de contas dos saldos remanescentes do PBA.

Por fim, o trabalho serve como documento de estudo e de apoio técnico-pedagógico, ao disponibilizar orientações que contribuem na melhoria da qualidade das ações de alfabetização de jovens e adultos e pessoas idosas. E ainda ao somar no engajamento dos entes federados em cumprirem suas responsabilidades e alcance de resultados de uma melhor gestão dos recursos e das ações do Programa Brasil Alfabetizado, ao alcançar os Itinerários Formativos de pessoas idosas em práticas educativas de Educação ao longo da vida.

METODOLOGIA

Diante do objetivo de uma pesquisa de caráter social (MINAYO, 2008), de analisar a execução dos saldos remanescentes do Programa Brasil Alfabetizado (PBA) e seu impacto na Educação de Jovens e Adultos (EJA), com foco em ações que pudessem contribuir com os Itinerários Formativos de pessoas idosas, em parcerias que envolvem tecnologias sociais como a Universidade da Maturidade, da Universidade Federal do Tocantins (UMA/UFT). Os pesquisadores passaram a investigar os documentos oficiais do Ministério da Educação (MEC), como decretos, resoluções e manuais relacionados ao PBA.

Após a organização e análise de publicações acadêmicas e relatórios de órgãos de controle (BARDIN, 2011), como o Tribunal de Contas da União (TCU), sobre a alfabetização de pessoas idosas, foi possível compreender o processo do PBA, incluindo a execução, monitoramento e prestação de contas dos saldos remanescentes; a equipe de pesquisadores resolveu divulgar tais análises fenomenológicas no viés de que suas percepções sobre os resultados podem colaborar com envolvidos nas responsabilidades relacionadas ao programa.

Assim, o trabalho passa a ser mais um no arcabouço de controle social (MINAYO, 2008), que visa disseminar os princípios da administração pública nas

ações relacionadas ao programa, conforme as normas estabelecidas e em evidências de pessoas que colaboram com a Educação ao longo da vida, em atendimentos e em orientações que contribuam para a melhoria da qualidade das ações de alfabetização de jovens, adultos e pessoas idosas.

De modo que a pesquisa bibliográfica e documental (MARCONI e LAKATOS, 2017), buscou em suas fontes de dados, os documentos oficiais do MEC, publicações acadêmicas, relatórios de órgãos de controle e produções da UMA/UFT sobre alfabetização de pessoas idosas. Com procedimentos de análise de conteúdo dos documentos e publicações para compreensão do processo do PBA, divulgação das análises fenomenológicas, princípios da transparência e orientações para a melhoria da qualidade das ações.

Vale destacar, portanto, que este trabalho divulga percepções de educadores (MERLEAU-PONTY, 2018) colaborando com a divulgação das informações normativas e ainda pode ser uma contribuição para as secretarias estaduais, municipais e distrital de Educação nos processos de execução, monitoramento e prestação de contas dos saldos remanescentes do PBA; principalmente aquelas que envolve a melhoria da qualidade das ações de alfabetização de jovens, adultos e pessoas idosas.

RESULTADOS

Os resultados indicam que a reprogramação dos saldos remanescentes do PBA em 2024 possibilitou a retomada de ações de alfabetização em diversos estados, municípios e no Distrito Federal. Este desafio é destacado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO, 2009), como um “desafio da alfabetização global”.

Esse desafio envolve, no âmbito do PBA, o pagamento de bolsas aos alfabetizadores, formação continuada, reprodução de testes cognitivos, aquisição de materiais didáticos e transporte de alfabetizandos contribuiu para

a ampliação do acesso à educação de jovens e adultos em todo o país. Além disso, nota-se nos documentos analisados o cuidado com a fiscalização efetiva dos saldos destinados e destacados nos processos de alfabetização de jovens, adultos e pessoas idosas (BRASIL, 2022). Esse cuidado, de acordo com Mello (1991, p. 12), eleva programas como o PBA a níveis requeridos para a competitividade internacional:

a educação passa definitivamente a ocupar, juntamente com a política de ciência e tecnologia, lugar central e articulado na pauta das macropolíticas do Estado, como fator importante para a qualificação dos recursos humanos requeridos pelo novo padrão de desenvolvimento, no qual a produtividade e a qualidade dos bens e produtos são decisivos para a competitividade internacional.

Enquanto macropolítica (Mello, 1991), constatou-se que a SECADI, junto com o FNDE e os entes federados, é responsável pela execução, monitoramento e prestação de contas dos saldos remanescentes do PBA. Suas obrigações incluem autorizar o uso dos saldos em novas matrículas, fornecer orientações, analisar termos de adesão, monitorar o uso dos saldos, fiscalizar irregularidades, oferecer assistência técnico-pedagógica, e analisar a prestação de contas das metas físicas e dos saldos não reprogramados (BRASIL, 2024).

Essas atribuições são divididas, no âmbito do PBA, com o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) diante das atribuições de acompanhar e fiscalizar a utilização financeira dos saldos remanescentes, oferecer assistência técnica aos Entes Executores (EEx) para assegurar a execução adequada e emitir um parecer conclusivo sobre o investimento em Educação ao longo da vida. Tendo em vista que, entre as prerrogativas de atendimento, destacam-se os Itinerários Formativos que possam colaborar com os espaços educativos formais, possibilitando entre os usos a aquisição de material escolar

que podem colaborar com a didática escolhida pelo professor alfabetizador e auxiliar na gestão da sala de aula.

Percebe-se a aplicação dos princípios da gestão democrática e participativa (STEINER, 2006), na gestão do programa por meio das responsabilidades atribuídas à SECADI/MEC, FNDE e entes federados. Com tais atribuições claras nos documentos normativos fica mais tangível o alcance dos objetivos do programa, contribuindo para a efetividade das ações de alfabetização de jovens, adultos e idosos. Essa abordagem está alinhada com a visão de Steiner (2006), que defende a importância do conhecimento para o futuro do Brasil, destacando a necessidade de superar os desafios e gargalos por meio de uma gestão pública eficiente e participativa.

Sobre isso, Freire (1989) recomenda que “sigamos a vida do analfabeto” e conceitua o analfabetismo:

(...) esse fantástico inimigo que embute a alma, compromete a saúde, nulifica a espécie, avilta os ideais, enfraquece o país, retardando as indústrias, desprezando os campos, incendiando as florestas e mais ainda que isso, embotando o sentimento patriótico. Esse inimigo cruel que não se vê mas que está de posse de setenta por cento da nossa população, há quatrocentos anos, é uma palavra só, o analfabetismo! (FREIRE, 1989, p.201)

Diante desta constatação freireana, buscou-se entender o que cabe aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios em suas responsabilidades. De modo que eles devem realizar o pagamento das bolsas aos alfabetizadores, enviar o Termo de Adesão assinado eletronicamente pelo secretário de educação para análise da SECADI/MEC dentro do prazo estabelecido, utilizar os saldos para novas matrículas de alfabetização, tornar públicos os saldos financeiros destinados à alfabetização (BRASIL, 2022).

Padilha (2004) apresenta essa possibilidade como um “currículo intertranscultural”, que pode ser alcançado por novos itinerários para a

educação. Além de Teixeira (2012) ao apresentar o direito fundamental à alfabetização relacionado com as ideias de um desenvolvimento educacional e social, que reconheça e valorize as diversas culturas presentes na sociedade. Ambos os autores ressaltam a importância de uma educação inclusiva, que considere a diversidade cultural e promova o respeito às diferenças, contribuindo para uma sociedade mais justa e igualitária.

Os pesquisadores da UMA/UFT depararam-se então com as responsabilidades atribuídas aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios PBA, constatando que elas estão alinhadas com as reflexões de Mortatti (2010) sobre as relações entre políticas públicas e seus sujeitos privados na alfabetização no Brasil. Afinal, o cumprimento dessas prerrogativas, como prestar contas ao FNDE, fornecer esclarecimentos quando solicitado, emitir documentos de despesas, arquivar documentos originais e monitorar a frequência dos envolvidos, é essencial para garantir a efetivação das ações de alfabetização de jovens, adultos e pessoas idosas.

Em seu papel de apoiar os gestores, os educadores da UMA/UFT, passaram a analisar a fase de execução do PBA, especificamente na parte dos “Saldos Remanescentes 2024”, em desdobramentos que pudessem auxiliar os interessados em aderir ao programa e cadastrar novas matrículas em turmas de alfabetização de jovens, adultos e pessoas idosas pelo Sistema Integrado de Monitoramento, Execução e Controle do Ministério da Educação (SIMEC).

Essa preocupação é demonstrada pelos educadores no material didático da UMA/UFT (OSÓRIO, SILVA NETO e OLIVEIRA, 2023), que busca refletir a importância da formação adequada para lidar com os desafios práticos enfrentados no campo da educação. No contexto da execução dos saldos remanescentes do Programa Brasil Alfabetizado, essa preocupação se torna ainda mais relevante, pois os professores capacitados pela UMA/UFT estão preparados para ir a campo e aplicar efetivamente os conhecimentos adquiridos em prol da alfabetização de pessoas idosas.

Na parte da análise que teve foco nos recursos, nota-se o que é posto pela UNESCO (2009), enquanto mecanismos democráticos de aquisição e investimento. Tendo em vista que os requisitos para os educadores incluem ter o Ensino Médio completo, de preferência nível superior, além de experiência mínima de dois anos em alfabetização de jovens, adultos e idosos, e também em educação popular (BRASIL, 2024). Neste ponto, cita-se novamente Mortatti (2010) em sua preocupação de usos e aplicação dos recursos, garantindo que os mesmos, neste contexto, sejam utilizados em despesas relacionadas a novas matrículas de alfabetização, entre elas, pessoas idosas.

Diversos autores apontam os indicadores de analfabetismo no Brasil como uma preocupação central para programas como o Brasil Alfabetizado, que buscam reduzir esses índices e promover a educação de jovens e adultos. Pinto (2000) apresenta como uma ação necessária o investimento em materiais que auxiliem o professor em sua aula, para garantir o alcance de objetivos e que os beneficiários recebam a correta aplicação dos investimentos; no caso do PBA, em novas turmas para a efetividade das ações, em conformidade com o Decreto no 7.507/2011.

Sobre essa preocupação apontada por Pinto (2000) e outros autores, a UMA/UFT, conta com aparato de publicações voltadas às práticas educativas que acontecem no âmbito da Amazônia Legal (OSÓRIO, SILVA NETO e NUNES FILHO, 2022). Ao passo que, na fase de execução do PBA, são aplicadas normas estabelecidas para garantir o acesso à informação pública; propositura da Constituição Federal ao assegurar esse direito a todos os cidadãos; da Lei nº 12.527/2011 que regulamenta esse acesso e estabelece procedimentos para a divulgação de informações públicas. Além da Resolução nº 1/2024 do MEC que destaca a importância da transparência ao obrigar os Entes Executores a divulgarem publicamente os recursos recebidos e como foram utilizados, o que é proposto na forma de Editais públicos.

Neste ponto, o PBA pode ser conectado ao pensamento de Moacir Gadotti (2016) sobre educação popular e educação ao longo da vida. Gadotti (2016) defende uma perspectiva de educação que seja contínua e que acompanhe o indivíduo em todas as fases da vida, incluindo a alfabetização de jovens, adultos e idosos. Ele enfatiza a importância da educação popular como instrumento de transformação social e de empoderamento das pessoas, aspectos que também estão presentes no PBA, que busca não apenas alfabetizar, mas também promover a inclusão social e a cidadania por meio da educação.

Esse trilhar é destacado no artigo "Direito fundamental à alfabetização", de Teixeira (2012) ao abordar a importância do direito à alfabetização como um direito fundamental. Direito este que deve ser respeitado na fase de prestação de contas, na qual os entes executores devem enviar a prestação de contas ao FNDE através do SIGPC, comprovando as despesas realizadas com os recursos recebidos por meio de documentos fiscais originais ou equivalentes, de acordo com a legislação aplicável. Ou seja, nota-se uma relevância da alfabetização para o pleno exercício da cidadania e para o desenvolvimento social e econômico do país. Além da superação dos desafios que as políticas necessárias enfrentam para garantir o acesso à educação básica de qualidade, destacando a necessidade de políticas públicas eficazes e de investimentos na formação de pessoas idosas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da execução dos saldos remanescentes do PBA evidencia a importância do programa na promoção da educação de jovens, adultos e pessoas idosas no Brasil. A reprogramação dos recursos e a retomada das ações de alfabetização demonstram o compromisso do governo em combater o analfabetismo e promover a inclusão social. No entanto, é fundamental que os

órgãos responsáveis mantenham a eficiência na gestão do programa, garantindo que alcance seus objetivos de forma efetiva e sustentável.

Os resultados obtidos com a reprogramação dos saldos remanescentes do Programa Brasil Alfabetizado (PBA) em 2024 evidenciam a retomada significativa das ações de alfabetização em diversos estados, municípios e no Distrito Federal. Esse desafio, identificado pela UNESCO (2009) como um "desafio da alfabetização global", enfrentado com o pagamento de bolsas aos alfabetizadores, formação continuada, reprodução de testes cognitivos, aquisição de materiais didáticos e transporte de alfabetizandos, o que contribuiu para a ampliação do acesso à educação de jovens, adultos e idosos em todo o país.

A análise destaca em vários pontos a necessidade da transparência na prestação de contas e a fiscalização efetiva dos recursos, destacadas no processo (BRASIL, 2022), foram elementos fundamentais para o sucesso dessa reprogramação. Nesse contexto, a SECADI, em conjunto com o FNDE e os entes federados, desempenhou um papel crucial na execução, monitoramento e prestação de contas dos saldos remanescentes do PBA. Suas atribuições, alinhadas com as reflexões de Mortatti (2010) sobre as relações entre políticas públicas e seus sujeitos privados na alfabetização no Brasil, visam garantir a publicidade e o correto emprego dos recursos do programa.

O trabalho carece de investigações mais robustas de como os agentes educacionais agem diante dessa perspectiva de gestão democrática e participativa do programa, conforme os princípios de Steiner (2006). Contudo, é uma produção capaz de trazer a reflexão da responsabilidade compartilhada entre os diversos atores envolvidos, incluindo Estados, Distrito Federal, Municípios, SECADI/MEC e FNDE. Essa abordagem colaborativa e transparente é essencial para garantir a efetivação das ações de alfabetização de jovens, adultos e pessoas idosas, contribuindo para uma sociedade mais justa e igualitária.

Por fim, a conexão do PBA com as ideias de Padilha (2004) sobre currículo intertranscultural e de Teixeira (2012) sobre o direito fundamental à alfabetização evidencia a importância da alfabetização para o pleno exercício da cidadania e para o desenvolvimento social e econômico do país. Esses autores ressaltam a necessidade de uma educação inclusiva, que considere a diversidade cultural e promova o respeito às diferenças, aspectos essenciais para a construção de uma sociedade mais justa e democrática.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011

BRASIL. **MANUAL DE EXECUÇÃO DOS SALDOS REMANESCENTES - 2024. Programa Brasil Alfabetizado - PBA 2024**. Ministério da Educação: 2024. Disponível em: <https://undime.org.br/noticia/05-02-2024-10-05-saldos-remanescentes-do-brasil-alfabetizado-vaio-para-jovens-e-adultos> Acesso em: 13 maio 2024.

BRASIL. **Programa Brasil Alfabetizado**. Ministério da Educação - MEC: 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/areas-de-atuacao/eb/programa-brasil-alfabetizado> Acesso em: 13 maio 2024.

BRASIL. **Resolução nº 1, de 31 de janeiro de 2024. Estabelece orientações, critérios e procedimentos para a utilização, em 2024, dos saldos remanescentes do Programa Brasil Alfabetizado - PBA**. Ministério da Educação: 2024. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/resolucao-n-1-de-31-de-janeiro-de-2024-541009349> Acesso em: 13 maio 2023.

FREIRE, Ana Maria Araújo. **Analfabetismo no Brasil: da ideologia da interdição do corpo à ideologia nacionalista, ou de como deixar sem ler e escrever desde as Catarinas (Paraguaçu), Filipinas, Madalenas, Anas, Genebras, Apolônias e Grácias até os Severinos**. São Paulo: Cortez: Brasília, DF: INEP, 1989. Biblioteca da educação. Série 1. Escola. Volume 4.

GADOTTI, M. **Educação popular e educação ao longo da vida**. 2016. Disponível em: http://acervo.paulofreire.org:8080/FPF_PTPF_01_0470.pdf Acesso em: 13 maio 2024.

MARCONI, M. A. ; LAKATOS, E. M. **Metodologia Científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

MELLO, Guiomar N. de. **Políticas públicas de educação**. São Paulo: USP, Instituto de Estudos Avançados, 1991. (Série Educação para a cidadania, 1)

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. Tradução: Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 5ª. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2018.

MINAYO, Maria Cecília S. **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. 27 ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

MORTATTI, Mario do R. L. **Alfabetização no Brasil: conjecturas sobre as relações entre políticas públicas e seus sujeitos privados**. Revista Brasileira de Educação, São Paulo, v. 15, n. 44, p. 329341, 2010.

OSÓRIO, N. B.; SILVA NETO, L. S.; NUNES FILHO, F. A. **GeronTOcantins: estudos sobre a educação ao longo da vida na Amazônia legal**. Organizadores. Ponta Grossa - PR: Atena, 2022. Disponível em: <https://www.atenaeditora.com.br/post-ebook/5162> Acesso em: 13 maio de 2024.

OSÓRIO, N. B.; SILVA NETO, L. S.; OLIVEIRA, N. P. B. **Material Didático de Formação de Professores da Universidade da Maturidade - UMA**. Recife: Even3 Publicações, 2023. DOI 10.29327/5293177 Disponível em: <https://publicacoes.even3.com.br/book/material-didatico-de-formacao-de-professores-da-universidade-da-maturidade--uma-2931775> Acesso em: 13 maio 2024.

PADILHA, Paulo Roberto. **Currículo Intertranscultural: novos itinerários para a educação**. São Paulo, Cortez: Instituto Paulo Freire, 2004

PINTO, José M. de R. et al. **Um olhar sobre os indicadores de analfabetismo no Brasil**. R. Bras. Est. Pedag., v. 81, n. 199, p. 511-524, set./dez. 2000.

STEINER, João E. **Conhecimento: gargalos para um Brasil no futuro**. Estudos Avançados, São Paulo. v. 20, n. 56, p. 75-90, 2006.

TEIXEIRA, Paula de A. P. **Direito fundamental à alfabetização**. Universitas/JUS, v. 23, n. 1, p. 4152, jan./jun. 2012.

UNESCO. Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. **O desafio da alfabetização global: um perfil da alfabetização de jovens e adultos na metade da Década das Nações Unidas para a Alfabetização 2003-2012**. Brasília: Unesco, 2009.

NARRATIVAS DIGITAIS: OS RELATOS DOS VELHOS DA UNIVERSIDADE DA MATURIDADE SOBRE O USO DAS TECNOLOGIAS

Quenidi Tadeu Bonatti¹⁰⁸

Neila Barbosa Osório¹⁰⁹

Sônia Terezinha Baccin Bonatti¹¹⁰

Daniel Eduardo Bonatti¹¹¹

Luiz Sinésio Silva Neto¹¹²

Jocyléia Santana dos Santos¹¹³

RESUMO

Este artigo examina a relação entre a História Oral e a adaptação dos velhos às tecnologias, com foco em participantes da Universidade da Maturidade (UMA) da UFT em Palmas, TO. A pesquisa explora como metodologias integradas com tecnologia podem incentivar o ensino-aprendizagem e aumentar o interesse desse público pela inovação. O estudo busca entender os fatores que influenciam a resistência à adoção de novas tecnologias e sugere que a percepção das tecnologias como essenciais no processo educacional pode estimular o desenvolvimento de habilidades nesse grupo etário. A História Oral, nesse contexto, é proposta como uma abordagem que facilita a transmissão de conhecimento e adaptações tecnológicas para um público mais idoso.

Palavras-chaves: História oral; Tecnologia; Ensino; Velho.

¹⁰⁸ Mestre em Educação. Instituição: Universidade Federal do Tocantins. Endereço: Rua Gurupi Q 53 Lote 5 Orla Oeste, Luzimangues – CEP: 77502-000. Porto Nacional /TO. E-mail: qbonatti@hotmail.com

¹⁰⁹ Doutora em Educação. Universidade do Estado do Pará- PA. Quadra 109 Norte Av. NS-15, ALCNO-14. Plano Diretor Norte. CEP: 77001-090. Palmas/TO. Av. Juscelino Kubitscheck, Palmas – TO. E-mail: neilaosorio@uft.edu.br

¹¹⁰ Especialista em Língua Portuguesa. Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Palmas- PR. Rua Gurupi Q 53 Lote 5 Orla Oeste, Luzimangues – CEP 77502-000. Porto Nacional /TO. E-mail: soniatbbonatti@gmail.com

¹¹¹ Mestrando em Educação. Instituição: Universidade Federal do Tocantins Endereço: Palmas, Tocantins, Brasil. E-mail: danielbonatti.lem@gmail.com

¹¹² Doutor em Ciências e Tecnologias em Saúde. Universidade Federal do Tocantins- TO. Quadra 109 Norte Av. NS-15, ALCNO-14. Plano Diretor Norte. CEP: 77001-090. Palmas/TO. Av. Juscelino Kubitscheck, Palmas – TO. E-mail: luizneto@mail.uft.edu.br

¹¹³ Doutora em Educação. Universidade do Estado do Pará. . Quadra 109 Norte Av. NS-15, ALCNO-14. Plano Diretor Norte. CEP: 77001-090. Palmas/TO. Av. Juscelino Kubitscheck, Palmas – TO. E-mail: jocyleiasantana@gmail.com

INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta a pesquisa desenvolvida na disciplina de História, Memória e Educação, do Mestrado Acadêmico em Educação da UFT, em Palmas, Tocantins. O estudo utilizou a metodologia da História Oral, que envolveu entrevistas gravadas com pessoas que puderam fornecer testemunhos sobre eventos, contextos, instituições, modos de vida e outros aspectos significativos da história contemporânea. A pesquisa foi realizada com acadêmicos da Universidade da Maturidade (UMA), no campus de Palmas, e buscou explorar as contribuições desses relatos para a compreensão da memória e educação na terceira idade. Segundo (THOMPSON, 1998, p.337),

A história oral devolve a história às pessoas em suas próprias palavras. E ao lhes dar um passado, ajuda-as também a caminhar para um futuro construído por elas mesmas (Thompson, 1998, p. 337).

A pesquisa, fundamentada em entrevistas e depoimentos dos participantes, iniciou-se com a abordagem da História Oral, buscando compreender e conhecer a trajetória dos velhos. Em seguida, analisou-se a memória dos entrevistados sobre o uso das tecnologias e sua influência no cotidiano. Realizada com um grupo de velhos da Universidade da Maturidade (UMA) da UFT, em Palmas/TO, o estudo investigou como essa faixa etária lidava com as tecnologias, identificando as facilidades e os desafios enfrentados. Com o objetivo de compreender o impacto da tecnologia no processo de ensino-aprendizagem, o trabalho procurou refletir sobre inovações que poderiam contribuir para o crescimento do saber e melhorar o desempenho de educadores e educandos.

Este projeto de pesquisa envolveu os acadêmicos da UMA/UFT, Campus de Palmas, e foi desenvolvido por meio de itens específicos e amostragens. O estudo teve início com entrevistas, nas quais os participantes compartilharam

suas experiências de vida e refletiram sobre o contato com as tecnologias, destacando as dificuldades enfrentadas nesse processo. Utilizou-se a técnica de observação para aprofundar a compreensão do contexto apresentado. Em seguida, foram realizados questionamentos individuais, os quais possibilitaram a produção escrita, na qual cada participante descreveu as particularidades de seu conhecimento sobre as tecnologias e as habilidades adquiridas ao longo do tempo, evidenciando as barreiras e superações vivenciadas.

Concomitantemente, ocorreu a teorização dos conteúdos, culminando na produção de um artigo. O processo valorizou os conhecimentos prévios, ao mesmo tempo em que possibilitou a aquisição de subsídios para uma produção gradual, do micro ao macro conhecimento.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A História Oral passou a ser amplamente utilizada a partir dos anos 1950, com a chegada das tecnologias de gravação, que facilitam o registro preciso de testemunhos orais e a preservação das memórias históricas. Essa abordagem permitiu a inclusão de grupos sociais marginalizados nas produções históricas tradicionais, como minorias, mulheres e idosos. Ao ser aplicada como técnica de pesquisa, a História Oral se tornou uma ferramenta essencial para entender o passado, ao lado de documentos escritos e imagens. Ela se caracteriza pela coleta de testemunhos, permitindo compreender como indivíduos interpretam acontecimentos e vivenciaram diferentes contextos sociais.

Segundo Alberti, (1990, p.40) “Essa linha dará ao programa uma identidade institucional, facilitando inclusive a consulta dos depoimentos produzidos”.

Isso ressalta a importância de um planejamento estruturado para o programa de pesquisa em História Oral, no qual a definição de uma linha orientadora específica contribui para a criação de uma identidade institucional.

Esse alinhamento não só organiza o material coletado como também torna o acervo de depoimentos mais acessível e útil para futuras consultas. Ao estabelecer uma identidade institucional clara, o programa facilita a continuidade da pesquisa, garante a coerência entre os depoimentos e promove uma base sólida para a preservação e interpretação das narrativas pessoais. Dessa forma, a organização e o acesso eficiente aos dados fortalecem o valor científico e social dos relatos, ampliando o impacto da pesquisa.

As entrevistas de História oral são a origem para compreender o passado sob qualquer forma de registro, a partir do momento que forem estimuladas. Através dela tem-se conhecimento dos acontecimentos, situações ou até mesmo o modo de vida de um grupo da sociedade, o que fará com que se aproxime a compreensão do seu modo de vida. Conforme Alberti (2005, 57),

A História Oral é uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes para o estudo da história contemporânea surgida em meados do século XX, após a invenção do gravador à fita. Ela consiste na realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram de, ou testemunharam acontecimentos e conjunturas do passado e do presente. (Alberti, 2005, p. 57).

No Brasil, essa metodologia foi introduzida na década de 1970, a partir da criação do Programa de História Oral do CPDOC (Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil). Em 1994 foi criada a Associação Brasileira de História Oral. Inúmeros são os programas e pesquisas que fazem uso dos relatos pessoais do passado para estudar temas dos mais variados tipos. A História Oral, enquanto metodologia de pesquisa, exige um fundamento claro e um direcionamento investigativo para cumprir seu propósito. Nesse sentido, seu uso vai além da simples coleta de narrativas; é um processo estruturado que requer planejamento e reflexão. Assim, antes mesmo de iniciar as entrevistas, é necessário que o pesquisador defina as perguntas e os objetivos que justificam a pesquisa. Como destaca Alberti (1990),

Se partirmos do pressuposto de que a História Oral é uma metodologia de trabalho, é evidentemente necessário que ela esteja ancorada a uma atividade de pesquisa. Primeiramente, é preciso haver questões, perguntas, que justifiquem o desenvolvimento de uma investigação. A História Oral só começa a participar dessa formulação no momento em que é preciso determinar a abordagem do objeto em questão: como será trabalhado (Alberti, 1990, p. 12).

As entrevistas de História Oral são uma metodologia eficaz para tornar o estudo histórico mais acessível, combinando testemunhos orais com fontes documentais. Sua aplicação exige pesquisa preliminar e planejamento, além de um aprofundamento contínuo, especialmente no contexto educacional brasileiro, onde ainda há desafios quanto ao comprometimento e competência dos profissionais.

A pesquisa de novas metodologias, especialmente quando integradas às tecnologias, como a História Oral, é fundamental para fortalecer a motivação e aprimorar o processo educativo. A motivação, nesse contexto, atua como um elemento central na análise do ensino, funcionando como um agente que impulsiona o aprendizado e desperta o interesse do aluno.

Segundo Neto (2017), coordenador da UMA/UFT, a educação tem demonstrado a sua eficácia em transformar percepções e gerar novas imagens e saberes em relação aos velhos. Nesse sentido, a História Oral surge como uma metodologia poderosa para documentar e revalorizar as experiências e contribuições dessa população, promovendo reflexões sobre sua vivência e o contexto em que estão inseridos.

A fenomenologia, enquanto base teórica, aprofunda essa abordagem ao propor que todo conhecimento se dá a partir de como a consciência humana interpreta os fenômenos, ou seja, o mundo é compreendido pela forma como ele aparece à consciência. Esse pressuposto é essencial para a História Oral, pois coloca em primeiro plano a subjetividade das narrativas e a interpretação

dos indivíduos sobre suas próprias experiências. Dessa forma, o educador que adota a História Oral em sua prática torna-se um facilitador, promovendo o esclarecimento e incentivando o desenvolvimento de uma compreensão mais profunda do conhecimento.

Para que o educador cumpra esse papel de forma ética e comprometida, é necessário que ele compreenda a diversidade e a complexidade dos indivíduos como seres únicos, com vivências próprias que influenciam suas percepções e suas aprendizagens. O educador não apenas transmite saberes, mas busca desenvolver a autonomia e a capacidade crítica dos educandos, respeitando suas diferenças e promovendo uma ética de solidariedade e responsabilidade que transcenda barreiras e promova um entendimento mais amplo da humanidade. Esse método foi desenvolvido por Husserl (2008, p. 87), para ele, o mundo só pode ser compreendido a partir da forma como se manifesta, ou seja, como aparece para a consciência humana. Não há um mundo em si e nem uma consciência em si. A consciência é responsável por dar sentido às coisas.

Tal citação aborda uma visão fenomenológica, em que o mundo e a realidade são compreendidos não como algo objetivo e independente, mas como uma construção da consciência humana. A percepção e o sentido que atribuímos ao que nos rodeia são os elementos que moldam nossa compreensão do mundo, revelando que tanto o "mundo em si" quanto a "consciência em si" não têm existência isolada. A consciência é, portanto, ativa e essencial na criação de significado, pois ela estrutura e dá sentido à realidade que experimentamos.

A partir desse entendimento, a introdução de dilemas morais no contexto educacional se torna uma ferramenta valiosa para explorar a complexidade das experiências e interpretações humanas. Ao apresentar esses dilemas, o educador deve seguir com um conjunto de perguntas que incentivem o aluno a refletir sobre o conhecimento e a compreensão que possui sobre o tema, além de analisar profundamente os motivos, intenções, interesses e emoções dos

personagens envolvidos na situação. Esse processo ajuda a despertar uma análise crítica e empática, estimulando o desenvolvimento de habilidades de raciocínio moral e ético.

A universidade, ao abrir suas portas para uma população diversificada, desempenha um papel essencial na promoção de um aprendizado inclusivo, que vai além da instrução tradicional.

Como espaço de acolhimento e formação contínua, ela se torna um local onde pessoas de todas as idades podem explorar as várias dimensões do conhecimento humano, descobrindo e aprofundando-se em aspectos de sua própria identidade e de suas capacidades. Nesse sentido, a universidade não apenas se compromete com o ensino, mas também amplia seu papel institucional ao engajar essa população em atividades de pesquisa e extensão, integrando-os à tríade fundamental que norteia a educação superior.

Além disso, ao incluir pessoas de diferentes faixas etárias, a universidade promove uma troca rica de experiências e saberes intergeracionais. Essa prática amplia o escopo de aprendizado para todos, contribuindo para uma educação que valoriza a diversidade e que proporciona a todos os indivíduos a oportunidade de se desenvolverem com maior liberdade e profundidade. Segundo afirma Osório, (2017, p. 23)

A universidade como um espaço acessível para receber essa população e contribuir para o descobrimento das dimensões mais densas e com maior liberdade. Deve cumprir com o seu papel institucional na inserção e transmissão de conhecimento na tríade, ensino, pesquisa e, extensão, para todas as faixas etárias da vida do homem (Osório, 2017, p.23).

A universidade desempenha um papel crucial na promoção da inclusão, sendo um espaço fundamental para acolher e integrar pessoas de todas as idades. Ao cumprir sua função institucional de ensino, pesquisa e extensão, ela

não só contribui para a disseminação do conhecimento, mas também oferece à população idosa a oportunidade de explorar novas dimensões do saber, promovendo o desenvolvimento cultural, intelectual e pessoal. Essa inclusão não apenas enriquece a experiência dos idosos, mas também fortalece a universidade, que passa a se tornar mais plural e diversa, refletindo a riqueza das diferentes fases da vida humana.

A adoção de novas metodologias no processo de ensino, desde as mais simples até as que exigem ajustes, tem favorecido a autonomia dos alunos em algumas partes do mundo. Isso resulta em uma aprendizagem mais eficaz, formando profissionais criativos, independentes e críticos. A História Oral desempenha um papel fundamental nas pesquisas científicas, pois, por meio das narrativas, os entrevistados revivem e reconstróem memórias de suas trajetórias, atribuindo novos significados ao passado. Com base nesses métodos, a pesquisa pode aprofundar a compreensão e análise das fontes orais dos entrevistados.

PERFIL DOS ENTREVISTADOS: A EXPERIÊNCIA TECNOLÓGICA

As pessoas entrevistadas aqui têm perfis variados, vida simples e se apresentam como sujeitos desta pesquisa. Através de anotações, observações apresentaram suas vozes. As falas aqui relatadas revelam a valorização e o reconhecimento desta pesquisa. Em encontro com dona Maria de Lourdes, 76 anos, ela relata:

“Quando cheguei aqui o Tocantins ainda não existia, em 1984. Naquela que cheguei aqui não tinha televisão lá na roça, nem pensar, só rádio. As informações chegavam pelo rádio. Assistia muito aquele programa “A voz do Brasil”. Ali a gente sabia muita coisa do estado, o que ia criar, também notícias do Brasil. Muito radical a mudança para se ajeitar melhor na história. Para vocês terem uma ideia, não tinha energia, mais tarde que minha filha colocou

energia lá”.

“Eu trabalhava numa máquina de costura a pedal, sem energia para manter a chácara e mantive. Minha tecnologia utilizada para meu sustento foi a máquina e a roça. Na chácara não havia telefone, só meu ex-genro que chegou com um telefone uma época que foi uma loucura, mas não durou nada, para mim não resolveu, um tijolão. Era difícil para carregar bateria, não tinha energia. Uma das dificuldades de usar a tecnologia nessa época que era o telefone era a dificuldade de carregar a bateria, de manuseio. A água era muito boa, pelo meio da mata chegava em casa na caixa, por gravidade, era tudo muito natural”.

“Minha maior dificuldade hoje é com a tecnologia, mas assim mesmo sou corajosa, quero enfrentar, se tiver aulas pra isso vou aprender, porque acho que estou no meio e eu tenho que seguir, fazer também, aprender, participar”.

“Se o professor me manda uma mensagem não vou saber responder, é uma necessidade a gente acompanhar a tecnologia. É maravilhosa essa tecnologia, nunca pensei em alcançar isso tudo”.

“Profissionalmente tenho meus limites e meus conhecimentos. Tenho minhas máquinas motorizadas. Agora tenho minhas máquinas, tenho três máquinas e vou comprar mais uma, uma que borda sozinha, que a gente compra as pecinhas, coloca, é tecnologia. Eu pretendo entender, eu vou comprar ela. Porque daí a gente ganha um dinheirinho”.

“Minha perspectiva de vida é de trabalhar, e vou aprender, vou entrar nessa tecnologia. Ainda quero ver se trabalho mais, mesmo que eu tenha dificuldade de visão, que não é muito não, mas eu vou trabalhar. Eu acho que dá certo”.

“A tecnologia realmente no início me assustou muito. A primeira vez foi com celular, quando eu troquei de celular, fui deitar com o celular e ligar para as meninas, quem é que disse que eu achava onde ligar com esse celular, eu passava a mão em todo esse celular e não liguei. Não tinha botão para mim, no outro dia, achei, sozinha. Já comecei a mexer, mas

ainda tenho dificuldade. Com as aulas on line dificultou mais, mas a gente tem que aprender se não é o mesmo que não estar no mundo. Estou assistindo as aulas da UMA. Minha filha liga o computador e me dá tudo no jeito. Esse Google Meet é um desafio, mas acho que consigo aprender. Essa tecnologia é que está dando resultado para resolver o problema de comunicação nesse tempo de isolamento”.

Na fala da entrevistada, percebe-se a capacidade humana de preservar e evocar experiências passadas, refletindo o impacto das interações entre o indivíduo e seu meio. A entrevistada relembra sua migração do Sul do Brasil para o Norte goiano, antes da criação do atual estado do Tocantins, descrevendo as dificuldades enfrentadas na época, especialmente pela ausência de tecnologias. Ela relata que seu sustento dependia do trabalho de costura, destacando uma época marcada por desafios que moldaram sua trajetória e fortaleceram seu vínculo com o passado.

Atualmente com idade avançada ainda admite encarar desafios com aprendizado de tecnologias, avaliando como positivo os avanços. Com a chegada da pandemia, com a necessidade de isolamento, a tecnologia auxilia no processo de comunicação.

Segundo Portelli (2016, p. 91) a memória, como a própria narrativa também não é um texto fixo e um depósito de informações, mas sim um processo de performance que possibilita ouvir essas vozes e suas histórias.

A memória, assim como a narrativa, deve ser compreendida não como um arquivo estático ou mero repositório de fatos, mas como um processo ativo e performativo. Ela permite reviver, reinterpretar e dar novos sentidos ao passado, funcionando como uma espécie de "voz viva" das experiências. Esse caráter dinâmico da memória possibilita que histórias pessoais sejam revisitadas e transmitidas de maneira que dialoguem com o presente, fazendo com que a

história se torne um elemento fluido, moldado pelas percepções, sentimentos e significados atribuídos a cada nova evocação. Dessa forma, ouvir as vozes da memória é mais do que recuperar fatos; é acessar um processo contínuo de recriação da experiência humana, o que enriquece a compreensão do passado e o conecta às gerações atuais.

Os entrevistados demonstraram relatar suas memórias, seus percursos com transparência e determinação. Le Goff, (2013, p. 435)

A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia. Mas a memória coletiva é não somente uma conquista é também um instrumento e um objeto de poder. São as sociedades cuja memória social é sobretudo oral ou que estão em vias de constituir uma memória coletiva escrita que melhor permite compreender esta luta pela dominação da recordação e da tradição, esta manifestação da memória (Le Goff, 2013, p. .

Le Goff revela a importância da memória como um componente central da identidade, tanto pessoal quanto coletiva, destacando-a como uma busca constante e carregada de emoções para indivíduos e sociedades. Ao situar a memória coletiva como uma conquista, mas também como um poderoso instrumento de controle, aponta para seu papel na manutenção e disputa pelo poder dentro das comunidades. Em sociedades onde a tradição oral predomina ou onde a escrita começa a fixar essa memória coletiva, é mais fácil perceber como a recordação e a tradição podem ser moldadas para reforçar certas narrativas e silenciar outras. Assim, a memória se torna um espaço de luta simbólica, onde grupos e gerações negociam e afirmam suas versões do passado, influenciando a maneira como identidades e valores são transmitidos.

Dentro dessa perspectiva, é fundamental estudar a memória e seus elementos constituintes, pois ela está diretamente relacionada ao processo de construção da identidade.

Senhor José, 75 anos conta que o acesso à educação reporta ao passado: "Durante minha vida de trabalhador, hoje aposentado, não existia tecnologia para mim, fui conhecer uma calculadora já era até casado. Quando eu fiz um serviço o cara pediu para eu calcular o serviço ele me deu a calculadora, esperei ele ir embora, e fiz na mão, porque eu não sabia nem como que ligava aquilo. eu fui usar um telefone eu já tinha trinta anos de idade. Não sabia nem usar aquilo, como que ligava, não sabia. Celular naquela época não existia. A primeira vez que vi um celular foi aquele "tijolão", mas também não sabia usar. Não tinha como ligar porque ninguém tinha acesso a telefone como tem hoje".

"De trinta anos atrás para hoje a gente tá aqui ligado, falando, falo com minha filha em Manaus na minha frente, ao vivo e em cores a hora que eu quero. Era tudo no presencial, não tinha como. No celular hoje resolvo qualquer coisa que eu quero, eu não vou mais a lotérica, eu não vou em lugar nenhum para resolver, eu faço transferência bancária, eu faço pagamento pelo celular, eu resolvo tudo pelo celular. A tecnologia veio para me ajudar".

"Foi com minha loja que comecei a usar uma calculadora aí já começou a desenvolver minha habilidade. Com computador, o primeiro que liguei não soube desligar. Hoje no computador a gente já trabalha um pouquinho, né? Já ajuda fazer pesquisa, abrir e-mail, essas coisas a gente já trabalha".

"Na minha empresa não tinha nada, era tudo manual, na loja a gente comprou um computador, mas não acertou trabalhar com ele e continuamos só na mão mesmo. A tecnologia foi boa, mas faltou treinamento porque a gente nunca tinha nem visto falar naquilo". Na época era arrendado o hotel, então eu tomava conta da manutenção do hotel, pra ver o que precisava fazer e passava para eles. No hotel eu usava muito o computador que tinha o monitor para poder ficar monitorando e quando precisava de

alguma coisa eu já sabia aonde eu ia. Isso facilitou muito a minha vida. O que eu não sabia ia perguntar para quem sabia, buscava informação. Não sei usar o computador, ia buscar quem sabe. Fulano, como faço, ia lá me explicar. Aí eu ia treinando, tinha coisa que eu queria saber, eu já passei a fazer, não pedir para ninguém fazer. Temos que ir em busca do conhecimento. minha evolução, acho que nessa parte eu me superei, porque não podia imaginar que um dia eu ia fazer isso. Eu quero fazer uma transferência bancária, eu faço em casa no meu celular. Não tenho medo de perguntar, tem que perguntar, não sabe vai a quem sabe”.

“Na UMA, eu passava a ensinar os alunos que não tinham prática nenhuma e eu ficava ali fazendo o possível para ver se ele conseguia, aprender pelo menos o que eu sei, não vai de jeito nenhum, tem dificuldade. Isso é próprio de cada pessoa, cada um tem seu limite, ou mesmo não se interessa”. Minha projeção para o futuro com relação às tecnologias é grande, todo dia tem desafio. Cada dia que passa é um desafio novo, é coisa nova que a gente vê e tem que aprender. Eu acho que vou aprender mais alguma coisa ainda, não tem medo de ser feliz, nem ter vergonha de perguntar o que quer”.

Senhor José, nascido no Rio de Janeiro e inserido no mercado de trabalho desde jovem, compartilhou como nunca havia tido contato com tecnologia em sua juventude. Mudou-se para o Tocantins já há algum tempo e, aposentado, reflete sobre as mudanças significativas que encontrou ao longo da vida. Em sua trajetória, descreve as dificuldades que enfrentava para resolver questões básicas de comunicação e realizar pagamentos, que antes exigiam deslocamentos e processos manuais, muitas vezes demorados. Hoje, porém, Senhor José reconhece que essas atividades se tornaram mais acessíveis e ágeis, em grande parte graças ao aprendizado das tecnologias modernas que ele, com esforço e determinação, foi incorporando ao seu cotidiano. Para ele, essa transformação não só facilitou o acesso a serviços essenciais, como também ampliou suas possibilidades de interação e conexão com o mundo

atual, permitindo-lhe uma maior independência e qualidade de vida na terceira idade.

A entrevista possibilita que se compartilhe experiências e promova a aproximação entre o sujeito-entrevistado e seu entrevistador, mesmo que ambos tenham diferentes interesses na pesquisa. O entrevistado tem como objetivo falar do que lhes é uma revelação interessante, já o entrevistador interessa ouvir e assim registrar sua narrativa. Amado (1997, p. 153)

(...) quando alguém concorda em ser entrevistado, tem objetivos a atingir, relacionados não ao historiador, mas a si próprio, ou seja: conceder ou não a entrevista é um ato voluntário, integrante de um complexo universo de interesses e estratégias ao qual, muitas vezes, o historiador sequer tem acesso (Amado, 1997, p. 153).

Ao fazer uso desses relatos, o pesquisador poderá compor seu trabalho com as partes que forem pertinentes ao seu trabalho. Segundo Queiroz (1988, p.18)

(...)o pesquisador utilizará em seu trabalho partes do relato que sirvam aos objetivos fixados, destacando os tópicos que considera útil, deixando em separado aqueles que acredita estarem fora do seu interesse e que podem até futuramente tornar-se objeto de reflexão(Queiroz, 1998, p.18).

Isto destaca um aspecto crucial da metodologia de pesquisa, especialmente no campo da História Oral. O pesquisador, ao utilizar os relatos dos entrevistados, deve ser seletivo, escolhendo partes que se alinhem com os objetivos estabelecidos para o trabalho. No entanto, também deve manter uma postura aberta em relação aos elementos que, à primeira vista, parecem irrelevantes, pois podem, em algum momento futuro, se revelar como temas importantes para novas reflexões ou pesquisas. Essa abordagem reflete a natureza dinâmica da pesquisa, onde a escolha das fontes e dos tópicos não é rígida, mas sim adaptável ao longo do tempo, permitindo um aprofundamento contínuo e a possibilidade de revisitar aspectos que inicialmente poderiam

passar despercebidos. As reflexões trazidas por ele fornecem uma compreensão mais profunda das dificuldades, mas também das conquistas que permeiam essa fase da vida. A seguir, em suas próprias palavras, compartilham um pouco de sua trajetória e visão sobre esses temas.

Maria de Fátima, 66 anos, sete filhos, viúva, filha natural de Paraíba, relata: "na minha terra natal, na minha época de infância era na base do telegrama, eu não conhecia o telefone, rádio eu ouvia falar, mas não conhecia. Televisão também não conhecia. Era só na base de carta e se fosse coisa urgente era um telegrama. Não estudei mais. Vim entrar numa sala de aula depois que eu estava com meus filhos que coloquei na escola e eu ia em reunião, depois de adulta".

"Em 1974 eu ganhei um radinho de presente, eu ouvia muito a Rádio Nacional da Amazônia, onde tinha o programa da Tia Leninha, que era voltava para criança, tinha também Artemisa Azevedo que tinha as novelas. eu tenho uma filha que não falava e não ouvia e a Tia Leninha me ensinou como ensinar o alfabeto para ela". Meu primeiro acesso a televisão na minha casa foi em 1994, quando cheguei aqui em Palmas, em agosto comprei uma televisão pequena. Meu primeiro celular foi em 2006, por aí".

"Meu trabalho não tinha muito acesso à tecnologia, eu trabalhava como faxineira e lavava roupa para os outros, trabalhei muito tempo. Não tinha contato com as tecnologias. Não era exigido. Não tinha máquina de lavar. Até então eu já lavava roupa de funcionário de banco à mão. Ganhei um tanquinho tinha que ligar, mas como sempre fui muito curiosa com as coisas. Foi mexendo que aprendi".

"Na minha vida profissional, eu observava as coisas para aprender. Quando não sabia, não tive aula. Quando ganhei o celular do meu filho fui mexendo e aprendendo. O desafio da tecnologia é buscar aprender, se não, não vai. Sobre a tecnologia foi uma boa coisa, que foi inventada, para quem sabe usar. Para que não sabe só dá besteira".

"São muitos os desafios. Acho que daqui para frente, o que vai mandar é a tecnologia, então a gente que é velho, se não entrar, conseguir dar duro para aprender vai ficar na mão, na dependência, porque hoje você paga conta pelo telefone, faz de tudo. Uma coisa que eu achei muito importante e achei bom porque sempre falo para meus filhos, esse negócio de internet, de Face, tanta coisa que existe, ela veio não para todos, mas a maioria. Ela está afastando quem está perto e juntando quem tá longe. Tem muitas coisas que está afastando a família, de dentro de casa, pai, mãe, filho, neto. Tá esquecendo o calor humano". Acho que a tecnologia em uns pontos vale a pena, mas tem outros que deixa a desejar, se a gente não corrigir as crianças, ensinar muita coisa que não deveria fazer. Agradeço muito porque essa tecnologia ela afastou muita gente de dentro de casa. Fazer o que, está aí, e vem mais desafios. Hoje vai ter valor quem souber mexer".

A História Oral tem o poder de trazer o passado para o presente, conferindo significado social tanto para o entrevistado quanto para o entrevistador. Através dessa metodologia, as experiências passadas são resgatadas e reinterpretadas, permitindo que os indivíduos compartilhem memórias que dão sentido às suas trajetórias de vida. Esse processo não apenas ilumina a realidade do entrevistado, mas também permite que o entrevistador compreenda melhor o contexto em que ambos estão inseridos, enriquecendo a compreensão mútua.

Como abordagem metodológica, a História Oral vai além da simples coleta de depoimentos. Ela exige uma base teórica e reflexiva, um trabalho empírico cuidadoso e uma presença constante em campo. A profundidade do processo possibilita captar nuances da vivência humana, facilitando a análise das experiências e dos valores que se constroem ao longo do tempo. Ao incorporar essas histórias, a História Oral não apenas documenta eventos, mas também amplia as fontes de pesquisa disponíveis para os historiadores. Esse método revela aspectos subjetivos e sociais da memória coletiva, que complementam e enriquecem a produção de conhecimento histórico, promovendo um

entendimento mais humanizado e detalhado das experiências vividas e compartilhadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo, baseado na metodologia da História Oral, construiu fontes valiosas a partir das narrativas de idosos, especialmente acadêmicos da Universidade da Maturidade (UMA/UFT), em Palmas/TO, que compartilharam suas experiências e dificuldades com as tecnologias. Ao ouvir essas histórias, ficou evidente a disparidade entre as gerações, com os idosos enfrentando desafios significativos para se adaptar ao mundo digital.

Para que o ensino seja eficaz, é necessário o empenho coletivo, envolvendo não apenas os acadêmicos, mas também educadores e instituições. A apropriação do conhecimento, especialmente no que diz respeito à tecnologia, deve ser vista como um processo contínuo e intrínseco, não uma habilidade mecânica a ser ensinada. A utilização de metodologias diversificadas é essencial, especialmente para tornar o aprendizado mais envolvente para os idosos.

A pesquisa demonstrou que, embora as tecnologias sejam fundamentais para todas as idades, os idosos enfrentam dificuldades significativas com seu manuseio, necessitando de apoio. Fatores intrínsecos, como a motivação, e extrínsecos, como a falta de oportunidades, influenciam a disposição para aprender. No entanto, muitos educadores ainda trabalham de forma individualizada, o que destaca a necessidade de uma abordagem mais colaborativa.

A História Oral, ao permitir a escuta das experiências dos idosos, abre espaço para a reinvenção de estratégias educacionais mais inclusivas. A pesquisa enfatiza a importância contínua da História Oral para resgatar

memórias, enriquecer o entendimento sobre os desafios do uso da tecnologia e contribuir para uma educação mais acessível e inclusiva para todos.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **História oral: a experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1990.

ALBERTI, Verena. **Histórias dentro da História**. In: PINSKY, Carla Bassanezi(Org.). Fontes históricas. São Paulo: Contexto, 2005.

ALMEIDA, Marina S. Rodrigues. **Vislumbrar o futuro, com olhos no passado: os caminhos de uma escola humana**. Disponível em: <<http://www.educacaoonline.pro.br>>. Acessado em: dezembro de 2019.

AMADO, Janaina. **O grande mentiroso: Tradição e Veracidade e Imaginação em História Oral**. (Não publicado).

BOCK, Ana M. Bahia (org). **Psicologias: uma introdução ao estudo de Psicologia**. 13 ed. São Paulo: Saraiva, 1999.

BORUCHOVITCH, E.; BZUNECK, J. A. (orgs.). **A motivação do aluno: contribuições da psicologia contemporânea**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

BRANDÃO, C. Rodrigues. **O que é Educação?** São Paulo: Abril Cultura; Brasiliense, 1985.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEE, 1997.

CASTANHO, Sérgio; CASTANHO, Maria Eugênia (orgs). **O que há de novo na educação superior. Do projeto pedagógico à prática transformadora**. Campinas: Papirus, 2001.

COELHO. Ana Silvia Borges Figueiral. **Problemáticos, desmotivados e indisciplinados?** 2002. Disponível em:

DEPRESBITERIS, Lea, TAVARES, Marialva Rossi. **Diversificar é preciso... Instrumentos e Técnicas de avaliação da Aprendizagem**. São Paulo: Senac, 1981.

ESTEVE, José Manuel. **O mal-estar docente: a sala de aula e a saúde dos professores**. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

FOUCAULT, M. Conversa com Michel Foucault. In: MOTTA, M. B. (org.). **Repensar a política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010a. v. VI, p. 289-347. (Coleção Ditos & Escritos, v. VI).

FURROW, Dwight. **Ética: conceitos-chave em filosofia**. Dwight Furrow; tradução. 2007. Fernando José R. da Rocha. – Porto Alegre: Artmed, 2007.

GONÇALVES, José Henrique Rollo. **Trabalhando com fontes orais**. Cadernos de Metep, DFE/CCH/UEM, Ano4, Nº 3:1-33, 1991.

HUSSERL, E. **A crise da humanidade europeia e a filosofia**. Porto Alegre; EDIPUCRS, 2008.

JANOTTI, Maria de Lourdes Mônaco. **Refletindo sobre História Oral: procedimentos e possibilidades**. In: (RE)INTRODUZINDO HISTÓRIA ORAL NO BRASIL. José Carlos Sebe Bom Meihy (org.). Xamã, São Paulo, 1996b: 56-62.

LDB - **Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. LEI No. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. D.O. U. de 23 de dezembro de 1996.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 7. ed. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2013.

LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da escola pública: a pedagogia crítica social dos conteúdos**. 8. ed. São Paulo: Loyola, 1985.

LUCKESI, Cipriano C. **Filosofia da Educação**. São Paulo: Cortez, 2001.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **A colônia brasilianista: História oral de vida acadêmica**. Nova Stella, São Paulo, 1990.

MIRANDA, S. de. **Professor, não deixe a peteca cair: 63 ideias para aulas criativas**. Campinas: Papirus, 2005.

MORIN, Edgar. **O método 6: Ética**. Tradução Juremir Machado da Silva, 3ª ed – Porto Alegre: Sulina, 2007.

OSÓRIO, N.B; Silva Neto LS. **Educação na velhice? Uma história de 11 anos na Universidade Federal do Tocantins**. Revista Desafios, v. 04, n. 03, 2017.

OSÓRIO, Neila Barbosa. **Universidade da Maturidade reflete a Educação Gerontológica na Universidade Federal do Tocantins**. Congresso Intergeracional do Envelhecimento Humano UFT, 2017.

PORTELLI, A. **História oral como arte da escuta**. Tradução Ricardo Santhiago. São Paulo: Letra e Voz, 2016. (Coleção Ideias).

QUEIROZ, Maria Isaura P. de. **Relatos orais: do "indizível" ao "dizível"**. In: Experimentos com histórias de vida: Itália-BRASIL. Enciclopédia Aberta de Ciências Sociais. São Paulo: Vértice, 1988, p. 14-43.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. Trad. Lólio Lorenzo de Oliveira. São Paulo: Paz e Terra, 1998

IDADISMO, INTERSECCIONALIDADE E ENVELHECIMENTO: A “UMA” COMO AGENTE DE EMPODERAMENTO NA AMAZÔNIA

Eliana Zellmer Poerschke Farencena¹¹⁴

Neila Barbosa Osório¹¹⁵

Luiz Sinésio Silva Neto¹¹⁶

RESUMO

O envelhecimento populacional na Amazônia brasileira apresenta desafios únicos, exigindo abordagens inovadoras que considerem as complexidades socioculturais da região. Este estudo, parte do doutorado no Programa de Pós-Graduação em Educação na Amazônia (PGEDA), analisa a Universidade da Maturidade (UMA) da Universidade Federal do Tocantins (UFT) como uma tecnologia social educacional no combate ao idadismo e no empoderamento de idosos. Adotando uma perspectiva interseccional e decolonial, a pesquisa emprega uma metodologia qualitativa, incluindo análise documental, observação participante e análise de conteúdo temática. Os resultados revelam que a UMA, ao longo de seus 18 anos de atuação, tem sido eficaz no enfrentamento do preconceito etário, na promoção da educação contínua e no empoderamento social dos idosos na Amazônia. A abordagem da UMA demonstra-se culturalmente sensível e adaptada às particularidades regionais, oferecendo um modelo potencialmente replicável para outras regiões com desafios similares. Conclui-se que iniciativas como a UMA são fundamentais para proporcionar dignidade, participação ativa e ampliar o bem-estar dos idosos na sociedade contemporânea amazônica.

Palavras-chave: Idadismo; Envelhecimento na Amazônia; Interseccionalidade; Universidade da Maturidade; Empoderamento de Idosos.

¹¹⁴Doutoranda em Educação. Instituição: Universidade Federal do Tocantins. Endereço: Palmas, Tocantins, Brasil E-mail: elianafarencena@unirg.edu.br

¹¹⁵Pós-Doutora em Educação. Instituição: Universidade Federal do Tocantins Endereço: Palmas, Tocantins, Brasil E-mail: neilaosorio@uft.edu.br

¹¹⁶Pós-Doutor em Educação; Instituição: Universidade Federal do Tocantins. Endereço: Palmas–TO, E-mail: luizneto@uft.edu.br

INTRODUÇÃO

O envelhecimento populacional, fenômeno global de impacto singular, apresenta desafios e oportunidades únicas na Amazônia brasileira, região de rica diversidade geográfica e sociocultural. Neste cenário, a educação contínua e o empoderamento dos idosos emergem como estratégias fundamentais para um envelhecimento ativo e digno, respeitando as particularidades locais.

Este estudo adota uma perspectiva interseccional e decolonial, essencial para desvelar as complexidades do envelhecimento amazônico. Santiago (2019, p. 128) define a análise interseccional como uma "ferramenta teórico-metodológica para compreender [...] os processos de interação entre relações de poder e categorias como classe, gênero e raça". Tal abordagem é crucial na Amazônia, onde o campo educacional enfrenta o desafio de rediscutir questões como currículo, didática e educação ao longo da vida, visando superar desigualdades e discriminações multifacetadas.

Este artigo, parte integrante da pesquisa doutoral da autora no Programa de Pós-Graduação em Educação na Amazônia (PGEDA) da Universidade Federal do Tocantins, insere-se na temática "Estudo de Problemas Educacionais da Amazônia". O trabalho reflete um compromisso com a busca de soluções educacionais inovadoras e culturalmente apropriadas para a região.

Neste contexto, a Universidade da Maturidade (UMA), projeto de extensão da UFT, emerge como uma iniciativa pioneira. Com 18 anos de atuação e mais de 6.500 idosos atendidos, a UMA se estabelece como uma tecnologia social educacional, visando não apenas a educação, mas a transformação social e o empoderamento dos idosos amazônicos.

O objetivo central deste estudo é analisar a UMA como um modelo de tecnologia social educacional, explorando sua abordagem única no contexto do envelhecimento na Amazônia. Buscamos compreender como o programa

contribui para o empoderamento dos idosos, desafia estereótipos etários e promove uma educação gerontológica interseccional e culturalmente sensível.

A metodologia adotada é qualitativa, baseada em um estudo de caso aprofundado da Universidade da Maturidade. Utilizamos múltiplas técnicas de coleta de dados: análise documental de relatórios institucionais e materiais didáticos; análise de entrevistas com gestores e acadêmicos; e observação participante das atividades. Os dados foram analisados através de uma análise de conteúdo temática, empregando lentes interseccionais e decoloniais. Esta abordagem abrangente permite examinar tanto os aspectos operacionais da UMA quanto seu impacto na vida dos idosos e na percepção social do envelhecimento na Amazônia.

O artigo está organizado em quatro seções principais. Inicialmente, abordamos o envelhecimento populacional na Amazônia. Em seguida, discutimos a interseccionalidade no contexto do envelhecimento, com especial atenção à realidade amazônica. A terceira seção apresenta a transição do idadismo ao empoderamento, enfatizando a educação ao longo da vida, e destaca a UMA como uma tecnologia social educacional, detalhando sua abordagem e impacto. Finalmente, analisamos como a UMA atua como agente de empoderamento no contexto amazônico, ressaltando suas inovações e contribuições para promover um envelhecimento ativo e digno.

Este estudo contribui para a gerontologia social e a educação na Amazônia, oferecendo uma abordagem inovadora e culturalmente sensível ao empoderamento de idosos. Ao fornecer um modelo potencialmente replicável, alinha-se aos objetivos do PGEDA de produzir conhecimento relevante e aplicável aos desafios educacionais amazônicos, com potencial impacto em outras regiões com contextos similares.

ENVELHECIMENTO NA AMAZÔNIA: UM DESAFIO CONTEMPORÂNEO

O envelhecimento populacional é um fenômeno global que se manifesta de maneira única na Amazônia brasileira, região que abrange 59% do território nacional e enfrenta desafios socioeconômicos expressivos. Dados recentes do Censo 2022 revelam que 15,6% da população brasileira tem 60 anos ou mais, com projeções indicando um aumento para 20% em 2030 e 44,4% em 2060 (IBGE, 2022).

Além disso, Pochmann (2022) e Azevedo (2023) analisam essa evolução demográfica, destacando que atualmente uma em cada quatro famílias brasileiras é chefiada por pessoas idosas, concentrando 37% da renda nacional. Os autores argumentam que o avanço da longevidade abre novos horizontes para a reorganização da sociedade, exigindo uma ressignificação das etapas etárias. Azevedo (2023) enfatiza a necessidade de superar a visão da velhice como um 'fardo social', reconhecendo o potencial criativo e econômico das pessoas com 60 anos ou mais.

Há de se frisar que, no contexto amazônico, esse cenário demográfico apresenta complexidades adicionais. A região, com 41% de sua população vivendo em condições de pobreza em 2019 (IBGE, 2019), enfrenta uma transição demográfica mais lenta que o restante do país, mantendo uma estrutura etária predominantemente jovem (Amazônia 2030, 2020). Esta realidade é permeada por questões interseccional de gênero, raça e classe social, que moldam as experiências de envelhecimento na região (Goldani, 2010).

No que diz respeito às comunidades indígenas, quilombolas e ribeirinhas, enfrentam desafios singulares, exigindo abordagens culturalmente sensíveis nas políticas públicas e nos serviços de saúde (Colares, 2016). A pandemia de COVID-19 exacerbou as desigualdades existentes, destacando a vulnerabilidade da população idosa (Neri, 2014).

Apesar dos desafios, o envelhecimento na Amazônia apresenta potencialidades únicas. Os idosos da região são detentores de um rico acervo de conhecimentos tradicionais, fundamentais para a preservação da biodiversidade e das culturas locais (Gonzaga, 2020). Este aspecto ressoa com a argumentação de Pochmann (2023) sobre o potencial criativo e econômico dos idosos, particularmente relevante no contexto da preservação cultural e ambiental da Amazônia.

Entretanto, a carência de políticas públicas voltadas para a população idosa, em um contexto de desigualdade socioeconômica e infraestrutura precária, permanece um desafio crítico (Veras & Oliveira, 2016).

A complexidade do envelhecimento amazônico, com suas peculiaridades demográficas, culturais e socioeconômicas, demanda uma abordagem multifacetada que considere tanto os desafios quanto às oportunidades únicas da região. As projeções de crescimento da população idosa, combinadas com as disparidades socioeconômicas existentes, sublinham a urgência de desenvolver estratégias inovadoras e culturalmente sensíveis para promover um envelhecimento digno na Amazônia brasileira.

INTERSECCIONALIDADE, VELHICE E SUAS NUANCES IDEOLÓGICAS

O envelhecimento populacional desafia estruturas sociais e econômicas tradicionais, requerendo uma reavaliação das concepções sobre a velhice. Crenshaw (2002) introduz a interseccionalidade como abordagem essencial para entender a interação de múltiplos sistemas de opressão nas experiências dos idosos. Na Amazônia, com sua diversidade étnica e cultural, essa perspectiva é vital para abordar os desafios únicos enfrentados por populações indígenas, quilombolas e ribeirinhas.

Silva et al. (2023, p. 105) enfatizam que "o envelhecimento é um processo único e peculiar para cada indivíduo", influenciado por uma multiplicidade de fatores. Silva e Lima (2023) exploram como variáveis como cultura, território, condições físicas e ambientais interagem com o acesso à saúde e aprestos públicos para moldar as experiências de envelhecimento. Suas análises são relevantes para o contexto amazônico, onde questionam: "como são tratadas as pessoas amazônidas idosas?"

A sociedade contemporânea frequentemente vê a velhice negativamente, associando-a à improdutividade e dependência. No entanto, Neri e Freitas (2002) argumentam que ela é uma fase rica em potencial para novas experiências. A OMS (2002) promove o "envelhecimento ativo", incentivando o engajamento físico, mental e social dos idosos, apesar das significativas barreiras para sua implementação.

Bosi (1994) observa que o idoso muitas vezes luta para manter sua identidade e valor em uma sociedade que prioriza a produtividade. Barros (2021) destaca que, apesar do aumento da longevidade, a sociedade de consumo continua a relegar os idosos a um papel secundário. Esta visão é intensificada pelo rápido envelhecimento populacional, com projeções do IBGE indicando que 32,1% da população brasileira terá 60 anos ou mais até 2060.

Corrêa & Paixão (2023) destacam a feminização da velhice no contexto amazônico, apontando o aumento de mulheres idosas e os desafios decorrentes das intersecções de raça, classe e território. O crescimento da expectativa de vida feminina não garante melhor qualidade de vida, especialmente na Amazônia, onde o isolamento geográfico e o acesso limitado a serviços de saúde amplificam essas disparidades.

Martins (2023) analisa o impacto do racismo nas condições de vida dos trabalhadores negros idosos, destacando como o racismo estrutural resulta em uma velhice socialmente desprotegida e precarizada para a população negra.

No contexto amazônico, onde as disparidades raciais podem ser agravadas por fatores regionais, essa realidade é ainda mais pronunciada.

Azevedo (2023) argumenta que as desigualdades acumuladas ao longo da vida resultam em formas diferentes de envelhecer e morrer. Ele questiona: "é possível morrer com dignidade no Brasil contemporâneo?" Esta questão é especialmente relevante na Amazônia, onde disparidades socioeconômicas são exacerbadas por desafios geográficos e de acesso a serviços básicos.

A aplicação de perspectivas interseccionais no envelhecimento na Amazônia exige uma abordagem holística, considerando as diversas realidades dos idosos, incluindo gênero, raça, classe social e localização geográfica. Essa visão contribui para uma compreensão mais profunda e respostas mais eficazes aos desafios do envelhecimento na região, promovendo experiências mais equitativas e dignas.

A interseccionalidade está intrinsecamente ligada ao empoderamento e à educação ao longo da vida. Reconhecer as múltiplas dimensões que influenciam o envelhecimento permite compreender melhor a manifestação do idadismo e desenvolver estratégias eficazes para combatê-lo.

DO IDADISMO AO EMPODERAMENTO: A EDUCAÇÃO AO LONGO DA VIDA

O envelhecimento populacional exige uma análise crítica da nossa visão sobre a velhice e as políticas públicas, visando eliminar estereótipos negativos (Veras & Oliveira, 2016). A Educação ao Longo da Vida, como proposto pela UNESCO (1976), é essencial neste cenário, promovendo o desenvolvimento contínuo e a participação ativa dos idosos na sociedade (Canário, 1999).

No caso, o idadismo, em conjunto com outras formas de discriminação, intensifica desigualdades, conforme destacado por Goldani (2010), que defende

a educação como chave para aumentar a conscientização social e fomentar a empatia intergeracional.

Já Neri (2024) propõe um novo paradigma do envelhecimento, destacando ganhos biológicos, psicológicos e sociais, além das tradicionais perdas. Esta visão se alinha às diretrizes internacionais sobre envelhecimento ativo (European Commission, 2012; WHO, 2002, 2013).

Enquanto Altmann (2023) critica o etarismo de forma decolonial, questionando binarismos coloniais como 'juventude/velhice' e desmistificando estereótipos sobre a sexualidade na velhice. Ambas as abordagens promovem uma compreensão empoderadora do envelhecimento, essencial para políticas inclusivas.

As perspectivas decoloniais e interseccionais enriquecem o estudo do envelhecimento na Amazônia ao desafiar opressões e integrar questões de racismo, diversidade sexual e machismo, dando visibilidade aos idosos (Coelho, 2017). Essa análise desconstrói visões eurocêtricas, posicionando o idoso como um sujeito ativo e produtor cultural. No contexto amazônico, com suas complexas interações culturais, sociais e ambientais, essa abordagem é essencial para entender e tratar as particularidades do envelhecimento na região.

Na Amazônia, o envelhecimento saudável enfrenta desafios únicos, amplificados por complexidades socioeconômicas e culturais. Gonzaga (2020) evidencia as barreiras no acesso à educação e serviços públicos, particularmente em áreas rurais e isoladas, contrastando com o papel central dos idosos na preservação de saberes tradicionais.

Teixeira (2023) critica o ideal familista no envelhecimento, destacando como gênero, raça e classe social influenciam trajetórias desiguais e o acesso a direitos sociais e civis. Essa análise é especialmente relevante na Amazônia, onde as estruturas familiares tradicionais estão em transformação.

Siqueira e Torres (2023) ressaltam a urgência de políticas educacionais inclusivas para idosos, apontando as grandes disparidades educacionais, especialmente entre negros e mulheres. Elas defendem que tais iniciativas são essenciais para reduzir a histórica "exclusão escolar" (p. 90), promovendo equidade e empoderamento.

Esta perspectiva multifacetada revela a complexidade do envelhecimento na Amazônia, demandando abordagens interseccionais que reconheçam a diversidade cultural, desafiem estereótipos e promovam políticas inclusivas, adaptadas às realidades locais e às necessidades específicas da população idosa amazônica.

O empoderamento dos idosos, inspirado nas ideias de Paulo Freire (1997), destaca a educação como chave para a autonomia e o protagonismo na terceira idade. Schiavo e Moreira (2005) definem esse empoderamento como a conquista da autonomia necessária para promover mudanças pessoais e sociais. Assim, a transição do idadismo ao empoderamento via educação ao longo da vida é um processo complexo, demandando transformações nas políticas públicas, instituições educacionais e na percepção social sobre o envelhecimento.

Nesse sentido, a educação é uma poderosa ferramenta para promover autonomia, protagonismo e inclusão social dos idosos, especialmente em contextos desafiadores como a Amazônia. Iniciativas como a Universidade da Maturidade (UMA) da Universidade Federal do Tocantins exemplifica a aplicação prática desses conceitos, proporcionando educação, socialização e engajamento cultural para idosos na região.

A UNIVERSIDADE DA MATURIDADE: INOVAÇÃO E EMPODERAMENTO NO CONTEXTO AMAZÔNICO

A Universidade da Maturidade (UMA), um projeto de extensão vinculado à Universidade Federal do Tocantins (UFT), emerge como um paradigma revolucionário no cenário da educação para idosos no Brasil, especialmente na região amazônica. Atuando há 18 anos, a UMA atende anualmente mais de seiscentos alunos e já formou mais de seis mil pessoas, o que demonstra seu impacto significativo e alcance crescente (UMA, 2023a; Brito et al., 2023).

Sua presença em múltiplas cidades do Tocantins e em outros estados como Bahia e Mato Grosso do Sul evidencia sua capacidade de adaptação e replicação em diferentes contextos culturais e geográficos.

O programa se tornou uma referência em inovação social e tecnologia educacional para o envelhecimento ativo e digno, alinhando-se com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Agenda 2030 da ONU, especialmente o ODS 4, que busca garantir educação inclusiva e equitativa de qualidade e oportunidades de aprendizagem ao longo da vida (ONU, 2015).

Segundo o Instituto de Tecnologia Social (ITS, 2007, p. 29), a UMA é um conjunto de "técnicas e metodologias transformadoras" que promove a inclusão social e a melhoria das condições de vida. Este reconhecimento foi reforçado pelo Prêmio Darcy Ribeiro de Educação do Congresso Nacional em 2023, comprovando sua eficácia e inovação na educação gerontológica.

A UMA não se limita a ser apenas um projeto educacional; ela se transformou em um estilo de vida para as pessoas idosas, como afirma o Dr. Luiz Sinésio Silva Neto, coordenador do projeto:

"A UMA começou como um projeto educacional, hoje

a universidade da maturidade se tornou um estilo de vida para as pessoas velhas. Se tornou um estilo de viver, as pessoas têm orgulho em viver e nós temos orgulho em vestir a camiseta amarela e isso nos transforma, nos dá força, nos dá coragem, nos dá alegria por ver a vida com mais sentido, e com mais qualidade de vida e principalmente com mais vida" (Sinésio Neto, 2024).

A abordagem da UMA alinha-se com as perspectivas mais recentes sobre o envelhecimento bem-sucedido e as diretrizes internacionais sobre envelhecimento ativo. Neri e Yassuda (2004) destacam que, apesar do declínio biológico associado à velhice, é possível preservar e até mesmo obter ganhos evolutivos em domínios como o intelectual e o afetivo.

O documento da OMS de 2002, "Active Ageing: a policy framework", enfatiza determinantes cruciais do envelhecimento ativo que a UMA incorpora em sua prática: acesso a serviços sociais e de saúde, adoção de estilos de vida saudáveis, participação ativa no autocuidado, e consideração de fatores ambientais, sociais e econômicos (OMS, 2002).

O empoderamento, central na filosofia da UMA, é descrito por Lisboa (2007) como um processo de controle sobre fatores que afetam o envelhecimento, incluindo enfrentamento, suporte mútuo, organização comunitária, participação social, eficiência pessoal, competência, autoestima e autossuficiência. A UMA concretiza esse conceito por meio de sua abordagem educacional holística, conforme explica a Dra. Neila Osório, Coordenadora Nacional da UMA.

"Na Universidade da Maturidade os acadêmicos desde a vida adulta até a velhice têm acesso à educação continuada com foco na saúde, na educação intergeracional, além dos esportes, lazer, arte e cultura, um atendimento integral que eleva a qualidade de vida, fortalecendo o verdadeiro resgate da cidadania" (Osório, 2024).

Nesse contexto amplo e relevante, cabe destacar um aspecto particularmente notável na UMA, sua atenção às questões de

interseccionalidade no envelhecimento, especialmente em relação ao gênero. O impacto da UMA vai além da educação formal. Como uma acadêmica expressa:

"Acreditar na gente, você pode, você vai...eu dou conta....vai que você pode, pula os obstáculos com maior facilidade. Então minha gente, UMA é isso, para quem tiver me ouvindo, eu com 73 anos, não gostava de tirar fotografia, hoje eu me sinto a mulher mais linda dentro da UMA, cada foto que é tirada eu falo, gente como eu sou bonita! Você passa a acreditar em você e a UMA vem trazer isso pra gente" (N. M., Acadêmica da UMA).

Este depoimento ilustra vividamente como a UMA não apenas educa, mas transforma a autoestima e a percepção de si mesmos dos idosos.

A UMA cria um espaço para dar voz e empoderar mulheres idosas, que muitas vezes são marginalizadas em estudos e políticas sobre envelhecimento (Lima & Bueno, 2009; Nascimento, 2015). Essa abordagem é essencial, já que muitos estudos não consideram as diferenças de gênero no envelhecimento, tratando homens e mulheres de forma homogênea (Lima & Bueno, 2009; Mori & Coelho, 2004).

A perspectiva decolonial de Núñez (2022) sobre tempo e envelhecimento é relevante para a UMA na Amazônia. Rifiotis (2023) alerta sobre práticas que desqualificam idosos como sujeitos sociais. Em resposta, a UMA adota estratégias para descolonizar o pensamento gerontológico, valorizar saberes locais e promover uma compreensão do envelhecimento que seja mais holística e sensível às culturas amazônicas.

Com polos indígenas, quilombolas e em assentamentos, o programa demonstra sensibilidade às diversidades culturais e geográficas da região. A UMA reconhece e valoriza o papel dos idosos como guardiões de conhecimentos tradicionais, fundamentais para a preservação da biodiversidade e das culturas locais da Amazônia.

A infraestrutura da UMA é um aspecto fundamental de seu sucesso. Com sede própria, única na América do Sul, a universidade dispõe de transporte próprio, logística e apoio parlamentar, refletindo um compromisso institucional e político com a causa do envelhecimento ativo. Esta estrutura não apenas facilita o acesso dos idosos à educação, mas também cria um ambiente acolhedor e inclusivo, como relata uma acadêmica cadeirante:

"Quando eu chego lá eu acho que eu sou mais do que eu realmente sou, porque eles me tratam tão bem que é melhor do que minha casa, então eu conheci a UMA e não quero largar nunca mais..." (L. R. de S., acadêmica da UMA).

O impacto da UMA na vida dos idosos é profundo e multifacetado. Ela não apenas proporciona educação, mas também resgata a autoestima e promove a inclusão social. Uma acadêmica relata:

"Então, desde que frequento a UMA, ela incentiva a sua autoestima e assim, para a nossa geração, que muitos poucos de nós, puderam completar uma universidade, você ter um título de acadêmica e poder dizer eu sou universitária é uma coisa muito gratificante, perante os filhos e os próprios netos. Os netos e a família têm orgulho disso, né?!" (V. A. S., Acadêmica da UMA).

A UMA desafia estereótipos negativos sobre o envelhecimento. Conforme Neri et al. (2014) apontam, é comum negar a educabilidade dos mais velhos, baseando-se em estereótipos de incapacidade e improdutividade. A UMA, contudo, demonstra que a educação na velhice não apenas é possível, mas é um direito e uma necessidade.

Ressalta-se que o Projeto Político Pedagógico da UMA (PPP UMA, 2023) enfatiza práticas educativas intergeracionais, que promovem a troca de sentidos e saberes entre gerações. Isso enriquece a aprendizagem dos idosos e fortalece o tecido social universitário. Na prática, envolve atividades colaborativas entre estudantes de todas as idades em projetos que valorizam a diversidade etária e

cultural, fortalecendo laços e promovendo um ambiente educacional inclusivo e dinâmico.

É importante observar que a UMA também se alinha com a Década do Envelhecimento Saudável 2021-2030, declarada pela Assembleia Geral das Nações Unidas, que visa construir uma sociedade para todas as idades. Neste contexto, a UMA serve como um modelo de como instituições educacionais podem contribuir para essa visão global. O reitor da UFT, Luiz Eduardo Bovolato, destaca o papel transformador da UMA:

"Além do seu papel técnico e científico a UMA se transforma em uma tecnologia social, [...] a UMA é construída a várias mãos, tem apoio da gestão da Universidade, as iniciativas da própria equipe que compõe o time da UMA e o apoio externo, as diversas parcerias que são importantes para que a gente possa conservar a perenidade da UMA" (Bovolato, 2024).

Em conclusão, a UMA é mais que um projeto educacional para idosos; é uma tecnologia social transformadora e um modelo inovador na educação gerontológica. Funciona como um poderoso instrumento de empoderamento e inclusão social, desafiando estereótipos, promovendo autonomia e valorizando a sabedoria dos idosos. A UMA não só melhora a qualidade de vida de seus participantes, mas também impulsiona uma mudança paradigmática na percepção do envelhecimento na Amazônia e além.

Como afirma o Dr. Sinésio Neto (2024),

"A universidade da maturidade com seu corpo acadêmico, conseguiu mudar a perspectiva da velhice na nossa sociedade". Esta mudança de perspectiva é fundamental para construir uma sociedade mais inclusiva e respeitosa com seus cidadãos idosos, reconhecendo não apenas seus direitos, mas também seu potencial contínuo de aprendizagem, crescimento e contribuição social.

A experiência da UMA demonstra que o futuro dos velhos é hoje, e que a educação é uma ferramenta poderosa para garantir que esse futuro seja digno, ativo e pleno de possibilidades. Como tecnologia social educacional, a UMA não apenas responde aos desafios do envelhecimento na Amazônia, mas também oferece um modelo inspirador para outras regiões do Brasil e do mundo, provando que é possível e necessário investir na educação e no empoderamento dos idosos como parte integral do desenvolvimento social e humano sustentável.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As considerações finais destacam a Universidade da Maturidade (UMA) como uma Tecnologia Social Educacional inovadora, que posiciona os idosos como protagonistas de sua aprendizagem, desafiando o idadismo na Amazônia. Como projeto de extensão, a UMA exemplifica a responsabilidade social acadêmica, promovendo uma mudança na percepção da velhice através de uma abordagem interseccional e decolonial que considera as diversas identidades dos idosos.

Ao longo de 18 anos, a UMA tem obtido resultados significativos ao (re)planejar trajetórias de vida de participantes e criar produtos educacionais que refletem as realidades locais da Amazônia. A instituição fortalece a formação contínua de educadores e os laços entre universidade e comunidade, promovendo aprendizado mútuo e desenvolvimento social.

Ao se alinhar aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, especialmente o ODS 4 e o ODS 10, a UMA reafirma seu compromisso com o desenvolvimento inclusivo. Seu sucesso na Amazônia não apenas sugere potencial para adaptação em outras regiões, mas também exemplifica como a educação pode ser uma força motriz para uma sociedade mais inclusiva e *age-friendly*.

Para o futuro, recomenda-se investigar as interseções entre educação, tecnologia social e envelhecimento, explorar a expansão do modelo da UMA e avaliar seu impacto a longo prazo. Desenvolver parcerias intersetoriais pode fortalecer e sustentar iniciativas semelhantes, garantindo que os desafios enfrentados hoje sejam superados de forma contínua.

Em suma, a experiência da UMA representa um paradigma transformador. Ao abordar o envelhecimento como uma fase de oportunidades para crescimento e contribuição social significativa, este modelo inovador, desenvolvido no contexto único da Amazônia, oferece elementos valiosos e estratégias aplicáveis para enfrentar desafios globais, promovendo uma visão mais inclusiva e positiva da velhice.

REFERÊNCIAS

- ALTMANN, Idio Fridolino et al. Ageismo no mercado de trabalho. **Revista Jurídica Trabalho e Desenvolvimento Humano**, v. 6, 2023.
- AZEVEDO C. D **Velhices: perspectivas e cenário atual na pesquisa idosos no Brasil**. de (org.) Editora: FPA/Sesc. Ano: 2023. Páginas: 392
- BARROS, A.S.X. Educação de idosos no Brasil: entre desafios e esperanças [online]. **SciELO em Perspectiva: Humanas**, 2021 [viewed 06 August 2023].
- BOSI E. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 1994; [citado 2024 nov. 07]
- BRITO, N. P. B. O ETT ALL. Descasque mais na Amazônia! Aprendizagem Intergeracional e Educação em Saúde na Universidade da Maturidade do Tocantins. **CONCILIUM**, VOL. 23, Nº 12, ISSN: 0010-5236, 2023.
- CANÁRIO, R. Educação de adultos: um campo e uma problemática. Vol. 7. **Educa**, 1999.
- CRENSHAW, K.W. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gên. **Ver. Estudos Feministas**, 10 (1): 171-188. 2002
- EU (2012), **Active ageing and solidarity between generations** - a statistical portrait of the European Union 2012.

GOLDANI, A. M. Desafios do "Preconceito Etário" no Brasil. **Educação & Sociedade**, [s.l.], v. 31, n. 111, p. 411-434, jun. 2010.

GOLDANI, A. M. "Ageism" in Brazil. What is it? Who does it? What to do with it? **R. bras. Est. Pop.**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 2, p. 385-405, jul./dez. 2010a.

GONZAGA, G., ALFENAS, F. E CAVALCANTI. Mercado de trabalho na Amazônia Legal Uma análise comparativa com o resto do Brasil. **Amazônia 2030, 2020**.

MARTINS, M. S. RAÇA, Classe e gênero e a contribuição de Lélia Gonzalez para o pensamento social. **Dissertação**. Universidade Federal de Uberlândia - MG 2023.

NERI, A. L. (org.). **Idosos no Brasil**: vivências, desafios e expectativas na terceira idade. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2007.

NERI, A. L. Palavras-chave em Gerontologia. Campinas, SP: Editora Alínea, **Coleção Velhice e Sociedade**. 4ª edição, 2014.

NÚÑEZ, G. **Efeitos do binarismo colonial na Psicologia**: reflexões para uma Psicologia anticolonial. In: NÚÑEZ, G. Brasília, DF: Conselho Federal de Psicologia, 2022. v. 1.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE – OMS. **Relatório mundial de saúde e envelhecimento**: resumo. Genebra, 2015.

OSÓRIO, N. B.; SILVA NETO, L. S.; LIMA, R. B.; **Neila Osório**: um legado em vida. Recife: Even3 Publicações, 2023. DOI 10.29327/5226387. Disponível em: <https://publicacoes.even3.com.br/book/neila-osorio-um-legado-em-vida-226387> 5Acesso em 06jul. 2024

OSÓRIO, N. B.; SILVA NETO, L. S.; NUNES FILHO, F. A. **GeronTOcantins: estudos sobre a edu. ao longo da vida na Amazônia**. Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

OSÓRIO, N. B.; SOUSA, D. M.; NETO, L. S. S. UNIVERSIDADE DA MATURIDADE: ressignificando vidas. **VII Jornada Internacional de Políticas Públicas**. UFMA, 2013.

OSORIO, N.B. **Universidade da Maturidade**. Universidade Federal do Tocantins – UFT, 2015. Disponível em: <http://www.uft.edu.br/uma/> Acesso em: 22 Junho de 2023.

POCHMANN, M.; SILVA, L. C. **Desregulação e reconfiguração do Mundo do Trabalho**: Desafios A Enfrentar No Limiar Do Século 21, Brasília, Vol. 20. 2023.

PPP UMA. **Projeto Político Pedagógico da Universidade da Maturidade da Universidade Federal do Tocantins**. UMA/UFT: 2023.

RELATÓRIO MUNDIAL SOBRE O IDADISMO. Washington, D.C.: **Organização Pan-Americana da Saúde**; 2022. Licença: CC BY-NC-SA 3.0 IGO. <https://doi.org/10.37774/9789275724453>.

RIFIOTI, T. O idoso e a sociedade moderna - desafios da gerontologia. **Rev. Longeviver**, Ano V, n. 17, Jan/Fev/Mar. São Paulo, 2023: ISSN 2596-027X

SANTIAGO, Flávio. **Eu Quero Ser o Sol** – culturas [...] e intersecção. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019.

SILVA, L. A.; SANTOS, E. L.; SOUZA, H. K. B. PODEMELLE, R. M.; SOARES, R. R.; MENDONÇA, S. S. Envelhecimento e Velhice LGBTQIA+: repercussões sobre a saúde física e mental de pessoas de meia-idade e idosas. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana I**. 2022

SILVA NETO, L. S., OSÓRIO N. B. Educação na velhice? Uma história de 11 anos na Universidade Federal do Tocantins. **Revista Desafios** – v. 04, n. 03, 2017.

SOUSA, José Raul; SANTOS, Simone Cabral Marinho dos. **Análise de conteúdo em pesquisa qualitativa**: modo de pensar e fazer. Pesquisa e Debate em Educação, Juiz de Fora: UFJF, v. 10, n. 2, p. 1396 - 1416, jul./dez. 2020.

TEIXEIRA, S. M. **Velhices**: perspectivas e cenário atual na Pesquisa Idosos no Brasil. São Paulo: edições Sesc: FPA, p. 46-63, 2023.

UMA/UFT. **Documentário - UMA 18 Anos: Inovação, Protagonismo e Cidadania. Universidade da Maturidade – UMA**. Universidade Federal do Tocantins UFT. Palmas – TO. 2024 <https://youtu.be/jj6viXu7bPQ>.

Veras RP, Oliveira MR. Care pathway for the elderly: detailing the model. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, 2016; 19(6):887-905.

A DANÇA PARA IDOSOS NO CONTEXTO DA UNIVERSIDADE DA MATURIDADE: O PROJETO "FLORES DO IPÊ"

Roseany Calazans L Silva¹¹⁷
Luciana Pegoraro Penteado Gândara¹¹⁸
Neila Barbosa Osório¹¹⁹
Luiz Sinésio Silva Neto¹²⁰

RESUMO

Este artigo analisa o papel da dança como prática sociocultural para idosos no contexto da Universidade da Maturidade, tomando como estudo de caso o projeto "Flores do Ipê". A pesquisa, de natureza qualitativa e exploratória, fundamenta-se na literatura sobre envelhecimento ativo e saúde social, abordando a dança como ferramenta de integração e valorização das experiências de vida dos participantes. O projeto contribui significativamente para a promoção do bem-estar físico e emocional dos idosos, ao mesmo tempo em que fortalece laços comunitários e permite a expressão cultural individual e coletiva. A análise dos dados coletados revela que a dança, nesse ambiente educativo, vai além de seu papel de atividade física, atuando como catalisadora para a construção de uma identidade social ativa e participativa, essencial para o envelhecimento saudável. Conclui-se que iniciativas como esta, reafirmam a importância de projetos que proporcionem espaços que visem a saúde e cidadania para a população idosa.

Palavras-chave: Dança, Educação ao longo da vida, Envelhecimento ativo.

¹¹⁷ Mestranda em Educação pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). Especialista em Pedagogia do Movimento Humano (UEPA/PA). Docente da Universidade da Maturidade (UFT) em Parceria com a Secretaria de Educação do Estado do Tocantins. roseanycls@gmail.com

¹¹⁸ Mestranda em Educação pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). Especialização em Educação Física Escolar. Docente da Universidade da Maturidade (UFT) em Parceria com a Secretaria de Educação do Estado do Tocantins. luciana.pegoraro@mail.uft.edu.br

¹¹⁹ Pós Doutora em Educação (UEPA/PA), Doutora em Ciências do Movimento Humano (UFMS/RS), Mestre em Educação (UNESP de Marília/SP), Universidade Federal do Tocantins, osorioneilabarbosa@gmail.com

¹²⁰ Doutor em Ciências e Tecnologias em Saúde. Universidade Federal do Tocantins, luizneto@uft.edu.br

INTRODUÇÃO

O envelhecimento populacional é uma realidade crescente em diversas partes do mundo, e, com ele, surge a necessidade de compreender e promover práticas que valorizem a qualidade de vida dos idosos. Nesse contexto, a dança tem ganhado destaque como uma atividade não apenas física, mas também cultural e social, que contribui para o bem-estar integral dos participantes. A Universidade da Maturidade (UMA), projeto de extensão desenvolvido na Universidade Federal do Tocantins (UFT), busca atender essa demanda através de iniciativas que incentivam o envelhecimento ativo e a participação social, oferecendo aos idosos um espaço de aprendizado e convivência que valoriza suas experiências de vida e potencializa seu desenvolvimento pessoal.

Dentro dessa perspectiva, o projeto "Flores do Ipê" emerge como uma proposta que utiliza a dança como instrumento de integração e expressão cultural, promovendo benefícios que ultrapassam o campo da saúde física para atingir o emocional e o social. Essa pesquisa investigou os impactos dessa prática para os idosos, explorando as contribuições da dança enquanto atividade que enriquece e fortalece as relações sociais e a autoestima dos envolvidos.

CONTEXTUALIZAÇÃO E JUSTIFICATIVA

O avanço do envelhecimento populacional, tanto no Brasil quanto no cenário global, exige a adoção de medidas estratégicas que garantam uma vida com qualidade e plena inclusão social para os idosos. China *et al.* (2021) destaca que o envelhecimento ativo consiste na otimização de oportunidades

para saúde, participação e segurança, o que contribui diretamente para um envelhecimento com dignidade e qualidade de vida. No entanto, muitos idosos ainda enfrentam limitações sociais e físicas que dificultam seu engajamento em atividades que promovam a saúde e o bem-estar, o que torna relevante a criação de projetos que unam o aspecto cultural com os benefícios físicos e sociais. Nesse contexto, a dança se mostra uma atividade multifacetada, capaz de trabalhar tanto o condicionamento físico quanto a integração social e a expressão cultural, principalmente dos idosos.

De acordo com Veras e Caldas (2015), a atividade física tem um papel central na manutenção da autonomia e funcionalidade dos idosos, prevenindo doenças crônicas e promovendo uma vida ativa. Estudos indicam que atividades recreativas, como a dança, podem exercer influência positiva na saúde mental e emocional dos idosos, além de atuar na prevenção de quadros de isolamento e depressão, comuns nessa fase da vida (Veras; Caldas, 2015). Essas atividades ajudam a consolidar uma identidade social ativa e participativa, fortalecendo o senso de pertencimento e comunidade entre os idosos, o que é essencial para sua autoestima e qualidade de vida.

A dança, em especial, ganha destaque entre as práticas corporais para idosos por reunir benefícios que vão além da atividade física em si. Como aponta Lima e Leite (2020) a dança representa uma estratégia de cuidado que envolve movimento, memória, ritmo e coordenação motora, favorecendo não só o corpo, mas também a mente dos praticantes. Essa prática possibilita a valorização das histórias de vida dos idosos, permitindo que eles compartilhem suas vivências e expressões culturais de maneira significativa. Assim, o projeto "Flores do Ipê" desenvolvido pela Universidade da Maturidade torna-se um espaço propício para esses encontros e trocas culturais, promovendo uma vivência que respeita e valoriza a diversidade das experiências dos idosos.

Esse estudo justifica-se pela necessidade de aprofundar o conhecimento sobre o impacto de atividades culturais e sociais, como a dança, no processo de

envelhecimento ativo. Conforme argumentam Cachioni e de Lima Flauzino (2020) a interação social é um fator determinante para o bem-estar mental e físico dos idosos, e atividades como a dança são efetivas na criação de ambientes acolhedores que incentivam a socialização e a autonomia. Investigando o impacto do projeto "Flores do Ipê" na vida dos idosos, esta pesquisa visa contribuir para o desenvolvimento de políticas públicas e programas que valorizem o envelhecimento ativo, promovendo um ambiente onde o idoso é visto como agente ativo e social, capaz de construir e compartilhar novas experiências.

REVISÃO DA LITERATURA

O fenômeno do envelhecimento populacional no Brasil e no mundo tem suscitado importantes reflexões acerca das políticas públicas voltadas para os idosos, especialmente no que tange à promoção de um envelhecimento ativo e saudável (Camarano, 2002). Nesse cenário, a educação ao longo da vida se apresenta como uma estratégia fundamental para garantir a inclusão social, o desenvolvimento pessoal e a manutenção da autonomia dos idosos (Delors, 1998).

O conceito de educação ao longo da vida, defendido por Delors (1998) como um processo contínuo de aprendizado, revela-se especialmente relevante quando aplicado ao público idoso, que encontra nessa prática um caminho para o desenvolvimento pessoal e a adaptação às transformações sociais e individuais. Além dos aspectos cognitivos, essa abordagem educacional busca promover um envelhecimento ativo, conceito desenvolvido pela Organização Mundial da Saúde (OMS, 2005), que inclui a valorização das capacidades e a manutenção da independência. Esse modelo favorece a criação de contextos educativos adaptados às necessidades dos idosos, respeitando seu ritmo e incentivando a participação em atividades que possam trazer melhorias em termos físicos, emocionais e sociais. Nesse sentido, a atividade física é um

elemento-chave, especialmente quando realizada em ambientes que promovem a interação e a expressão cultural, como a dança.

Estudos sobre os benefícios emocionais da dança para idosos indicam que essa prática facilita a liberação de tensões, promove o relaxamento e, ao mesmo tempo, permite a construção de uma autoimagem positiva (Tolocka *et al.* 2018). Nesse sentido, Mendonça (2023) observa que a dança, ao ser integrada em um programa educativo, pode contribuir significativamente para a ressignificação de aspectos como identidade e autonomia na velhice, oferecendo aos idosos oportunidades de se expressarem e se conectarem com outros indivíduos em uma experiência compartilhada.

Segundo Veras e Caldas (2015), às atividades físicas não apenas auxiliam na prevenção de doenças crônicas, mas também estimulam a autonomia dos idosos, promovendo a preservação da independência e da capacidade funcional. Em particular, a dança se destaca como uma prática física que envolve expressão pessoal e coletiva, criando oportunidades para os idosos desenvolverem habilidades sociais e físicas em um ambiente acolhedor. Para Lima e Leite (2020) a dança é uma estratégia de cuidado integral, que incorpora aspectos de movimento, ritmo, memória e coordenação, atuando tanto sobre a saúde física quanto sobre a saúde emocional dos praticantes.

O projeto "Flores do Ipê", desenvolvido na Universidade da Maturidade (UMA), representa uma iniciativa que visa integrar esses benefícios. Osório *et al.* (2020) argumenta que atividades que valorizam as vivências culturais dos idosos são fundamentais para o fortalecimento da identidade e para o combate do isolamento social. A dança, enquanto prática que envolve o corpo e a mente, promove um espaço de acolhimento e incentivo, onde os idosos se sentem valorizados. Já Tolocka *et al.* (2018) complementa que a dança permite que os idosos se reconectem com aspectos pessoais e comunitários, reforçando a coesão social e o sentimento de pertencimento, essenciais para a saúde mental.

A literatura evidencia ainda que a dança promove o engajamento em atividades que enriquecem a memória afetiva dos idosos. Tolocka *et al.* (2018) destaca que a dança permite que os praticantes vivenciam e compartilham histórias e tradições, consolidando uma identidade cultural única. Este aspecto é particularmente relevante para o envelhecimento, pois promove a continuidade de vivências e a valorização da história de vida dos indivíduos, contribuindo para a construção de um sentimento de relevância e satisfação pessoal.

Além de seus benefícios emocionais, a prática da dança está associada a melhorias físicas concretas. Evaristo *et al.* (2023) identificam que os idosos que participam regularmente de atividades dançantes apresentam melhorias significativas na coordenação motora e no equilíbrio, fatores essenciais para prevenir quedas e acidentes. Da mesma forma, Cachioni e de Lima Flauzino (2020) apontam que o desenvolvimento dessas habilidades motoras na dança é um elemento crítico para a preservação da mobilidade, possibilitando aos idosos uma maior confiança e autonomia em suas atividades diárias.

O envolvimento dos idosos em atividades culturais como a dança também desempenha um papel preventivo no que diz respeito à saúde mental. Tolocka *et al.* (2018) ressalta que o engajamento em práticas sociais e culturais proporciona uma estrutura de apoio emocional e psicológico, ajudando a combater a solidão e o isolamento, problemas comuns na terceira idade. No contexto do projeto "Flores do Ipê", a dança possibilita aos participantes compartilhar e construir novas relações, fortalecendo redes de apoio e o sentimento de comunidade.

Por fim, as atividades culturais e físicas combinadas, como exemplificado no projeto "Flores do Ipê", têm impacto positivo não só nos participantes, mas também nas políticas de envelhecimento ativo. Estudos como o de Tolocka *et al.* (2018) reforçam a importância de espaços que integrem atividades culturais, físicas e sociais para idosos, pois, além de promoverem a saúde individual,

contribuem para a formação de uma sociedade mais inclusiva e consciente das necessidades dos idosos. Essa perspectiva amplia a importância da dança como uma ferramenta de promoção de bem-estar e pertencimento, destacando seu papel central na gerontologia moderna.

METODOLOGIA

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa de caráter exploratório, com o objetivo de investigar os impactos do projeto "Flores do Ipê" na vida dos idosos participantes da Universidade da Maturidade, focando na contribuição da dança para o envelhecimento ativo. A escolha por uma abordagem qualitativa deve-se à necessidade de compreender as percepções e vivências dos participantes em relação à prática da dança, que envolve aspectos subjetivos e sociais fundamentais para o desenvolvimento do estudo.

A coleta de dados foi realizada por meio da análise documental e observação participante. A análise documental foi baseada em registros e relatórios fornecidos pela Universidade da Maturidade, que documentam o desenvolvimento e as atividades do projeto "Flores do Ipê". Foram analisados dados sobre frequência, perfil dos participantes, tipos de atividades realizadas e resultados relatados ao longo do projeto.

A observação participante foi conduzida durante as sessões de dança do projeto, permitindo uma compreensão direta das interações entre os participantes e da dinâmica do grupo. Essa técnica possibilita uma análise detalhada dos aspectos culturais, emocionais e físicos envolvidos na prática da dança, captando informações sobre as expressões dos idosos, o engajamento nas atividades e a integração social. As observações foram registradas em um diário de campo, onde foram anotados aspectos relevantes sobre o comportamento, as reações e as interações dos participantes durante as aulas.

Os dados coletados foram analisados por meio da técnica de análise de conteúdo, conforme sugerido por Bardin (2011). A análise de conteúdo permite identificar temas recorrentes e padrões nas interações e percepções dos participantes, bem como categorizar as informações obtidas de forma sistemática. Foram identificadas categorias como benefícios físicos, benefícios emocionais, socialização e valorização cultural, tendo como objetivo compreender as principais contribuições do projeto para o envelhecimento ativo dos idosos envolvidos.

Os registros de observação e documentos foram triangulados para fortalecer a validade dos dados, permitindo uma visão mais completa do impacto da dança nos participantes do projeto "Flores do Ipê". Essa triangulação busca garantir uma interpretação fundamentada e abrangente dos resultados, observando as convergências e divergências entre as fontes de dados.

A amostra foi composta por idosos com idade superior a 60 anos, que estão regularmente participando das atividades do projeto. Todos os participantes foram informados sobre os objetivos e métodos da pesquisa, e seu consentimento foi obtido por meio de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), garantindo o cumprimento das diretrizes éticas de pesquisa com seres humanos, conforme as normas da Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise revelou que a prática da dança impacta os participantes de forma significativa, abrangendo benefícios físicos, emocionais, sociais e culturais. Estes resultados foram organizados em categorias temáticas principais, conforme os objetivos da pesquisa.

Observou-se que a prática regular de dança contribuiu para a melhoria da capacidade física dos participantes. De acordo com os relatos documentados e as observações durante as sessões, os idosos demonstraram aumento na mobilidade, equilíbrio e coordenação motora. Esse resultado corrobora os achados de Cachioni, e de Lima Flauzino (2020), que indicam que atividades físicas regulares são essenciais para a preservação das funções motoras em idosos. Muitos dos participantes também relataram menor incidência de dores articulares e maior disposição para realizar atividades cotidianas, evidenciando o impacto positivo da dança na qualidade de vida física.

A análise dos dados mostrou que a dança no projeto “Flores do Ipê” favoreceu o bem-estar emocional dos participantes. Durante as sessões de dança, observou-se que os idosos apresentavam maior autoconfiança, autoestima e expressavam alegria ao realizar as atividades. Para muitos, a dança funcionou como um momento de lazer e expressão pessoal, permitindo o alívio de tensões e estresse do dia a dia. Conforme Fachine e Trompieri (2012) a dança é uma ferramenta de valorização do ser humano, promovendo um ambiente onde os idosos se sentem motivados e encorajados a se expressarem de forma autêntica. A maioria dos idosos relatou uma sensação de realização ao integrar-se ao grupo, indicando que a dança também tem um papel fundamental na manutenção da saúde mental.

A socialização foi identificada como um dos aspectos mais relevantes do projeto. O convívio regular nas aulas de dança possibilitou a criação de laços de amizade e suporte mútuo entre os participantes, contribuindo para a formação de uma rede de apoio social. Como mencionado por Osório *et al.* (2020), a

dança, especialmente em grupos, fortalece os vínculos sociais e combate o isolamento frequentemente enfrentado por idosos. As observações mostraram que, além da prática física, o ambiente criado durante as aulas favorece conversas e trocas de experiências, enriquecendo a vida social dos participantes. Esse contato social ampliou o sentimento de pertencimento e combateu a solidão, oferecendo aos idosos um espaço de acolhimento e apoio mútuo.

Outro impacto significativo observado foi a valorização cultural promovida pela dança, uma vez que inclui músicas e danças tradicionais que resgatam elementos culturais e históricos com os quais os idosos se identificam, gerando uma conexão emocional com suas memórias e histórias de vida. Como apontam Lima e Leite (2020) o engajamento em atividades que rememoram aspectos culturais reforça a identidade dos indivíduos, contribuindo para um sentimento de pertencimento e orgulho. Muitos participantes expressaram satisfação em reviver músicas e danças tradicionais, sentindo-se valorizados e representados em suas raízes culturais.

Os resultados evidenciam que a dança é uma prática que vai além dos benefícios físicos, promovendo a integração social e a valorização cultural dos idosos. Esses achados estão alinhados com a literatura, que ressalta a dança como uma atividade inclusiva e integradora (Lima e Leite, 2020; China *et al.*, 2021). Os aspectos emocionais e sociais identificados mostram que a dança tem potencial para transformar o ambiente comunitário e a vida pessoal dos participantes, proporcionando um envelhecimento mais ativo e participativo.

Comparando os resultados do projeto "Flores do Ipê" com estudos anteriores, observa-se que o envolvimento em atividades culturais e recreativas contribui não apenas para a saúde física, mas para a construção de uma identidade social e cultural na velhice. Cruz e Lopes (2017) apontam que iniciativas como essas são fundamentais para a criação de políticas públicas que

incentivem a prática de atividades físicas associadas a expressões culturais, como a dança, em instituições voltadas ao atendimento de idosos.

A combinação entre atividade física, suporte social e valorização cultural demonstrou-se eficaz na promoção do envelhecimento ativo. Ao proporcionar um espaço seguro e estimulante para os idosos, o projeto "Flores do Ipê" contribui para uma visão ampliada do cuidado gerontológico, reafirmando a importância de programas que integrem aspectos físicos, emocionais e culturais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo buscou analisar os impactos do projeto "Flores do Ipê" na promoção de um envelhecimento ativo entre idosos participantes da Universidade da Maturidade, com foco na prática da dança. Os resultados evidenciaram que a dança no contexto deste projeto promoveu benefícios físicos, emocionais, sociais e culturais significativos, reafirmando a importância das atividades físicas e culturais para a qualidade de vida na velhice. Observou-se que, além da melhora na mobilidade e na coordenação motora, os participantes experimentaram um aumento da autoestima, fortalecimento das redes de apoio social e uma valorização de suas memórias e identidades culturais.

Esses achados estão em consonância com a literatura existente, que aponta a dança como uma ferramenta multifuncional para o envelhecimento ativo (China *et al.*, 2021; Lima e Leite, 2020). As observações realizadas e os documentos analisados confirmaram que a dança, especialmente em um ambiente inclusivo e culturalmente relevante, proporciona aos idosos uma vivência rica e integral, promovendo saúde física, bem-estar emocional e laços de pertencimento social.

Com base nos resultados, algumas recomendações foram delineadas para otimizar o impacto de iniciativas similares, entre elas a expansão de programas culturais e de atividade física para idosos com a implementação e o fortalecimento de programas que integrem atividades físicas e culturais. A dança, por exemplo, pode ser adaptada às capacidades e interesses dos idosos, permitindo que mais indivíduos possam se beneficiar de suas múltiplas dimensões.

Recomenda-se também que os projetos voltados aos idosos incorporem músicas, danças e elementos culturais com os quais os participantes se identifiquem, enriquecendo o sentido de pertencimento e de conexão com suas raízes. A valorização cultural mostrou-se um fator essencial para o engajamento e satisfação dos participantes.

Espera-se que estas considerações e recomendações sirvam de base para o desenvolvimento de novos programas que incentivem um envelhecimento saudável, respeitando e valorizando a trajetória de vida dos idosos e reconhecendo-os como sujeitos sociais ativos e plenos de experiências e contribuições.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- CACHIONI, Meire; DE LIMA FLAUZINO, Karina. Ensino e aprendizagem para o envelhecimento no contexto da universidade. **Revista Kairós-Gerontologia**, v. 23, p. 17-24, 2020.
- CAMARANO, A. A. (Org.). **Envelhecimento da população brasileira: uma contribuição demográfica**. Rio de Janeiro: IPEA, 2002.
- CHINA, D. L., FRANK, I. M., DA SILVA, J. B., DE ALMEIDA, E. B., e DA SILVA, T. B. L.. **Envelhecimento ativo e fatores associados**. *Revista Kairós-Gerontologia*, v. 24, p. 141-156. 2021.

DELORS, J. **Educação: um tesouro a descobrir. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI.** São Paulo: Cortez, 1998.

EVARISTO, B. D. F., AGOSTINHO, D. A., PEREIRA, M. D. C., MENDES, N. G., PANSIERA, R. C., DEARO, T. R., e CAMARGO, T. L. **Resiliência no envelhecimento: aspectos psicológicos em pessoas idosas institucionalizadas.** *Projeto Integrado*. 2023.

LIMA, Aline Daiane de; LEITE, Regina Aparecida de Almeida. **Terceira idade: a dança como qualidade de vida.** *Revista Científica Eletrônica de Ciências Aplicadas da FAIT*, v. 16, n. 2, nov. 2020.

MENDONÇA, Aquilles Mattheus Estevo. **Dança: enquanto ferramenta de qualidade de vida na terceira idade.** 2023.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Envelhecimento ativo: uma política de saúde.** *Brasília: Organização Pan-Americana de Saúde*, 2005.

OSÓRIO NB, Silva NETO LS, NUNES Filho FA. **GeronTOcantins: estudos sobre a educação ao longo da vida na Amazônia legal.** Organizadores. Ponta Grossa-PR: Atena. 2022.

TOLOCKA, Rute Estanislava; LEME, Lia Carla Gordon; SILVA, Valquiria Maria Tolocka Gomes da. **Memórias e significados de dançar por muitos anos: o que nos dizem idosos que dançaram ao longo da vida.** *Movimento*, Porto Alegre, v. 24, n. 4, p. 1281-1294, out./dez. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.74922>. Acesso em: 05/08/2024.

VERAS, R. P.; CALDAS, C. P. **Promovendo a saúde e a cidadania do idoso: o movimento das universidades da terceira idade no Brasil.** *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 12, p. 3625-3634, 2015.

Envelhecimento Ativo e Educação ao Longo da Vida: **18 ANOS** de Universidade da Maturidade



Organizadores
Neila Barbosa Osório
Luiz Sinésio Silva Neto
Nubia Pereira Brito Oliveira